

DO AUTOR DE "EVENTYR"

FELIPE REINO

Mese





Mese

Mese

FELIPE REINO

*Para todas que aturaram quatro meses por essa
continuação.*

"Há instantes em que os homens são senhores do seu destino."

William Shakespeare

PRÓLOGO

“Está na hora de voltar!”

“Você precisa voltar!”

“Você está preparada para voltar!”

“Você tem que voltar!”

“Beatriz... Volte!”

CAPÍTULO 1 / ENTRE DOIS MUNDOS (OUTRA VEZ)



Eu estava em um lugar deserto. Um vento forte soprava e quase podia ver a terra sendo levada com ele. Um imenso lobo com chamas nos olhos me observava enquanto eu estremecia de medo. O vento fazia com que seus pelos se movessem e ele parecia não querer fazer outra coisa além de me observar. Era como se eu estivesse sendo vigiada e não soubesse exatamente o motivo.

Eu fitava o lobo um pouco confusa. Aos poucos a presença dele deixou de ser amedrontadora e passou a ser mais agradável, quase protetora. Não entendi o que estava acontecendo, mas sabia que aquilo significava muito mais do que um simples sonho.

Não foi a primeira e acredito que não será a última vez que tive aquele sonho. Desde que acordei do meu coma venho tendo sonhos estranhos com muita frequência, quase diariamente. Isso me perturba de uma forma que não sei explicar. Não pelo fato dos sonhos serem estranhos, mas o fato de haver algo extremamente sério que eu esqueci e preciso com urgência me lembrar.

Meus cadernos também haviam virado um grande tormento. Sempre que começava a escrever algo, símbolos estranhos vinham em minha mente e quando olhava o que estava escrevendo... Lá estavam eles! Era extremamente perturbador.

Hoje faz exatamente 1 ano desde que acordei do meu coma. Eu – com a minha imensa sorte – machuquei o joelho e acabei rolando morro a baixo e batendo com a cabeça em um poste. Fiquei pouco mais de 1 mês internada. Mas não entendo o motivo de sentir que não foi isso que aconteceu.

– Beatriz? – minha mãe – Você vai sair?

– Sim, eu vou comprar o presente! – respondi.

– Que presente? – parecia uma piada, mas ela realmente havia esquecido.

– O presente do Nicardo! – naquela semana iríamos comemorar o nosso aniversario de oito meses de namoro.

Minha primeira impressão do Nicardo não foi das melhores. A primeira vez que o vi, ele estava parado em minha janela, olhando para meu quarto. E não foi apenas uma vez, mas varias. Na semana seguinte, quando voltei para escola, acabei descobrindo que ele iria estudar conosco e acabei descobrindo que já o conhecia antes – e outra pessoa da qual ele me proibiu de tentar lembrar.

Convenci de que eu havia tido algum tipo de lapso de memória e acabei apagando tudo o que vivi com Nicardo e com essa tal segunda pessoa que não consigo lembrar sequer o nome. Era a única opção lógica que me passava pela cabeça, mas tentava não ficar pensando demais nisso.

Fui até uma loja de ternos. Nicardo vivia dizendo que achava aquelas roupas interessantes e diferentes e eu ficava sem entender, mas deixava passar. Nicardo tem sido uma pessoa muito importante na minha vida, apesar de... Não sei explicar, mas existe algo nele, ou na lembrança que tento resgatar dele, que não parece se encaixar. Talvez se ele deixasse o cabelo crescer...

– Boa tarde! – uma moça muito bonita me atendeu. Nunca imaginei que seria atendida por uma mulher em uma loja de ternos.

– Por favor, quanto está àquele modelo na vitrine? – apontei – O terceiro, preto.

– Aquele modelo está por R\$ 429,90. – a moça tinha uma voz enjoada.

– Nossa! – deixei escapar.

– Mas se quiser, temos alguns modelos mais em conta senhorita. – a moça tentou me levar para a os ternos em liquidação.

– Não, não! – dei um passo para trás – Eu quero aquele! É tamanho único, certo?

– Sim senhorita! – a moça me olhou desconfiada.

– Poderia dar uma olhada? – sorri.

O modelo era perfeito. Ficaria ótimo no Nicardo. Sempre que passávamos por essa loja sentia que o Nicardo queria muito aquele terno. Outra coisa

que não sei explicar exatamente, mas eu conseguia sentir o que o Nicardo sentia. Era como se tivéssemos um tipo de elo, uma ligação mágica. E não era só com ele. Às vezes parecia estar ouvindo os pensamentos dos outros e às vezes parecia estar sentindo exatamente o que a pessoa ao meu lado está sentindo. Isso era horrível. Eu sentia muitas vezes sensações que nunca havia experimentado e outras que desejava nunca experimentar novamente. Isso era só uma das coisas estranhas que estava acontecendo comigo desde que acordei do coma.

As mesadas deste mês, a do mês anterior e a do mês seguinte estavam sendo gastas neste terno. Nunca imaginei que um dia gastaria tanto em um presente. Mas o Nicardo é tão legal comigo, tão paciente, me entende e não liga para minha má sorte. Acho que o Nicardo merece um bom presente.

Cheguei em casa, tirei os fones do meu celular, deixei a BoA cantar "*Hurricane Venus*" no volume máximo e fui esconder o presente em meu guarda roupa. Não queria que o Nicardo visse o seu presente antes do tempo. Enquanto guardava acabei derrubando um livro. Melhor dizendo, acabei derrubando o livro.

Eu encontrei esse estranho livro pouco depois de ter acordado do coma. Esse livro estava trancado e não fazia a mínima idéia de onde estava a chave. Não

fazia idéia nem de onde tinha surgido aquele livro e isso era extremamente perturbador. Na verdade perturbador mesmo era as escritas na capa, elas sim eram perturbadoras.

Eram símbolos estranhos e não fazia a menor idéia do sentido, como os símbolos que aparecem na minha mente. Assim como a caixa vermelha, sinto que esse livro guarda algo muito importante e será muito útil para mim quando desvendar o seu mistério.

A noite chegou bem rápido naquele dia e logo já estava dormindo outra vez. Minhas noites de sono já eram bem previsíveis, provavelmente veria o lobo assustador ou então uma moça com um vestido rosa. Mas desta vez o sonho foi um pouco diferente.

Estava novamente em um deserto, mas desta vez diferente do habitual deserto em que eu me encontro com o lobo. Eu olhava para o chão e via um pouco de grama, o restante era terra seca. Um homem levantava os braços e uma grande bola de fogo descia do céu. Era um cometa. Todo o local se encheu de fogo e pessoas começaram a lutar contra o homem e antes que eu pudesse reconhecer-las o cenário do sonho mudou.

Agora eu estava em uma floresta. Não, um bosque. Varias lanternas japonesas eram acesas em varias árvores e uma voz dizia “Ouvi alguém?” em seguida milhares de vozes repetiam “Alguém, alguém, alguém”. De repente cai de uma árvore um ser

baixinho e de pés redondos e gordos na minha frente. Era um ser muito estranho e com um penteado ainda mais estranho. Novamente o cenário do sonho mudou, mas antes que pudesse notar onde estava o despertador começou a tocar.

Acordar também não havia se tornado uma das minhas coisas favoritas. De certa forma nunca foi, mas agora estava acontecendo coisas que me deixava muito preocupada.

Fui ao banheiro lavar o rosto. Minha cabeça doía por causa do pesadelo. O pior era sentir que eu não havia imaginado tudo aquilo. Parecia que eu já havia vivenciado aquelas situações, como se fossem lembranças e não apenas outro fruto da minha fértil imaginação.

Abri a torneira e lavei o rosto. Concentrei-me no espelho, eu já sabia o que viria depois. Sempre que tenho pesadelos – o que vem acontecendo com frequência – isso acontece logo de manhã.

A primeira vez eu levei um susto e não consegui controlar. Na segunda demorou um pouco, mas acabei estabilizando a situação. Na terceira eu já sabia o que devia fazer e da quarta em diante eu já não tive mais problemas.

Parei de fitar o espelho para não ter que dar de cara com litros e litros de água passando por detrás de mim e subindo para o teto até descer novamente

para dentro do ralo da pia. Não sabia ainda o porquê de isso estar acontecendo, mas desejava todos os dias que isso parasse.

A primeira vez que isso aconteceu o meu quarto ficou alagado. A torneira chegou a quebrar com a pressão da água que saia furiosamente. Por sorte não estragou muita coisa que eu já não estivesse com intenção de trocar – como minha cama e guarda roupa –, mas o meu computador quase foi para o lixo e por muito pouco eu não perco todos os meus livros. Mas isso não é um fenômeno exclusivo da água, já aconteceu com fogo também. Para minha sorte o caso com o fogo aconteceu depois de já ter aprendido a controlar a água.

Estava na cozinha, evitando qualquer coisa que parecesse pontiagudo ou cortante, quando comecei a fitar a comida no fogão. Olhei para o fogo. Aquela pequena chama alaranjada pareceu começar a crescer e crescer. Eu olhava atônita enquanto ela se juntava as chamas das outras bocas do fogão. Não demorou muito e senti o cheiro de queimado invadir a cozinha. Corri para tentar desligar o fogo, mas ele pareceu perceber a minha presença e saiu das bocas do fogão e ficou flutuando ao meu redor. O calor do fogo estava machucando a minha pele e já começava a suar quando tentei fazer o mesmo que fazia com a água. Respirei fundo e tentei ordenar ao fogo que parasse – é ridículo, mas funcionou. O fogo começou a diminuir até

desaparecer completamente. Atraída pelo cheiro de queimado, minha mãe veio conferir o que estava acontecendo. Disse que havia sentido o cheiro de algo queimando e corri para apagar o fogo. Não tentei explicar como todas as coisas que estavam sendo preparadas queimaram ao mesmo tempo.

Desde o incidente há um ano, Camila nunca mais passou pela rua daquela padaria. Ela dizia que trazia más lembranças e maus agouros. Das más lembranças eu não tinha – ou pelo menos não me lembrava –, mas dos maus agouros eu preferia ficar bem longe, minha vida já era agourenta demais.

Desencontrei Camila na ida para escola, mas encontrei com Toni. O namoro dos dois estava indo de vento em poupa. Depois que voltei do coma, Toni resolveu pedir Camila em namoro. Ele disse que ficou assustado com a minha situação e temeu que algo parecido acontecesse com Camila.

Toni era um cara legal. Um jovem de cabelos lisos e castanhos e imensos olhos azuis. Seu único defeito era o nariz, um pouco grande para o meu gosto.

– Você também se perdeu da Camila? – ele perguntou.

– Não exatamente. – sorri – Estava esperando por ela para seguirmos juntas para a escola, mas ela não apareceu.

– E Nicardo? – ele olhou desconfiado – Onde ele está?

– Nicardo fez uma viagem com os pais, volta só amanhã. – respondi um pouco nostálgica.

– Ahã. – foi a única coisa que ele disse. – Vocês se dão muito bem!

– Acho que sim. – sorri.

– Posso te perguntar uma coisa? – ele me parou.

– Acho que sim. – respondi dando um sorriso torto.

– A Camila disse algo sobre querer terminar comigo? – ele me deu um susto.

– Não... Não! – respondi após me recuperar do susto – Não, ela não quer terminar com você!

– E que nós estávamos indo para a escola juntos, como sempre, mas ela desapareceu. – ele fitou triste o chão.

– O que será que aconteceu? – estranhei.

– Beatriz? – eu conhecia essa voz.

– Nicardo? – perguntei incrédula.

Era ele mesmo. Estava na minha frente, esbanjando sua beleza e carisma. Por alguns instantes achei que estava tendo uma miragem – ou algum devaneio novo –, mas logo pude sentir o seu abraço me apertar com uma força um pouco maior que o habitual.

– Você vai acabar me partindo ao meio! – disse tentando fazer-lo me soltar. – Você não deveria voltar apenas amanhã?

– Hã... Sim! – ele pareceu sem jeito – Digo, sim! Hã... E que eu... Bem, tive que... Voltar mais cedo!

– Hum, sei... – sorri.

– Serio, eu tive que... – ele tentou se explicar.

– Pode confessar! – dei um soco em seu ombro – Você voltou por minha causa. Ficou com saudades?

– S-s-sim! – ele olhava para Toni – Fiquei com saudades. Eu não consigo esconder nada de você!

– Bobinho... – dei um beijo nele – Não é o namorado mais fofo que pode existir?

– Hã? – Toni me olhava estranho – Não sei.

– Ah, claro! – percebi a idiotice da minha pergunta – Isso é o tipo de coisa que eu perguntaria para a Camila!

– E o que ela responderia? – tinha esquecido que a insegurança de Toni o estragava.

– Que só existe um namorado mais fofo do que o Nicardo!

– Q-q-quem? – Toni perguntou.

– Você! – respondi – Dãh!

– Então qual seria o motivo dela sumir? – ele parecia realmente apavorado.

– Espere! – Nicardo nos parou – A Camila sumiu?

– Sumiu! – Toni ficou ainda mais apavorado.

– Como? – Nicardo perguntou.

– Eu estava conversando com ela enquanto íamos para escola e, em algum momento, ela não

estava mais comigo. Será que ela se encheu de mim e resolveu fugir de mansinho?

– Acredito que não. – Nicardo falou baixo.

– C-c-como assim? – Toni estava um pilha de nervosos – O que você desconfia?

– Beatriz, precisamos voltar! – Nicardo me pegou pelo braço.

– Espere um momento! – Toni tentava ir atrás de nós enquanto Nicardo me puxava e corria. – O que está acontecendo?

– Volte para a escola! – Nicardo gritou – Fique por lá!

O que vi em seguida foi algo muito estranho. Nicardo estendeu a palma da mão direita no rosto de Toni e uma bola azul claro começou a sair de dentro dela. Ela passou e entrou dentro da cabeça de Toni que, por alguns segundos, ficou paralisado e nos fitava com os olhos vidrados. Logo em seguida ele balançou a cabeça como se tivesse acordado de uma transe e seguiu em direção a escola tranquilamente.

– O que você fez? – perguntei enquanto ele me pegava no colo.

– Não tenho tempo para explicar! – ele não olhava para mim – Você guardou aquela caixa vermelha certo?

– Aquela que não abre? Sim! – respondi um pouco confusa – Está no meu quarto!

– Ótimo!

Nicardo começou a correr em uma velocidade impressionante e quase tive certeza de que estava tendo outro dos meus sonhos estranhos. Sua pele também começou a mudar. Parecia que uma pequena crosta de pedra cobria seu rosto e seu corpo.

Estava reconhecendo o caminho que Nicardo estava seguindo. Era o caminho da minha casa. O que ele estava querendo?

– Nicardo, eu estou ficando com medo! – disse enquanto olhava as coisas passarem por mim feito flecha.

– Eu também. – ele continuava sem olhar para mim.

Chegamos em casa pela janela do meu quarto. Não sei exatamente em que momento, mas Nicardo subiu pelas paredes comigo no colo.

– Rápido, onde está? – Nicardo me colocava no chão.

– Onde está o que?

– A caixa vermelha! – ele respondeu.

– Ela está aqui, no meu guarda roupa!

Abri o guarda roupa e acabei, inevitavelmente, revelando o presente de Nicardo bem antes do tempo.

– O que é isso? – ele perguntou.

– Seu presente! – respondi triste – Essa semana fazemos oito meses de namoro e queria algo especial.

Por alguns instantes seus olhos brilharam, depois se transformaram em uma expressão de pena e remorso que, por fim, voltou ao desespero de antes.

Peguei a caixa e aproveitei para pegar o livro também. Nicardo olhou para ele e se assustou, mas pareceu já conhecê-lo ou saber de onde ele veio.

– O que você quer com essa caixa? – perguntei.

– Abra! – sua voz estava serio.

– O que?

– Abra a caixa! – ele continuava serio.

– Mas ela não abre! – notei que o chão do meu quarto estava cheio de água.

– Vamos logo, abra a caixa! – ele estava ficando nervoso.

– Mas...

Fiquei apavorada. Novamente a torneira do banheiro quebrou e ouvi barulho de água saindo do chuveiro. Parecia que quanto mais apavorada eu ficava, mais água aparecia.

A água começou a rolar pelas paredes, como se formassem pequenos rios e caíam bem atrás de mim, molhando completamente a minha cama e me molhando também.

Minhas mãos pareciam não querer me obedecer e a água parecia estar esperando apenas um sinal meu para se espalhar por todo o quarto. Quando notei novamente todas as paredes estavam cobertas de cima a baixo por água e o teto também. Um tipo de

cachoeira se formou atrás de mim e parecia furiosa por eu estar mantendo ela presa.

– Beatriz – Nicardo falava alto – apenas você pode abrir essa caixa!

Foi então que finalmente consegui. Assim que abri a caixa, toda a água que estava presa as paredes e ao teto começaram a entrar para dentro da caixa através da pequena cachoeira que se formou atrás de mim. A água passava por minha cabeça e entrava para dentro da caixa. Muitos e muitos litros d'água não paravam de entrar em uma caixinha tão pequena. Era como se ela não tivesse fundo. Aos poucos percebi que o meu corpo e o de Nicardo estavam se dissolvendo junto com a água e comecei a gritar apavorada, mas parecia que ninguém estava ouvindo. Era como se nada estivesse acontecendo.

A ultima coisa que me lembro foi de estar no colo de Nicardo, deitada em um chão transparente e com leão-marinho passando por debaixo de mim. Tomei um grande susto e me levantei no exato momento. Notei que o leão-marinho era o menor dos meus problemas.

Estava em um lugar completamente diferente de tudo o que eu já havia visto. As ruas eram feitas de uma pedra transparente e abaixo de nós, a água e as casas eram todas feitas de pedras azuladas que davam um clima de frio. Havia várias árvores de tronco azul e folhas brancas e uma diversidade incrível de flores. As

casas tinham canteiros de rosas brancas. Por um instante senti que tudo isso não era tão estranho e diferente.

As pessoas tinham uma coloração meio branca e azulada. Os cabelos – azuis escuro – eram extremamente lisos e seus olhos eram azuis cinzentos e todos puxados, feito olhos de asiáticos, parecendo guardar todo o oceano em duas pequenas esferas. Seus rostos eram afilados e bonitos e em seus pescoços havia guelras semelhantes as de um tubarão. Mas havia algo de errado neles. Eles estavam tristes, com os olhos longe, como se estivessem relembrando um passado que nunca iria voltar.

Quando olhei para Nicardo tomei outro susto. Sua pele havia se transformado em pedra e seus cabelos haviam embranquecido completamente. Era como se ele tivesse contraído uma doença de pele ou sido enfeitiçado por uma bruxa de contos de fada.

– O que aconteceu com você? – perguntei.

– Juro, quando tivermos tempo eu explico absolutamente tudo! – Nicardo sussurrava.

– Mas será que poderemos... Aaahh! – levei um grande susto quando olhei para um dos postes de iluminação.

– Procurados? – Nicardo arrancou o cartaz e riu – Vivos ou mortos... Como eles conseguiram nos desenhar tão mal?

CAPÍTULO 2 / UM CASTELO ABANDONADO E MEMÓRIAS ESQUECIDAS

De fato nós estávamos horríveis naquele desenho, mas ainda era possível reconhecer que éramos nós. Além de mim e do Nicardo, havia mais três pessoas no cartaz. Era uma jovem moça de cabelos encaracolados e com guelras de tubarão, um rapaz que aparentava ser o mais velho e de longos cabelos e, por fim, uma figura que me pareceu extremamente familiar.

Era muito estranho, mas sentia que já havia passado muitas horas da minha vida com aquela pessoa. Aqueles cabelos castanhos que cobriam as orelhas e os aparentes olhos verdes pareciam muito mais significativos do que os demais, até mesmo do que o Nicardo.

– Por que estão nos caçando? – perguntei.

– Agora não é hora para responder essas perguntas! – ele vigiava as pessoas. – Neide parece não ter mudado muito desde a última vez que estive aqui.

– Neide? – perguntei – Espere um minuto! Você já esteve aqui?

– Sim! – ele olhou para mim e depois se virou para vigiar as pessoas e voltou a olhar para mim – Você também já esteve aqui!

– Como é que é? – gritei.

– Quieta! – ele tapou a minha boca – Não chame tanto a atenção. Devemos sair daqui o mais rápido possível.

– Vocês ouviram algo? – uma voz vinha da rua que fazia esquina com a nossa.

– Porcaria! – Nicardo sussurrou – Venha!

Corremos para outra rua e ouvi duas pessoas dizendo “olhe lá” e correndo atrás de nós dois. Não sei exatamente o que eram e nem o que queriam, mas estavam furiosos.

– Quando eu disser três está ouvindo? – Nicardo começava a correr mais rápido.

– Fazer o que quando você disser três? – perguntei inutilmente.

– Um, dois, três!

De repente eu sabia o que fazer. Era como se alguém tivesse me enviado um sinal, uma luz e finalmente lembrei o que deveria fazer.

Lembrei das aulas de meditação e do “yoga” – digo “yoga” por que aquilo era tudo, menos yoga – que o Nicardo me dava diariamente e que me ajudou a controlar os jatos de água que saiam da pia do meu banheiro.

Como num passe de mágica, minha vontade foi cumprida. Um jato de água perfurou o chão e começou a inundar as ruas levando tudo e todos. Não estava acreditando no que estava acontecendo, mas não estava tão assustada como imaginei que estava.

– Tudo bem, eu estava pensando em algo com fogo! – Nicardo me pagava no colo.

– Fogo? – perguntei.

– Mas ganhamos tempo. – ele sorriu – Agora temos que ser bem rápidos!

Nicardo começou a correr feito um louco e – com um pouco de dificuldade – pude notar o motivo. Esses seres estranhos que estavam nos perseguindo eram exímios nadadores e agora estavam mais rápidos do que antes.

Aos poucos não vi mais ninguém nos perseguindo. Nicardo começou a diminuir a velocidade e sua respiração começou a ficar mais pesada. Também pudera, me carregou no colo quilômetros e quilômetros em velocidade máxima.

– Por que eles estavam atrás de nós? – perguntei quando ele me colocou no chão.

– Espere... Ah... Espere um minuto! – ele sentou no chão e colocou a mão no peito.

– Espero que agora você possa responder algumas das minhas perguntas! – falei um pouco alto.

– Shhh! – ele colocou o indicador na frente da boca – Que atrair-los outra vez?

– Desculpe! – baixe a voz constrangida – Eu só queria entender o que está acontecendo!

– Espero que esse lugar ainda seja um bom esconderijo. – Nicardo se colocava de pé – Vamos entrar! Lá dentro eu te conto tudo.

Estávamos de frente para um enorme castelo abandonado. Rodeamos um imenso muro até chagar ao portão. Não foi muito difícil de entrar, o portão

estava com algumas de suas barras tortas ou quebradas. O castelo não estava em ruínas, estava apenas velho. Sua cor estava desbotada, havia janelas quebradas e parte da pintura havia descascando, fora isso, o castelo estava em perfeito estado. Novamente tinha a impressão de já ter vivido tudo aquilo antes.

Assim como o lado de fora, dentro do castelo as coisas estavam apenas muito velhas. Havia coisas quebradas e poeira para tudo que é lado. Mas ainda não era a minha imagem de castelo abandonado. Esse castelo aparentava ter sido limpo há mais ou menos um ano, mas depois resolveram esquecer de vez o velho primeiro palácio de Neide. O velho primeiro palácio de Neide? Algo parecia estar voltando a minha cabeça.

A primeira coisa que vi foi uma longa escadaria, com seu tapete vermelho desbotado e empoeirado. Havia uma grande porta a esquerda e outra grande porta a direita, assim como na parte de cima do castelo. No meio, ao fim da escadaria, havia outra grande porta.

Fiquei fitando aquela porta por um tempo. Algo nela obrigava a minha cabeça a se lembrar. Sentia que havia acontecido algo de muito especial naquela sala, mas o que seria?

– Lembrou de algo? – Nicardo perguntou.

Neste momento um som, uma melodia, tocada ao piano começou a invadir o local. Era uma melodia

triste e dramática, mas ao mesmo tempo romântica e arrebatadora. Era uma belíssima melodia. Senti que já havia ouvido antes, mas não lembrava quando.

– Você está ouvindo isso? – perguntei.

– Isso o que? – Nicardo perguntou.

– Essa música?

– Desculpe... – Nicardo balançou a cabeça negativamente.

A melodia estava sendo tocada apenas em minha mente. Seria uma lembrança? Eu ainda estava tão confusa com tudo o que estava acontecendo que já não tinha certeza da minha própria sanidade. Foi neste instante que aconteceu. Minha primeira lembrança de verdade.

Abria porta que tanto me intrigava e dei de cara com um imenso salão. Ele era rodeado por enormes janelas e velhas cortinas vermelhas. A única coisa que havia no salão era um velho piano destruído.

– O que estava tocando? – perguntei.

– O Oceano – uma moça se virou para mim – É uma composição minha, estava muito ruim?

– Não! – me espantei com a pergunta – Muitíssimo pelo contrario, era linda!

– Serio mesmo? – ela parecia não acreditar.

– Serio! – respondi. Nicardo estava do meu lado.

– Era realmente uma bela canção. – Nicardo também concordava – Toque-a outra vez?

– *Se vocês gostaram... Vamos lá.*
– *Você me concede a honra?* – Nicardo estendia a mão.
– *Está me convidando para dançar?* – perguntei.
– *É o que parece?* – ele sorriu – *Sim, estou te convidando para dançar.*
– *Mas eu não sou boa em dança.* – eu parecia tentar escapar.
– *Tudo bem, eu também não sou.* – ele sorriu.
– *Já que insiste tanto...* – havia me rendido.

Um clarão tomou conta de minha visão e quando dei por mim estava jogada no chão, com Nicardo me segurando.

– O que houve? – ele perguntou preocupado.
– Não sei, acho que... Acho que... Acho que tive uma visão! – estava tonta.
– Uma visão? – ele se assustou. – Não teria sido uma... Lembrança?
– Uma lembrança? – estava confusa.
– Quem está aí? – uma voz feminina ecoou no salão.
– Venha! – Nicardo me pegou no colo e foi para trás da porta. – Não saia daí.

Nicardo me colocou sentada no chão e pegou uma espada que estava pendurada na parede, perto de uma das janelas. A espada parecia um pouco

enferrujada, mas ainda tinha um pequeno brilho letal e ameaçador.

Nicardo voltou para trás da porta e esperou até a pessoa chegar perto. Notei que os passos começaram a se aproximar, se aproximar, se aproximar até que *BLANG, BLANG!*

As espadas de ambos se cruzaram. Os dois baixaram as armas e pareceram extremamente aliviados. Olhei melhor para a moça e reconheci na mesma hora. Era a moça que vi no cartaz e a moça que apareceu em minha lembrança.

– Thalassa! – Nicardo suspirou aliviado.

– Nicardo, Beatriz! – a Thalassa pareceu muito feliz – Não acredito que vocês voltaram!

– Espere! Nós já nos conhecemos *mesmo*? – perguntei.

– Acho que agora já está na hora de você saber de tudo! – Nicardo ficou sério.

Nicardo me contou que estávamos em um lugar chamado Ofir. Este mundo era parte de outra dimensão, bem distante da Terra e que este lugar estava em uma grande guerra. Ele disse que fui chamada para este lugar há um ano para ser a salvadora deles, mas eu quis desafiar a profecia e acabei fazendo com que Ofir caísse em desgraça e que Bianor, o grande vilão a frente da guerra, ganhasse poder absoluto para fazer o que quisesse com Ofir.

Ele contou que fui mandada para Terra outra vez para a minha própria proteção e que eu deveria treinar e aperfeiçoar meus poderes que me foram doados por Alina, a rainha da Capital de Ofir. Alina havia sido capturada por Bianor e quase morreu se não fosse por um pedido meu para Dâmaris, a primeira rainha de Ofir. Dâmaris, depois de planejar a morte do marido, não aguentou o remorso e se trancou dentro de um cristal mágico.

O cristal foi um plano de Dâmaris para não deixar o povo que ela tanto amava desamparado. Ela foi a primeira grande maga de Ofir e sempre realizava com magia as necessidades de seu povo. Mas, por precaução, o cristal foi dividido em seis partes e espalhados por toda Ofir para que não caíssem em mãos erradas.

Toda essa história pareceu um tanto absurda para minha compreensão, mas se comparasse com os últimos acontecimentos de minha vida parecia uma história bem coerente.

Tentei forçar minha mente a me lembrar de tudo o que me contavam, mas de nada adiantou. O máximo que consegui foi uma bruta dor de cabeça.

– Tem certeza de que esse lugar continua sendo seguro? – Nicardo perguntava para Thalassa.

– Seguro este lugar não é, mas ele continua sendo o lugar com o menor índice de visitação do reino

de Neide. – Thalassa sorriu – De vez em outra alguns guardas aparecem, mas eu tenho um esconderijo aqui dentro.

– Acha que podemos passar a noite aqui? – Nicardo perguntou.

– Sim, podem. Como nos velhos tempos?

– Como nos velhos tempos! – Nicardo sorriu.

Sáímos do salão e entramos na porta da direita. Havia um grande corredor e varias portas. Algumas estavam abertas, outras simplesmente arrombadas, mas não olhei o que tinha dentro. Novamente uma forte sensação de que já havia vivido aquilo invadiu meu peito. Era como se já tivesse feito esse mesmo trajeto, o que – pelo que me contaram – eu realmente fiz. Estava começando a entender o famoso *Déjà Vu*.

– Teremos que ficar todos no mesmo quarto. – Thalassa abria uma porta que quase tombou. – Os outros quartos não estão “habitáveis”.

– Continua com seus estoques de lençóis? – Nicardo perguntou.

– Sim! – ela sorriu.

O quarto era bem grande e a velha cama que estava ali também. Poderíamos dormir os três tranquilamente e ainda sobraria espaço para mais uma pessoa.

Havia também um velho guarda roupa, ao lado de uma grande janela aparentemente emperrada. Havia uma porta dentro do quarto que estava aberta e revelava uma banheira – presumi que fosse o banheiro.

Não consegui tirar aquela lembrança de minha cabeça. Estava tão atordoada com tudo o que estava acontecendo comigo que não consegui dormir. Estava pensando não só na lembrança, mas estava pensando na história que me contaram e em tudo o que eu havia esquecido. Mas por que eu havia esquecido? Quando e como eu esqueci coisas tão importantes? Cheguei a pensar que estava tendo um noite longa e que esse era o sonho mais estranho de todos que venho tido, mas infelizmente sabia que não era um sonho.

Quando finalmente dormi – horas depois – tive um sonho. Ou uma recordação. Eu começava a questionar as coisas que surgiam em minha mente desde que soube de toda a “verdade”.

Eu estava em um bosque e sentado no topo de uma árvore estava um jovem. Não conseguia ver seu rosto, mas seu braço sangrava muito. Ele parecia estar prestes a desmaiar e eu queria muito fazer alguma coisa, mas descobri que era inútil. Eu não estava no bosque, estava assistindo tudo dentro de uma sala com paredes em vários tons de roxo.

Eu me olhava no espelho e via uma mulher de cabelos loiros e vestido rosa. A mesma que eu havia

visto em meus sonhos algumas vezes depois que voltei do coma – ou de Ofir. Ela me olhava aflita e se perguntava sobre algo que não conseguia ouvir. Então reparei que ela não estava falando comigo, mas com outra pessoa.

Era uma sombra negra e aterrorizante, mas a mulher de vestido roxo não se deixava intimidar e parecia encarar o homem. Aos poucos o homem entrou em meu campo de visão e uma foice surgiu de sua mão. Ele estendeu a foice e mirou na cabeça da mulher e foi com tudo.

– Aaahh! – acordei antes de presenciar a cena.

Eu estava sozinha na cama. Não havia mais ninguém no quarto. Entrei em desespero. O que teria acontecido com os dois? Por que eles me deixaram sozinha?

Comecei a andar pelos corredores, procurando pelos quartos destruídos. Ruídos assustadores vinham de cada passo que dava, sons estranhos apareciam a cada vez que encostava na porta e o eco dos meus gritos pareciam gargalhadas de fantasmas.

Segui para as escadas e desci correndo. Não sei exatamente dizer qual caminho eu havia pego. Estava tão desesperada que não olhava por onde andava, apenas andava. Talvez eu não estivesse emocionalmente preparada para enfrentar aquele mundo estranho sozinha.

Entreí em uma porta e dei de cara com o que deveria ser um jardim. O que deveria ter sido um belo

jardim. Estava todo congelado, mas ainda podia sentir a vida que um dia passou por ele. Havia varias árvores, sem folhas, e vários canteiros que deveriam ser repletos de flores. Havia também um pequeno chafariz, com um cavalo marinho esculpido e havia pedras azuis fazendo um caminho circular por todo o jardim.

Eu não sabia explicar, mas estava sentindo que já havia visto aquele jardim vivo antes. Vendo as minhas últimas descobertas, provavelmente eu realmente havia visto aquele jardim em sua melhor forma. Era uma pena que eu não lembrasse como esse jardim era antes, mas por algum motivo eu sentia que veria ele incrível, forte e vivo novamente.

– Você está aí? – era a voz de Nicardo.

– Por que você sumiu? – corri e o beijei – Fiquei tão assustada.

– Lembrou de mais alguma coisa? – ele perguntou.

– Eu estou tentando não forçar minha mente. – respondi de cabeça baixa.

– Entendo. – Nicardo não pareceu muito decepcionado.

– Mas por que você sumiu? – voltei a minha pergunta – E a Thalassa, onde ela está?

– Estávamos montando guarda! – começamos a andar pelo jardim – Eu fui primeiro e depois a Thalassa trocou de lugar comigo. Agora que já amanheceu, resolvemos ficar os dois vigiando.

– E por que não me acordaram? – perguntei irritada.

– Você está passando por um momento difícil – Nicardo segurava em meus ombros – resolvemos deixar você descansar o quanto fosse necessário.

– Sim, sim. – tirei suas mãos de meus ombros – Mas não façam isso outra vez! Eu fiquei muito assustada.

– Está tudo bem, não iremos fazer de novo! – ele sorriu.

– Obrigada. – retribui o sorriso.

– Você está preocupada? – ele olhava intrigado comigo.

– Não sei se a palavra certa seria essa. – eu disse – Talvez... Assustada. São tantas informações e em tão pouco tempo, ainda não consegui digerir tudo isso.

– Eu imagino. – ele sorriu.

– Será? – achei graça.

– Você pode não acreditar, mas eu sinto o que as pessoas sentem.

– Você também? – fiquei surpresa.

– Na verdade essa era uma exclusividade minha no grupo – ele sorriu – você *roubou* isso de mim. Sua ladrazinha!

Nicardo pulou em mim e começou a me encher de cócegas. As minhas gargalhadas e as gargalhadas dele faziam parecer que nada disso estava acontecendo. Tudo não havia passado de um sonho

estranho. Mas eu sabia que não era um sonho estranho.

– Nicardo... – eu estava prestes a tocar em um assunto perigoso – E a outra pessoa. Aquele que não posso falar. Ele é daqui também não é?

– Beatriz, esse assunto agora? – ele fechou o rosto.

– Acho que chegou o momento. – cheguei mais perto.

– Não, não é o momento! – ele ficou chateado.

– Claro que é o momento! – o segurei pelo braço – Não existe outro momento melhor.

– Será que você não entende?

– Não! – respondi automaticamente – Existem varias coisas que eu preciso lembrar. Quem sabe se eu me lembrar dele eu não consiga lembrar de outras coisas?

– Não! – ele quase gritou – Você pode lembrar de tudo, menos dele!

– Por que essa agressividade?

– Você realmente não entende? – ele perguntou – Será que não consegue sentir?

– Eu... Eu... Eu não sei! – coloquei as mãos na cabeça – Eu não sei, está tudo tão confuso, tão estranho.

Nicardo começou a me fitar triste. Ele suspirou e espremeu a boca. Sabia que estava sendo cruel com ele, mas não sabia explicar o motivo. Eu estava vivendo

no momento mais estranho e complexo de toda a minha vida.

– Sim, ele era de Ofir. – Nicardo começou a falar – Seu nome era Alexis, ele era o príncipe herdeiro da Capital. Ele é o irmão do Neandro.

– Ele nos acompanhou durante a primeira vez que estive aqui? – perguntei mais calma.

– Foi ele quem te achou! – ele não olhava para mim.

– E por que você não falou nada dele para mim quando estava contando o que aconteceu um ano atrás?

– Eu não podia. E complicado. – ele fitava o chão.

– E como ele era? Como era a minha relação com ele? A relação dele com você? Vocês eram amigos, digo, nós três?

– O que você está me perguntando? – Nicardo parecia decepcionado.

– Nicardo, Beatriz! – Thalassa chegava apavorada – Ainda bem que encontrei vocês!

– O que aconteceu? – Nicardo perguntou.

– Ouvi pessoas entrando pelo portão! – Thalassa vigiava as janelas – Eles estão entrando no castelo.

– Eles? – fiquei assustada – Eles quem?

– Os Leons! – Thalassa respondeu rápido.

– Leons? – perguntei.

– São guardas de Bianor – ela nos puxava para fora do jardim.

– E nós não podemos enfrentar-los? – Nicardo perguntou.

– Está doido? – Thalassa pareceu rir para não chorar – Eles são seres criados pelo próprio Bianor, não são coisas que se possam ser vencidas com facilidade.

– Mas nos já destruimos coisas bem piores! – Nicardo ainda queria lutar – Lembra do dragão?

– Sim, mas naquela vez estávamos em seis! – Thalassa respondeu.

– E o que vamos fazer? – perguntei desesperada.

– Eu acho que disse que tenho um esconderijo?

CAPÍTULO 3 / ESCONDERIJO ESCURO, UMA LUTA SURPRESA E UM MENINO GÊNIO

 Thalassa nos levou de volta ao grande salão. A essa altura os tais Leons já haviam entrado no castelo. Estava apavorada com toda essa adrenalina, mas consegui enxergar as coisas a minha frente.

Thalassa parou na frente de um velho quadro e o empurrou para o lado. O quadro revelou um buraco. Não era bem o tipo de esconderijo que tinha em mente, mas a situação não deixava outra alternativa.

O buraco não era grande, mas deu para ficarmos todos sentados esperando que os Leons não nos encontrassem. O que me incomodou mesmo foi a escuridão. Após Thalassa soltar o quadro, um manto negro pairou sobre os meus olhos. Não conseguia enxergar absolutamente nada, isso era assustador.

– Nicardo, cadê você? – sussurrei tateando o nariz de alguém.

– Estou aqui! – uma mão puxava o meu braço. Nicardo estava do meu lado direito.

– Vamos ficar em silêncio! – Thalassa disse bem baixinho.

Barulhos de todos os tipos ecoavam pelo palácio. Portas sendo arrombadas, coisas sendo jogadas no chão e passos pesados para todos os lados. Eu me segurava para não gritar com cada susto que levava.

Demorou um bom tempo até que eles fossem embora. Para mim pareceu uma eternidade e cheguei a pensar que morreria naquele buraco escuro. O pânico tomou conta de mim e tive que vencer-lo para nossa segurança e isso havia me deixado exausta e a flor da pele, como um grito que você engole e fica entalado na garganta.

– Será que eles já foram? – Nicardo sussurrou.

– E um pouco arriscado olhar, mas vou tentar.

Não precisou de Thalassa sequer estender a mão, passos que pareciam ser de duas pessoas – ou dois seres – começaram a fazer o chão tremer. Eles eram gigantes?

Ruídos estranhos, como rugidos de um leão distorcidos, começaram a passear pelo salão. Os passos pararam e ouvi um ruído parecido com um cão farejando algo. Um silêncio tomou conta do local novamente.

– Acho que agora eles foram.

Thalassa tentou novamente. E novamente não foi necessário ela sequer estender a mão. *BAM, BAM!* Alguém batia no piano com força. Eles ainda estavam por ali. Será que eles não iriam embora nunca?

Temi não aguentar o pânico e começar a gritar apavorada, mas para minha sorte Nicardo estava segurando forte a minha mão. Não sei se meu coração iria aguentar tanta adrenalina assim.

Os passos continuavam pelo salão e pareciam acompanhar as batidas do meu coração, ficando cada vez mais altos. Alexis, Alexis, Alexis. Por que esse nome na minha cabeça agora? Quem ou o que é Alexis? Eu realmente não estava tendo um dia muito bom.

Nicardo reparou que eu estava ficando agitada e me abraçou. Temporariamente aquilo me acalmou, mas a cada novo passo que os Leons davam no salão era um sobressalto em meu coração e minha respiração começava a ficar descontrolada.

– Beatriz, acalme-se! – Thalassa também segurou minha mão – Você já enfrentou coisas tão terríveis quanto eles.

– Mas eu não me lembro! – tentei não gritar – Fora que você disse que eles eram perigosos demais para apenas nós três.

– E eles realmente são! – Thalassa sussurrou ainda segurando minha mão.

– Acho que isso não está ajudando. – Nicardo também tentava não gritar.

– Vamos ficar em silêncio, eles podem estar nos ouvindo! – Thalassa deu uma ótima idéia.

Os passos começaram a se aproximar do nosso esconderijo. Estava ficando louca. E se eles nos descobrissem? Estava tentando afastar esses tipos tão deprimentes de pensamentos da minha mente, mas era difícil quando o fim era certo.

Os passos começaram a se afastar e tive um rápido momento de alívio. Estava prestes a me

assegurar de que estávamos seguros quanto um clarão iluminou todo o nosso esconderijo e me deixou cega por alguns instantes. Havíamos sido descobertos.

Os Leons não eram exatamente aquilo que eu estava esperando. Achei que veria leões de cinco metros de altura, andando em duas patas, com garras e dentes enormes e com os olhos ameaçadores que todo o grande predador tem quando está de olho em sua caça. Ao invés disso, o que encontrei foi um pouco diferente.

Eram dois seres peludos de um pouco mais de dois metros de altura, com uma grande barriga e um umbigo pontudo. Não tinha presas e nem garras. Um usava duas grandes espadas e o outro um tipo de besta gigante. A única coisa que estava igual ao que eu imaginava eram os olhos de predador, fitando-nos como se estivessem sentindo o sabor que cada um de nós tínhamos.

– E o que vamos fazer agora? – finalmente pude gritar.

– Agora teremos que lutar! – Thalassa pulou do esconderijo e foi direto na cabeça do da esquerda, que estava com as duas espadas. – Você, tente se proteger com isso!

Thalassa havia conseguido pegar um dos escudos que estava pendurado na parede. Havia dois escudos pendurados, um de cada lado do salão e quatro pares de espadas cruzadas em cada parede. Na

verdade não eram quatro pares exatos, Nicardo havia pego uma das oito espadas.

– Mas como eu uso isso? – perguntei.

– Apenas se defenda! – ela gritou enquanto puxava uma espada. Nicardo fez o mesmo.

Antes que eu pudesse responder qualquer coisa Thalassa pulou do Leon e começou a correr pelo salão, chamando atenção dele. Nicardo já estava lutando com o outro Leon e tinha ganhado um ponto de vantagem contra o monstro que havia perdido sua besta gigante – Nicardo havia feito em pedaços.

Thalassa pegou outra espada e se defendeu contra as duas espadas gigantes do Leon. Ela não parecia tão temerosa quanto eu, mas podia ver que ela estava com um pouco de medo.

O outro Leon estava lutando contra Nicardo desarmado. Nicardo o golpeava nos braços, mas ele parecia nem sentir. Estava começando a acreditar que aqueles bichos eram invencíveis e que nossas horas estavam contadas.

Thalassa pulou novamente no Leon e o desequilibrou. Por alguns instantes Thalassa teve o Leon sob seu controle, mas depois ele voltou a reagir. Thalassa continuava se impulsionando para trás e o Leon tentava não cair, mas foi inútil.

O Leon perdeu totalmente o equilíbrio quando Thalassa havia saído de cima dele. Ele cambaleou e

acabou caindo para trás e atravessando uma das imensas janelas que rodeava o salão. Thalassa foi atrás.

O Leon que estava lutando contra Nicardo acabou se distraindo com o companheiro e levou um golpe na barriga, o que o fez acordar e voltar para a luta.

Eu estava completamente perdida e apavorada. Não queria que nenhum Leon machucasse Nicardo e – apesar de não lembrar – eu já fui amiga da Thalassa, provavelmente ficaria muito mal se acontecesse algo a ela depois que eu recobrasse minha memória – se isso acontecer.

Deixei o escudo tapando meu rosto. Apenas os olhos estavam visíveis. Eu queria muito ajudar, queria muito fazer alguma coisa, mas o que? Olhando a minha impotência, não consegui acreditar que um dia eu lutei.

Perdi totalmente o que estava acontecendo com Thalassa e o outro Leon, mas a luta de Nicardo e o Leon restante continuava dentro do salão. E continuava com força total. Por sorte Nicardo estava conseguindo seguir bem com a luta.

Ele havia pego o outro escudo e estava conseguindo se defender dos golpes de espada que o Leon transferia incansavelmente sobre ele. O Leon não parecia desesperado, mas agia feito um louco, acertando o chão com fúria sempre que errava o alvo. Nicardo continuava na defensiva, provavelmente estava esperando o melhor momento para atacar.

Eu continuava com o escudo tapando meu rosto e ainda estava apavorada com o que estava acontecendo. Estava preocupada com Thalassa, não ouvi mais nenhum sinal desde que ele foi atrás do outro Leon. O que será que estava acontecendo?

O Leon de Nicardo resolveu mudar de tática. Jogou a espada que ficou perfurou a parede, ficando agarrada quase pela metade e começou a atacar Nicardo com as mãos. Ele agarrou Nicardo por trás, que conseguiu escapar e golpear o Leon na barriga. Nicardo tentou outro golpe, mas o Leon o chutou e o fez bater de costas na parede. Quase morri neste momento.

Joguei o escudo fora e fui socorrer o Nicardo. Eu não podia deixar-lo fazer isso com o meu namorado. Mas o que eu poderia fazer para ajudar? Estava tão apavorada que nem me lembrei que havia inundado uma rua inteiro no dia anterior.

– Você está bem? – perguntei.

– Estou, volte e se proteja! – ele gritou se ponde de pé novamente.

– Mas...

– Volte e se proteja Beatriz! – ele gritou novamente. – Eu irei ficar bem.

Nicardo voltou para luta escorregando por debaixo das pernas do Leon e o atacando pelas costas. O Leon se contorceu e deu um grito que estremeceu o chão. Antes de Nicardo retirar a espada, o Leon virou-

se para Nicardo e o pegou pelo braço, rodando-o e o atirando novamente contra a parede.

Tentei ir ajudar-lo novamente, mas o Leon foi mais rápido e o pego pelas pernas e o atirou no chão. Nicardo tentou se levantar, mas com os pés, o Leon o jogou de volta ao chão.

O sangue vermelho vinho escorria das costas do Leon. Era a primeira vez que o vi sangrar desde que a luta começou. O Leon tentou retirar a espada das costas, mas não conseguia alcançar-la. Nicardo aproveitou o momento de distração e chutou a barriga do Leon sem dó.

O Leon caiu de costas e a espada atravessou o monstro, que ficou paralisado no chão. Thalassa reapareceu nos dando um susto quando abriu a porta do salão. Ela viu o Leon caído e arregalou os olhos, ele estava se levantando.

– Nicardo, cuidado! – gritei.

Antes que Nicardo pudesse fazer qualquer coisa, Thalassa deu um salto e golpeou o Leon na cabeça, decapitando-o. O Leon caiu de cara no chão.

– Esses monstros são como zumbis, só morrem se acertar na cabeça. – ela disse.

– Legal. – Nicardo olhava com um pouco de raiva – E por que não avisou antes?

– Eu também só descobri agora! – Thalassa arrancou a espada das costas do Leon. – Pegue isso!

Thalassa jogou a espada para Nicardo, que agarrou. Ele olhou a espada suja de sangue e caminhou

para perto do Leon. Ele começou a limpar a espada na roupa do Leon e depois analisou a espada.

– Essa não está enferrujada! – só agora ele havia percebido isso.

– Essas foram duas espadas que trouxe para emergências como essa! – Thalassa também limpava a dela. – O resto do castelo está vazio. Esses eram os últimos, provavelmente ficaram para dar uma última chegada.

– Realmente foi a última! – Nicardo tinha um sorriso mórbido no rosto.

– Nós vamos sair daqui agora certo? – perguntei.

– Sim, nós vamos! – Thalassa respondeu – Não só deste castelo, mas como do reino. Neide já começou a ser um lugar perigoso demais para nós.

Sáímos do castelo completamente encapuzados. Thalassa havia escondido sobretudos e lenços no castelo para uma fuga como essa. Estávamos parecendo pretendentes a uma versão de Bollywood de Matrix.

Aparentemente ninguém estranhou três criaturas encapuzadas andando pelas ruas de forma suspeita e esperava que continuasse assim até chegarmos onde quer que devêssemos chegar.

Começava a sentir Neide como algo mais real. Não via mais aquele lugar como algo fora do comum ou como um sonho. Neide começava a ser algo real para

mim, como se sempre estivesse por ali, andando por aquelas ruas. Seria a minha memória recobrando coisas deste meu passado esquecido?

Andamos muito, mas finalmente chegamos ao nosso destino. Era uma casinha, quase imperceptível de tão simples, perto do porto. Thalassa se aproximou da porta e fitou o lugar, como se esperasse o momento certo para agir.

Depois de ter certeza de que não havia ninguém olhando, Thalassa bateu cinco vezes na porta. Três vezes com a mão e duas com o pé. Estranhei o ato, mas imaginei que esse deveria ser algum tipo de senha avisando que era ela quem estava chegando.

Quem abriu uma pequena fresta da porta foi um rapaz de estatura média, com grandes e grossos óculos, cabelos pretos bem escuros e olhos tão pretos quanto o cabelo. Talvez pudesse ser bonito sem os óculos. Era magro e usava uma blusa branca com a gola manchada e um tipo de bermuda balão azul que fazia com que suas pernas parecessem com uma lona de circo.

– Finalmente vocês chegaram. – o rapaz abriu totalmente a porta – Entrem!

A casa era um pouco maior do que aparentava ser do lado de fora. Havia um grande cômodo que estaria completamente vazio se não fosse a presença

de um tapete, uma mesa e seis cadeiras. Havia uma porta, a esquerda, ao lado da mesa e outra na direção oposta. Uma única janela estava aberta e dela conseguíamos ver todo o porto.

A porta da direita estava aberta. Pude notar algumas coisas olhando por ela. Havia outra mesa, porém menor e em cima da mesa havia vários livros e jogado no chão também. Além dos livros, haviam vários cadernos, papéis soltos, lápis e réguas espalhados por todo o canto. Andei um pouco para perto da porta impulsivamente – que intrometida – e vi uma cama, também cheia de livros e cadernos.

–... então já chegou a hora? – não havia reparado que estavam todos conversando.

– Desculpe, chegou a hora de que? – perguntei.

– A hora de partir e encontra com Tales alteza!
– o rapaz fez uma reverencia.

– Alteza? – me assustei – Que história é essa?

– Acho que não lhe apresentei – Thalassa e aproximava do rapaz – Esse é o Cosmo. Nosso gênio inventor e meu melhor amigo. Cosmo pegue leve com a Beatriz! Ela ainda não se lembra de nada.

– Espere, mas ele me chamou de alteza! – entrei no meio dos dois – Até onde vocês me contaram eu apenas lutei contra monstros e estou destinada a salvar Ofir. Eu por acaso me casei com algum príncipe?

– Não. – Nicardo respondeu hípido – Vamos mudar de assunto?

– Você conseguiu informações sobre os outros?
– Thalassa perguntou.

– Não. – Cosmos respondeu sentando em uma das cadeiras – Apenas com Tales, mas ainda assim foi só uma vez e ele não sabia de nada sobre os outros. Disse apenas que iria investigar.

– Que situação! – Thalassa parecia aflita.

– Hoje de manhã apareceram dois guardas aqui! – Cosmo falava também aflito.

– E o que aconteceu? – Thalassa perguntou preocupada.

– Eles revistaram a casa inteira e quase descobriram tudo.

– Mas eles não desconfiaram de nada? – Thalassa colocava a mão no coração.

– Aparentemente não. – Cosmo respondeu – Apareceram, revistaram tudo e constataram que não tinham motivos para me prender. Temi que eles pudessem me levar apenas pela suspeita. Não seria a primeira vez que eles fazem isso.

– Calma Cosmo, nós já estamos prontos para partir! – Thalassa o acalmava.

– Isso é ótimo. – Cosmo fitava o chão – Já estava ficando com medo de não voltar a te ver.

– Não precisa temer. Eu estou aqui. – Thalassa abraçava Como – Também odiaria não te ver mais!

– Mas vocês estão falando de fuga? – Nicardo perguntou.

– Sim. – Thalassa respondeu – Não dá mais para ficar em Neide. Estamos correndo muito perigo por aqui. Isso que aconteceu com o Cosmo é a maior prova de que Neide não é mais um lugar seguro. Em pensar que parte da culpa e... – Thalassa se calou.

– Mas você é diferente! – Cosmo consolava Thalassa – Agora, mas do que nunca, você precisa ter forças para vencer essa batalha e tomar o que é seu por direito.

Não estava entendendo muito bem o que estava acontecendo, mas sabia que deveria ser algo grave e esperava conseguir me lembrar – se é que um dia eu soube de quem a Thalassa estava falando.

– Está certo. – Thalassa ergueu a cabeça – Não estamos com tempo para isso. Agora é o momento de agir e lutar.

– É assim que eu gosto de ver! – Cosmo sorriu.

– Vocês se conhecem há muito tempo? – perguntei.

– Pouco depois que você voltou para a Terra, logo quando começou a guerra, encontrei esse rapaz fugindo de um bando de criaturas errantes que passaram para o lado de Bianor. – Thalassa sorria – Eu o salvei e desde então ele me segue para todos os lugares. Tornamo-nos grandes amigos e ele tem sido útil. Cosmo é um excelente inventor. Mas está a oito meses trabalhando em um único projeto.

– Será o projeto que nos levará daqui! – Cosmo sorria misteriosamente.

– Que projeto é esse? – Nicardo perguntou.

Antes que ele pudesse responder, bateram na porta. Eu, Thalassa e Nicardo ficamos sem saber o que fazer. E se fossem os guardas?

– Rápido, entre nessa porta e sigam para a porta a direita. Batam três vezes na parede e entrem! – Cosmo abria a porta da esquerda.

Entramos na cozinha da casa. Não era muito grande, apenas uma pia e um fogão, mas era maior do que poderia aparentar se olhássemos do lado de fora. Essa casa era encantada?

Não foi muito difícil achar a porta da direita. Tecnicamente era a única porta, já que a da esquerda era tão pequena que só passaria parte da minha perna – ao menos que ela aumentasse de tamanho depois que abrísssemos.

Agora estávamos no dispensa. Havia três grandes prateleiras cheias de latas, sacos e frutas. A nossa frente, uma parede lisa. Batemos três vezes como ele mandou e nos afastamos automaticamente. A parede começou a descer e revelar uma passagem. A parede voltou ao normal e ficamos no escuro outra vez.

Ouvimos alguns barulhos de conversa, mas não parecia estar acontecendo nada de grave com o Cosmo. Minutos depois um silêncio tomou conta do lugar. Estava ficando enjoada de ficar no escuro, no silêncio e na expectativa de salvar a minha vida.

Ouvimos três batidas quebrando o silêncio. Estávamos enxergando novamente.

– Vocês não acenderam as luzes? – Cosmo sorriu empurrando um tipo de tijolo que parecia estar solto.

A porta se fechou novamente, mas desta vez não ficamos na escuridão. A luz revelava um longo corredor. A cada 30 centímetros uma nova luz se acendia.

– Foi complicado trazer-lo até aqui. – Cosmo parou – Ainda me pergunto como consegui, mas isso não vem ao caso.

Cosmo abriu uma porta no chão e nos deparamos com um objeto grande e acinzentado boiando no meio de uma imensidão azul.

– Isso é um submarino? – perguntei.

– Correto! – Cosmo sorriu – Mas não é como os outros, esse submarino foi projetado para ser mais rápido, mais forte e, com um pouco de magia, ser invisível.

– Invisível? – Thalassa parecia surpresa.

– Depois que você foi sumiu, fiquei estudando as magias que você me ensinou e consegui adicionar isso ao projeto. – Cosmo falava com orgulho. – Agora sim, seremos imperceptíveis.

– Isso é maravilhoso! – Thalassa também parecia orgulhosa.

– Ele é silencioso, rápido, forte e pode ficar invisível. Realmente é o meu maior projeto! – Cosmo

descia uma escada improvisada e abria a entrada do submarino.

– Nós iremos atrás de Tales? – Nicardo perguntou – Mas onde ele está?

Thalassa e Cosmo se entreolharam preocupados. Thalassa suspirou fundo e quase pensei que ela deixaria Nicardo sem resposta, mas respondeu.

– Tales está em Leander. – seu olhar era triste – Mas acho que você não irá gostar do que vai encontrar.

CAPÍTULO 4 / UMA QUASE DESASTROSA VIAGEM DE SUBMARINO



submarino não era como eu imaginava que um submarino fosse. Era quase como uma casa improvisada. Tinha colchões, tinha pia, tinha uma mesa e um armário. Tinha também todo o equipamento de submarino, como a mesa de controle.

Realmente esse Cosmo deveria usar algum tipo de mágica ilusória, por que o submarino olhando de fora também parecia bem menor do que olhando de dentro.

– O submarino já estava pronto faz umas duas semanas – Cosmo começou a falar – Só estava esperando você chegar ou as coisas ficarem feias *mesmo*.

Olhei para os dois lados espantada. Olhei novamente para ter certeza. Olhei para Cosmo confusa e coloquei a mão no peito.

– Eu? – perguntei incrédula – Você estava me esperando?

– Mas é claro! – Cosmo respondeu.

– Como? – perguntei novamente incrédula.

– Eu realmente fiquei apaixonado por sua história e pelo seu destino. Virei seu fã. – Cosmo começou a explicar – Sempre ficava igual uma criança quando Thalassa contava as histórias de suas aventuras.

– Mas você sabia quando eu iria voltar? – estava ficando assustada. Mais assustada.

– Não exatamente. – ele ficou serio – Eu sabia que você estava para voltar, mas achei que seria apenas daqui a uma ou duas semanas.

– E o que eu acho estranho! – Nicardo entrou na conversa. – Algumas vezes eu conseguia falar com a Rainha Alina, em meus sonhos.

– Você conseguia falar com a Rainha de Ofir? – Cosmo se espantou – Ela continua desaparecida!

– Eu sei, ela me contava! – Nicardo fitava o horizonte intrigado – Ela sempre me dizia que à hora estava chegando e que em breve ela apareceria para nós buscar. Mas então, dias antes de chegarmos aqui, a voz dela apareceu em minha cabeça e me guiou para um local isolado, uma floresta na montanha. Ela apareceu para mim e conversou comigo.

– Claro, a natureza! – Cosmo empolgo-se.

– O que tem a natureza? – Perguntei.

– Alina está novamente no auge dos seus poderes. – Cosmo começou a explicar – Mas, por algum motivo, ela continua presa. Talvez ela tenha um plano melhor.

– Mas é a natureza? – perguntei novamente.

– Existem varias dimensões, vários planetas e todas distantes umas das outras. – Cosmo começou a parecer o meu professor de ciências – Mas você sabe qual o único sistema que está interligado entre todas as dimensões?

– A natureza? – chutei.

– Exato! – sim, ele estava idêntico ao meu professor de ciências – A natureza é uma das coisas mais poderosas que existem e, obviamente, existe muita magia na natureza. Toda esta magia está interligada. A magia da natureza é a única coisa que uni todas as dimensões.

– E o que isso tem haver com o fato de Nicardo ter visto a Rainha Alina na floresta? – perguntei.

– Falando nisso... Vocês cortaram meu assunto! – Nicardo lembrou.

– Desculpe, continue falando. – Cosmo ficou vermelho.

– Por instantes achei que estava tendo uma visão, mas era ela mesma. – Nicardo voltou a falar – Não pessoalmente, era um tipo de “mensagem holográfica”, mas era ela.

– E o que ela disse? – Thalassa perguntou.

– Ela disse que o pouco de controle que ela ainda tinha sobre Ofir desapareceu. – Nicardo se sentou – Ela contou que Bianor estava tentando de todas as formas trazer Beatriz de volta para Ofir. Ele não estava satisfeito em saber que Beatriz estava viva.

– Espere! – me assustei – Eu acho que ainda não digeri 100% essa história toda que vocês me contaram até agora. Quer dizer que esse Bia aí estava fazendo de tudo para me ver debaixo de sete palmas?

– É o que parece. – Nicardo respondeu.

– A Rainha Alina contou que estava usando toda a sua magia para vetar os pensamentos dela, assim Bianor não poderia descobrir qual eram os planos dela contra você e estava também fazendo o máximo possível para vetar os portais que Bianor estava abrindo.

– Como? – Cosmo se assustou – Portais?

– Como disse, Bianor estava querendo a todo custo trazer Beatriz de volta para Ofir. – Nicardo começou a explicar – Parece que ele começou a abrir dezenas de portais por varias dimensões em uma tentativa desesperada de trazer a Beatriz de volta.

– Nossa, ele quer mesmo a sua cabeça! – Cosmo passava uma mensagem extremamente reconfortante.

– Mas com a força de Bianor aumentando, a Rainha Alina acabou perdendo o controle da situação e pediu para que protegesse Beatriz até chegar o momento certo de ela voltar. – Nicardo me fitava – A Rainha disse que também estava preocupada com o que esses portais podem causar nas outras dimensões. Ela não sabia como Bianor estava abrindo-os e temia que mais pessoas de outras dimensões pudesse estar adentrando a Ofir por esses portais.

– Isso seria péssimo! – Thalassa estremeceu – Não sabemos o que existem em outras dimensões. Se Bianor resolver usar isso a seu favor, conseguir novos aliados. Não dá para saber o que será de Ofir se seres de outras dimensões se juntar a ele.

– E se ele encontrar seres poderosos, talvez o exército que o Rei Céleo está fazendo possa não servir de nada! – Cosmo parecia não gostar da idéia.

– Por que não contou isso antes? – Thalassa também não havia gostado da notícia.

– Foram tantas coisas acontecendo ao mesmo tempo. Acabei me perdendo. – Nicardo respondia constrangido. – Mas o importante é que se ainda não estava na hora de Beatriz voltar, por que ela nos trouxe agora? Isso que eu não entendo.

– Algo de muito grave deve ter acontecido. – Thalassa pensava alto. – Se a Rainha Alina realmente perdeu o controle da situação, não dá para dizer o que nos espera pela frente.

– Agora só nos resta esperar e descobrir o que nos aguarda. – Cosmo encerrou o assunto com um tom tenebroso na voz.

Só iríamos chegar a Leander de manhã, por isso resolvi dormir um pouco. Toda essa situação estava me desgastando demais. Era como se tivesse passado o dia inteiro fazendo os treinamentos de artes marciais que o Nicardo tanto insistia que fizéssemos todo domingo de manhã. Tentar encaixar todas as informações que eram jogadas bruscamente para cima de mim também exigia um pouco de esforço físico e mental. Meu coração sempre parecia explodir a cada nova informação e minha cabeça parecia estar sendo usada

como bola de tênis, sendo jogada de um lado para o outro a cada nova informação.

Eu estava em um salão com paredes roxas. Olhava no espelho e via o reflexo de uma mulher com cabelos loiros e um vestido rosa. Eu já havia visto aquela mulher outras vezes, em outros sonhos, mas desta vez ela parecia estar realmente ali, atrás do espelho.

– Vejo que chegou bem a Ofir. – ela sorria – Isso é muito bom!

– Quem é você? – perguntei.

– Não está se lembrando de mim? – ela voltou a sorrir – Acho que meu filho tentou te proteger de você mesma!

– Seu filho? – perguntei.

– Você parece mais forte desde a última vez que a vi! – ela parecia admirada. – O Nicardo cuidou bem de você. Fez exatamente o que deveria ser feito. Foi uma sábia decisão. De ambos.

– Decisão? – estranhei – Do que está falando? Quem é você?

– Beatriz, não tema! – seu sorriso era doce – Eu estou do seu lado, mesmo que você não se lembre ainda.

– Mas será que poderia me dizer ao menos seu nome? – perguntei.

– Meu primeiro nome é Alina. – seus olhos brilhavam feito pedras preciosas – Já fui conhecida

como Rainha de Ofir, a capital. Hoje estou sendo dada como morta pela maior parte deste mundo.

– Então você é a Rainha Alina? – estava espantada e constrangida – Me perdoe, eu... Eu não sabia!

– Você não tem do que ser perdoada. Não fez nada. – sua mão tentou tocar meu rosto, mas foi impedida pelo vidro do espelho.

– Eu não sei o que dizer. – acabei fazendo uma reverência. – Eu soube que esse homem que te aprisionou estava atrás de mim.

– Ele não te perdoa por ter escapado viva. – ela parecia triste – Ele ainda não sabe que você está aqui. Tente esconder-se o máximo que puder, pelo menos até que recobre sua memória.

– Mas como eu faço para recobrar minhas memórias? – perguntei e, instintivamente, tentei alcançar-la, mas bati de cara no espelho.

– Não será batendo a cabeça! – ela deu uma risada angelical. – Encontre meu filho. Encontre Alexis. Ele saberá como trazer suas memórias de volta.

– Mas como eu encontrarei Alexis? – perguntei.

– Eu não posso mais falar, ele está chegando! – A Rainha Alina se assustou.

– Ele quem? – perguntei.

– Bianor! – ela estava nervosa – Ele pode nos ouvir.

– Como? – começava a ficar assustada.

– Procure por Alexis. – a imagem da rainha começou a desaparecer.

– Mas onde eu o encontro? – perguntei desesperada.

– Não! – ela deu um grito surdo – Ele nos ouviu!

Acordei gritando. Senti Nicardo me segurar, mas não conseguia ver-lo. Não, eu o via. Consequia ver-lo, mas não conseguia alcançar-lo. Eu estava confusa. Aquele nome. Alexis. Por que ele mexeu tanto comigo?

Eu começava a ficar desesperada e tentava a todo custo me mexer, mas parecia que algo estava me prendendo. Não estava conseguindo respirar. Por que aquele nome? Por quê? O que Alexis significa para mim? Por que eu estava tendo aquela reação.

Sentia como se precisasse urgentemente ver-lo. Como se minha vida dependesse de encontrar-lo. E não era só por conta de minha memória perdida, mas o simples fato de ver-lo parecia estar mexendo comigo de uma forma assustadora.

Não conseguia me acalmar. Temia estar ainda gritando. Já não sabia o que estava fazendo, havia perdido completamente o controle. Era como se meu coração soubesse exatamente quem era esse Alexis, mas minha cabeça tivesse entrado em curto tamanho o desespero que se encontra na tentativa de se lembrar quem era Alexis.

Ouvi vozes desesperadas. Deveriam ser Thalassa, Cosmo e Nicardo. Abri os olhos.

– Mas o que está acontecendo? – Thalassa gritava. Fechei os olhos.

– Faça alguma coisa! – Cosmo também gritava. Abri os olhos.

– Eu estou tentando! – Thalassa estava nervosa – Nicardo faça alguma coisa! – fechei novamente os olhos.

– Beatriz – era a voz de Nicardo – se acalme!

– As rachaduras estão começando a se fechar, mas a água continua entrando! – era a voz de Thalassa. Eu continuava piscando.

– Essa água não pode ficar aqui dentro! – Cosmo estava preocupado – Vai acabar estragando os equipamentos!

– Beatriz – era Nicardo outra vez – se acalme!

– Está aparecendo mais buracos! – Thalassa estava desesperada – Eu não irei dar conta!

– Nicardo faça-a parar! – era a voz de Cosmo gritando.

– Eu estou tentando, mas não sei o que fazer! – Nicardo estava desesperado.

– O que será que aconteceu para ela ficar desse jeito? – Cosmo estava se aproximando. Eu já havia parado de piscar, mas minha visão continuava escura.

– Eu não sei! – Nicardo estava desesperado – Eu não consigo mais ler a mente dela!

– Consegui parar os outros buracos! – Thalassa parecia cansada – Mas se novos buracos aparecerem eu não conseguirei dar conta!

– E essa água? – Cosmo estava nervoso – Vai ficar aqui?

– Uma coisa de cada vez! – Thalassa se irritou – Quer que eu mantenha os buracos fechados ou prefere que mais água entre no submarino?

– Tudo bem – Cosmo parecia chateado – já entendi!

Eu deveria estar causando muitos problemas. Minha cabeça estava muito confusa e não sabia direito o que pensar, mas eles pareciam desesperados por minha causa. Era de se esperar que mais cedo ou mais tarde a minha má sorte viesse dar um “bom dia”.

Tentei relaxar. Respirei fundo e tentei manter minha cabeça longe de tudo e me concentrar apenas em parar o que quer que eu estivesse fazendo. Não queria ser a culpada por um desastre.

– Veja! – Cosmo pareceu mais animado – Os buracos estão se fechando!

– Acho que você já pode desfazer as barreiras! – era a voz de Nicardo.

– Já não estava aguentando a pressão! – Thalassa parecia realmente cansada.

– Não faça mais isso! – uma voz diferente – Tente se controlar. Eu quero te reencontrar viva! – sentia que conhecia essa voz, mas não sabia de onde. Foi então que...

– Alexis! – gritei.

POF! Um novo e pequeno buraco abriu no submarino que gradualmente voltou a se fechar conforme eu ia perdendo os sentidos.

A última coisa que me lembro antes de perder os sentidos e de ouvir Cosmo dizer “estamos chegando!”. Não sei se fiquei muito tempo desacordada, mas sei que foi tempo o suficiente para chegarmos a Leander.

Quando acordei, estava no colo de Nicardo. Ele mexia em meus cabelos e passava a mão em meu rosto. Provavelmente não saiu de perto de mim um único momento. Eram esses pequenos detalhes que eu amava nele.

– Está melhor? – ele perguntou.

– Estou! – respondi – O que aconteceu?

– Não sabemos direito. – ele sorriu – Você estava dormindo e de repente começou a ficar nervosa. Você estava tendo um pesadelo?

– Eu não sei, não consigo me lembrar!

Tentei me levantar, mas estava um pouco tonta. Nicardo me segurou e me colocou deitada no colo dele outra vez. Fechei rapidamente os olhos, respirei fundo e tentei me levantar novamente. Desta vez consegui me manter de pé.

– Ainda falta muito para chegarmos a Leander?
– perguntei.

– Não! – Cosmo sorria – Acabamos de chegar.

– Mas não será arriscado sairmos assim do submarino? – ainda estava um pouco tonta.

– O submarino está invisível. – Cosmo respondeu – E estamos parando m uma área isolada. Longe da visão da maioria das pessoas. Talvez pelos céus pudessem nos ver, mas acho difícil. Leander virou uma cidade fantasma.

– Cidade fantasma? – Nicardo se assustou.

– Lembra que eu te disse que não iria gostar de como iria encontrar Leander? – Thalassa ficou fitando Nicardo. – Leander foi o primeiro reino a ser completamente destruído. Não existe quase nada por lá. Os leandineses se dissiparam pelos outros reinos em busca de abrigo, enquanto outros se juntaram a Bianor. Os poucos que continuam vivendo nas ruínas de Leander têm uma vida miserável.

Nicardo engoliu a seco a informação. Ele fechou os olhos e respirou fundo. Parecia estar prendendo o choro. Era ruim ver a pessoa que a gente ama nesse estado.

Cosmo abriu a porta do submarino. Estávamos em frente a um grande deserto de areia e destroços do que um dia deveria ter sido uma casa bem grande.

O sol estava bem forte e não demorou nem um pouco para estarmos todos cansados, com sede e suando muito. Às vezes parávamos em baixo de alguma ruína para se proteger do sol e descansar, mas a sede

continuava firme e forte. Ninguém havia lembrado de trazer água.

– Thalassa? – Cosmo quase gritou – Você é a princesa das águas. Faça alguma coisa!

– Eu não tenho energia o suficiente. – ela estava mais cansada que todos nós – Se eu perder mais água em meu corpo vou acabar morrendo.

– Vamos todos acabar morrendo se continuarmos a andar sem direção! – Cosmo estava irritado.

– Não tem como achar o Tales nisto aqui! – Thalassa reclamava.

Estávamos sentados debaixo de uma grande telha que estava apoiada em uma grande árvore. Conseguíamos ver boa parte do local de onde estávamos. Mas não era uma visão muito agradável. Era algo nada admirável.

Um pouco a direita havia um grande prédio que a cada segundo perdia uma pequena parte dele. Ao lado uma casa destruída pela metade. O telhado havia sido levado todo embora, mas a parte direita da casa parecia intacta. A esquerda havia outra grande casa, com o telhado aberto e as portas e janelas estilhaçadas. O pouco vento que batia fazia pequenos cacos de vidro caírem.

Talvez em outras épocas isto aqui pudesse ser bem bonito de se olhar, mas hoje não era um bom ponto turístico. A única construção que se mantinha de

pé era o que parecia ser o castelo. Não estava intacto, mas era o que menos havia sofrido com o que quer que tenha deixado este lugar assim.

Continuamos andando atrás do Tales. Não ter a mínima noção de onde ele pudesse estar não estava ajudando muito, mas estávamos tentando da melhor forma que estávamos conseguindo.

Entramos em uma zona com varias casas abandonadas. As casas não estavam destruídas, apenas velhas demais. Por varias vezes sentia vultos passando por trás de mim e quase podia sentir olhares estranhos em nossa direção. Aquele local estava me dando medo.

Quanto mais andávamos, mais as casa se juntavam até que formou um pequeno corredor onde só era possível passar um por um.

As casas tinha placas quase caindo e portas e janelas remendadas com madeira. Algumas tinham uma sacada, mas não parecia muito confiável. Havia buracos em algumas paredes, mas aparentemente os mesmos foram tapados pelo lado de dentro.

O silêncio era absoluto. Apenas os nossos passos podiam ser ouvidos. O clima naquele lugar estava extremamente assustador e perigoso. Se precisássemos lutar ou fugir, não teríamos espaço para isso.

Arrisquei olhar entre as gretas de algumas casas. Não havia absolutamente nada. Em algumas via vultos passarem rapidamente, mas não conseguia

identificar o que eram. Mas por dentro as casas pareciam habitadas. Seria possível?

O caminho começou a se alargar novamente. As casas começaram a ficar para trás e novamente estávamos indo em direção a um campo de ruínas. Temia estarmos andando em círculos.

Ouvi um barulho estranho. Algo tipo *Psiu* vindo de algum lugar. Andamos um pouco mais e novamente ouvi o *Psiu* vindo de trás de mim. Desta vez os outros pareceram ouvir também.

– O que foi isso? – Thalassa parou. – Vocês ouviram?

– Não tenho certeza, mas acho que ouvi um “psiu”. – disse.

Ignoramos e continuamos andando, mas logo paramos outra vez. Uma pedra havia sido atirada na gente.

– Tudo bem, o que está acontecendo aqui? – Thalassa procurava quem havia atirado a pedra. – Acho melhor seguirmos.

Voltamos a andar, mas o atirador atacou novamente e o alvo fui eu. Com a ajuda da minha grande sorte, acabei tropeçando na pedra e caindo de cara no chão de areia quente.

– Quem fez isso, seja homem ou mulher e apareça! – Cosmo gritou.

– Ei? – uma voz vinha distante – Aqui!

– Onde? – Nicardo perguntou.

– Aqui!

Seguimos a voz e nos deparamos com um rapaz, debaixo dos destroços do que deveria ter sido uma lanchonete – o que explicaria a placa com um tipo esquisito de sanduíche.

O jovem tinha longos cabelos ruivos, amarados com uma fita lilás e com uma cara de quem não gosta nenhum pouco da palavra “trabalho”.

Thalassa, Cosmo e Nicardo olharam surpresos. Eles pareciam saber exatamente quem era aquele rapaz. Uma expressão de alívio tomou conta de todos, até que finalmente entendi quem era o rapaz.

– Tales! – Nicardo gritou.

– Quanto tempo não?

CAPÍTULO 5 / UMA MOÇA DE OUTRO PLANETA E UMA LEMBRANÇA ENCRENQUEIRA



reencontrar Tales – para os outros – foi uma grande alegria. Estavam todos eufóricos e cheios de coisas para contar. Para mim ele era um estranho, mas sabia que ele deveria conhecer de mim mais do que eu julgo que ele saiba.

– Você não mudou nada! – Tales sorriu – Parece a mesma Beatriz de 1 ano atrás.

– Obrigada. Eu acho – respondi.

– Eu ainda não tinha visto o que havia acontecido aqui. – Cosmo olhava em volta.

– Triste. – Tales fitava o chão – Eu estava aqui no dia da primeira invasão. Quer dizer, a primeira que deixou Leander neste estado.

– Como assim? – perguntei.

– Houveram varias invasões, mas nenhuma que destruísse o reino inteiro. – Tales respondeu.

– Sim, quanto a isso eu entendi. – olhava intrigada para Tales – Mas como assim a primeira vez que deixou Leander neste estado? Houve outras invasões depois que destruíram tudo?

– Muitas outras! – Tales respondia com tristeza – A primeira vez, um exercito de homens e Leons atacaram o reino e fizeram isso como um alerta para os outros reinos que se opusessem aos planos de Bianor. Mas os sobreviventes, que na época havia sido um número considerável, não deixaram se abater tão fácil

e começaram a reconstruir o reino, mas antes que eles pudessem terminar qualquer coisa, Bianor mandava destruir. Foi assim durante quase o ano inteiro.

– Mas as pessoas ainda estão reconstruindo o reino? – perguntei assustada.

– Agora eles desistiram. – Tales continuava triste – Foi um ano muito longo e muito doloroso. As pessoas cansaram de tentar reconstruir um reino que pouco tempo depois seria reconstruído. Se não tivessem insistido tanto, o reino estaria em... Um estado melhor, digamos assim.

– E onde estão os sobreviventes? – Nicardo parecia mais triste do que antes.

– Os poucos que sobreviveram ficam escondidos. – Tales olhava para o corredor de casas que passamos – Fizemos um local especial para abrigar todos eles.

– Mas como estão fazendo para se alimentar? – perguntei preocupada.

– Recebemos, clandestinamente, varias doações. – Tales respondeu – Bianor sabe que isso acontece, mas faz vista grossa. Se nós não o incomodarmos, claro.

– Então os leandineses estão preferindo viver uma vida miserável a lutar pelo que é deles de direito? – Nicardo agora parecia indignado.

– Como disse, chegou uma hora que todos cansaram. – Tales voltou a fitar o chão – Houve muitas batalhas. Todas com muitas mortes. Estávamos todos

muito cansados de ver aqueles que amamos indo embora. Estávamos cansados de começar a trabalhar duro em algo e depois ver isso ser completamente destruído. Estávamos todos cansados. Muito, muito cansados.

– Desde que vocês se foram isso aqui vem se tornando uma tortura! – Thalassa olhava para Nicardo com pena. – Eu entendo a decisão dos leandineses. Realmente, estamos todos cansados.

– Mas agora eles voltaram! – Cosmo gritou em uma súbita tentativa de animar a todos – Beatriz, a lenda, ela está aqui. Tudo vai voltar a ser como antes.

Todos olharam para mim e – aparentemente – se sentiram mais esperançosos. Eu não contaria muito com isso, não sei se daria conta de toda essa responsabilidade. Tentei não transparecer o que estava pensando. Acho que havia conseguido.

– Você está vivendo aqui? – perguntei tentando quebrar o silêncio.

– Na verdade, estou me escondendo. – ele acenou com a cabeça para que o seguisse.

– Escondendo? – Nicardo estranhou.

– Muitas pessoas fazem isso. – Tales seguia em frente – Eles fogem dos outros reinos e vem se refugiar aqui. Não sei se Bianor também faz vista grossa quanto a isso, mas acredito que não. Muitas pessoas juradas de morte estão aqui, como eu.

– Você está jurado de morte? – fiquei assustada.

– Sim, todos nós! – ele deixou uma mensagem reconfortante.

– Eu também? – Cosmo perguntou.

– Já descobriram que você está acobertando a Thalassa? – Tales olhou para trás.

– Acho que não. – Cosmo respondeu confuso.

– Então está tudo certo. – Tales sorriu – Por enquanto você está a salvo.

– Isso não é algo do qual eu me orgulho, mas agora somos criminosos procurados. – Thalassa estava bem atrás de Tales – Acho que se Bianor soubesse que estamos aqui já teria aparecido. Ou mandado Leons nos buscar.

– Concordo. – Tales continuava seguindo em frente.

A paisagem continuava a mesma. Total destruição, deserto e sol quente para tudo o que é lado. O tempo que passamos descansando não foi o suficiente para disfarçar o quanto estávamos com sede. Não demorou muito para estarmos com as bocas secas novamente.

Thalassa era a que mais sofria. Ela parecia exausta e já nem mais tentava disfarçar. Cosmo também não parecia muito legal. Estava amarelo de suor. Eu deveria estar bem parecida com ele. Talvez pior. Os únicos que estavam bem eram Nicardo e Tales.

– Vamos demorar a chegar onde quer que você queira que cheguemos? – Cosmo perguntava quase tombando.

– Não, não! – Tales respondeu – Aliás, já chegamos.

Estávamos em frente a um grande galpão. Não estava tão ruim quanto o restante das construções que vimos, mas ainda era parte da paisagem de destruição.

O galpão era rodeado por cercas de arames farpados, o que – vendo a luta que Nicardo e Thalassa tiveram em Neide – deveria ser apenas um enfeite e não um tipo de proteção. O galpão era de um marrom desbotado e era tapado por telhas de aço, o que dava um contraste um tanto estranho para o local. O sol refletia no telhado metálico e parecia ser enviado de volta para a atmosfera. Tales abriu uma longa porta de madeira. Entramos no galpão.

Dentro do galpão havia varias pessoas e criaturas estranhas. Havia pessoas com orelhas e rabos vermelhos, fazendo lembrar um gato. Outras tinham a mesma aparência aquática de Thalassa. Uma grande parte das pessoas ali presente tinha a aparência rochosa de Nicardo, o que presumi que deviam ser os leandineses sobreviventes.

– Aqui é onde os sobreviventes se abrigam. – Tales mostrava como se fosse um grande reino maravilhoso. – Construimos isso faz dois meses.

– Mas e aquele corredor de casas? – perguntei, mas fui ignorada.

– Temos água bem aqui! – Tales abriu uma grande caixa branca, com vários jarros d’água dentro. – Não posso dizer para pegarem o quanto quiserem, mas podem beber o suficiente. Água é muito difícil de se encontrar.

O grande galpão servia como uma hospedaria improvisada. Havia algumas paredes visivelmente feitas apenas para dividir o espaço de cada família ou grupo que estava ali. Havia cortinas tapando as entradas e pessoas andando por toda a parte.

Apesar de muitas pessoas, o local não parecia apertado. Ele era grande o suficiente para todos que estavam ali. Mas de qualquer forma era triste imaginar que todas aquelas pessoas perderam as suas casas e que, se tentassem reconstruir-las, servos de Bianor acabariam destruindo tudo outra vez.

– Tales, que bom que você voltou! – uma moça de cabelos loiros corria e abraçava Tales. – A Gaia estava muito preocupada.

– Gaia? – Nicardo perguntou.

– É uma moça, vinda de outro planeta, que salvei. – Tales respondeu seguindo para um dos quartos à direita.

– Outro planeta? – Nicardo perguntou.

– Desde que vocês saíram, Bianor vem abrindo vários portais. – Tales começou a explicar.

– Sim, isso já sabemos! – Nicardo o interrompeu.

– Pois bem, ela acabou caindo em um desses portais e acabou sendo atacada por Leons. – Tales parecia estar lembrando-se da cena – Ela estava muito assustada, provavelmente não conseguiu se defender por estar confusa demais. Vendo a situação, imaginei na mesma hora que ela deveria ser outra que caiu em um dos portais e fui ajudar-la.

Tales deu três batidas na parede e a cortina se abriu. Quem estava atrás dela era uma moça alta, com os cabelos em tranças rastafári negros. Havia três bolinhas pretas envolta de cada olho cinza. Seus lábios eram grandes, mas delicados e ela usava vários acessórios que pareciam de origem indígena. Sua pele era branca, mas estava pintada com listras pretas pelos braços e pernas. As suas bochechas também tinham pequenas listras pretas, que começavam no queixo e terminavam perto da boca. Ela usava um vestido azul que parecia com vestido da época dos homens das cavernas e era amarrado na cintura por uma corda marrom claro. Andava descalço e tinha um arco e flecha amarrado nas costas.

– Pessoas, essa é a Gaia! – Tales sorriu – Gaia estes são Nicardo, Beatriz, Thalassa e Cosmo, meus amigos!

– Muito prazer! – estendi a mão, mas fiquei no vácuo.

Gaia olhou para cada um de nós de cima a baixo. Ela se aproximou de nós quase rastejando e se esquivando, mexeu em nossas roupas e nos cheiro e depois voltou para onde ela estava. Que garota esquisita.

– Não se preocupem, Gaia é assim mesmo. – Tales sorriu constrangido – Ela desconfia de todo mundo. Não espere muita conversa dela, ela só vai falar com você depois que achar que pode confiar em vocês.

– Mas ela fala Ofirniano também? – Nicardo perguntou.

– Não, eu ensinei a ela. – Tales respondeu – Ela ainda não sabe falar tudo, mas aprendeu muita coisa.

Sáímos de perto do quarto e pude notar Gaia nos observando por detrás da cortina. Ela era realmente uma pessoa muito estranha. Ou não. Pus-me no lugar dela. Chegar a um mundo onde você não conhece absolutamente nada e nem ninguém e o primeiro contato que tem e de monstros tentando te matar. Até que era compreensível o medo dela de se aproximar de quem ainda não confia.

– Então você veio para Leander para ajudar-los? – perguntei.

– Na verdade, como disse, eu já estava aqui no dia da primeira invasão. – Tales respondeu indo para outro quarto. – Entrem! – ele sorriu – É aqui que eu fico!

– Mas Tales, o que te fez vir para Leander? – estava curiosa – Não era mais seguro onde você estava?

– Na verdade era. Na época era. – Tales abriu uma gaveta e pegou uns papéis – Lembra dessa letra?

Peguei os papéis, cheios de símbolos estranhos que pareciam os que eu escrevia de vez em quando e o devolvi.

– Não! – respondi – Acho que não me lembro.

– Era a letra do Alexis. – esse nome outra vez – Essas eram as anotações que o Alexis fez antes de... Bem, antes de desaparecer.

– O Alexis está desaparecido? – Thalassa perguntou.

– A última vez que soube do Alexis foi no dia em que perdemos contato. – Tales colocou os papéis encima da mesa – Quando você voltou para Neide, Alexis havia desaparecido. A única coisa que sobrou dele foi essas anotações, guardadas em uma gaveta no quarto onde ele se escondia com o Neandro e a Linfa.

– Me deixe ver o que está escrito? – Thalassa pegou as anotações e se sentou em uma cadeira que estava ao lado da mesa.

Thalassa começou a analisar as anotações e parecia não muito surpresa com o que estava escrito ali.

– Realmente já era de se esperar! – Thalassa colocou as anotações de volta na mesa – Ele estava à procura da mãe.

– A Rainha? – perguntei um pouco alto demais.

– Sim, a rainha Alina! – Tales voltou a pegar as anotações. – Ele tinha varias pistas sobre o paradeiro da Rainha e, com certeza, está rondando Ofir atrás dela. Eu vim para Leander em busca dele. Neandro estava passando por muitas dificuldades na Capital e precisava da ajuda do irmão para organizar as tropas e ter se juntar aos homens fortes do reino.

– Mas é agora? – Nicardo perguntou – Como estão as pessoas na Capital?

– Acredito que o reino ainda não foi invadido. Essas notícias sempre chegam rápido. – Tales guardava os papéis – Mas acredito que estejam passando por muitas dificuldades. Provavelmente maiores do que da última vez em que estive por lá.

– Então eles devem estar precisando de nós! – Nicardo disse preocupado.

– Estava esperando o retorno de vocês dois para poder fazer isso. – Tales sorriu – Mas alguém precisa procurar pelo Alexis. Isso é... Se ele não já tiver morrido.

– Não! – gritei instintivamente – Ele não morreu!

– Beatriz? – Nicardo me olhou estranho.

– Eu não lembro exatamente quem é Alexis, mas eu sei que ele está vivo! – tentei me acalmar da súbita crise de pânico – E eu preciso encontrar-lo.

– O que? – agora Nicardo parecia nervoso. – Desculpe, eu não entendi.

– Eu sinto que ele é a chave para que eu recobre a minha memória. – respondi. – Eu preciso encontrar-lo!

– Não! – Nicardo gritou – Eu não vou deixar você ir atrás dele!

– Nicardo... – segurei em seus ombros – Acho que já está na hora de você deixar eu me lembrar dele. Quando estávamos na Terra você sempre dava um jeito de me fazer não pensar nesta pessoa que esqueci, mas agora é inútil. Eu não posso ajudar-los se não lembrar. E eu não posso me lembrar se não achar-lo. O Alexis terá que voltar a fazer parte da minha vida, para o bem de todos.

– Não Beatriz! – Nicardo continuava nervoso – Isso eu não aceito!

– Mas Nicardo... – Thalassa tentou falar alguma coisa.

– Não! – ele fechou as mãos em punho – Eu não deixarei a Beatriz lembrar dele. Você pode sim ajudar Ofir sem ter que se lembrar do Alexis.

– Nicardo, pare com isso! – gritei. – Não seja tão egoísta!

– Eu não sou eu quem está sendo egoísta! – ele rebateu. – Deixe de ser infantil seu príncipe metido e arrogante!

– O que você disse? – Nicardo parecia assustado.

– Metido e arrogante! – repeti.

– Não, não. – ele baixou os ombros – Antes disso. Você me chamou de príncipe?

– Eu te chamei de príncipe? – me assustei.

– Nunca mais fale isso outra vez! – Nicardo estava serio – Você não vai se lembrar dele!

Nicardo saiu furioso de dentro do quarto de Tales. Um clima estranho e desconfortável ficou pairando no ar, junto com um silêncio igualmente estranho e desconfortável que foi quebrado por mim.

– Eu realmente disse algo que não devia?

– Acho que sim! – Tales colocou a mão no meu ombro – E digo mais, acho que de agora em diante você só irá falar coisas que não deve.

Corri atrás de Nicardo. Seja lá o que tenha magoado, eu queria reparar o quanto antes possível. Nicardo era a única pessoa com quem eu me sentia realmente à vontade naquele lugar e não queria perder-lo.

Ele estava do lado de fora do galpão, sentado em uma das varias ruínas que estavam a nossa volta. Cheguei devagar e o abracei pelas costas. Ele se esquivou e eu quase cai no chão. Teria sido uma queda feia.

– Nicardo, não faz assim! – fui atrás dele – Vamos conversar.

– Agora não! – ele estava serio.

– Seja lá o que eu tenha dito, vamos esquecer.
– tentei abraçar-lo novamente, mas novamente ele se esquivou e novamente eu quase caí.

– Agora não! – ele continuava serio.

– Vamos tentar nos entender, voltar como éramos antes.

– Esse é exatamente o problema! – ele se virou para mim – Nós nunca iremos voltar a ser como éramos antes. O que você disse é a mais pura verdade, agora que você está aqui é inútil tentar não te deixar lembrar dele.

– Mas por que eu não posso me lembrar do Alexis? – perguntei.

– Por que quando você se lembrar dele, eu irei te perder para sempre. – ele segurou em minhas mãos
– Eu não quero te perder. Eu não posso te perder.

– Calma! Você não vai me perder. – tentei animar-lo.

– Vou sim! – ele tentou esconder, mas estava chorando.

– Como sabe? – passei a mão na cabeça dele.

– Por que é ao Alexis que o seu coração pertence! – ele olhou diretamente para mim – É o Alexis que você ama de verdade!

– Não! – o afastei de mim instintivamente – Eu não o amo. Eu amo você!

– Não Beatriz. – ele continuava chorando – Você ama o Alexis.

– Então por que não sinto nada por ele. – sorri
– Por que o que eu conheço de amor é exatamente o que eu estou sentindo por você?

– Agora você diz isso. – ele apertou minha mão
– Mas é depois que você se lembrar? Para onde irá todo esse amor?

– Ele continuará aqui! – encostei a mão dele em meu coração – Meu amor por você não vai a lugar nenhum!

– Você promete? – ele se ajoelhou – Prometa que mesmo que você se lembre, você irá continuar comigo. Que esse amor que você sente por mim agora continuará sendo o mesmo depois que você lembrar dele.

– Claro que continuará! – o abracei – Eu prometo que ele continuará! Agora se levante e vamos voltar para dentro do galpão. O pessoal está preocupado.

Nicardo se levantou e voltamos de mãos dadas. Estava me sentindo horrível. Algo dentro de mim dizia que eu não conseguiria cumprir a promessa que havia feito para Nicardo e ele parecia pensar o mesmo. Mas por quê? Será que eu realmente amei esse Alexis? Se o meu amor por ele é maior do que o meu amor pelo Nicardo, por que eu esqueci? Isso não fazia sentido.

Continuei tentando parecer que estava confiante na promessa que fiz. Mesmo que Nicardo também soubesse que eu não conseguiria cumprir a

promessa, não queria ver-lo novamente como eu o vi. Era triste demais ver-lo daquele jeito.

Tales, Thalassa e Cosmo estavam a nossa espera, na porta do galpão. Esperava que eles não tivessem assistido a cena e que, se tivessem assistido, que pelo menos fingissem que não haviam visto nada.

– Como será? – Tales perguntou.

– Como será o que? – Nicardo rebateu.

– Vocês irão ficar aqui essa noite ou querem seguir para Capital ainda hoje? O coleguinha de vocês disse que tem um submarino muito potente, gostaria de viajar nele.

– Acho mais prudente nós ficarmos essa noite e descansarmos! – Thalassa fitou a todos conferindo se alguém iria se opor.

– Sair agora realmente não seria uma boa idéia.

– Nicardo ainda segurava minha mão – Estamos todos muito esgotados de tanto andar no sol sem destino.

– Então vamos entrar logo! – Tales olhou ao redor – Daqui a pouco irá escurecer e não é muito bom ficar andando por aí à noite.

– Por quê? – perguntei.

– Vamos entrar? – novamente fui ignorada.

Tales ficou alguns segundos fitando o grande corredor de casas e eu tive certeza absoluta, ali tinha alguma coisa. E pela aflição de Tales, não deveria ser uma coisa muito boa.

CAPÍTULO 6 / GRITOS, GEMIDOS E ESTRANHOS CONHECIDOS

A noite foi inexplicavelmente assustadora. Minto, dava sim para explicar o motivo de ela ser assustadora.

Um clima sombrio havia sido criado enquanto gritos de horror e gemidos de dor eram incansavelmente emitidos do lado de fora do galpão.

O galpão era todo fechado e não podíamos ver absolutamente nada do que acontecia lá fora. Os demais moradores pareciam já estar acostumados, mas eu, Nicardo, Thalassa e Cosmo estávamos um pouco “confusos”.

– O que é isso? – perguntei para Tales.

– Temos que falar disso? – ele rebateu.

– Seria bom! – respondi.

– Será mesmo? – ele continuava se esquivando.

– Tem haver com aquelas casas não tem? – fiz uma nova pergunta – Tem haver com aquele corredor de casas.

– Por que está querendo entrar neste assunto agora? – ele parecia nervoso.

– Talvez por que tem varias pessoas gritam e gemendo desesperadamente do lado de fora do galpão. – coloquei as mãos na cintura.

– Que gritos? – ele mentia muito mal.

– Não me faça de boba! – quase gritei – Já não é de agora que você está se esquivando das minhas

perguntas. Pelo menos das minhas perguntas sobre aquele maldito corredor de casas.

– Disse muito bem! – Tales ficou serio – Maldito!

– O que há naquele lugar? – perguntei, mas fui ignorada.

Aproximei-me de Nicardo, Cosmo e Thalassa. Eles estavam tão confusos e amedrontados quanto eu. Os gritos na cessavam e estavam começando a bater nas paredes do galpão. Golpes furiosos, como os gritos.

– Tem idéia do que está acontecendo? – Nicardo perguntou.

– Achei que um de vocês teriam a resposta. – respondi decepcionada.

– O Tales não te disse nada? – Thalassa quem perguntava agora.

– Não! – respondi – Ele só enrolava e enrolava, mas nunca dizia nada.

– E você pensou em fazer alguma coisa? – Nicardo perguntou.

– Você está pensando em alguma coisa? – rebati.

– Não exatamente. – Nicardo coçava a cabeça – Estava pensando em algo, mas não sei se daria certo ou se adiantaria de alguma coisa.

– O que você pensou? – Thalassa se interessou no plano.

– Não é nada de elaborado. – Nicardo fazia cara de quem não era para esperar nada espetacular – Pensei em ir lá fora e conferir o que está acontecendo.

– Você está maluco? – Cosmo falou um pouco alto – Olha como eles estão gritando. Nem parecem humanos.

– Mas por que estão gritando? – Nicardo parecia intrigado.

– Se fosse por algum motivo justo, Tales já teria ajudado! – Cosmo tentava tirar a idéia da cabeça de Nicardo.

– É verdade Nicardo! – Thalassa entrou na sua frente – Não sei se seria uma boa idéia.

– Mas então por que o Tales não conta nada? – Nicardo estava aflito.

– Quanto a isso eu concordo com o Nicardo! – entrei no meio dos dois – O Tales tinha que nos contar o que são *eles* ou o que está *havendo* com *eles* e por que *ele* não os ajuda.

– Tudo bem, isso realmente é verdade. – Thalassa ajeitava o cabelo – Mas se ele não quer contar e por que deve ser algo grave.

– E por ser algo grave ele deveria contar para nós! – Cosmo entrava para o nosso lado.

– E o que vocês vão fazer? – Thalassa colocava as mãos na cintura – Fugir escondidos?

– Tudo bem! – Nicardo levantava as mãos em rendição – Eu não irei fazer nada.

– É o melhor a se fazer! – Thalassa sorria aliviada.

– Mas o Tales vai ter que explicar o que está acontecendo! – Nicardo estava decidido.

– Concordo! – Cosmo cruzou os braços.

Talvez fosse melhor conversar com uma porta. Nunca vi algum tão intransigente quanto o Tales. Não sei se na época em que o conheci da primeira vez ele era assim, mas sem dúvida se não era o tempo o tornou um cara difícil de se lidar.

Não preciso dizer que a noite foi horrível. Tente dormir com gritos que você só ouve em noites de terror e saberá o que passei. Apenas quando o sol começou a nascer que os gritos cessaram. Mas não tive muito tempo para descansar tranquilamente. Pouco depois de amanhecer, Nicardo me acordou.

– Beatriz! – ele me sacudiu – Vamos sair logo daqui!

– O que? – ainda estava sonolenta – Por quê?

– Os guardas de Bianor estão vindo fazer a “vista grossa” deles. – agora Tales quem me apressava a acordar – Mas se nos encontrarem, provavelmente não irão fazer vista grossa.

– Mas eles já estão aqui? – me levantei rapidamente.

– Já! – Cosmo apareceu – Por sorte entraram pelo porto e não pela ala isolada que deixamos o submarino.

– E nós vamos para o submarino? – balancei a cabeça tentando despertar completamente.

– Isso é uma pergunta? – Tales terminava de colocar algumas coisas em uma mala.

– Mas eu nem dormi direito! – reclamei.

– No submarino você dorme, agora vamos! – Nicardo me apressava.

– Cada a Thalassa e o Cosmo? – Tales olhava em volta.

– Estamos aqui! – Thalassa apareceu ao lado de Cosmo, que estava do lado de Tales.

– Muito bem, não podemos perder tempo aqui! – Tales colocou a mala nas costas – Cosmo, ao submarino!

– Mas e as outras pessoas? – perguntei.

– Já deixei outro em meu lugar tomando conta deles! – Tales respondeu – Eles já estão prontos para se cuidarem sozinhos faz tempo. Estava só esperando vocês voltarem para partir.

– Agora vamos apressar o passo! – Cosmo já estava na porta.

– Vamos ter que passar por aquele corredor de casas de novo? – perguntei.

– Não! – Tales gritou – Não, ali é muito perigoso. Conheço um atalho.

– Atalhos são coisas bem convenientes em momentos como esse! – Cosmo sorriu e fez um gesto com a cabeça nos apressando.

– Com certeza! – Nicardo sorriu.

– Então vamos parar de enrolar e vamos sair daqui logo? – encerrei o assunto.

Passamos por um caminho que seguia por trás do corredor de casas. Era um caminho difícil, cheio de ruínas e pedras enormes. Mas em compensação, seria difícil nos ver passando por ali.

Realmente não demorou muito quando chegamos ao local onde estava o submarino. Ele estava invisível, mas víamos sua antena sinalizando sua localização. A antena não chamava a atenção, parecia apenas um graveto flutuando na água. Apenas quem sabia da existência do submarino poderia saber que aquele graveto deitado na água era um sinalizador.

Antes de chegarmos ao submarino, uma moça correu em nossa direção. Ela parecia desesperada e se jogou aos meus pés.

– Por favor, me ajudem! – a moça estava realmente desesperada. – Se vocês estão fugindo de Leander, me ajudem a fugir também!

– Calma, espere! – eu disse enquanto Nicardo voltava pra ver o que estava acontecendo.

– Eu te conheço! – a moça parecia aliviada com olhou meu rosto – Sim, é você! Você estava aqui com Nicardo há um ano atrás. Por favor, me ajude?

– Calma! – a moça segurava em minhas pernas.

– O que está acontecendo aqui? – Nicardo se assustou quando viu o rosto da moça – Levinda?

Levamos a Levinda para o submarino. Ela conseguiu se acalmar. Nicardo me contou que Levinda foi uma moça que conheci quando viemos da primeira vez em Leander. Ela que havia nos avisado que a dona do hotel em que havíamos ficado estava espionando os hóspedes. Tales contou que mais tarde foi descoberto que Elma, a dona do hotel, havia feito um acordo com Bianor e que ele havia dado o hotel de presente, em troca de informações sobre quem agisse de forma suspeita. Thalassa contou que foi assim que Bianor descobriu que estávamos atrás dos cristais e conseguiu armar a armadilha em Calidora que nos fez ficar presos.

Contamos também a Levinda sobre a minha perda de memória e que estávamos atrás de um jeito de recuperar minha memória. Levinda pareceu surpresa com tudo o que contamos e ouviu cada detalhe com atenção, mas sempre que olhava para Nicardo ficava triste.

– Por que você estava fugindo? – perguntei.

– Dos guardas de Bianor. – ela fitou o chão – Fugi do castelo de Bianor e os guardas me seguiram até aqui.

– Qual castelo? O de Neide ou o de Calidora? – Tales perguntou.

– De Calidora! – Levinda continuava fitando o chão – Lá é a base dele. Eles foram os primeiros a apoiar-lo.

– Mas você estava sendo mantida prisioneira?
– Nicardo quem perguntava.

– De certa forma. – ela ficou ainda mais triste –
Eu ainda não era prisioneira, mas iria virar.

– Estava sendo condenada? – Thalassa chegou
mais perto de Levinda.

– Sim! – ela fitou Nicardo – Estava sendo
condenada a ser a terceira esposa de Bianor.

– Terceira esposa? – Tales se surpreendeu –
Não sabia que ele tinha se casado.

– Ele ainda não se casou, mas continua
escolhendo as esposas. Ele pretende ter 7 esposas, o
numero da perfeição. – Levinda ficou seria – Ele só vai
casar depois que encontrar as 7 esposas. Serão 7 dias
de casamentos. Ele pretende fazer uma semana de
festa para todos que se aliaram a ele.

– Mas Bianor quer esposas para o que se ele vai
destruir o mundo de Ofir? – perguntei.

– Quem disse que o plano dele é destruir Ofir?
– um tom sombrio cobriu as palavras de Levinda –
Bianor é a última pessoa a querer ver Ofir destruída. Os
planos dele vão muito além disso.

– Mas você disse que ele só vai se casar depois
que encontrar todas as esposas. – Nicardo parecia
preocupado – E se você seria a terceira, isso quer dizer
que ele já tem a primeira e a segunda esposa. Certo?

– Sim! – Levinda voltou a fitar o chão – Antes
de fugir ele já tinha elegido a quarta esposa.

– E você sabe quem eram as outras esposas? –
Nicardo realmente parecia preocupado.

– Bem, a quarta eu não lembro o nome. –
Levinda parecia estar tentando lembrar – Mas era bem novinha. 19 anos provavelmente. A outra era a Layla. Elma vendeu a própria filha para Bianor. Ela também tentou fugir, mas não teve muita sorte.

– E a primeira? – Nicardo estava muito aflito.

– Era a Nínive, sua Irmã! – Levinda respondeu triste.

– Irmã? – me assustei – Que história é essa?
Quem é essa irmã de quem você nunca me contou?

– Espere! – Nicardo me ignorou – Ela está em Calidora?

– Sim, no castelo! – Levinda respondeu.

– Quanto tempo demoraria até chegarmos a Calidora? – Nicardo virou-se para Cosmo.

– Você está...

– Quanto tempo? – Nicardo interrompeu Cosmo.

– 1 dia e meio se usarmos a velocidade máxima, mas é...

– Ótimo, vamos para Calidora! – Nicardo novamente interrompeu Cosmo.

– Espere! – Tales entrou na conversa – Temos que seguir para Capital. Neandro está contando com o nosso apoio. Ele pediu para que quando vocês voltassem seguissem direto para lá. Não podemos mudar o curso assim.

– E é perigoso! – Cosmo deixou o painel de controle – Se usarmos a velocidade máxima ficaremos lentos por 3 dias. Fora que o submarino não vai ter energia para ficar invisível.

– Não tem problema! – Nicardo estava decidido.

– Como assim “não tem problema”? – Thalassa estava brigando com Nicardo – E se precisarmos fazer uma fuga emergencial? Além de ficarmos visível para todos, estaremos seguindo na mesma velocidade que eles! Eu sei que é a sua irmã e entendo a sua preocupação, mas nada irá acontecer com ela enquanto não achar as outras esposas. Vamos nos organizar na Capital e de lá armamos um plano, pegamos reforços e resgatamos sua irmã.

– É Nicardo – Tales tentava tirar a idéia da cabeça de Nicardo – assim é mais seguro e eficaz. Se formos só nós fica mais fácil de sermos presos, mas se formos com reforços... Temos uma chance.

– Não! – Nicardo estava realmente decidido – Temos que resgatar-la agora!

– Nicardo...

– Não! – Nicardo interrompeu Thalassa – Nós vamos resgatar-la.

– Eu sei que eu vou me arrepender, mas por mim tudo bem. Você me convenceu. – Thalassa ergueu as mãos em rendição.

– Eu já deixei avisado os riscos, se mesmo assim ainda que ir... Por mim tudo bem também! – Cosmo voltava para o painel de controle.

– Já que a maioria decidiu... – Tales eu de ombro.

O dia passou e os assuntos foram poucos. Na verdade eu, Thalassa e Cosmo ficamos dormindo a maior parte do tempo. Depois da noite cheia de gritos, uma noite em silêncio era mais que merecido.

No dia seguinte levantei cedo. Ou aparentemente cedo. De baixo d'água fica um pouco difícil saber quando realmente é cedo. Cosmo estava no painel de controle observando vários pontos e imagens que – para minha surpresa – eram transmitidas pelo “tronco” que ficava invisível quando o submarino estava em movimento.

– Já estamos chegando? – perguntei.

– Ainda não. – ele olhava um tipo de radar – Mas não vai demorar muito para chegarmos.

Tales estava do lado de Cosmo. Aparentemente estava ajudando-o a manejar o submarino. Ele parecia preocupado.

– Tales? – sentei ao lado dele – Agora que o Nicardo está dormindo, acha mesmo que tem alguma chance deste plano dar certo? Por que o castelo deve ser vigiado, como entraremos?

– É exatamente nisto que estava pensando! – Tales também olhava o radar – Da primeira vez

conseguimos invadir o castelo de Neide, mas tivemos ajuda da Thalassa que conhecia todas as entradas secretas. Fora que não estávamos em guerra. A segurança deve estar dobrada.

– Como faremos? – perguntei.

– Não sei. – Tales se levantou – Mas na maioria das vezes nós nunca sabíamos o que iríamos fazer ao certo, mas sempre conseguíamos. Espero que desta vez seja igual.

Chegamos a Calidora sem nenhum plano de invasão. Não sei o que o Nicardo estava pretendendo, mas esperava que ele não resolvesse ir entrando e esperando que todos abrissem passagem para ele levar a garota que foi eleita à primeira esposa de Bianor sem nenhum problema. Era um plano presunçoso. Isso é, se esse fosse o plano de Nicardo.

Assim como Neide, Calidora estava intacta. Pelo menos acredito que estava. Não sei dizer, mas sentia que ela não havia mudado. Talvez fosse a minha memória dando sinais de vida.

– Eu vou ficar no submarino! – Levinda dava alguns passos para trás – Não quero correr o risco de ser pega e não ter outra oportunidade de fugir.

– Tudo bem. – Nicardo estava serio – Entendemos!

– Eu fico com ela! – Cosmo também deu alguns passos para trás – Não é seguro deixar-la só, ainda mais agora que o submarino não ficará mais invisível. Serão 3 dias repondo energia.

– E como ele repõe essa energia? – fiquei curiosa.

– Através do sol! – ele sorriu – A energia solar é o combustível que move o submarino. Vocês não sabem a dificuldade que foi para abrir o teto na época em que ele ficava escondido.

– Então você fica! – Tales também estava serio – Vamos?

– Espere um minuto! – Cosmo pareceu se lembrar de algo na última hora. Foi para o submarino – Eu criei, antes de vocês voltarem, isso aqui. É um aparelho para nos comunicarmos uns com os outros. Leve e avise caso algo dê errado.

– Obrigado. – Nicardo sorriu – Faça o mesmo!

– Pode deixar! – Cosmo sorriu.

Andamos até chegar a um castelo. Tentamos andar o mais discretamente possível. Se ali era à base de Bianor, nós estávamos em um grande perigo.

Ficamos escondidos atrás de vários arbustos. Tales e Nicardo ficaram fitando o castelo por alguns minutos e depois fizeram expressões pensativas.

– Eu sinto como se já conhecesse esse castelo. – pensei alto.

– E conheceu! – Tales respondeu. – Todos nós conhecemos, exceto o Cosmo!

– E agora? – Thalassa perguntou – O que faremos?

– Temos que pensar em um jeito de entrar sem ser percebido. – Nicardo analisava o castelo – Mas como?

Comecei a tentar pensar em algo. Não acreditava que poderia dar alguma sugestão útil, mas queria pelo menos tentar. Se eu era a pessoa escolhida para salvar um mundo inteiro, deveria ter uma idéia sobre como invadir um simples castelo. Foi então o que aconteceu.

Não reparei no primeiro momento, mas depois comecei a sentir o meu corpo leve até ter uma sensação de estar desaparecendo. Não era a sensação que tive quando fui sugada para dentro da caixa. Não era apavorante. Foi apenas uma sensação de leveza.

– Beatriz? – Nicardo olhava para os lados. – Para onde ela foi?

– Eu estou aqui! – disse assustada – Não estão me vendo?

– Honestamente? Não! – Thalassa respondeu.

– Minha nossa, você está invisível! – Nicardo se espantou.

– Invisível? – me assustei ainda mais.

Olhei para mim mesma e não vi nada. Eu realmente estava invisível. No começo senti vontade de gritar, mas me segurei – não queria chamar atenção. Depois que comecei a me acostumar com a idéia, Tales vem com outra que me apavora novamente.

– Você encontrou o nosso passaporte para o castelo! – Tales sorriu.

– Como assim? – ainda tentava achar algo em mim visível.

– Não vê? – Tales perguntou.

– Honestamente? Não! – respondi usando as palavras de Thalassa.

– Você está invisível! – Tales estava realmente feliz.

– Eu só não entendi ainda no que isso pode ser útil? – estava desistindo de achar algo visível em mim.

– Simples, você vai lá e distrai os guardas. Nós entramos e derrubamos e entramos. – Tales estava realmente feliz.

– Na teoria realmente parece simples, mas e na prática? – disse aborrecida.

– Alguém tem um plano melhor? – Tales olhou em volta.

Ainda não sabia por que tinha aceitado isso. e se desse errado? O que faríamos? Mas eu já estava lá, junto com os guardas, e nada havia acontecido. O jeito era por o plano em prática e esperar que desse certo.

Haviam dois guardas na porta. Um virado de costas para o outro. Esperei os dois guardas que estavam perto da porta se distanciarem e botei o plano em ação. Começando por algo simples e clichê, mas que nunca falhou.

– Por que você fez isso? – o guarda da esquerda perguntou.

– Isso o que? – o da direita estava sem entender nada.

– Por que você me chutou? – o guarda da esquerda se irritou.

– Andou bebendo ontem à noite? – o guarda da direita debochou do da esquerda, que ignorou.

Não esperei muito. Apenas tempo o suficiente para os dois pararem de prestar atenção um no outro e desta vez fui atacar o da direita.

– Ei, por que fez isso? – o guarda da direita estava bravo.

– Isso o que? – o da esquerda ainda estava chateado.

– Por que você me chutou? Eu disse que não fui eu! – o guarda da direita ficou muito bravo.

– Acho que foi você quem bebeu ontem à noite! – o da esquerda falou com desdém.

Agora vinha a parte difícil. Tinha que ser rápida ou colocaria todo o nosso plano em risco. Os guardas que ficavam na porta já estavam voltando e quatro eu não daria conta. Respirei fundo e fui.

– Ei, o que está acontecendo aqui? – o da esquerda.

– Você me chutou de novo? – o da direita.

– Não! – o da esquerda – Você me chutou de novo!

– Você está maluco? – o da direita.

– Você que está doidão! – o da esquerda.

Nicardo e Tales aproveitaram o momento e deram uma pancada na cabeça dos dois guardas que caíram desmaiados no chão. Neste mesmo momento comecei a ficar visível outra vez. Só na tinha certeza se isso era bom ou ruim.

– Vamos logo antes que os outros guardas apareçam! – disse indo para a porta do castelo.

Entramos e corremos pelos corredores tentando achar lugares que não estivessem sendo vigiados. Para nossa “sorte” não haviam muitos. E o pior, não fazíamos a mínima idéia de onde estava a irmã de Nicardo.

– Acho que estamos perdidos! – Thalassa estava aflita.

– Acho que ouvi alguém chegando! – Tales se assustou.

– Rápido, por aqui! – Nicardo me puxou.

Corremos por outro corredor e não olhamos para frente. Resultado? Esbarramos em uma pessoa. Ela estava toda encapuzada e tão amedrontada quanto nós. Não sabíamos se era inimigo ou fugitivo, até eu e Nicardo olharmos o seu rosto e termos uma imensa surpresa.

– Camila?

CAPÍTULO 7 / BRIGAS DE IRMÃOS



Camila me abraçou e se ajoelhou aos meus pés como se sua vida dependesse disso. Ou de mim. Ou das duas coisas. Na estava entendendo nada e ela parecia estar tão confusa quanto eu, o Nicardo e os outros.

– Vocês já se conhecem? – Thalassa perguntou fitando a mim e ao Nicardo.

– Sim. – Nicardo olhava para Camila – Da Terra.

– Espere! – Tales parou na nossa frente – Ela veio do mesmo mundo que a Beatriz?

– Então eu estava certa? – Camila parecia grata e desesperada – Não estamos na Terra!

– Mas como? – perguntei.

– Eu não sei – Camila se levantou – Estava andando com o Toni. Ai o Toni! Como ele está? Deve estar achando que eu o abandonei. Aquele bocó inseguro. Mas eu amo muito ele, que isso fique bem claro!

– Mas o que aconteceu? – Nicardo já conhecia a figura.

– Ah sim, eu estava contando como cheguei aqui! – aos poucos ela voltava ao “normal” – Eu estava andando, indo para a escola como faço sempre, junto com o Toni. O Toni é o meu namorado. E ele estava me falando algumas coisas que eu não estava prestando atenção. Eram coisas muito chatas. Eu parei para ajeitar o meu sapato, quando um buraco negro se abriu debaixo dos meus pés.

– Um buraco negro? – Tales se assustou.

– Sim! – Camila arregalou os olhos – Um buraco bem grande. Não, médio. Um buraco médio. E ele me sugou. E eu fui caindo e caindo e gritando e gritando e quando dei por mim eu estava em uma sala. Uma grande sala. Desta vez era grande de verdade. E um homem muito feio e sinistro disse com uma voz malvada e grossa “Essa!” e olhou para mim “Essa será a minha quarta esposa”!

– Então era você! – Nicardo socou a mão – Levinda havia comentado de uma quarta esposa bem nova.

– Sim, sim! – Camila balançava a cabeça – Eu lembro uma garota com esse nome. Ela estava me ajudando a fugir, junto com outra... Lila? Não. Leca? Como é que era o nome dela mesmo?

– Layla? – perguntei surpresa por ter lembrado o nome.

– Isso! – Camila abriu um largo sorriso – Era esse mesmo o nome dela! Layla! Mas depois nós nos perdemos. E eu fiquei desesperada perambulando por esse castelo. Quase fui pega. Vocês também estão fugindo deste castelo?

– Na verdade acabamos de entrar! – respondi com um sorriso constrangido.

– Ótimo! – ela sorriu e depois balançou a cabeça com se tivesse acabado de acordar – Vocês estão entrando? Ficaram loucos?

– Não sei. Talvez. – tentei não parecer nervosa
– Vamos resgatar a irmã de Nicardo.

– E desde quando o Nicardo tem irmã? –
Camila perguntou surpresa – Por falar nele... O que
aconteceu com a sua pele Nicardo?

– É uma longa historia! – respondi.

– Você talvez deva conhecer-la. – Nicardo se
aproximou – O nome dela é Nínive. Ela será a primeira
esposa.

– Ela que é a sua irmã? – Camila gritou.

– Acho melhor irmos para um lugar mais
seguro! – Tales fitava Camila, repreensivo. Só então
notei que estávamos no meio de um corredor e que
estávamos com muita sorte de ainda não termos sido
descobertos.

Seguimos por alguns corredores até chegar a
uma sala vazia. Fechamos a porta e Nicardo
imediatamente voltou ao assunto que Tales havia
interrompido antes de sairmos do meio do corredor.

– Você a conhece? – Nicardo perguntou
ansioso.

– Quem? – Camila provavelmente já havia
esquecido o que estávamos conversando.

– A Nínive, minha irmã. – Nicardo estava
ficando impaciente – Você a conhece?

– Ah! – Camila sorria vermelha – Eu conheço
sim. A noiva que não quis fugir.

– Como assim “não quis fugir”? – Nicardo ficou assustado.

– Ela havia dito “Podem ir, eu ajudo, mas me deixem ser a única esposa do Bianor” – Camila tentava imitar a voz de Nínive. Como nunca havia ouvido, não posso dizer se ela foi bem na imitação – Depois ela ainda disse assim “Eu amo o Bianor, vocês não. Eu fui escolhida primeiro.”

– Tem certeza que ela disse isso? – Nicardo perguntou cético.

– Absoluta! – Camila fazia bico – Eu estava perto.

– Impossível! – Nicardo continuava sem querer acreditar – Não. Isso não é verdade. Eu contei a ela que era Bianor, contei o que ele havia feito com a nossa mãe quando descobriu o que ele estava armando. – Nicardo respirou fundo – A Nínive nunca diria que ama uma pessoa como Bianor.

– Mas foi o que ela disse! E ela parecia realmente apaixonada. Se ele fez algo de ruim para vocês, ela não está dano a mínima! – Camila nunca teve um senso de quando deve parar de falar.

– Leve-me até ela! – Nicardo agora estava ordenando – Eu preciso ouvir isso da boca dela!

– Por que, da minha não serve? – Camila fez biquinho de novo.

– Camila, isso é sério! – Nicardo fitou Camila repreensivo.

– Sem graça! – Camila bufou. – Tudo bem, se você quer assim.

– Obrigado. – Nicardo disse hísido.

– Mas já vou logo avisando que será inútil! – ela ficou seria – Nossa, eu nem perguntei.

– O que? – eu perguntei confusa.

– Esses são mesmo seus amigos? – Camila chegou mais perto de mim – Podemos confiar neles?

– Sem dúvida! – respondi.

– Mas e se formos pegos? – Camila deu dois passos para trás e colocou a mão na cintura.

– Você já viu um Leon? – perguntei.

– Aqueles monstros gordinhos e horrendos? – Camila fazia cara de nojo – Infelizmente sim. Foram eles que me tiraram da sala do tal homem que quer ser meu marido. Eu ainda sou uma criança!

– Camila, você vai fazer 19 anos. – lembrei – Não pode mais ser considerada uma “criança”.

– Que seja. – ela bufou e algo nesse gesto fez minha cabeça doer – De qualquer forma eu não penso em casar antes dos 30.

– Por que estamos conversando sobre isso? – Nicardo ficou nervoso – Nós vamos ou não resgatar minha irmã?

– Calma! – Camila falou alto – Muita calma. Vocês ainda não me deram garantia sobre a minha segurança.

– Era sobre isso a pergunta dos Leons! – lembrei do real motivo de ter começado o assunto – O Nicardo e essa minha amiga aqui, a Thalassa...

– Olá Thalassa! – Camila cumprimentou a Thalassa.

– Continuando – disse em um tom de voz mais alto – Nicardo e Thalassa derrotaram dois Leons. E o Tales.

– Oi Tales! – ela não aprendia.

– O Tales também é muito forte e pode enfrentar os Leons, casos eles apareçam. – presumi.

– Mas é bem provável que apareça guardas! – Camila sorriu – O pouco que vivi com meu futuro atual ex-noivo já deu para observar que ele só envia Leons para os casos pesados.

– Ótimo! – Nicardo pareceu aliviado – Guardas todos nós damos conta. Agora vamos?

– Para onde? – Camila perguntava inocentemente.

– Resgatar minha irmã! – Nicardo estava perdendo a paciência.

– Ah claro! – ela sorriu – Vamos?

Camila nos levou para outro corredor e empurrou uma parede. Ela havia dito que foi a própria Nínive quem mostrou algumas das passagens secretas do castelo. Ela havia aprendido as passagens sozinha, mas disse que nunca tentou fugir. Nicardo continuava

cético quanto ao assunto da irmã dele estar apaixonada por Bianor.

O corredor que levava uma passagem a outra era estreito e tinha cheiro de mofo. Havia tochas acesas e a passagem parecia um pouco úmida. Era como se já houvesse passado uma grande quantidade de água por ali e os corredores ainda sofressem com isso. Não pude evitar me sentir mais forte. Qualquer contado com a água ou fogo trazia isso para mim. Os dois juntos era quase como se uma energia nascesse em mim e fortalecesse meu corpo. Se fosse antes eu estranharia, mas desde que cheguei – ao melhor, voltei – a esse mundo que não acho mais nada estranho.

– Muito bem, por onde eu deveria ir mesmo? – Camila coçava o cabelo.

– Não vai me dizer que você se perdeu? – Nicardo ficou nervoso.

– Não! – ela falou alto – Eu só não tenho certeza absoluta. Esses corredores às vezes me confundem!

– Ah não Camila. – Nicardo encostou a palma da mão na testa – Estamos perdidos!

– Espera e me dá um tempo! – Camila olhava pelos possíveis caminhos.

Estávamos parados entre três possíveis corredores. O da direita parecia ir subindo – provavelmente indo para o andar de cima. O do meio seguia reto, mas tinha a impressão que não levaria a

lugar algum. O da esquerda descia e parecia mais escuro que os outros corredores.

– Eu voto pelo da direita! – eu disse.

– Então vamos! – Nicardo seguiu pelo corredor da direita.

– Espere, não vai ouvir os outros? – perguntei.

– Eu já te ouvi e isso basta. – Nicardo parou na entrada do corredor – Ou esqueceu que você é quase uma adivinha?

Seguimos todos pelo corredor da direita. Não discuti com Nicardo sobre o fato de eu possivelmente ser uma adivinha ou qualquer coisa parecida. Se ele disse “esqueceu que você é” significa que eu sou. Será que eu realmente tive uma amnésia parcial? A cada momento que passa eu me sinto mais e mais distante de mim mesma. Como se o que eu sou não fosse eu de verdade.

Chegamos a uma saída. Um bloco de madeira que estava escondido por uma armadura. Saímos em um corredor longo, porém com poucas portas – se eram os quartos, eram quartos realmente grandes.

– É aqui! – Camila gritou.

– Sim, será aqui que seremos executados se você ficar gritando! – Nicardo estava nervoso de verdade.

– Agora fica mais fácil achar o quarto! – Camila cochichou – Vamos.

Passamos por algumas portas e chegamos a uma grande porta com detalhes dourados e pequenos diamantes com pequenas inscrições que eu não conseguia ler.

– Aqui diz “O quarto da primeira” – Nicardo já foi abrindo a maçaneta.

– Espere! – eu disse baixinho – E se Bianor estiver com ela?

– Não. – Camila fez um gesto de desdém com a mão – Ele não é um noivo muito atencioso. No máximo ela estará com alguns serviçais.

– O que também seria ruim. – Tales falou tão baixo que quase não ouvi.

– Quer saber, acho melhor eu entrar sozinho. – Nicardo encerrou o assunto.

Nicardo entrou, enquanto nos escondíamos – ou tentávamos. Não poderíamos ficar no corredor por muito tempo. Entramos em um dos quartos que Camila disse estar vazio. Por muita sorte eles realmente estavam.

– Mas eu quero saber o que eles vão falar! – Camila cochichou assim que Nicardo entrou.

– Beatriz, estenda as mãos. – Thalassa pediu.

– Assim? – perguntei – Mas por...

– Diga Ariequo! – não estava entendendo onde Thalassa queria chegar.

– Ariequo! – repeti.

De repente pareceu que pequenas ondas de ar entravam por minhas mãos e palavras apareciam em

minha mente e minha boca começou a repetir-las, sem que eu quisesse.

– O que você fez? – estava conseguindo me controlar.

– Magia da fofoca! – ela riu – Agora repita o que você escutar por favor.

– Você não deveria estar aqui! – uma voz de mulher saía no lugar da minha.

– Eu posso te ajudar a fugir! – agora era a voz de Nicardo. Isso era muito estranho.

– Mas será que não entendeu, eu não quero fugir! – a voz que deveria ser de Nínive.

– Eu não acredito que você... Depois que tudo o que aquele monstro fez para nós, com a nossa mãe. – Nicardo estava arrasado.

– Não foi ele! – Nínive alterou a voz – Bianor não é esse monstro que vocês falam.

– Então por que ele está destruindo tudo? – Nicardo estava nervoso – Você viu o que ele fez com Leander. Não acredito que você aceitou o que ele fez com a terra onde nós nascemos. Só falta me dizer que não foi culpa dele.

– E não foi! – Nínive começava a ficar nervosa.

– Como você pode ser tão tola? – estava começando a sentir a raiva de Nicardo – Deixou se levar por um homem como aquele.

– Mas ele me ama. Ele vai me fazer rainha, assim que o mundo de Ofir for reconstruído. – Nínive parecia não estar falando por si

– Com certeza ele te ama. Ele te ama muito! –
Nicardo falava em um tom debochado.

– Eu cansei de você estar sempre querendo dizer o que eu devo fazer! – ela gritou – Eu não sou mais aquela menininha que você e a mamãe controlavam.

– E você acha bonito o que você está fazendo?
– Nicardo estava ficando muito nervoso.

– Melhor do que ser um fugitivo! – ela gritou mais alto.

– Melhor ser um fugitivo que defende o que está certo, do que ser uma vendida que só quer saber de status. – Nicardo também gritava.

– Eu não me vendi! – os gritos de Nínive já podiam ser ouvidos do quarto ao lado.

– Então o que é isso que você está fazendo? –
Nicardo perguntou novamente debochado.

– Ouviu isso? – uma terceira voz apareceu. –
Parece vir do quarto da primeira.

– O que é isso? – Camila se assustou – Agora que a coisa estava pegando fogo.

– Acho que estão subindo. – Tales falou aflito.

– Quem? – Camila perguntou.

– Os guardas! – Tales respondeu correndo para a porta.

Thalassa chegou perto de mim e fez um gesto estranho com a mão, como se abrisse um zíper. Depois disso voltei ao meu normal – o que me fez ficar muito aliviada.

– Vamos! – Thalassa me puxou – Temos que avisar o Nicardo.

Corremos até o quarto de Nínive. Nem batemos na porta. Abrimos e fomos entrando desesperadamente. Não havia tempo para formalidades.

– Quem são vocês? – Nínive falava autoritária.

– São meus amigos! – Nicardo ainda estava zangado.

– E estaremos mortos se não sairmos daqui agora! – Tales disse aflito.

– Estão vindo para cá? – Nicardo já sabia do que estávamos falando. – Mas como conseguiram escapar?

– Na verdade eles estão para chegar a qualquer momento! – Tales cochichou – Magia da fofoca.

– Vocês estavam ouvindo a nossa conversa? – Nínive estava furiosa.

– Espere! – Nicardo se acalmou – Quem executou a magia?

– Foi a Beatriz! – Thalassa respondeu.

Nicardo me olhou confuso e ao mesmo tempo admirado. Não estava entendendo o motivo de ele estar me olhando daquela maneira, mas estava preocupada demais com os guardas que estavam chegando ao quarto.

– Será que podemos tentar fugir agora? – Tales tirou as palavras da minha boca.

– Acho melhor passarem por aqui! – Nínive, que estava sentada na cama, levantou-se e abriu a porta de um armário.

– Ela está achando que temos cara de amante?
– Tales deixou escapar.

Nínive olhou com fúria para Tales e fez um gesto com a mão. O fundo do armário se abriu, revelando uma passagem secreta.

– Quem te ensinou magia deste nível? – Nicardo estava surpreso.

– Eu tenho aprendido muitas coisas desde que fiquei noiva de Bianor. – Nínive respondeu hípida – Vocês podem seguir reto, não há outros caminhos nessa passagem. Quando chegarem a uma porta, desejem o lugar onde querem sair e depois abram.

– Como assim “desejem”? – perguntei.

– Isso é uma passagem mágica, não reparou? – Nínive levantou uma das sobrancelhas – Se por acaso eu tiver que lutar contra você, saiba que eu não serei tão boazinha assim. E não me leve a mal, não é nada pessoal. Estou apenas defendendo o que acho certo.

– Se é essa a sua escolha – Nicardo estava sério – só lamento!

A ameaça – se é que aquilo foi uma ameaça – não me assustou tanto quanto a cara de ódio que Nicardo fez quando disse a última frase da conversa com a irmã. Ele realmente parecia estar odiando-a e se odiando também. Entramos dentro do armário.

O corredor era todo feito de pedras brancas e pareciam pedras de praia. O chão era de terra, mas se olhasse rápido poderíamos notar que ele parecia mudar de forma. Era como se cada vez que nos distraíamos ele se transformava em outra coisa, e quando voltávamos a prestar atenção nele, ele voltava a ser o chão de terra de sempre.

O corredor era longo e parecia não ter fim. Não sei dizer quanto tempo nós andamos por aquele corredor, mas sabia que havia passado mais tempo do que devêramos passar. Só então lembrei.

– Cosmo e Levinda! – gritei do nada.

– O que foi Beatriz? – Nicardo perguntou.

– Não sei. De repente eu me lembrei deles. – disse pondo a mão no peito – Agora estou sentindo algo ruim. Como um pressentimento.

– Não estou gostando desta história! – Tales reclamou. – Cadê aquele troço comunicador que o Cosmo te deu Thalassa?

– Ele entregou para o Nicardo, não para mim! – Thalassa também parecia preocupada.

– Espere, ele está aqui! – Nicardo disse se apalpando.

Nicardo puxou um pequeno saco que estava amarrado na cintura. Só então reparei naquilo. Nicardo pegou o comunicador e ficou observando.

– Como será que funciona?

– Talvez neste botão. – Tales pegou o comunicador da mão de Nicardo.

– Poderia pelo menos ter pedido para ver! –
Nicardo se chateou.

– Desculpe! – Tales não parecia arrependido.

Ele apertou o botão, mas aparentemente nada aconteceu. Ele ficou esperando e esperando e nada acontecia. Ele nem sequer chiava.

– Talvez você deva falar alguma coisa? –
sugeriu Thalassa.

– Alô, alô? – Tales tentou – Tem alguém aí?

O silêncio continuou e isso já estava começando a nos preocupar. Será que algo de ruim havia acontecido com Cosmo e Levinda?

– Você deve ter quebrado o aparelho! –
Thalassa ficou nervosa.

– Eu não fiz nada! – Tales também se estressou
– Eu só apertei esse botão.

– Que provavelmente não era para ser apertado! – Thalassa brigava com Tales.

– Acho que precisamos correr. – Nicardo interrompeu a briga – Esse pressentimento da Beatriz me deixou preocupado.

– Então vamos logo! – Tales falou – Não quero perder mais ninguém.

– Espere! – fiquei apavorada – Cadê a Camila?

CAPÍTULO 8 / PRESOS, DESAPARECIDOS E UM SONHO CONFUSO

 estava me sentindo muito culpada por ter esquecido Camila. Tentava lembrar em que momento nos perdemos ou como isso aconteceu. Ela estava tão feliz em me ver e acabei deixando-a sozinha outra vez. Que ótima melhor amiga que eu sou.

– Vamos fazer o seguinte? – Nicardo sugeriu um plano – Eu e a Beatriz voltamos e procuramos a Camila e você e o Tales vão atrás do Cosmo e da Levinda. Espero estar errado, mas acho que eles estão em apuros!

– Você tem certeza? – Thalassa perguntou.

– Voltarmos todos juntos seria muito arriscado.

– Nicardo parecia não gostar da idéia – Podemos ser todos pegos. Se alguma coisa acontecer com Cosmo e Levinda enquanto estivermos procurando Camila? Acho que nenhum de nós iria se perdoar. E melhor nos dividirmos.

– Mas e se tudo tiver bem com Cosmo e Levinda? – Tales pergunto.

– Espero que seja essa a situação! – Nicardo estava preocupado – Se estiver tudo bem com os dois, nós espere no submarino. A menos que algo de maior urgência aconteça.

– Como assim? – Tales ficou confuso.

– Se precisarem fugir! – Nicardo parecia não estar gostando de dizer isso – Caso precisem fugir, não hesitem e nem nós espere!

– Tem certeza mesmo? – Thalassa perguntou.

– Sim. – Nicardo respondeu serio.

– Então boa sorte! – Thalassa sorriu.

– Obrigado. – Nicardo tentou sorrir – Boa sorte para vocês também.

Seguimos de volta pelo corredor. Não sei se era impressão minha, mas ele parecia mais longo desta vez. Como se tivessem o esticado uns oito metros enquanto estávamos conversando. Aparentemente o corredor também mudou. As pedras não pareciam mais tão brancas e o chão agora era de cimento. Isso estava me deixando assustado.

– Tem certeza que estamos seguindo pelo corredor certo? – perguntei.

– É o único corredor. – Nicardo tentou sorrir novamente – Eu realmente espero que seja o certo. Mas qual o motivo da pergunta?

– Não sei. – fui sincera – Parece que não é o mesmo corredor que passamos.

– Talvez o fato de ser mágico esteja influenciando em sua aparência? – Nicardo sugeriu.

– De qualquer forma...

– Vamos tentar não pensar nisso. – Nicardo tentou tranquilizar-me.

Continuamos andando por outro longo tempo. A impressão de ser outro corredor, muito maior e mais sujo do que o primeiro, continuou em minha cabeça. Talvez o que Nicardo havia dito pudesse ser verdade. Talvez fosse realmente isso. Mas estava pensando que não era *apenas* isso. Esse corredor estava prestes a nos meter em uma grande encrenca.

– Aqui é o fim? – Nicardo se perguntou quando viu um pedaço grande de madeira no meio do corredor.

– Acho que sim. – respondi.

– Mas onde que abre? – Nicardo perguntou levantando uma das sobrancelhas.

– Talvez precise empurrar? – sugeri.

Entrei na frente de Nicardo e deu um empurrão leve no grande pedaço de madeira. Ele caiu no chão, mas nada aconteceu.

– Ótimo! – virei os olhos – Acho que havia uma porta no meio do caminho.

– Espere! – Nicardo passou na minha frente – Olhe!

No lugar do pedaço de madeira que se parecia com uma porta, uma pequena bola começou a se abrir. Ela foi crescendo e virou um buraco negro.

– Será um portal? – perguntei.

– Você quer se arriscar? – ele olhou para mim um pouco temeroso.

– Será que é perigoso? – também estava com um pouco de medo.

Neste momento Nicardo se encheu de coragem e colocou a cabeça para dentro do portal. Quase fechei os olhos temendo que metade do corpo dele tivesse sido levado ou que ele voltasse metade jacaré ou metade macaco ou qualquer outro bicho. Mas não foi isso que aconteceu.

– É um portal para o castelo! – Nicardo gritou com a cabeça ainda dentro do portal.

– O que Camila está? – perguntei.

– Sim! – Nicardo tirou a cabeça do portal. Aparentemente estava tudo normal com ele – É o castelo de Calidora!

– Se não tem perigo... acho que é aí mesmo que queremos ir! – tentei sorrir.

– Então vamos? – Nicardo segurou minha mão.

– Vamos! – respondi.

Sáímos no corredor do castelo. Assim que o portal se fechou tratei de conferir se estava inteira. Não parecia ter nada faltando. Mais minha felicidade de estar inteira foi destruída assim que viramos.

– Intrusos!

Fomos cercados por vários guardas. A menos que outro portal se abrisse embaixo dos nossos pés, não havia para onde fugir. Esperei por algum sinal de Nicardo, mas ele parecia tão sem ação quanto eu. Desta vez não tinha escapatória.

Algemaram-nos e ainda amarraram nossos braços, de modo que ficava um pouco complicado de

se locomover. Principalmente para Nicardo que estava andando de costas.

– Para onde estão nos levando? – gritei – Falem alguma coisa!

Sabia que era inútil, mas achei que poderia ter alguma idéia no meio do desespero. Não falam que é sobre pressão que saem as grandes obras?

Levaram-nos para as masmorras do castelo. Elas não tinham nada de especial. Era como toda boa masmorra deve ser: suja, úmida e fedida. As paredes eram feitas de um tijolo marrom claro estranho e as grades eram barras pretas de algo bem resistente, mas que nem de longe lembrava o ferro. Ou metal. Ou chumbo. Ou qualquer outra coisa que as grades costumam serem feitas.

As celas estavam todas lotadas. Havia tudo o que é tipo de gente lá. Desde humanos normais até seres com aparências duvidosas. Não sabia por onde começar a tentar contar quantos presos havia em cada cela. Eram muitos e a maioria não pareciam ruins – exceto pelos de aparência duvidosa, afinal, se eles são duvidosos...

– O que faremos agora? – perguntei.

– Não sei. – já esperava essa resposta.

Para nossa sorte, fomos jogados em uma cela quase vazia. Havia um senhor de meia idade e uma jovem com orelhas, rabo e garras de gata. Provavelmente seria a próxima cela a ser lotada.

Assim que os guardas saíram, as pessoas na cela resolveram fazer contato e se aproximaram de nós dois. A princípio não falaram nada, apenas ficaram olhando estranhamente. Depois de examinarem, eles resolveram se comunicar.

– Estão aqui por quê? – o senhor de meia idade tinha uma voz calma e pacífica.

– Bem, não sabemos exatamente. – respondi constrangida.

– Então sejam bem vindos ao clube! – a jovem parecia um pouco amargurada.

– Como assim “bem vindos ao clube”? – Nicardo perguntou.

– Podemos dizer que todos nós aqui não sabemos ao certo o motivo de estarmos presos. – o senhor mantinha a voz calma – Todos nós, em algum momento, fizemos algo que não agradou aos caprichos do novo rei e acabamos presos, sem direito de tirarmos satisfação.

– Serio? – me assustei.

– Esse Bianor é um porco! – a jovem quase cuspiu – Não, isso é uma ofensa aos porcos. Bianor é pior que as piores coisas que existe. Não tem como comprar qualquer coisa sem que ofenda a honra destes lixos e porcarias que existem.

– Mas vocês foram presos sem mais nem menos? – estava intrigada.

– Podemos dizer que sim! – o senhor estava triste.

– Bianor nos pegou da pior forma que poderia.
– a moça novamente falava com nojo – Estávamos todos quietos, vivendo nossas vidas e fazendo o bem. Então apareceram os guardas dele e disse que o que estávamos fazendo era um crime e que deveríamos pagar por isso.

– E o que vocês estavam fazendo? – perguntei.

– Apenas ajudando as pessoas que estavam sofrendo com as batalhas que estavam acontecendo. – o senhor respondeu.

– Este foi o motivo? – perguntei indignada.

– Acreditamos que sim. – o senhor mantinha o tom calmo.

– Bianor tem sido muito impiedoso. – uma terceira pessoa saia de um canto escuro da cela – E nenhum de nós podemos fazer nada.

A terceira pessoa era um jovem de cabelos loiros e olhos verdes. Ele vestia uma armadura dourada, mas que parecia muito velha e usava um brinco de prata na orelha esquerda.

Diferente dos outro, esse jovem não parecia tão desgastado e sujo. Tinha portes que lembravam um príncipe, mas tinha um ar de aventureiro. Seu olhar era forte e parecia ter visto varias coisas, das melhores até as piores. Suas expressões eram sérias e tristes, mas parecia querer disfarçar em uma falsa força.

Passos fizeram as conversas cessarem.

Dois guardas chegaram até nossa cela. Não conseguíamos ver mais que os olhos e esses olhos não pareciam ter emoções nenhuma. Era estranho olhar para alguém com aquele olhar. Era como se estivessem em um tipo de transe ou então fossem máquinas.

– Vocês dois! – um dos guardas disse.

– Eu e ele? – perguntei.

– Não! – o guarda respondeu grosseiro – O velho e a gata.

– Para onde vocês serão levados? – perguntei assustada.

– Sem perguntas! – o guarda gritou – E vocês dois, calados!

Assim que os guardas saíram, as conversas voltaram quase que no mesmo ponto onde parou. Fiquei preocupada com o destino dos dois. Não sabia quem eram, mas não suportaria saber que poderiam ser castigados por ajudarem os outros.

– O que vai acontecer com os dois? – perguntei.

– Ninguém sabe. – o jovem loiro respondeu – Podem ser condenados a coisas simples e relativamente boas como se tornar escravo de Bianor ou ser transformado em uma criatura errante. Mas pode ser que sejam mortos ou transformados em comida de dragão, o que não seria muito bom.

– Comida de dragão? – quase não consegui repetir.

– De qualquer forma, depois de capturado, é melhor não sair daqui. – ele deu um sorriso cínico. – Agora, se me dão licença, eu irei dormir.

– Mas dormir aonde? – perguntei. O jovem apenas olhou para o chão.

– No chão? – me assustei – Nós também?

– A menos que tenha aprendido a dormir de pé...

A arrogância deste jovem me lembrava alguém, mas não me lembro quem. Esse jeito cheio de autoridade e com piadas sem graça era muito parecido com alguém. Será que era a pessoa que eu estava proibida de lembrar? O tal Alexis?

– O que faremos agora Nicardo? – estava desesperada.

– Ainda estou pensando. Tenha calma! – ele respondeu.

– Calma, calma, calma. – comecei a andar de um lado para o outro – Tudo o que eu ouço são pessoas me pedindo para ter calma.

– Será mesmo? – ele perguntou.

– Alô? – uma voz surgiu do nada – Alguém está me ouvindo?

– O que é isso? – Nicardo perguntou.

– Nicardo? Você está bem? – a voz perguntava.

– Parece que está saindo da sua bolsa! – eu disse chegando mais perto do saco de pano que ele tinha amarrado na cintura.

– O comunicador! – Nicardo lembrou-se na mesma hora.

– Olá? Está me ouvindo? – a voz parecia da Thalassa.

– O que eu faço? – Nicardo perguntou.

– Sei lá. – fui sincera – Responda!

– Olá? – ele respondeu com uma pergunta.

– Nicardo? – era a voz de Thalassa – Está me ouvindo?

– Estou! – Nicardo respondeu.

– Não encontramos nenhum sinal de Cosmo ou Levinda. – sua voz parecia preocupada. – E vocês?

– Também não tivemos nenhum sinal de Camila, mas fomos presos! – Nicardo respondeu.

– O que? – Thalassa se assustou – Mas como?

– Bem, digamos que voltamos em uma hora errada e dois guardas estavam bem na nossa frente quando saímos da passagem. – Nicardo tentava ser sarcástico. Não estava conseguindo.

– Tudo bem, nós vamos resgatar vocês! – Thalassa estava mais preocupada.

– Não! – Nicardo quase gritou – É muito arriscado. Vocês precisam encontrar Cosmo e Levinda.

– Tem certeza? – Thalassa perguntou.

– Absoluta! – Nicardo tentava parecer seguro.

– Tales conhece um lugar seguro aqui em Calidora. – Thalassa também tentou parecer segura – Vamos até lá ver se conseguimos algumas informações.

– Tomem cuidado! – Nicardo sorriu.

– Tomaremos! – Thalassa pareceu não estar tão certa disso.

– Agora é melhor você desligar, acho que ouvi alguém! – me intrometi na conversa.

Não estava errada.

Dois guardas entraram com tochas e foram apagando todas as lamparinas acesas. Não demorou muito até apagarem as da frente da nossa cela. A escuridão só não foi total por causa das tochas que os dois guardas carregavam, mas assim que se foram tudo ficou um breu.

A escuridão não me assustava tanto a um bom tempo. Foi algo estranho sentir medo novamente do escuro. Mas acredito que ninguém me culparia, principalmente se estivesse em meu lugar. Aquele mundo estranho, com seres estranhos e aonde desde que cheguei vivo com uma corda amarrada a garganta, apenas esperando alguém chutar o banco. Estranho seria não estar com medo de tudo.

Deitei nas pernas de Nicardo. Apesar da aparência dele estar um pouco mais rude, sua pele continua macia e quente como sempre. Sentia-me até mal de dormir na perna dele enquanto ele dormia no chão duro.

O sonho que tive foi um tanto... confuso. Talvez “confuso” não seja a melhor palavra, mas é a melhor que encontrei.

Estava em um bosque. A sensação de já ter andado por aquele lugar me deixou um pouco enjoada. Minha cabeça parecia estar rodando e rodando e eu não sabia o motivo. Quanto mais eu andava, mais eu ficava tonta até que algo me fez parar.

– Olá? – uma voz vinda do nada.

– Oi? – tentava achar a voz.

– Aqui em cima! – a voz tentava se sinalizar –
Na árvore.

Busquei em todas as árvores, até que achei um rapaz sentado no alto de uma das árvores à direita. Ele vestia uma calça marrom e usava uma camisa branca coberta por um tipo de manto verde, fazendo lembrar uma túnica. Não conseguia ver o seu rosto, mas senti algo muito forte quando o vi. Algo que jamais havia sentido antes.

– Não acredita a saudades que estou de você! – ele parecia estar rindo.

– Nós nos conhecemos? – perguntei.

– Muito! – novamente ele pareceu rir – Talvez muito mais do que possa lembrar.

– Então mostre o seu rosto! – sugeri.

– Não adiantaria. – um tom de tristeza tomou sua voz – Eu estou muito diferente de quando nos conhecemos.

– Mas faça a experiência! – tentei convencer-lo.

– Melhor não! – ele ainda estava triste.

– Ótimo. – bufei – Mas Pode me dizer o nome?

– Não! – ele respondeu rápido.

– Mas por quê? – meu pescoço começava a doer.

– Não me lembro do meu nome. – ele voltou a ficar triste – Engraçado. Lembro muito pouco de mim, mas lembro de tudo o que vivi com você. Apesar de não lembrar minhas motivações para eu fazer tudo o que me lembro que fiz com você.

– Acho que estamos passando por problemas parecidos. – sorri.

– Onde você está? – ele perguntou.

– Bem, acho que isso é um bosque? – respondi.

– Não! – ele gargalhou – Aqui é onde eu estou.

Quero saber onde *você* está!

– Não estou entendendo. – fui sincera.

– Você está em uma dimensão paralela. – ele se deitou um tronco acima do que estava – Está é a dimensão dos sonhos. Desde que senti sua presença chegando a Ofir que venho tentando entrar nos seus sonhos.

– Sonhos? – estranhei.

– Cada pessoa tem uma dimensão paralela única. – ele explicou – Por isso nossos sonhos nunca são os mesmos que o dos outros. Mas quando uma pessoa tem uma ligação muito forte com outra, essas dimensões podem se cruzar. Isso acontece muito com gêmeos. No meu caso, você é a única ligação forte que tenho com o meu passado. Por isso consegui “invadir”

seus sonhos. Agora se concentre e veja onde o seu corpo está.

Tentei fazer o que ele pediu. A princípio pareceu inútil, mas depois algo começou a acontecer. Era como se eu conseguisse ver através do chão. Abaixo de mim estava eu mesma, deitava nas pernas de Nicardo.

– Pareço estar em uma masmorra. – comecei a lembrar – Sim! Eu estou em uma masmorra. Eu fui presa. Eu e o Nicardo fomos...

– Nicardo? – ele quase caiu da árvore. – Você diz Nicardo de Leander?

– Parece que sim. – sorri – Você deve conhecê-lo. Ele é uma pessoa adorável.

– Não sei não. – a voz dele tomou um tom familiar – Sinto que não posso confiar nesse Nicardo. Não gosto dele.

– Mas você pelo menos se lembra dele? – perguntei.

– Até você dizer o nome não. – ele estava um pouco zangado – Mas agora já começo a ligar o nome à pessoa.

– Mas qual o motivo desta implicância com ele? – me aborreci. – Honestamente, não sei por que tentei conversar com você. Não adiantou de nada. Continuo sem lembrar quem sou e ainda estou com tempo livre para odiar esse Nicardo.

– Você é estranho! – soltei.

– Por quê? – ele gritou.

– Algo em você mexe muito comigo. Isso é muito estranho! – respondi.

– Quer saber, eu... Vem vindo alguém!

Aos poucos a minha consciência voltava para o meu corpo. Não sabia se ela realmente havia saído de lá, mas era essa a sensação que tinha. Comecei a ouvir respirações, conversas e roncos. Estava de volta. De repente um barulho veio de nossa cela. Fiquei quieta. Alguns passos se aproximavam de mim e então senti um sacolejo.

– Acordem! – a voz quase sussurrava.

A escuridão não me deixava ver nada, mas assim que meus olhos se acostumaram com o escuro comecei a identificar formas.

– Nínive? – Nicardo também sussurrava.

– Sim, sou eu! – apenas a voz dela estava na cela.

– Você está invisível? – Nicardo perguntou.

– Sim, estou invisível. – ela respondeu sussurrando.

– O que está fazendo aqui? – Nicardo perguntou.

– Ajudando vocês a fugirem! – o rosto dela apareceu – Agora quer parar de fazer perguntas?

CAPÍTULO 9 / PASSANDO O RESTO DA NOITE EM UM SUBMARINO

Ver o rosto de Nínive surgir do nada no meio da escuridão foi realmente assustador. Não que ela fosse feia, pelo contrario, mas ver um rosto flutuante não é algo muito acolhedor.

– Então? Vão querer minha ajuda? – ela perguntou.

– O que está acontecendo aqui? – o jovem acordou.

– Espere! De onde ele saiu? – Nínive se assustou – Achei que tinha ordenado para que os guardas deixassem apenas vocês dois? Quanta incompetência!

– Mas o que você está fazendo aqui? – o rapaz cochichou quando viu que alguns olhares começaram a se voltar para nossa cela.

– Quem você pensa que é para falar comigo desta forma? – Nínive se zangou, mas continuou cochichando.

– Alguém muito mais digno que você! – essa foi um soco no estômago. Ponto para o jovem loiro.

– Mas você é muito petulante! – Nínive quase gritou – Eu nem deveria ajudar você a fugir!

– E quem disse que eu quero sua ajuda? – o jovem loiro também quase gritou.

Essa cena me trouxe algumas lembranças. Era estranho, mas essa cena me parecia bastante familiar.

Era como se eu estivesse revivendo uma fase da minha vida. Como se estivessem fazendo um *remake*, onde eu era interpretada pela Nínive, mas quem era o jovem loiro na minha vida? Seria o Alexis? A pessoa que não tenho nada além do nome como lembrança?

– Vamos parar de chamar atenção? – Nicardo sussurrou.

– Nicardo? – disse enquanto acordava de minhas memórias perdidas – Eu preciso dizer algo para você, mas não me lembro o que era.

– Tudo bem Beatriz, depois que você lembrar você conta. – Nicardo sorriu – Agora faça logo o que você veio fazer Nínive!

– Realmente é melhor nos apressarmos! – ela fez o resto do corpo ficar visível – Ainda tenho que fazer um buraco nesta cela.

– Buraco? – estranhei.

– Obvio! – ela sorriu – Ninguém pode saber que os ajudei a fugir. Seria péssimo para mim como esposa de Bianor, ajudar os inimigos.

– Só mostraria que você tem algum caráter e um pouco de coração! – Nicardo continuava magoado com a irmã.

– Pode deixar que não irei contar nada a Bianor de que os prisioneiros fugitivos eram vocês! – ela sorriu – Aqueles inúteis não notaram que vocês eram um dos primeiros na lista de procurados por Bianor.

– Agora era só o que me faltava! – Nicardo falou um pouco alto, mas depois voltou a cochichar – Era só o que faltava! Você entregar o próprio irmão!

– Nínive? – segurei nas mãos dela – Eu não te conheço, não sei quais são suas intenções e nem pretendo julgar-la quanto a isso. Não sei o que te fez ficar do lado de Bianor, mas eu gostaria de pedir para que cuida da Camila para mim. Não deixe que ela se case!

– Mas farei isso com muito prazer! – ela sorriu – Não desejo mau a nenhuma das escolhidas de Bianor, apenas quero que elas sumam da vida dele. Eu quero ser a única!

– Obrigada! – sorri agradecida.

Nínive encostou a não na parede e um grande buraco apareceu. Era parecido com um portal mágico ou um buraco negro. A principio temi entrar ali dentro, mas talvez fosse nossa única saída.

– Não tem outra forma de fugirmos? – perguntei.

– Sem que sejam vistos não. – Nínive respondeu – As entradas e saídas das masmorras são monitoradas por vários guardas a noite. Consegui entrar por que estava invisível. Apenas Bianor tem permissão de entrar livremente nas masmorras a hora que quiser.

– Então será isso? – Nicardo disse mais conformado – Você irá ficar mesmo?

– Eu já fiz minha escolha! – ela respondeu – Não há nada que possa fazer para mudá-la.

– E ele? – perguntei apontando para o jovem loiro.

– Podem me deixar aqui! – ele respondeu hísido.

– Deixe de ser tolo! – Nínive brigo com ele.

– Não me chame de tolo! – o jovem quase gritou.

– Se não fugir com eles será morto! – Nínive se alterou.

– Está me ameaçando? – o jovem se levantou.

– Não! – Nínive se acalmou – Estou te alertando. Se você ficar vai acabar levando a culpa e sendo morto. Não desperdice essa oportunidade.

– Prefiro morrer a aceitar sua ajuda! – o jovem era corajoso.

– Você é quem sabe! – Nínive bufou e parou por alguns segundos. Parecia estar pensando – Quer saber, agora eu quero que fique.

– O que? – o jovem se assustou.

– Sim. – Nínive sorriu – Eu quero que você fique exatamente onde está. Isso é uma ordem.

– Agora eu vou! – já havia entendido tudo – Até parece que receberei ordens de você.

– Não, você não vai! – Nínive segurava o riso – Eu exijo que fique. Isso é uma ordem. Você tem a obrigação de me obedecer.

– Pois fique sabendo que eu irei! – o jovem bateu as mãos nas pernas para tirar a poeira.

– Tem certeza? – perguntei.

– O que estão esperando? – ele entrou na frente do portal.

– Sejam rápidos! – foi a última coisa que ouvi de Nínive.

Estávamos novamente no corredor. E novamente o corredor tinha uma aparência diferente. Desta vez as pedras que faziam a parede eram cinza e o chão era de cimento. Um cheiro peculiar invadia o corredor. Era um cheiro de flores mofadas e terra molhada. Não sei exatamente explicar. Era como se estivesse visitando a casa da minha avó.

– Espere um minuto! – o jovem rapaz parou assim que o portal se fechou – Ela usou psicologia inversa comigo?

– Por que vocês homens são tão fáceis de engabelar? – sorri com a piada. E também com a cara de ódio do jovem loiro.

No decorrer do caminho o corredor foi mudando mais uma vez. Parecia que apenas eu notava essas “metamorfoses”. Aos poucos o corredor foi deixando as pedras cinza para trás e mudando para paredes de terra, com pilastras em madeira. Fazia lembrar uma mina ou algo do tipo. O chão havia deixado de ser cimento para se transformar em trilhos

e ficava imaginando o que poderia estar passando dentro da cabeça de cada um deles.

– Eu não acredito que fui tapeado! – o jovem loiro resmungava baixo.

– Ei, oh... Ei, você! – não sabia como chamar-lo.

– Está falando comigo? – ele perguntou.

– Sim! – virei os olhos – Qual o seu nome?

– Isso interessa? – ele foi rude.

– Credo! Só estava fazendo uma pergunta. Sem educação! – resmunguei.

– Deixa o cara quieto! – Nicardo sorriu – Ele tem os motivos dele para não falar nada.

– Mas precisava ser sem educação? – olhei feio para o jovem. – Acredito que iremos tomar rumos diferentes – o jovem tentou ser educado – então para que dizer sobre mim?

– Tudo bem, eu ó queria ter a chance de ligar o nome a pessoa. – debochei.

– Deixe o rapaz! – Nicardo sorriu.

– E que... – de repente algo me veio à mente – Preciso falar com você!

– Comigo? – o jovem loiro se assustou.

– Com você não, com ele! – respondi apontando para Nicardo.

– O que foi? – Nicardo ficou preocupado.

– Não lembro. – fiquei constrangida – Mas era algo muito importante.

– Não fique forçando demais! – Nicardo segurou minhas mãos – Pode não ser bom para sua

cabeça. Se for importante, você vai acabar se lembrando.

– Mas é importante! – resmunguei.

Novamente andamos por muito tempo naquele corredor. Se eu fosse claustrofóbica já teria tido um ataque há muito tempo. Gostaria de dizer que o corredor não mudou novamente, mas ele mudou. Várias e várias vezes. Chegou certo ponto em que eu simplesmente cansei e parei de reparar. Era inútil tentar entender o que estava acontecendo com ele. Quando estávamos todos começando a acreditar que não sairíamos mais daquele corredor, apareceu uma luz no fim do túnel. Literalmente.

A luz brilhava feito ouro novo, reluzindo um amarelo cintilante que, em certo momento, chegava a cegar os olhos por alguns segundos. Andamos em direção a luz e o que encontramos foi uma maçaneta de porta. Sem uma porta.

– Ela está flutuando? – perguntei.

– Parece que sim. – Nicardo sorriu.

– Será que essa é a saída? – o jovem loiro olhou torto.

– Vamos tentar? – Nicardo levantou a sobrancelha.

– Vamos! – respondi.

– Você primeiro! – Nicardo disse para o jovem loiro.

– Eu o que? – ele estranhou.

– Essa passagem leva para onde quiser, basta ter o local em mente. – Nicardo respondeu.

– Mas eu não tenho nenhum lugar em mente. – o jovem ficou serio – Posso sair onde vocês irão sair. De lá eu me viro depois.

– Tudo bem. – dei de ombros.

Nicardo baixou a maçaneta e uma linha branca seguiu fazendo o formato de uma porta. A linha cortava o corredor e lentamente foi se abrindo e revelando o local onde havíamos deixado o submarino escondido. Assim que saímos, a porta se fechou e a linha branca fez o caminho de volta até sumir completamente.

– Espere! – disse assim que vi o jovem loiro seguindo em outra direção – Tem certeza que quer seguir sozinho?

– Sim! – ele respondeu – Será o melhor a se fazer.

– Tem certeza mesmo? – insisti.

– Beatriz, você não ouviu o que ele disse? – Nicardo olhou torto para mim.

– Então, acho que isso é um adeus. – sorri.

O jovem acenou e seguiu em frente. Aos poucos sua imagem ia sumindo até desaparecer por completo.

– Você o conhecia? – perguntei para Nicardo.

– Vamos entrando no submarino. – Nicardo disfarçou – Pode ser perigoso ficarmos aqui.

O submarino já havia voltado a ficar invisível. O galho identificador estava flutuando. Era incrível como aquele submarino parecia se adaptar a qualquer lugar que fosse deixado. Entramos no submarino vazio.

– Vou tentar falar com Thalassa. – Nicardo sorriu tirando o comunicador do bolso – Oi? Alguém está ouvindo? Será que isso não é meio arriscado?

– Oi! – era a voz de Thalassa – Nicardo?

– Sim, sou eu! – Nicardo respondeu – Está tudo bem?

– Até o momento sim. – barulhos de conversas apareciam ao fundo.

– Algum sinal de Cosmo e Levinda? – Nicardo perguntou.

– Nenhum ainda. – a voz dela estava triste – E vocês? Estão bem?

– Nínive nos ajudou a fugir novamente. Estamos no submarino agora! – ele respondeu.

– E a Camila? – Thalassa perguntou.

– Não tivemos nenhuma notícia dela. – Nicardo olhava o nada – Mas Nínive prometeu cuidar dela caso a encontre.

– Nicardo... Sei que ela é sua irmã. – Thalassa controlava as palavras – Mas será que podemos *realmente* confiar nela?

– Neste caso sim. – Nicardo não tinha tanta certeza – Ela quer apenas afastar-las de Bianor. Não acredito que faça algum mau a nenhuma das possíveis futuras esposas de Bianor.

– Acho melhor ficarem por aí. – Thalassa pareceu tentar se afastar do barulho – Vamos passar o resto da noite aqui. Façam o mesmo. Amanhã nós seguiremos para o submarino e vamos todos juntos procurar por Cosmo e Levinda.

– Realmente é o melhor no momento. – Nicardo tentava se tranquilizar de algo. Só não sabia exatamente o que.

– Descansem! – Thalassa pareceu sorriu – Boa noite!

– Thalassa? – Nicardo fez bico – Desligou! Que estranho.

– O que? – perguntei.

– Por que o comunicador não funcionou quando estávamos no corredor? – Nicardo coçou a cabeça – Eu fiz exatamente a mesma coisa.

– Talvez Cosmo e Levinda já tivessem sumido naquela hora. – era a única opção lógica que imaginei.

– Pode ser. – Nicardo não parecia muito convencido.

– Nicardo? – cheguei mais perto dele.

– O que?

– Ainda está me incomodando. – fitei-o preocupada – O meu sonho. O que eu não consigo

lembrar. Sinto que era algo importante, mas não sei o que era.

– Você acha que foi um aviso? – ele estava preocupado.

– Não sei. – estava confusa – Sei que não foi um simples sonho.

– Mas você não se lembra de nada? – ele segurava minha mão – Quem estava no sonho? Você se lembra?

– Não! – respondi.

– Um lugar? Um fato? Nada? – ele insistia.

– Nada!

– Isso é preocupante. – ele me abraçou – Sonhos podem ser reveladores. Tente descansar um pouco. Ele deve estar aí.

– Será que consigo? – estava intrigada por não lembrar do sonho.

– Consegue sim! – ele sorriu – Eu estou aqui.

– Obrigada pelo apoio, mas não sei se vai adiantar.

Algo estranho aconteceu quando olhei para o rosto de Nicardo. Sempre senti que o rosto que buscava sempre que olhava para ele não era o dele, mas pela primeira vez eu encontrei o que procurava.

O rosto de Nicardo deixou de ser avermelhado e se tornou mais pálido. Seus cabelos cresceram, até a altura do queixo de modo que não conseguia enxergar-la. Seus olhos eram esverdeados e seus lábios faziam

um “M” perfeito. Seu rosto se tornou um pouco mais delicado, mas ao mesmo tempo frio.

– O que foi? – Nicardo estava de volta.

– Como era o Alexis? – perguntei.

– Por quê? – ele não havia gostado da pergunta. Já esperava por isso.

– De repente me deu vontade de saber. – tentei parecer que perguntei por perguntar.

– O Alexis era grosseiro, às vezes canastrão e sempre autoritário. – ele não parecia animado – Vocês dois não se suportavam. Brigavam a todo o tempo. Ele sempre te chamava de plebéia insolente. Era um horror.

– Tem certeza do que está dizendo? – perguntei.

– Absoluta! – ele bufou – Quando chegarmos a Capital pode perguntar para o Neandro. O irmão dele. Alias, já me arrependi de ter pedido para vir a Calidora. Se tivéssemos seguido direto para a Capital estaríamos todos juntos e prontos para lutar.

– Não se culpe! – o abracei – Veja só, se não tivéssemos vindo não teríamos encontrado a Camila.

– E do que adiantou? – ele fitou o teto – Ela sumiu. Antes tivesse a deixado fugir.

– E se ela tivesse sido capturada? – tentei consolar-lo – Ninguém sabe o que poderia acontecer com ela.

– Nada! – ele bufou – Bianor nunca faria mal as suas noivas.

– Vamos parar com esse assunto? – resolvi encerrar a conversa.

– Foi você que começou! – ele bufou.

– Não *essa* conversa! – corrigi – Estávamos falando de outro assunto.

– Então vamos encerrar esse outro assunto? – ele rebateu.

– Tudo bem. – desisti – Você não gosta mesmo dele.

– Se ele nunca tivesse aparecido em seu caminho, talvez eu não tivesse nada contra ele. – Nicardo começou a fitar o chão – Tenho muito medo de ele voltar e você me deixar. Agora que consegui você, não quero te perder nunca. Mas eu sei que uma hora isso vai acabar acontecendo.

– Lá vem você com esse assunto de novo! – ergui sua cabeça – Eu já disse que não irei te deixar. Eu te amo Nicardo!

– Talvez fosse melhor você se lembrar de tudo de uma vez e reencontrar-lo. – ele estava triste – Se depois de tudo isso você ainda quiser ficar comigo...

– Não fale mais nada! – coloquei o dedo em sua boca.

Não demorou muito para pegarmos no sono novamente. E novamente tive um sonho estranho. Mas desta vez foi um sonho muito mais estranho. Mesmo não lembrando do sonho anterior, tive certeza de que esse sonho era ainda mais importante.

Eu estava em uma floresta. A chuva era fraca, mas eu estava completamente molhada. Uma pessoa estava sumindo. A cada minuto sua imagem ficava mais fraca e eu não conseguia reconhecer quem era.

– Lembrar você dele? – um ser esquisito me perguntava isso.

– Eu não sei. – estava assustada.

– Precisar você lembrar dele. – o ser estava me rodeando – Se não lembrar, rapaz desaparece nunca mais voltar.

A chuva foi ficando mais forte e a imagem da pessoa cada vez menos nítida. Eu estava ficando desesperada. Sabia que aquela pessoa precisava de mim para poder não desaparecer, mas eu não conseguia saber quem era.

– Nicardo? – chutei. Nada aconteceu – Neandro? Tales? Selenia ou Thalassa? Linfa? Rei Celeo?

A chuva ficava mais forte ainda e quase não conseguia respirar. Minha roupa já estava mais que ensopada e a pessoa que estava na minha frente estava sumindo cada vez mais.

– Eu ao consigo! – gritei enquanto a chuva aumentava ainda mais.

– Você precisar, garoto sumir para sempre! – o ser baixinho continuava me pressionando.

– Por favor, me deixe ir? – estava chorando de desespero – Eu não consigo mais lembrar. Eu não posso! Eu não posso!

– Tente! – o ser falou.

– Tente, tente, tente, tente, tente! – varias vozes surgiram das árvores.

– Eu não consigo. Não consigo! – a chuva ao dava trégua.

– Faça um esforço. – a voz da pessoa a minha frente quase não saiu – Por mim.

– Você se chama... Você se chama... Você se chama...

– Você consegue! – uma voz feminina veio de trás de mim. Era Thalassa.

– Você consegue! – Tales apareceu do meu lado.

– Não poderia evitar para sempre! – Nicardo estava muito triste.

– Você se chama... Você se chama...

– Não desista! – outra voz feminina surgiu, desta vez apenas dentro da minha cabeça.

– Alexis! – gritei – Você se chama Alexis! Príncipe e herdeiro do trono da Capital!

CAPÍTULO 10 / AO RESGATE!

Diferente do que acontecia na maioria dos sonhos, não acordem no ápice da emoção. O sonho simplesmente mudou de cenário. De repente tudo ficou branco e eu estava flutuando no nada. No início foi estranho, mas logo me acostumei. Uma belíssima e calma canção era tocada em um piano invisível, pois por mais que tentasse não conseguia ver nada além de branco.

Minha mente estava um verdadeiro caos nos últimos dias. Esses sonhos ajudaram muito neste colapso. Perde todas as informações era um modo de minha mente dizer que estava cansada. No sonho tudo o que me vinha na cabeça era: “Como essa música é calma e bonita.” Continuei descansando a mente flutuando no nada por um bom tempo. Ou me pareceu um bom tempo enquanto sonhava. Mas um sacolejo me fez voltar para realidade e me desligar daquela belíssima canção que era a única informação que continuava em minha mente.

– O que vocês andaram aprontando? – era a voz do Tales – Seus safadinhos. Não vai me dizer que vocês dois...

– Não! – levantei assustada.

– Não o que? – Tales tinha um sorriso malicioso no rosto.

– Não o que... O que? – estava meio confusa.

– Não liga não Beatriz. – Thalassa estava do meu lado – Ele viu muitas mulheres ontem à noite. Hoje ele acordou meio afetado.

– Cadê o Nicardo? – me assustei.

– Estou aqui! – ele respondeu sentado na cadeira da mesa de controle – Você estava tão aflita e nervosa enquanto dormia, que quando você se acalmou achei melhor não te acordar.

– Vocês chegaram há muito tempo? – perguntei.

– Não. – Thalassa respondeu – Chegamos agora e já temos que sair. O quanto antes melhor.

– O que aconteceu? – levantei na mesma hora – Acharam o Cosmo e a Levinda?

– Achar, achar nós não achamos. – Tales enrolava – Mas sabemos onde estão.

– E onde eles estão? – perguntei aflita. A canção já havia se dissipado da minha mente.

– Levinda foi levada para o castelo novamente! – Thalassa parecia preocupada – Já o Cosmo foi preso por crime de sequestro.

– Preso? – estranhei – Mas não o vi em nenhuma das celas.

– E que ele não foi levado para as masmorras. – sem dúvida Thalassa estava preocupada – Ele foi levado para uma cela especial. Com um pouco mais de conforto.

– Mais conforto? – não entendi.

– Bianor não gosta que a última noite de seus condenados seja desconfortável. – Thalassa parecia ri da ironia – A última noite tem que ser bem confortável.

– Última noite? Espere! Última noite?! – fiquei apavorada – Que dizer que vão matar o Cosmo?

– Se não fizermos nada até as 10:00... – Tales ficou serio.

– São que horas? – perguntei desesperada.

– 08:40. – Thalassa respondeu – Temos 1 hora e 20 minutos para chegar à praça do reino. É lá que ele será executado.

– E o que estamos esperando? – gritei – Vamos, vamos!

– Mas como vocês descobriram isso? – Nicardo perguntou.

– Pouco depois de nos falarmos ontem, chegou um homem ao local e disse que havia resgatado uma das esposas de Bianor. – Thalassa respondeu – Como todas as noivas estavam *tentando* fugir, presumimos que a noiva era a Levinda e o sequestrador o Cosmo.

– Provavelmente inventaram isso para Bianor não sair com má fama. – Nicardo estava indignado.

– Então vocês não tem certeza absoluta? – perguntei.

– Absoluta não. – Thalassa chegou perto da porta – Mas as chances de ser o Cosmo o sequestrador são muito grandes. Muito grandes mesmo.

– Então vamos logo ao resgate! – gritei.

Seguimos do submarino direto para a praça. Thalassa havia feito uma roupa ilusória para podermos chegar sem sermos notados. A praça estaria cheia, mas não o suficiente para nos arriscarmos a mostrar o rosto antes do tempo.

Quando chegamos à praça, o local estava cheio de curiosos, mas ainda não havia executado ninguém. Estavam preparando as coisas ainda e não havia ninguém com cara de carrasco no local da execução.

Misturamo-nos com o povo e tentamos ficar o mais escondido que foi possível. Muitas das pessoas que estavam ali pareciam não saber da execução e muitas iam embora quando descobriam o motivo da aglomeração. Isso seria maravilhoso, se não nos prejudicasse.

– Não vamos fazer nada agora! – Thalassa sussurrou – Vamos esperar até o último minuto.

– Mas isso não é arriscado? – perguntei.

– Mas é a única forma. – Nicardo havia entendido o plano – Se fizermos algo antes de termos o Cosmo em nossas mãos, podem pedir reforços.

– Agora eles saberão oficialmente que voltamos! – disse preocupada.

– Eu sei disso. – Thalassa respondeu aflita.

– E saberão que temos um submarino! – Tales complementou meu pensamento.

Thalassa fechou os olhos e fez uma cara de “Vou me arrepender muito, mas é a única saída” e respondeu:

– Eu sei disso também!

– Horas? – perguntei.

– Parece já ser quase 10 horas. – Tales respondeu olhando o sol – Devem ser umas 10 para as 10.

– Não sei se a roupa vai aguentar muito mais tempo. – Thalassa disse preocupada.

– Essas roupas vão sumir? – me assustei.

– A qualquer momento. – Thalassa respondeu.

– Então nós temos outro problema! – disse um pouco alto, mas ninguém ouviu. Acho.

– Olhem! – Tales disse apontando com a cabeça para o centro da praça.

Dois homens entravam no meio da multidão e seguiam para o centro da praça. Junto com eles, um jovem sem camisa e com as mãos amarradas às costas. Era Cosmo. Em seguida entrou outro homem, desta vez muito musculoso. Ele fazia lembrar um fisiculturista e também estava sem camisa. Na cabeça, um grande saco preto onde só era possível ver os olhos e o nariz. Ele levava um machado apoiado no ombro direito.

– Não disseram que seria enforcamento? – alguém disse no meio da multidão.

– Acho que mudaram de planos. – outro respondeu.

– Tudo bem! – Thalassa cochichou – Ao meu sinal!

– Certo! – dissemos todos juntos.

Um homem magrelo entrou na frente de Cosmo e do fisiculturista com machado e começou a tagarelar sobre “alta traição”, “sequestro”, “punição severa” e mais varias outras baboseiras que nos fizeram ganhar tempo. Ou perder tempo.

–... Por isso, esse homem que vos mostro hoje, foi condenado a mais severa e justa das punições criadas pelo digníssimo e futuro rei de Ofir Bianor Flabela do Corpeu de Ofir. – o magrelo saiu da frente.

– Quando eu disse três! – Thalassa cochichou. – Um, dois, três!

Antes que o musculoso fisiculturista pudesse por as mãos em Cosmo, Thalassa, Tales e Nicardo pularam para o centro da praça.

– Acho que ninguém será executado aqui hoje!

– Tales disse roubando uma das espadas que haviam sido cravadas onde Cosmo seria executado.

– Sabe que eu também tenho essa impressão!

– rapidamente Nicardo roubou a outra.

– O que estão esperando? – o magrelo gritou – Peguem-nos!

Dois guardas partiram para cima de Nicardo e Tales. Thalassa soltava as mãos de Cosmo enquanto o grandão de machado partia para cima dos dois. Fiquei

desesperada, mas Thalassa foi rápida e jogou uma bola de energia no peito do grandalhão.

Tales e Nicardo estavam indo bem com os guardas. Tales chegava como um trovão para cima do guarda e investia varias espadadas no adversário, que defendia todas com muita habilidade. Nicardo estava tendo menos sorte e a todo o momento recebia investidas do outro guardas, mas sempre desviava.

Thalassa continuava investindo em golpes de energia e Cosmo dava suporte criando um tipo de escudo protetor. O fisiculturista do machado era bem forte e grande, mas muito lento e pesado. Thalassa conseguia sempre desviar de seus golpes e acertar-lo com bolas de energia.

– O que vocês estão fazendo? – o magrelo estava furioso – Incompetentes!

– Beatriz! – Tales gritou – Um reforço, por favor!

Fiquei paralisada com o pedido. Eu ainda estava no meio da multidão. O que eu poderia fazer para ajudar-los? Se eu ao menos me lembrasse de algo. Qualquer coisa que pudesse ajudar-los. Não sei.

Thalassa começava a ficar cansada e o escudo de Cosmo estava enfraquecendo. Tales e Nicardo continuavam firmes na luta, mas não sabia até quando eles iriam conseguir se manter fortes. Nicardo principalmente, ele parecia estar muito cansado.

– Caramba! – Tales gritou quando o machado do fisiculturista voou para perto dele – Mas cuidado desse lado da luta! Espere, isso pode ser útil!

Tales pegou o machado e começou a investir no guarda. O guarda conseguia se desviar. Tales jogou a espada, que veio rodando para perto de mim. Só então percebi que havia entrado no centro da praça.

Impulsivamente pegue a espada e fiquei a segurando por um tempo. Não sabia ainda o que iria fazer, mas sabia que deveria fazer alguma coisa. E precisava fazer alguma coisa bem depressa.

Thalassa estava se recuperado, enquanto o musculoso que agora estava sem o machado só provava que tinha tamanho. Ele estava mais cansado que todos os outros que estavam brigando.

– Vá e faça alguma coisa! – uma voz masculina ordenava em minha cabeça – Você consegue!

Em um impulso de coragem, ergui a espada e fui para cima do grandalhão. Não sei como, mas de repente eu sabia o que fazer. Era como se já tivesse feito isso varias vezes.

Pulei em suas costas e o golpeei na cabeça. O monstro grandalhão já estava tonto, depois do golpe ele cambaleou e caiu por alguns segundos. Das costas dele, pulei para cima do guarda que estava com Nicardo. Ele quase havia golpeado Nicardo na perna, mas acabou se distraindo comigo, que o golpeei no queixo com o punho. Tales havia conseguido perder o machado para o adversário, instintivamente fui ajudar-

lo e golpeei com a espada e em seguida fiz um corte na barriga do soldado que caiu gemendo de dor. O magrelo, que assistiu a tudo, saiu correndo quando me viu o fitando.

– São eles! – o magrelo estava surpreso.

– Acho que conseguimos! – Tales disse limpando o suor da testa.

– Vamos tentar sair daqui o mais rápido possível! – eu disse.

– Acho que não vai dar tempo. – Cosmo falou olhando ao redor.

Novamente estávamos cercados. Desta vez eram três Leons que tinham chegado para se juntar à festinha.

– Vamos fugir? – perguntei.

– Vamos tentar! – Nicardo falou.

Corremos para fora do centro da praça empurrando a multidão que parecia estar pensando que aquilo era uma peça de teatro. Os Leons foram mais grosseiros e passaram por cima de quem estava na frente deles.

– Isso é péssimo! – Thalassa gritou. – Eles não vão parar!

– Não diga! – Tales disse debochado.

– Acho melhor lutarmos. – Nicardo sugeriu – Eles não irão parar de nós seguir.

– Beatriz, você sabe o que fazer?! – a voz novamente em minha cabeça.

Novamente senti que sabia. Entrei na frente de Cosmo, Thalassa, Thales e Nicardo e juntei as mãos. Novamente era como se eu sempre soubesse como se fazia. Pensei em água. Muita água. Depois em pensei em fogo e uma energia estranha começou a sair do meu peito e algo começou a brilhar. Era o pingente de chave. Desde quando eu estava com ele?

Tales, Thalassa, Cosmo e Nicardo pareceram entender o que eu estava prestes a fazer e deram alguns passos para trás. No mesmo instante uma luz começou a surgir de minhas mãos. Era uma energia muito forte. Eu não estava conseguindo segurar. Era como se estivesse com 1 tonelada em minhas mãos. Quando não consegui mais aguentar, joguei a bola de luz no chão e tive uma grande surpresa.

A bola de luz rolou até perto dos Leons. Aparentemente nada aconteceu. Os Leons olharam para a bola, esperando que algo acontecesse. Quando viram que nada estava acontecendo, voltaram às atenções para nós. Foi quando a bola começou a flutuar. Ela ficou bem encima dos Leons e começou a rachar. De dentro da bola, uma grande onda de água e fogo começou a cair.

– Acho melhor sairmos logo! – Tales já estava correndo.

A onda de água e fogo começou a inunda tudo. Nicardo me segurou e pulamos para sacadas de varandas das casas, tentando fugir das ondas que

tomaram as ruas. Estava surpresa com o que tinha feito e comecei a me perguntar o que era aquilo.

– O que iremos fazer agora? – Cosmo se perguntou.

– Estamos cercados por água e fogo! – Tales olhava para mim.

– Esperem! – gritei enquanto o fogo começava a queimar as casas.

Concentrei-me e tentei pensar na bola de luz. Imaginei-a se enchendo com toda aquela água e fogo. Eu sabia que podia, só não sabia como havia aprendido aquilo. Mas estava funcionando. Toda a água e fogo que havia se alastrado pelas ruas começaram a formar uma grande parede, que ia crescendo e crescendo até alcançar a bola de luz, que estava no topo de tudo. Como em um passe de mágica, toda a água e fogo voltaram rapidamente para dentro da bola, que voltou para as minhas mãos e desapareceu.

– Uau! – Tales soletrou as letras – Isso foi muito legal!

No mesmo instante em que a bola sumiu, um imenso cansaço bateu em meu corpo e não me pude aguentar de pé. Desmaiei ali mesmo, na sacada de uma varanda qualquer.

Eu estava novamente no lugar completamente branco do meu sonho. Novamente a única coisa que passava em minha cabeça era o quão bonita aquela canção era. Mas desta vez era uma canção diferente. A

principio não havia notado, mas no decorrer da música comecei a sentir a melodia diferente.

– O que eu fiz hoje? – me perguntei.

O que foi aquilo? Será que eu sempre fiz algo do tipo? Eu realmente já havia aprendido aquilo? Ou será que foi um momento de sorte?

Minha cabeça estava começou a doer e resolvi parar de pensar nisso. A canção do meu sonho voltou a ser tocada. Lentamente meu corpo foi descendo e parou em algo solido que parecia ser o chão. Caminhei em direção a música e acabei encontrando uma mancha preta, não muito longe. Aproximei um pouco mais e a mancha começou a tomar forma de um piano. Um jovem de cabelos castanhos que estava tocando. Sempre que ouvia aquela música a sensação que tinha era de que nada mais importava. Eu só queria estar ali, com aquela canção.

Tentei chegar perto do pianista, mas parecia que quanto mais tentava me aproximar mais longe eu ficava dele. Eu tentei varias vezes, até que ele finalmente se virou e pude ver o rosto dele. Era o rosto mais belo que já havia visto. Ele se aproximou de mim, mas a música não parou de tocar.

– Estou esperando que me salve! – o rapaz falava – Apenas você pode trazer de volta a pessoa que eu era.

– Mas como? – perguntei.

– Você precisa se lembrar! – ele sorria.

- Lembrar, lembrar, lembrar! – fiquei nervosa.
- Tudo o que eu mais tento fazer é me lembrar!
 - Não precisa se preocupar. – ele parecia calmo
- Quando chegar à hora, você se lembrará!
 - Mas onde eu irei encontrar você? – perguntei.
 - Você já sabe. – ele segurou minhas mãos e me coração disparou mais forte.
 - Quem é você? – perguntei.
 - Você vai ter que me dizer! – ele me abraçou.
- A única coisa que sei é que te amo demais para te esquecer!

Neste momento seus braços me seguraram mais fortes. Minhas pernas tremeram e meu coração estava perto de parar quando aconteceu. Eu não sei o que ocorreu em mim, mas senti que minha vida precisava daquele beijo. Naquele instante era como se o mundo fosse um completo nada e só restasse nós dois.

– Eu não sei quem você é. – estava chorando – Não entendo o que está se passando comigo. Eu... Até agora achava que tinha certeza do meu amor por Nicardo, mas de alguma forma era você que eu estava procurando sempre que o via.

– Beatriz? – ele sussurrava em meu ouvido – Não demore muito em me salvar, tudo bem?

– Tudo bem! – respondi abraçada nele.

Aos poucos a sensação foi desaparecendo e me vi dançando com o nada. Ainda não sabia como

explicar o que havia acontecido ali, mas precisava – mais que nunca – recobrar tudo o que havia vivido da primeira vez que estive em Ofir.

– Beatriz? – uma voz me acordava. Era Nicardo.

– Eu vou! – respondi ainda no sonho – Eu vou te salvar. Só me diga onde te encontrar.

– Salvar quem? – Tales perguntou – Acha que ela está delirando?

– Acho que não. – era a voz de Thalassa – Acredito que quando acordar Beatriz terá muitas coisas para contar.

– Eu te salvo! – continuava repetindo.

– O que será que está acontecendo? – era a voz de Cosmo. Estava um pouco longe.

– Beatriz? – Nicardo novamente tentava me acordar – Beatriz? Acorde!

– Não, eu preciso salvar! – não conseguia sair do meu sonho.

– Será que ela ficou... Sei lá, traumatizada com o dia de hoje? – a voz de Tales se tornou um pouco mais distante.

– Acredito que não. – Nicardo também se afastou – Desde ontem que ela vem me falando de um sonho muito importante. Acho que ela pode estar falando do Alexis.

– Alexis? – Cosmo perguntou.

– O que você acha que foi? – Thalassa se aproximou de mim.

– Não sei. Talvez ele esteja preso em algum lugar. – Nicardo começou a explicar – Ele deve ter sentido a nossa presença e tentou se comunicar com a Beatriz através dos sonhos.

– Será que ele está no sonho dela agora? – Thalassa perguntou.

– Beatriz? – Nicardo novamente me chamava – Onde você está?

– No nada. – respondi.

– Você está acompanhada? – Nicardo perguntou.

– Não. – respondi – Ele já foi embora.

– Ele quem? – a voz de Nicardo ficou tremula.

– Não sei. – respondi – O garoto que me ama.

– Droga! – Nicardo pareceu chutar algo – E como é esse garoto?

– Cabelos castanhos e grandes, com olhos verdes. – respondi – Ele é lindo e me beijou.

– Beatriz acorde agora! – Nicardo gritou.

– O que? – acordei assustada – Onde estamos?

– Voltamos para o submarino. – Thalassa sorria

– Você nos salvou, mas usou uma energia mágica muito além da que você consegue produzir. Isso acabou esgotando completamente as suas energias e você desmaiou.

– Você teve sorte! – Nicardo não estava com uma cara muito boa – Poderia ter morrido.

– Eu... – tentei me levantar, mas ainda estava cansada – Não sei como fiz aquilo. Uma voz surgiu na minha cabeça e de repente eu sabia o que fazer.

– Mas vamos evitar isso enquanto você não recuperar completamente a sua memória. – Nicardo advertiu.

– Desculpe. – disse pondo a mão na cabeça.

– Agora me conte uma coisa. – Nicardo estava sério – O que você estava fazendo em seu sonho?

CAPÍTULO 11 / UMA CARTA MUITO ESPECIAL

Confesso que quando Nicardo perguntou o que eu estava sonhando, meu rosto ficou quente e provavelmente vermelho. Eu lembrava exatamente tudo o que havia acontecido naquele sonho. A leveza e suavidade da canção, o pianista, o beijo – principalmente o beijo – e tudo o que senti quando o vi. E eu não queria contar isso ao Nicardo.

– Eu não me lembro direito. – menti.

– Você disse que estava sonhando com o rapaz que te ama. – o ciúme era mais que visível em Nicardo
– E pela descrição que você fez o rapaz não era eu.

– Descrição? – ainda não acreditava que havia falado dormindo – Ah, descrição!

– Sim, sim! – Nicardo estava furioso – O rapaz de cabelos castanhos e olhos verdes. Você sabe quem é esse rapaz?

– Quem? – tentei evitar os suspiros. A lembrança do beijo ainda estava muito forte.

– Alexis! – ele respondeu.

– E a primeira vez que você sonha com ele? – Thalassa perguntou, muito calma.

– Acho que não. – respondi tentando me levantar novamente – Apesar de não ter visto o rosto nas outras vezes, acho que esse é o terceiro sonho que tenho com ele.

– E você se lembra dos outros sonhos? –
Thalassa estava evitando que Nicardo fizesse as perguntas.

– Eu estou começando a lembrar. – os sonhos começavam a vir em minha mente – Sim, agora eu me lembro!

– Então nos conte! – Thalassa me fez sentar.

– A primeira vez eu estava em um bosque. – comecei a contar o que lembrava – Havia um rapaz no topo de uma árvore. Ele disse que estava esperando por mim, que não lembrava quem ele era, mas lembrava de mim.

– Espere um minuto! – Tales me interrompeu – Você disse *bosque*?

– Acho que sim. – forcei a mente – Pelo menos parecia um bosque.

– Será que... – Tales franziu a testa.

– O Bosque Perdido! – Cosmo socou a mão.

– Vocês conhecem este lugar? – perguntei.

– Sim! – Tales respondeu – E um bosque encantado. Quem entra lá e não sai em 24 horas acaba se transformando em um ser do bosque. Você não se lembra?

– Eu já estive lá? – perguntei.

– Com exceção do Cosmo, todos nós já estivemos. – Thalassa respondeu.

– Vocês acham que...

– O Alexis pode ter se tornado um ser do bosque? – Tales completou minha frase – Sim. Isso

explicaria o fato dele ter se esquecido de quem ele era. Mas ele deveria esquecer você também. Isso é estranho.

– Talvez ele ainda não tenha se transformado por completo! – sugeri – Isso pode acontecer?

– Não sei. – Tales respondeu – Nunca soube como funciona essa transformação. Mas parece uma hipótese plausível. Algum motivo em especial para achar isso?

– Sim! – respirei fundo – O meu segundo sonho.

– O que aconteceu em seu segundo sonho? – Thalassa perguntou.

– Eu estava no mesmo bosque, com um ser esquisito. – tentava me lembrar com clareza – E tinha uma imagem de uma pessoa quase desaparecendo. Não sei explicar, mas eu sabia que apenas eu poderia salvar-lo. Talvez isso seja um sinal de que ele ainda possa voltar.

– E o terceiro sonho? – Nicardo perguntou de propósito.

– Esse não foi nada importante. – menti – Só me lembro dele pedindo para que eu o resgate o mais depressa possível.

– Só isso? – Nicardo me olhou feio.

– Que eu me lembre... – fingi desinteresse.

– Acho que devemos resolver isso junto com Neandro. – Thalassa se levantou – Ele é o irmão. Acho que precisa saber disso.

– Nós já estamos indo para a Capital? – perguntei.

– Já estamos chegando. – Cosmo disse da mesa de controle.

– Eu fiquei dormindo por quanto tempo? – levantei assustada.

– 1 dia e meio. – Thalassa sorriu.

– Tudo isso? – gritei.

Estava surpresa com o tempo que havia ficado desacordada. Pareceram minutos. Será que haviam acontecido mais coisas em meu sonho? Talvez eu tenha ficado apenas flutuando no nada e descansando.

Minha mente parecia mais leve e meu corpo descansado – fazia tempo que não tinha essa sensação. Eu não estava apenas descansada, eu estava revitalizada. Estava cheia de energia e disposição.

Não demorou muito para chegarmos a tão famosa Capital.

– O lugar está cercado de guardas. – Cosmo disse, ainda dentro do submarino – Vamos esperar um pouco para sair.

– Mas eles não são contra Bianor? – estranhei.

– Mas é melhor prevenir. – ele continuava olhando.

– E até quando ficaremos aqui? – perguntei.

– Até acharmos que é seguro sair! – Cosmo respondeu.

– É melhor assim. – Tales também olhou pelo binóculos do submarino – Não estamos em condições de arriscar.

– Eu quero olhar também! – senti-me uma garota de 12 anos.

Comecei olhando da esquerda para direita. Havia muitas pessoas e todas pareciam bem atentas. Talvez o momento seguro nunca chegasse.

Para um reino que havia ficado contra Bianor, eles estavam muito bem. Pelo menos no porto. Acho que estavam conseguindo se virar muito bem sozinhos.

– Espere! – disse ao avistar uma pessoa – Eu conheço esse homem!

– Que homem? – Tales tomou o binóculos (ou seja lá o que é aquilo). – Mas é o Neandro!

– Neandro? – gritei – O nosso Neandro? Digo, o que nós conhecemos?

– Ele é o único Neandro que existe. – Nicardo ainda estava bravo comigo.

– Então o que estamos esperando? – disse indo em direção a porta do submarino – Vamos logo falar com ele!

Mesmo com um conhecido no local, Cosmo e Tales acharam melhor sair do submarino o mais discretamente possível. Não sabíamos se poderíamos

confiar em todos que estavam ali e nem sabemos até onde estávamos seguros.

– Neandro? – Thalassa se aproximou.

– Sim? – ele se virou e arregalou os olhos – Vocês!

– Achou que nunca mais nós veria? – Tales perguntou.

– Honestamente? – Neandro sorriu – Com os últimos acontecimentos, eu achei. Mas que ótimo que estava errado! Eu estava morrendo de saudades de todos!

– Nós também estávamos morrendo de saudades de você! – Thalassa disse com um sorriso aliviado.

– E quem é esse rapaz? Eu não o conheço. – Neandro olhou para Cosmo.

– Esse é Cosmo, ele agora faz parte do grupo. – Thalassa respondeu.

– E sabe lutar? – Neandro perguntou.

– Não muito, mas crio ótimos apetrechos e estou me especializando em magia – Cosmo respondeu constrangido.

– Isso é bom! – Neandro botou a mão no ombro de Cosmo – Nunca sabemos quando iremos precisar de reforços mágicos. E você Beatriz? Encontrou com o Alexis?

– Na verdade era sobre isso que queríamos conversar com você. – Thalassa olhou para os lados – Mas acho que esse não é o melhor lugar.

– Claro. – Neandro notou de imediato que o assunto era serio e sigiloso – Vamos para minha casa. Tenho alguns cavalos sobrando presos aqui no porto.

– Cavalos? – me assustei – Eu não sei. Não sou muito boa em cavalos.

– Deixe de bobagem Beatriz! – Neandro sorriu – Você montava muito bem. Com um pouco mais de treino poderia ser uma perfeita amazona.

– Do que ele está falando? – ri nervosa.

– Nós teremos muita coisa para conversar. – Nicardo fitou Neandro sugerindo que esperasse pela conversa.

Subi em um cavalo não foi uma experiência traumática. E com Nicardo conduzindo me senti um pouco mais segura. Talvez o fato de já ter andado antes tivesse ajudado. A sensação era de que eu nunca havia deixado de montar em minha vida, esmo eu não me lembrando de alguma vez já ter montado em um cavalo.

No caminho Neandro relembrou varias aventuras que vivemos juntos. Contou sobre o dia que eu joguei um balde de água na cabeça do Alexis e em seguida escorreguei e bati com o nariz – coisa que, apesar de não lembrar, é a minha cara – e contou também sobre o dia em que eu derretei um monstro de duas faces. Contou sobre lutas com dragões e um ser de fogo em um trem. Eram tantas coisas que eu não

lembrava, tantas situações que ninguém conseguiria esquecer nunca na vida. Por que eu as esqueci?

O tempo passou rápido com a conversa e logo chegamos à casa de Neandro.

A casa era muito familiar. Como se já tivesse morado por ali. A cerca de madeira que rodeava a casa, as montanhas ao fundo, a grande árvore ao lado da casa. Aos poucos eu fui reconhecendo todas as coisas.

– Você... – andei alguns passos a frente deles – Você me deu aula de magia naquelas montanhas. Eu estou lembrando! Eu estou lembrando!

– Espere! – Nicardo correu para o meu lado – O que mais você lembra?

– Eu me lembro de alguém gritando comigo no dia em que cheguei. – fechei os olhos – Lembro de varias pessoas me olhando feio nas ruas e de um lobo imenso com olhos de fogo.

– Lembra de mais coisas? – Thalassa perguntou.

Neste momento uma bela moça de cabelos loiros saía da casa e vinha em nossa direção. Pela primeira vez eu sabia exatamente quem era.

– Linfa! – gritei.

– Beatriz! – ela correu e me abraçou – Você voltou!

– Linfa você está bem! – de repente eu sabia que ela havia sido envenenada. As coisas começaram a

surgir em minha mente – É você está mais linda queda última vez que a vi.

– Você também está ótima! – ela sorriu – E gostaria de agradecer a você.

– Sobre o que? – estranhei.

– Soube que você desistiu do seu pedido para poder me salvar e salvar a Rainha Alina. – ela me abraçou novamente – Isso foi o maior ato de bondade que alguém já fez por mim.

– Desculpe... – fiquei constrangida – Eu não me lembro disso.

– Vamos entrar? – Tales percebeu o clima estranho que ficou.

Dentro da casa, mais lembranças. Lembrei de um livro que havia encontrado na estante de livros, de quando a Linfa desmaiou na cozinha, lembrei novamente do lobo. Foi a primeira grande recuperação que tive desde que cheguei.

Nicardo e Thalassa contaram tudo o que havia acontecido comigo nos últimos meses. Nicardo contou sobre as coisas na Terra e sobre me treinar para aprimorar minha magia e fortalecer o meu corpo. Contou sobre a minha perda de memória, sobre os portais que Bianor estava abrindo e sobre a Camila, a Levinda e a Layla.

Thalassa contou à parte que Nicardo não quis contar. Ela falou sobre as anotações de Alexis e a busca pela mãe, assim como o seu desaparecimento – coisa

que Neandro já sabia. Ela contou sobre os meus sonhos e sobre a possibilidade de Alexis estar preso no tal bosque e estar se tornando um ser do bosque.

– Isso é muito ruim! – Neandro respirou fundo
– Mandar tropas para o bosque é muito arriscado. Se Alexis está se transformando em um ser do bosque corre o risco de nem encontramos. Por que ele sempre faz isso?

– Mas de qualquer forma tínhamos que te avisar. – Thalassa tentava consolar-lo de alguma forma.

– Não, claro, vocês estavam certíssimos! – Neandro se entristeceu – Foi bom eu saber disso.

– Espero que não seja tarde. – Linfa abraçou Neandro.

– Mas uma coisa me intriga. – Neandro fitou o nada e depois voltou a olhar para nós – Por que ele não esqueceu tudo? Por que ele esqueceu apenas de quem ele era? Isso não faz muito sentido.

– Nós acreditamos que essa transformação posso ser gradual. – Cosmo falou.

– Mas ainda assim não faz sentido para mim. – Neandro estava mesmo intrigado – Vou ter que conversar com meu pai para tomarmos alguma providencia. Falarei com ele ainda hoje.

– Mas como andam as coisas por aqui? – Nicardo perguntou.

– Nada boas! – o rosto de Neandro se abrumou
– Estamos passando por mementos de muita dificuldade. Estamos fazendo o possível e o impossível

para proteger as barreiras da Capital. Recebemos alguns reforços de Menelau, mas eles também estão passando por dificuldades. No caso deles é ainda mais grave. O risco de acontecer em Menelau o que aconteceu em Leander é muito grande e acabamos recusando o reforço para o bem do reio deles.

– Mas as coisas estão assim tão ruins? – perguntei.

– Então. – Neandro assentiu triste – Desde que os reinos de Neide e Calidora se juntaram a Bianor as coisas ficaram quase fora de controle. As tropas de Bianor são muito mais fortes que as nossas e as de Menelau. Se nem Leander, que tinha uma excelente tropa, conseguiu deter-los. E eles ainda tiveram a ajuda das tropas de Sotero! Acabaram os dois da mesma forma. Será uma questão de tempo até que as nossas tropas não resistam mais.

– Então vocês estão em estado crítico! – Tales se preocupou – Vocês necessitam de um meio para se fortalecerem.

– Mas como encontraríamos esse meio? – Neandro perguntou – Não podemos nos distanciar da Capital, precisamos de toda a tropa aqui. Pensamos em varias formas, mas nenhuma funcional. Pelo menos não com total eficácia. Eu nunca imaginei que diria isso, mas o mundo de Ofir pode estar com os dias contados.

– Não pense assim! – Cosmo tentou animar-lo – Beatriz voltou. Nós temos uma nova esperança.

– Esperem! – eu disse – Ainda não posso ser chamada de esperança. Enquanto não me lembrar de tudo o que aconteceu eu serei inútil para vocês.

– Não! – Nicardo quase gritou – Não viu o que você fez em Calidora? O jeito como você desenvolveu a sua magia?

– E olha como eu terminei? – gritei – Dormindo durante quase 2 dias.

– Mas o Cosmo tem razão! – Neandro se animou – O fato de você estar aqui já é um ótimo motivo para termos esperança. É sinal de que a nova profecia está se cumprindo.

– Eu... Eu não sei. – fitei o chão.

– Quer um copo d'água? – Linfa perguntou.

– Não, obrigada! – respondi.

– Não seja tímida. Tem certeza? – ela me olhou de forma estranha.

– Acho que aceito sim. – fui ver o que ela queria.

– Desculpe te tirar assim de repente, mas é que tinha que te entregar algo antes de você ir embora. – Linfa falou baixou – Tome a água e venha comigo.

Eu me lembrava de absolutamente tudo daquela casa. Cada móvel, cada cômodo, cada corredor. Estava tudo de volta a minha cabeça, como se nunca tivesse saído de lá.

Linfa me levou até o quarto onde eu dormia quando fiquei morando com eles. Novamente todas as

informações apareceram em minha mente como se nunca tivessem sido perdidas. Estava tudo igual.

A janela estava aberta e um vento fresco entrava no quarto. Lembrei das noites que passei ali, olhando pela janela a grande árvore e as três belíssimas luas que brilhavam cheias todas as noites. Os móveis estavam do mesmo jeito e até o cheiro parecia igual da época em que dormia ali. A cama que parecia um tronco entalhado continuava a mesma. Deitei e relembrei os velhos tempos.

Ter novamente minhas memórias – mesmo sendo apenas uma parte delas – estava e fazendo muito bem. Parte do peso que eu carregava havia sido tirado quando recobrei as lembranças deste lugar. Foi uma sensação inexplicável e inigualável. Não conseguia nem imaginar como seria quando eu recobrasse toda a minha memória.

Linfa abriu uma gaveta e pegou um pedaço de papel, que estava dobrado ao meio.

– É uma carta! – ela sorriu e me entregou.

Abri a carta e olhei os vários símbolos estranhos. Não consegui entender nada do que estava escrito e tentei demonstrar isso apenas com as minhas expressões de confusão. Surtiu efeito na mesma hora.

– Desculpe! – Linfa tapou o rosto – Acho que você ainda não se lembrou da nossa escrita.

– Se não for incomodar, poderia ler para mim?
– sorri.

– É uma carta do Alexis. – ela falou baixo – Ele pediu para te entregar caso você voltasse e algo tivesse acontecido com ele.

– Nossa! Leia! – estava curiosa.

Linfa começou a ler.

Beatriz,

Algo de ruim deve ter acontecido comigo, caso o contrario não estaria lendo essa carta.

Eu fui atrás de minha mãe. Fiz algumas pesquisas e descobri várias pistas de vários possíveis lugares onde ela pode ter sido aprisionada. Eu espero ter conseguido ao menos achar minha mãe no momento em que estiver lendo essa carta, mesmo que não possamos nos encontrar novamente.

Eu queria que você soubesse que toda a minha vida não significava nada até você aparecer. Seu jeito arrogante e prepotente, a forma como me enfrentava e desafiava a própria sorte só me fez te admirar ainda mais. Eu tenho muito orgulho de ter tido a oportunidade de conhecer e me apaixonar por você.

Eu peço desculpas por todas as coisas que eu fiz e disse. Eu fui um estúpido em negar a mim mesmo que estava sentindo algo tão puro e nobre por você. Todas as lembranças, absolutamente todas (das boas as ruins), estarão eternamente guardadas em meu coração.

Queria ao menos ter tido uma chance, apenas uma, para dizer tudo isso a você pessoalmente. Uma

chance de poder te pegar nos braços e dizer “Beatriz, sua plebéia insolente, eu te amo!”

Sei que nesse momento você já deve ter se acertado com o Nicardo. Não vou dizer que fiquei feliz por isso porque seria mentira, mas é bom que você esteja sendo cuidada por ele. Apesar das nossas desavenças, ele é um bom rapaz e vai saber fazer-la feliz. Claro que não como eu poderia fazer.

Desculpe se eu não consegui evitar que essa carta chegasse as suas mãos. Mesmo ainda não tendo feito nada, eu juro que tentei fazer o meu melhor (pois é isso que pretendo fazer) para dizer tudo o que estou escrevendo para você.

Eu te amo mais que qualquer outra coisa e tentarei imaginar que você sente o mesmo por mim quando quiser algo para me reconfortar.

Você estará para sempre em minha lembranças e no meu coração.

Alexis

Não tinha notado ainda, mas meus olhos estavam cheios de lágrimas. Estava me sentindo um monstro, a mais horrenda e insensível das criaturas. Toda a leveza que havia ganhado quando recobrei parte de minha memória foi substituída pelo peso da culpa. Como eu pude esquecer-me de alguém que me amou tanto? Agora eu entendia perfeitamente o medo de Nicardo em relação ao Alexis.

– Posso olhar? – estava tremula – E-e-essa é a letra d-d-dele?

– Sim! – Linfa também parecia emocionada – Eu mesma o vi escrevendo.

– E como ele estava? – perguntei.

– Exatamente como você está agora. – ela respondeu – Esconda isso, vem vindo alguém!

No mesmo momento bateram na porta. Linfa foi abri enquanto eu escondia a carta dentro do meu short. O que foi um pouco desconfortante, já que o papel pinicava o meu bumbum. Uma quebra total de clima.

– Lembrou de mais alguma coisa? – Nicardo perguntou.

– Apenas do que vivi aqui. – respondi olhando disfarçadamente para o meu traseiro. Aparentemente a carta não estava visível.

– Ao poucos você irá se lembrar. – ele sorriu.

Fiquei em dúvida se contava ou não sobre a carta para Nicardo. Será que ele atrapalharia a minha recuperação por causa disso. Algo me dizia que eu não sentiria mais o mesmo que sinto pelo Nicardo quando recobrasse a memória. Ou melhor, o que eu sentia pelo Nicardo já estava mudando. Acho que não cumpriria a promessa que fiz a ele em Leander. Eu já estava começando a deixar-lo.

CAPÍTULO 12 / UMA CONVERSA COM O REI E OUTRAS SURPRESAS

*S*aímos do quarto como se eu não tivesse feito nada além de pegar um copo d'água e rever meu antigo quarto. Aparentemente ninguém desconfiou que pudesse ter acontecido algo mais. Desde que Nicardo não desconfiasse, o resto estava ótimo.

– Eu estou a caminho do castelo. – Neandro falou – Gostaria que você e o Nicardo viessem comigo.

– Mas por que nós dois? – perguntei apenas para disfarçar.

– Será bom que vocês contem a história. – Neandro sorriu – Fora que papai vai ficar muito feliz em rever-la.

– Eu? – desta vez estava realmente surpresa.

– Sim. – Neandro não parecia tão surpreso – Não se lembra que papai, ou melhor, o Rei Céleo sempre gostou de você?

– O rei? – perguntei novamente surpresa.

– Com calma você irá se lembrar! – Nicardo sempre tentando me consolar.

– E os outros? – perguntei.

– Eles decidiram ficar e descansar. – Neandro respondeu – Pelo visto viajar em um submarino deve ser mais cansativo do que imagino.

Na verdade não achava que pudesse ser, mas acreditava que estivessem cansados. Tudo o que nos aconteceu... foram coisas bem cansativas. Acho que

não tiveram tempo para relaxar *de verdade* e recuperar todas as energias que foram perdidas.

O caminho para o castelo me trouxe algumas recordações. Algo sobre como conheci Nicardo. Eu estava me lembrando. A feira não estava mais ali, porém o local continuava o mesmo. Eu não consegui me lembrar com clareza de tudo como me lembrei da época que morei com Linfa, mas estava feliz. Desde que cheguei a Capital que grandes progressos aconteceram.

A cidade começou a voltar na minha memória. A cada novo passo que dávamos era como se novas lembranças reaparecessem. Estava me lembrando das casas e da praça. Lembrei do grande relógio e de como consegui o primeiro cristal.

– Nicardo? – resolvi contar – Estou me lembrando de tudo!

– Tudo o que? – Nicardo tentava esconder a preocupação.

– Essa cidade. – sorri – Está tudo voltando a minha mente. Está vendo aquele relógio? Foi ali que achamos o primeiro cristal.

– *Achamos?* – Nicardo tinha um tom enciumado e preocupado na voz – Você estava com quem?

– Eu e... – um branco surgiu em minha cabeça – Eu e... você?

Nicardo suspirou aliviado e balançou a cabeça negativamente. Tentei lembrar quem estava comigo, mas Nicardo segurou minha mão e encostou minha cabeça o ombro dele. Já sabia o que significava: Não fique pensando nisso.

– Você está fazendo progressos. – Nicardo ficou sério – Não force tanto a mente. Deixe que as coisas voltem naturalmente. Acho que a aproximação sua com as lembranças que viveu com o Alexis estão te afetando de alguma forma.

– Será? – estranhei.

O castelo me trouxe mais lembranças. Em sua maioria, lembranças ruins. Lembrei de ter sido amarrada e amordaçada. Lembrei também dos sentimentos de ódio e medo que passei ali. Deveria ser o último lugar que eu gostaria de estar, mas algo que não conseguia lembrar me deixou com a sensação de que tudo o que eu vivi ali valeu a pena.

As lembranças vinham mais rápido do que antes. O castelo havia se tornado um velho conhecido. Seria realmente a aproximação com o Alexis que estava fazendo a minha memória voltar? Mas então qual seria o motivo que impedia de eu me lembrar do Alexis?

Neandro entrou na sala do rei. Eu e Nicardo ficamos esperando. Pouquíssimos minutos depois Neandro nos chamou e entramos na sala. A lembrança foi imediata.

– Rei Céleo! – disse sorrindo.

– Beatriz, não sabe o quanto estou feliz em rever-la! – a voz do rei era um pouco triste e cansada.

– Você se lembrou! – Nicardo não parecia realmente surpreso.

– Pai, temos notícias ruins! – Neandro apressou o assunto.

Contamos tudo. Desde quando chegamos, a minha perda de memória, o reencontro com Thalassa, a fuga de Neide com a ajuda de Cosmo, o estado como as pessoas de Leander viviam e reencontro com Tales e nossa inútil ida a Calidora.

Contamos sobre Camila, Levinda e a Layla – que ainda não havia conhecido – e contamos também sobre a quase execução de Cosmo e como reencontramos Neandro e minhas súbitas recuperações de memória. Deixamos o Alexis para o final.

– Bem, eu estou aliviado e preocupado com tudo o que me contaram. – o Rei Céleo parecia bem abatido – Em partes é ótimo ter-la de volta Beatriz. Você sempre traz mais esperanças para as nossas vidas, mas me preocupo demais com essa sua perda de memória. Com as tropas de Bianor avançando tão rápido, temo que eles ataquem o nosso reino antes que recupere completamente a memória. Por maior que seja os seus avanços na magia, se não se lembrar de tudo você será inútil nas batalhas. Fico surpreso que tenha sobrevivido a fuga de Calidora. A magia que

você executou não é para qualquer um, exige muito treino e muita energia.

– Eu avisei a ela. – Nicardo estava serio.

– Alexis no bosque perdido também não me agrada. – Rei Céleo fitou o teto – Se ele realmente está lá e ainda não se transformou, isso significa que há algo no passado dele que está segurando no mundo exterior e não o deixa se transformar em um ser do bosque.

– O senhor está pensando o mesmo que eu? – Neandro perguntou.

– E bem provável! – o rei assentiu – As lembranças de Alexis com Beatriz são tão fortes e intensas que estão impedindo que ele se transforme completamente em um ser do bosque. O Alexis deveria ter me comunicado sobre essa busca ante.

– Papai? Já se esqueceu que estamos falando do Alexis? – Neandro brincou – Aquele ali sempre fez o que quis e nunca pensou nas consequências.

Por alguns segundos despreendi minha atenção da conversa e observei o quadro de família que estava pendurado no lado direito da sala. Do lado esquerdo estava Neandro, um pouco mais novo, ao lado da mãe. Do lado direito do quadro, ao lado da mãe, estava o Rei Céleo e ao lado do rei, no meio dos três, estava um garoto de cabelos castanhos e olhos verdes que eu sabia conhecer bem. Neste momento senti meu coração disparar desesperadamente e não consegui evitar imaginar como aquele garoto estaria agora?

De repente o quadro mudou. Estávamos eu e o rapaz do meu sonho, o Alexis. Eu estava no lugar da mãe de Neandro e Alexis estava no lugar do Rei Céleo. Não haviam crianças no quadro e estávamos com roupas da Terra, não com aquelas vestes do século passado como eram usados em Ofir. Fechei os olhos e balancei a cabeça. Quando abri novamente os olhos o quadro havia voltado ao normal.

– Beatriz? – o Rei Céleo me chamava enquanto todos me fitavam – Algum problema?

– Desculpe. – respondi constrangida – Nenhum.

– Como expliquei, terei que pensar com calma no resgate de Camila, Levinda e Layla. – o Rei Céleo deixou de me fitar – Tentar algo agora seria muito arriscado. Irei conversar com meus líderes de tropa e pensaremos em algo mais seguro.

– Mas é se Bianor conseguir as outras noivas? – perguntei.

– Caso isso aconteça, nós iremos apressar os planos. – Rei Céleo parecia estar fazendo o máximo para parecer bem – Não se preocupe, nós não iremos deixar que nada de ruim aconteça com suas amigas.

– E o Alexis? – Neandro perguntou.

– Neste momento acho que o melhor a se fazer e ficar na Capital mais alguns dias. Pelo menos até as coisas se acalmarem. – Rei Céleo ficou preocupado – Seria arriscado demais vocês seguirem para Menelau agora. Deve haver muitos soldados de Bianor atrás de vocês. Assim que as coisas se acalmarem um pouco

mandarei alguns homens na frente, para dar cobertura, e depois vocês seguem. Nos tempos de guerra, mesmo quando há tréguas, todo o cuidado é muito pouco.

Voltamos para a casa de Neandro. A conversa com o Rei Céleo havia definido novos caminhos para nós e agora iríamos todos passar um temporada na casa de Neandro e Linfa.

As lembranças que havia recuperado estavam me fazendo mais mal do que bem. Eu estava mais confusa do que quando não me lembrava de nada. Eu fazia todo o esforço que era possível para me lembrar de Alexis, mas estava ficando difícil. Por quê?

O resto do dia foi normal e sem muitas coisas interessantes. A noite chegou bem rápido. Iríamos dormir eu e a Thalassa no quarto onde eu dormia. Nicardo, Tales e Cosmo iriam dormir na sala.

Aproveitei que estaríamos só eu e Thalassa sozinhas a noite toda para fazer uma perguntinha que não poderia fazer na frente de Nicardo. Apesar de já ter feito essa pergunta a ele diretamente.

– Como era o Alexis? – perguntei.

– Como? – ela pareceu se fazer de desentendida.

– Eu e o Alexis? – refiz a pergunta – Como éramos?

– Sem dúvida era algo forte. – Thalassa sorriu – Você brigavam feito cão e gato. Era sempre um

implicando com o outro, sempre se xingando e quase se batendo. Mas qualquer um que olhasse de fora via que vocês se amavam.

– Amavam feito amigos?

– Feito amigos não. – ela se deitou em cima dos braços na cama improvisada no chão, fitando o teto – Talvez não parecesse que vocês... pudessem ser mais que amigos, mas não era um sentimento de amizade que saia de vocês. Era algo do tipo “pode acontecer”.

– Como assim algo do tipo “pode acontecer”? – por um instante me senti conversando com Camila.

– Não sei explicar. – ela sorriu – Mas era algo único, isso eu tenho certeza.

– Algo tão único a ponto de me fazer deixar o Nicardo?

Thalassa não respondeu. Ela continuou fitando o teto. Por alguns segundos o silêncio tomou conta do lugar e já era uma resposta mais que suficientemente completa, mas eu precisava ouvir.

– Thalassa? – voltei a perguntar – Era algo tão único a ponto de me fazer deixar o Nicardo.

– Isso é algo complicado. – ela se virou – Vocês dois sim, parecem amigos. Mas você e o Alexis... Beatriz, não dá para responder isso. Eu não sei o que se passa em você.

– Mas o que você acha? Pelo que você viu? – eu estava sendo chata. Admito.

– Olha... – Thalassa começou – Vou ser totalmente sincera com você.

– Eu não espero algo diferente! – apesar de já saber a resposta, eu estava ansiosa. Ouvir diretamente sempre é mais forte e definitivo do que entender por indiretas.

– Eu acho que você e o Alexis são almas gêmeas. – ela parecia não ter coragem de olhar para minha reação – Eu acho que sim. Era algo único o suficiente para fazer você deixar o Nicardo. Satisfeita? Agora me deixe dormir!

– Desculpe se te fiz falar o que não queria. – me senti culpada – Mas eu precisava ouvir isso. Eu tinha que ter certeza.

– Então você já sabia a resposta? – ela se levantou.

– Acho que eu sempre soube que o que tinha com o Nicardo iria acabar mais cedo ou mais tarde. A diferença é que agora eu sei o porquê.

– Então você irá deixar o Nicardo? – ela perguntou.

– Mas ainda não sei como. – me sentia muito culpada – Eu gosto demais do Nicardo, não queria magoar-lo. – Mas você sabe que, quando voltar toda a sua memória, não terá como fugir disso. A menos que decida esquecer o que passou co Alexis. Mas uma vez de volta a sua cabeça, acho difícil que consiga se esquecer novamente.

Dormir com as palavras de Thalassa foi uma tarefa difícil. Ela tinha razão. Quando tudo isso

acabasse eu teria que tomar uma decisão. Eu iria ter que magoar Nicardo. No momento parece mais fácil dizer adeus ao Alexis, mas algo em mim dizia que não haveria outro caminho. Eu iria deixar Nicardo. Se já estava com essa certeza sem me lembrar de nada do Alexis, provavelmente quando estivesse com ele de volta a minhas lembranças...

Sonhei novamente com o nada. Mas desta vez eu estava com todas as minhas dúvidas e tormentos. Nem mesmo a música conseguiu apagar-los de minha mente. Eu estava morrendo de pena do Nicardo e me sentindo horrível por isso. Maldita hora que abri aquela caixa. Deveria ter jogado fora quando tive oportunidade. Ela não abria.

Aos poucos o cenário do sonho foi mudando. Pequenas projeções começaram a pintar o branco, como varias televisões congeladas em varias cenas da minha vida. Eu via cenas da minha infância, dos meus amigos e cenas em Ofir. Algumas eu já me lembrava, outras pareciam completamente inéditas para mim. Flutuei até o chegar ao topo. Eu estava cercada por lembranças. De repente uma das telas “ligou”.

Estava deitada, com um cavalo branco na minha frente. Montado nele estava o rapaz de cabelos castanhos que acreditava ser o Alexis.

– O que faz aqui? – o rapaz me perguntava autoritário.

Eu não respondia nada.

– Eu te fiz uma pergunta! – ele voltou a falar – Exijo uma resposta imediatamente.

Eu continuei sem dizer uma palavra e isso só piorou minha situação.

– Como ousa calar-se de maneira tão indelicada e rude para mim, não sabe quem sou plebéia? – ele começava a ficar irritado – Levante-se e responda minha pergunta, eu estou ordenando!

A tela escureceu. Ouvia apenas varias vozes dizendo “Príncipe Alexis” repetidas vezes, o que me deixou um pouco irritada. A imagem voltou a aparecer, mas desta vez era a sala do Rei Céleo.

– Não parece uma espiã de Bianor! – era o Rei Céleo quem falava.

– Mas deves admitir que nunca vimos tal moça antes. – o rapaz começava a falar. – Ela apareceu dentro das propriedades do castelo, nunca antes alguém conseguiu invadir com tanta facilidade os territórios reais. Ela só pode...

– Espere um pouco! – interrompi.

– Isto que disse sobre atrevimento exagerado? – um homem, com uma aparecia mais jovem que a do rei e uma voz um tanto afeminada falou.

– Sim, é exatamente isto! – o rapaz sorria maliciosamente.

– Vamos deixar a mocinha falar! – Rei Céleo parecia muito melhor do que quando havia o visto mais cedo.

– Obrigada! – fiz uma reverencia automática – Eu estava indo para escola quando passei na padaria com a Camila...

– Quem é Camila? – o rapaz parecia fazer de propósito.

– Camila é a minha amiga! – respondi educada.

– É onde está essa Camila agora? – o homem de voz afeminada perguntava.

Novamente a cena mudou. Estava dentro de um navio e estava vestindo uma roupa típica de marinheira. Estávamos eu, o rapaz de cabelos castanhos, Nicardo e Neandro conversando.

– Neandro! – o rapaz gritou – Não tinha outra roupa melhor?

– Mas essa é a roupa clássica! – Neandro respondeu sem entender.

– Pode voltar e usar uma de suas roupas! – o rapaz continuava gritando – E escolha uma que... Que tape mais as suas pernas!

– Mas está tão curta assim? – perguntei.

– Deixe-a usar a roupa Alexis, ela está muito bonita! – Nicardo disse enquanto carregava algumas cordas e respondeu a minha pergunta. O rapaz era realmente o Alexis.

– Não! – Alexis gritou – Isso não é uma roupa que a Beatriz usaria. Ela não gosta que esses lobos fiquem olhando tanto para ela.

– Olha aqui, que decide o que eu gosto ou não de usar sou eu! – agora eu quem gritava.

– Calma, calma! – Neandro tentava evitar uma briga.

– Então prefere ficar assim... Nua! – Alexis emburrou.

– Eu não estou nua. – rebati.

– Pois para mim está! – Alexis bateu o pé – Não gosto nada de ver você assim.

– Que é isso Alexis, está com ciúmes? – Neandro debochou da cara de Alexis.

– Ciúme? – Alexis ficou vermelho – Ciúmes desta aí?

Desta vez a cena não mudou, ela simplesmente acelerou. Nos rápidos flashes que passavam, vários momentos que vivi em Ofir pareciam voltar a minha cabeça. A sensação era sempre a mesma: Como se nunca tivessem saído de lá.

– Você está lembrando-se de mim agora? – era a voz dele. Alexis.

– Eu acho que estou. – respondi – Onde você está?

– Bem aqui. – senti braço me segurarem pelas costas – E pretendo continuar sempre aqui. Ao seu lado. Eu só estou vivo por causa disso.

– Alexis!

– Não diga nada ainda! – ele tapou minha boca
– Eu vou esperar para ouvir o que você tem a me dizer quando me achar. Eu quero sentir que é real.

– Está bem. – eu sorri – Eu vou te achar.

– Estou esperando por você. – ele suspirou –
Meu amor.

– Agora eu estou me lembrando de tudo. – estava em extrema felicidade - Nada irá nos separar outra vez.

– Eu realmente espero que seja assim. – ele passou a mão em meu rosto – Não gostaria que, depois de tanto esforço para me manter vivo, eu perdesse você outra vez.

– Você nunca mais irá me perder! – o abracei mais forte – Agora estaremos juntos para sempre.

– Mas você precisa me achar primeiro! – ele sorriu – Eu ainda não me lembro de tudo. Ainda não sei exatamente quem sou e nem como vim parar onde estou. Tudo o que eu me lembro e de você e apenas você é o que me faz querer continuar vivo.

Não esperei ele dizer mais uma palavra. Pulei no pescoço dele e o beijei. Não queria saber se era um sonho ou se era real. Tudo o que eu precisava naquele momento era sentir aquilo. Eu precisava – agora que havia recuperado minha memória – sentir aquele beijo do jeito que deveria ser.

– Não demore muito. – ele começava a sumir.

– Eu não irei esperar mais um segundo! – disse.

– Obrigado. – ainda pude ver seu sorriso.

– Espere mais um pouco. Eu já estou chegando!

– Eu vou esperar. – apenas a voz dele prevalecia – Eu vou esperar!

As cenas do meu passado continuavam ali e agora eu entendia o motivo de sempre estar ali, naquele nada. Minha mente já não tinha mais nenhum espaço em branco. Todas as minhas memórias estavam de volta.

Acordei com meu coração palpitando enlouquecidamente. Eu havia me lembrado de tudo. Estava tudo de volta. E eu sabia exatamente o que eu deveria fazer e não queria perder mais um segundo.

Fui até a sala com cuidado para não fazer nenhum barulho. O escuro me atrapalhou um pouco, mas consegui chegar até a sala sem despertar a atenção de ninguém. Procurei pelo rosto de Cosmo.

– Cosmo? – sussurrei – Cosmo? Acorde!

– O que? – Cosmo falou um pouco alto. Tapei a boca dele.

– Shhh! – coloquei o dedo indicador a frente da boca – Você irá me levar agora até Menelau. Eu preciso resgatar Alexis e não posso perder mais tempo. E não reclame, isso é uma ordem!

CAPÍTULO 13 / NOVAMENTE AO RESGATE

Cosmo me fitou com cara de assustado. Eu não o culpava. No lugar dele eu também estaria assustada.

– O que está esperando? – perguntei – Os outros acordarem?

– Você está maluca? – ele falou um pouco mais alto. Tapei a sua boca.

Puxei Cosmo até a cozinha espantada com o quanto ele era leve. Ele tentou destapar a boca, mas me mantive firme e não o soltei até chegarmos à cozinha.

– Não! – foi a primeira coisa que ele disse depois que destapei sua boca.

– Por quê? – fui firme.

– Você ouviu o que Neandro e Nicardo disseram! – ele estava bravo – Não vamos a lugar algum por enquanto.

– Mas eu preciso ir agora! – quase gritei.

– Não. – ele respirou fundo – Beatriz, não é nada pessoal. Eu apenas não quero confusão.

– Então me leve para Menelau! – estava começando a ficar irritada.

– Eu já disse que não! – ele também – Está parecendo criança. Pare de ser teimosa!

– Não me diga o que fazer, eu digo o que fazer e você vai me levar! – tentei não dizer isso muito alto.

– Mas você... O que você quer fazer em Menelau? – ele parecia estar baixando a guarda.

– Eu preciso resgatar o Alexis! – disse baixo.

– No bosque encantado? – ele deu um meio sorriso – Nem pensar!

– Vamos? – tentei outra estratégia – Por favor? Faz isso por mim?

– Não Beatriz! – Cosmo estava ficando chato. Por que todos adoram me irritar?

– O que custa? – insisti – Eu digo que eu te obriguei a me levar.

– Mas não é o que você está tentando fazer? – ele deu um sobressalto na voz no “fazer”.

– Está ficando nervoso? – perguntei.

– Ainda não. – ele falou baixo.

– Então está pensando em me levar? – sorri.

– Não Beatriz. – ele ficou sério.

– Então o que? – coloquei as mãos na cintura.

– Você não entende nada não é? – ele estava zangado – Sair agora, além de deixar todos preocupados, pode atrapalhar o grupo. Eu esperei muito tempo para lutar ao seu lado. Sempre te admirei e está sendo difícil recusar o seu pedido, mas eu preciso pensar na sua segurança. Não posso simplesmente te jogar no bosque encantado e te deixar a mercê da sorte que sei que não tem. Se algo acontecer a você será responsabilidade minha e eu não quero carregar esse peso.

Por um instante pensei realmente em desistir. Eu havia me lembrado de tudo, saberia me proteger.

Mas ouvir as palavras de Cosmo... Senti-me culpada de certa forma. Mas eu precisava ir a Menelau. Tinha que resgatar Alexis e não podia perder mais nenhum segundo, nem que para isso e tivesse que ir sozinha para o bosque encantado.

– Tudo bem, fique! – disse – Eu vou sozinha e no submarino!

– O que? – desta vez ele gritou.

– Isso! – cochichei – Acorde todo mundo!

– Você não pode ir sozinha! – ele baixou a voz – Você não sabe como manejar aquilo.

– Mas se quem sabe não quer me ajudar...

– Você não seria capaz. – ele levantou a sobrancelha esquerda.

– Quer pagar para ver?

Ele coçou a cabeça e fez uma careta engraçada. Provavelmente concluiu que eu seria capaz e não gostou de imaginar a tragédia que seria eu dirigindo aquele submarino sozinha – levando em consideração que eu conseguiria tirar-lo do lugar.

– Vamos! – ele fez cara de derrota.

– Obrigada! – o abracei e dei um beijo em seu rosto – Vou apenas deixar um bilhete!

Linfa, Neandro, Nicardo, Tales e Thalassa

Eu estou bem. Não se preocupem comigo, voltarei logo.

Beijos e abraços

Beatriz

PS Não briguem com o Cosmo. Tive que torturar-lo para ele me levar.

Conseguimos sair sem acordar ninguém. Cosmo estava muito nervoso e *quase* acordou Nicardo e Tales quando *quase* derrubou um vaso de flores, mas no fim deu tudo certo. Ver Nicardo dormindo me deixou mal. Estava ta lindo, descansando e pensando que ainda tinha meu coração. Não sabia o que iria fazer quando tivesse que contar que havia me lembrado de Alexis.

As ruas da cidade estavam sendo vigiada por alguns guardas, mas não foi muito difícil passar por eles. O local onde o submarino estava e que foi realmente difícil. O porto estava cheio de guardas.

Passamos escondidos por grandes caixotes e por trás de pequenas casas que haviam por perto e quase fomos pegos diversas vezes. Isso até me animou um pouco, sinal de que minha sorte estava mudando.

Entramos no submarino bem rápido. Não queríamos que dessem por nossa falta enquanto o dia não amanhecesse. Precisava estar bem longe dali quando eles acordassem e, pela luz fraca das luas, isso não estava muito longe de acontecer.

O submarino estava mais rápido. Já havia recuperado todas as energias que havia perdido na ida a Calidora. Isso ajudou muito. Em pouco tempo já

havíamos nos afastado de todas as fronteiras da Capital.

– O que te fez querer ir para Menelau com tanta urgência? – Cosmo perguntou da mesa de controle.

– Eu me lembrei de tudo. – respondi.

– Tudo?! – ele se espantou – Quer dizer...

TUDO?

– Sim. – sorri – Me lembrei de absolutamente tudo. Cada detalhe das coisas que vivi e senti em Ofir. Está tudo de volta a minha mente.

– Mas que incrível! – Cosmo parecia muito feliz – Isso é ótimo! Mas por que não quis esperar os outros?

– Isso é uma coisa que preciso fazer sozinha! – respondi séria.

– Você vai mesmo resgatar o Alexis? – Cosmo também ficou sério – Acha que consegue?

– Acho que sei exatamente o que fazer.

– E o Nicardo? – ele perguntou devagar. Provavelmente imaginando que essa era uma pergunta delicada.

– Eu não sei ainda. – respirei fundo – Sinto-me horrível, não sei como irei dizer isso para ele. Não sei nem se conseguirei encarar-lo de novo. Não depois do que eu prometi a ele em Leander.

– Você tem realmente um grande problema nas mãos. – ele estava sério.

– Obrigado por lembrar. – fui desnecessariamente rude.

– Acha que conseguiremos entrar em Menelau? – ele perguntou – As tropas de lá devem estar conferindo cada grão de areia que entra no reino. Você tinha pensado nisso?

– Ainda não. – respondi preocupada.

– Pois é melhor começar a pensar! – ele olhava pelo binóculo – Chegaremos a Menelau no início da tarde.

– Estou pensando! – respondi dentando-me no sofá.

Odiava mentir, mas não estava com cabeça para pensar em um jeito de entrar em Menelau. Estava mais preocupada era com Nicardo. Ele realmente tinha todas as razões do mundo para não querer que eu recuperasse a memória. Pelo menos não toda a memória.

Eu estava planejando como deveria falar com ele. Como agir. Imaginando suas reações e sabendo que nenhuma será boa, porque nenhuma evitaria que ele se machucasse. Eu preferia que a minha escolha machucasse apenas a mim.

Fiquei imaginando se eles já teriam lido o bilhete. Nicardo com certeza vai saber para onde fui e o que aconteceu no mesmo momento. Por que as coisas têm que ser tão difíceis? Por que a vida tem que ser feita de escolhas? Por que não podemos seguir um

caminho alternativo? Sempre tem que ser um caminho ou outro. Nunca existe uma terceira opção nessas situações. E eu estava me sentindo tão estranhamente mal, mas ao mesmo tempo tão estranhamente bem. Minha memória voltou, mas agora eram outros problemas que lotavam minha mente. Outros sentimentos que inundavam meu peito e outras sensações que encharcavam a minha alma. Talvez eu precisasse de um psicólogo. Ou um psiquiatra? Nunca sei a diferença de um para o outro.

Como Cosmo havia dito, no início da tarde já estávamos em Menelau. Ele parou o submarino em um local afastado do porto e ficou fitando o meu rosto sem parar. Por alguns instantes eu estranhei, mas depois lembrei que fiquei de dar uma solução para entrarmos em Menelau.

– Tudo bem, vamos ver... podemos ir voando?
– sugeri.

– Não sei se sou bom nisso. – ele levantou a sobrelanceira direita.

– Então eu vou sozinha! – eu disse indo para a porta do submarino.

– Não mesmo! – ele gritou – Eu irei te acompanhar!

– Pare com isso garoto! – sorri – Não há necessidade!

– Mas se precisar de ajuda? – ele estufou o peito – Estou pronto para defender.

– Não há necessidade. – continuei sorrindo – Eu já me lembro de tudo e já sei como me defender. Você será mais útil aqui.

– Tem certeza? – ele não parecia ofendido.

– Claro que tenho! – tentei parecer descontraída.

– Não gosto desta idéia! – ele fez bico.

– Não precisa se preocupar! – dei um tapa leve no ombro dele – Eu vou ficar bem!

– Jura? – ele perguntou.

– Juro! – selei o juramento beijando os dedos.

– Então leve o comunicador com você! – ele pegou um dos comunicadores que estava em uma gaveta – Sentirei melhor se levar.

– Se você se sentirá melhor...

– Mas é para usar mesmo! – ele segurou um pouco o comunicador – Seja para dizer que está voltando.

– Tudo bem! – achei graça – Está parecendo a minha mãe.

– No momento eu sou o responsável por você! – ele sorriu.

– Mmm Papi. – fiz biquinho.

– Isso é serio! – ele sorriu e deu um leve empurrou no meu ombro direito.

– Tudo bem! – abri a porta do submarino.

– Cuide-se e tente não demorar! – ele gritou antes de eu sair.

– Pode deixar! – gritei já do lado de fora.

O som do vento era forte em meus ouvidos. As ondas do mar também mostravam presentes. Olhando lá de cima, o oceano tão azul e o céu tão claro e quase impossível pensar que uma grande guerra está acontecendo. Era tudo tão lindo e tranquilo, a sensação de liberdade era tão grande enquanto voava que quase me esqueci de que Bianor estava prestes a destruir tudo aquilo.

Voei um pouco mais alto quando me aproximei de Menelau. Não queria correr o risco de ser identificada. Havia pássaros voando ao meu lado. Grandes pássaros, livres e felizes. Eu não podia deixar que toda essa beleza e magia que existe em Ofir pudessem acabar.

Fui descendo ao poucos quando avistei o bosque. Não havia muitas pessoas naquela região, o que eu já esperava. Resolvi descer e me apressar.

A entrada do bosque era exatamente como eu me lembrava.

A entrada do início do bosque continuava igual. A madeira pendurada por dois troncos, a escadaria. Estava tudo do mesmo jeito.

Cheguei perto da entrada e passei a mão no lado das madeiras tentando encontrar as paredes invisíveis. Mas elas não estavam lá. O que será que havia acontecido?

Quando passei pelo portal tive uma desagradável surpresa. Estava completamente diferente do que se via fora do portal. O local estava escuro e chovia muito. As folhas das árvores estavam todas pretas e os troncos eram um marrom acinzentado. A escadaria era um grande morro de barro e o chão estava coberto de lama e folhas secas.

Corri o mais rápido que pude e fiquei desesperadamente gritando por Alexis. Eu podia senti-lo, mas não sabia onde encontrar-lo. Eu estava apavorada e sem saber o que fazer.

De repente notei que não sabia mais por onde eu havia entrado e que não fazia idéia de onde havia me metido. Era tudo igual a tudo e ao mesmo tempo. Eu andava, andava e andava e parecia nunca chegar a lugar nenhum. Gritei novamente desesperada por Alexis, até que olhos surgiram das árvores. Vários olhos brilhantes.

– Os seres do bosque! – me lembrei – Seres do bosque? Lembram-se de mim? Eu e meus amigos salvamos vocês uma vez do dragão que perturbava vocês. Poderiam me ajudar?

Como imaginei, eram eles. Vários seres pequenos e de pés gordos caíram da árvore e formaram um círculo ao meu redor. Então o chefe saiu do meio deles e veio falar comigo.

– O que querer você? – ele perguntou – Problemas demais. Embora queremos que vá!

– Eu queria uma ajuda! – disse tentando parecer amiga.

– Lembrar de você todos nós. – ele não parecia feliz – Você e amigos de você trazer a destruição para nós. Não querer ajudar você! Embora queremos que vá!

– Embora, embora, embora! – os outros repetiram.

– Não! – gritei – Não foi culpa minha. Não foi culpa nossa! – Desde que matar dragão, tudo de ruim aconteceu com nós. Querer vocês destruir povo nosso. Não poder deixar que faça de novo.

– Vocês não entendem? – fiquei assustada – Não foi culpa minha. Eu ajudei vocês. Isso é culpa de Bianor! Conhecem Bianor?

– Não saber quem é Bianor. – ele respondeu híspido.

– Por favor, apenas me digam, um daqueles amigos meus veio para cá?

– O rebelde? – o chefe perguntou com nojo – Ele não querer virar ser do bosque. Magia que protegia o bosque está enfraquecida, mas ainda transforma os perdidos. Apenas ele não virar ser do bosque.

– Por favor, poderiam me levar até ele? – tentei ser esperançosa.

– Não saber nós. – o chefe pensava – O que ganhar em ajudar?

– Eu prometo que se me levarem até ele eu os ajudarei a fazer com que no bosque seja como era antes.

– Prometer? – o chefe perguntou. – Sim, mas provar você que irá cumprir fazendo ritual de promessa.

– Ritual? – estranhei – Que tipo de ritual?

– Beijar pé meu! – o chefe levantou o pé.

Aquele era o pé mais nojento e fedido que eu já havia visto. Ele tinha uma forma arredondada e era gordo por causa das varias bolhas que tinha. O pé era cheio de cortes e cicatrizes e tinha restos de coisas que preferia nem imaginar.

– Beijar ou não beijar? – o chefe perguntou.

– Desde que eu não me esqueça de socar o Alexis por isso. – estava tomando coragem – Vamos lá.

Abaixei-me e segurei o pé do chefe. Apenas olhar para aquilo já me embrulhava o estomago. Mas precisava resgatar o Alexis e se esse era o preço... poderia ser coisa bem pior. Fui me preparando para beijar, quando uma mão me impede.

– Brincadeira ser isso! – o chefe gargalhou e todos o acompanharam – Não ser ritual nenhum. Teste apenas ser. Querer ver se coragem tinha. Disposta estava mesmo, ganhar voto de confiança.

Confesso que não consegui esconder o quão aliviada eu estava quando o chefe disse isso. Seria uma experiência traumática e que eu não conseguiria

apagar nunca da minha memória, nem se eu fosse e voltasse de Ofir mil vezes.

Os seres da floresta me levaram para dentro de um tronco e um lugar completamente diferente apareceu.

– No fundo acreditar em você eu sinto. – o chefe falou – Apenas querer nós alguém para culpar.

O esconderijo dos seres da floresta era como uma grande casa. Tudo era feito de troncos. Havia vários quartos, mas todos ficavam a mostra, como se fosse casa de boneca. Muitos corriam pelos corredores, entre os vários andares, enquanto outros trabalhavam em um tipo de grande máquina.

– Achar você pode? – ele perguntou.

– O que? – estranhei.

– Ele aqui estar! – o chefe sorriu – Agora achar você onde ele está.

– Obrigada. – sorri sarcástica.

– Mas amigo seu não ser mais igual como lembrar. – o chefe falou – Amigo seu ser um de nós agora. Não inteiro, mas ser ainda um de nós.

CAPÍTULO 14 / LIBERTANDO ALEXIS

Não consegui parar de fitar o rosto do chefe. Apesar de não parecer nada além de um amontoado de sombras e folhas, acredito ter visto um sorriso maléfico no rosto dele. Obviamente perguntei o que qualquer pessoa em me lugar perguntaria:

– Você está de brincadeira?

– Eu não brincar. – ele ficou serio – Não da vez de agora.

– Tudo bem, então que dizer que você me trouxe aqui para nada? – olhei zangada para ele.

– Se salvar amigo seu é nada para você? – ele continuava serio.

– Não é isso... Esquece! – fiz um sinal de desdém com a mão.

– Se preferir assim for? – ele pulou para o andar de baixo.

– Ei! Espere por mim! – desci as escadas atrás dele.

O lugar era mais confuso do que aparentava ser. As escadas tinham varias passagens e você nunca sabia qual delas a levava para qual caminho. Tentei me localizar pelo salão principal, mas era tudo muito confuso.

Só para entender melhor, entramos pelo tronco e vimos um grande e fundo buraco. Você

conseguia ver vários quartos, todos sem paredes e conseguia ver um grande salão no final do buraco. Da entrada você conseguia ver absolutamente tudo do grande esconderijo, mas então aparecem as escadas.

Os dois lados da entrada são cercados por duas escadas. Elas são as únicas coisas com paredes naquele local. Você entra e não enxerga mais nada além das escadas. Mas se você conseguir entrar em um dos quartos por essas escadas, você consegue ter uma idéia de onde você está. Mas acredite isso é muito difícil.

Continuei andando e tentando seguir na direção em que o chefe foi e fazendo do possível ao impossível para não me perder no meio de tanta escadaria. Se eu não estivesse tão desesperada, estaria achando tudo isso extremamente divertido.

– Ei! Pare! – gritei quando vi o chefe – Fique ai mesmo!

– Querer você que eu ficar? – ele perguntou.

– Sim! – respondi tentando localizar qual caminho usaria para chegar até onde o chefe estava.

Por incrível que pareça os outros seres do bosque não ficavam nem um pouco espantados ou com raiva quando invadia seus quartos. Eles simplesmente agiam como se eu não estivesse por ali ou como se já tivessem se acostumado com a falta de privacidade.

Continuei descendo as escadas e novamente perdi o chefe de vista. Isso era um pouco irritante.

Tentei manter a calma e não estourar e começar a fazer um escândalo. Esse chefe trapaceiro!

– Chefe! – gritei quando o vi novamente – Pare de fugir de mim!

– Não fugir de você eu estar! – ele parecia debochar da minha cara – Apenas querer ao salão grande chegar!

– E onde fica esse salão grande? – confesso que foi uma pergunta ridícula.

– O salão ser o salão. Centro de toda árvore. No meio ficar.

– Mas não poderia esperar por mim? – segui pelas escadas.

Desta vez consegui manter o chefe a vista. Ao estava aprendendo a me locomover naquela louca construção ou ela é que havia se simplificado.

Olhei para todo o percurso que havia feito e me surpreendi com o caminho que havia feito. Não parecia lógico eu ter andado por toda aquela árvore em menos de três minutos. Aquilo era algo que demoraria pelo menos duas horas para percorrer. Mas se naquele mundo poucas coisas faziam sentido, naquela árvore absolutamente *nada* tinha alguma lógica.

O chefe estava sempre a minha frente, pulando de andar em andar por entre os quartos. Por instantes esqueci de que era uma maga e poderia fazer o mesmo. Se tivesse me lembrado disso antes teria poupado tempo.

Assim que entrei em um quarto e avistei o chefe pulei e fui voando para o quarto que o chefe estava. Ele não pareceu surpreso e novamente pulou para outro quarto. Eu, claro, o segui. Ficamos nesta perseguição até chegarmos ao fim do grande buraco.

– Salão Grande finalmente chegar. – ele sorriu.

– O Alexis está por aqui? – perguntei.

– Sim, talvez. – ele olhou para um lado – Ou não, talvez. – ele já estava me irritando. – Isso terá você descobrir sozinha.

– Mas pode me dizer ao menos se ele mudou muito? – tentei ficar calma e me preparar para a resposta.

– Se físico é pergunta, resposta ser sim. – ele balançava a cabeça lentamente – Um de nós ele começar a ser. Mas se pergunta for interior, resposta ser não. Existir algo dentro dele que deixar ele preso a vida que passou. Mas se quiser amigo seu salvar, apressar logo ou ele desaparece.

– O que? – levei um susto – Do que você está falando chefe?

– Varias histórias sobre nós existir por ai. Mas verdadeira nenhuma ser. Nosso nascer, apenas nós sabemos e ninguém mais. Você ser primeira a saber o que de verdade aconteceu.

– Agora vai contar histórias? – estava perdendo a paciência.

– Importante ser história de nosso nascer. Gostar você de ouvir. – ele se sentou e eu fiz o mesmo

– Após rei proibir entrada no santuário, bosque ser amaldiçoado para sempre. Magia irreversível, ninguém além de rei poder quebrar. Ele dizer que todos aqueles que ordens suas desobedecer, amaldiçoados serão e eternamente preso em bosque ficarão. Esquecer de vida todos irão e viver feito selvagens para toda vida. Por isso nascer todos nós.

– Não se ofenda – eu disse – mas por que eu acharia essa história importante?

– Amigo seu não ser um de nós por completo. – ele suspirou – Vida antiga ainda se lembrar. Ele preso ao outro mundo que viveu, maldição não se cumprir. Se não amigo seu encontrar e se não amigo seu ajudar a se lembrar amigo seu sumirá. Maldição o fará sumir para sempre.

– E por que não me contou isso antes? – fiquei nervosa – Eu exijo que o traga para mim agora!

– Não poder eu trazer. – o chefe respondeu – Contra regras ser. Você achar amigo seu precisa.

– Mas você poderia ao menos... Pode ser qualquer um?

– Qualquer um pode ser amigo seu. – ele ficou bem serio – Qualquer um pode não ser amigo seu.

– Quer parar de me por nervosa por favor?! – gritei alto demais.

– Deixar sozinha você eu irei.

O chefe seguiu para uma sala e sumiu na escuridão. Eu estava sozinha com vários possíveis Alexis. Não sabia por onde começar e não sabia se

tinha tempo o suficiente para perder. Resolvi começar a conversar com eles.

– Desculpe... – não sabia como começar – Você me conhece?

– Ser moça que ajudar a matar dragão e transformar bosque no que virou. – ignorei essa resposta.

– Mas você me conhece? Digo, tem outras lembranças minhas? – tentei.

– Ser moça que ajudar a matar dragão e transformar bosque no que virou. – ele repetiu a resposta – Não ser lembranças suficientes?

– Obrigada! – desisti.

Todas as pessoas com quem conversei foram a mesma situação. Lembravam de mim, mas apenas como a “que ajudar a matar dragão e transformar bosque no que virou” e nada mais. Isso era péssimo.

Tentei e tentei várias e várias vezes. Estava sendo um pesadelo. Eu nunca iria achar-lo. Talvez ele já tivesse desaparecido e eu estava ali, sujeita a me transformar em um deles a qualquer momento. Tinha que tirar esse pensamentos da minha cabeça.

– Olá? – continuei tentando – Por acaso me conhece?

– Ser a moça que ajudar a matar...

– ...matar dragão e transformar bosque no que virou. – completei – Obrigada.

Estava realmente preocupada. Não queria desperdiçar mais nenhum segundo. Eu *tinha* que achar o Alexis. Não poderia desistir jamais. Não era apenas a minha vida que estava em jogo. Eu precisava salvar Alexis para poder salvar toda Ofir. Eu sentia que sem Alexis eu nunca derrotaria Bianor.

– Chefe? – comecei a falar sozinha – Será que poderia aparecer? Chefe?

– Estar aqui! – ele apareceu do nada.

– Que susto! – coloque a mão no coração.

– Amigo seu achar? – ele perguntou.

– Ainda não chefe! – estava chorando – Você precisa me dizer onde o Alexis está! Não sinto que ele esteja entre os que estão aqui.

– Querer ajudar, mas não poder. São regras.

– Mas que regras? Quem colocou essas regras?
– estava nervosíssima.

– Regras sempre existir. Maldição impor regras.
Regras serem...

– Não precisa explicar! – cortei logo o assunto –
Não quero perder tempo.

Corri, saltei e comecei a voar até o topo. Eu estava chorando, sentia as lágrimas molhando minhas roupas. Estava desesperada, meu coração estava prestes a sair do meu corpo e preferia nem imaginar como estava meu rosto. Por que essas coisas sempre acontecem comigo?

Cheguei ao topo mais rápido do que quando desci ao Salão Grande. Isso era ótimo, estava precisando de todo o tempo que me fosse possível ter. Sai da árvore/esconderijo e tive uma grande surpresa.

– O que vocês estão fazendo aqui? – perguntei.

Na minha frente estavam Cosmo, Thalassa, Tales e Nicardo. Sem dúvida uma grande surpresa – ainda estava me decidindo se era uma agradável ou desagradável surpresa.

– Você demorou tanto para voltar. – Cosmo começou a se explicar – Eu tive que voltar e pedir ajuda.

– Cosmo, seu apressado, eu não demorei nem 20 minutos! – gritei tentando esconder o choro.

– 20 minutos? – Cosmo estranhou – Beatriz você está sumida há quase 2 dias!

– 2 dias? – gritei – Impossível!

– Achamos que nem iríamos te achar. Pelo menos não tão rápido. – Cosmo coçou a cabeça.

– Mas como? – também cocei a cabeça.

– Passar diferente tempo dentro do esconderijo. – uma voz surgiu do nada.

– Que susto! – disse quando vi o chefe ao meu lado – Vai começar a aparecer de surpresa agora?

– Desculpe. – ele baixou a cabeça – Tentarei assustar você não mais.

– Eu ficaria agradecida! – sorri. – Esses são os meus outros amigos.

– Conhecer todos, menos esse! – ele apontou para Cosmo.

– Ele é novo. – respondi.

– Não parecer novo! – ele chegou perto de Cosmo – Parecer mais velho que você!

– Não chefe! – sorri de verdade – Ele é novo no grupo. Entrou há pouco tempo.

– Mas explique melhor essa história do tempo.

– Nicardo estava serio.

– Tempo passar mais devagar em esconderijo.

– o chefe começou a explicar – Tempo ser relativo em cada lugar mágico. Lugar mágico esconderijo ser, tempo passar diferente.

– Mas por que o tempo passa normalmente no bosque? – perguntei.

– Bosque não ser lugar mágico, ser lugar amaldiçoado. – o chefe respondeu.

– Nossa, faz muita diferença.

– Diferença sim fazer! – o chefe se zangou – Lugar mágico nasce mágico. Sempre ser mágico desde o inicio dos tempos. Lugar amaldiçoado não nascer mágico, ser transformado em mágico. Não ser a mesma coisa.

– Mas espere um minuto! – comecei a raciocinar – Se eu estou aqui há quase 2 dias por que não me transformei em um ser do bosque?

– Pergunta boa ser! – o chefe balançou a cabeça positivamente.

– Então não sabe a resposta? – estava surpresa.

– Não saber resposta para isso. – ele respondeu. – Fato talvez de não 24 horas passar no esconderijo ser resposta.

– Acho que isso não importa muito. – disse um pouco apressada – Acho que você já estão sabendo o motivo de eu ter vindo aqui.

– Na verdade não. – Nicardo resmungou – Cosmo não contou nada.

– Cosmo! – não sabia se ficava feliz ou chateada.

– Amigo seu estar atrás! – o chefe antecipou minha resposta.

– Está atrás do Alexis. – Nicardo estava me assustando – Você recuperou toda a memória e veio atrás do Alexis. Você deveria ter me comunicado!

– Calma, não é isso. – fiquei assustada.

– Então o que é? – Nicardo perguntou.

– É isso! – estava confusa – Mas não é assim como você está falando. Nicardo, depois a gente conversa.

– Mas você ao menos conseguiu achar o Alexis?

– Nicardo estava muito chateado.

– Não. – respondi de cabeça baixa.

– Veio inutilmente! – Nicardo falou um pouco grosso demais.

– Não! – levantei a voz – Ainda vou achar-lo. Não dá para voltar sem ele.

– Eu imagino o motivo. – estava com muito medo das reações do Nicardo.

– Não é isso que você está pensando! – menti.
Em partes.

– Por que *ele* não te mostra onde o Alexis está?
– Cosmo tentou não parecer ofensivo quando disse “ele” apontando para o chefe com os olhos.

– Ele não pode! – respondi – Tem uma regra estúpida que o proíbe de me ajudar.

– Que ótimo! – Nicardo não estava bem.

– Estão ajuda precisando vejo eu! – o chefe deu alguns passos à frente – Ajudar não poder diretamente, mas dar chance de escolher.

O chefe estalou os dedos e quatro seres do bosque apareceram na nossa frente. Eram seres do bosque diferentes dos demais. Eles tinham uma altura maior e um corpo mais parecido com os de um humano, mas seu corpo era feito de sombras e folhas, nada era 100% nítido e estava começando a entender qual seria a proposta do chefe.

– Aqui ter quatro amigos seus possíveis. – ele chegou perto dos quatro seres – Três ser de mentira, ilusão. Apenas um ser o verdadeiro. Se verdadeiro escolher, estará livre. Se errar, ficará preso amigo seu até sumir.

– Sumir? – Thalassa perguntou – O que ele está dizendo?

– É uma longa história! – olhei para o chefe. Ele entendeu e assentiu – Essa floresta foi amaldiçoada pelo rei pouco depois de ser proibida as visitas ao

santuário. Todos que entram esquecem-se de quem eram e ganham nova forma. Mas Alexis não esqueceu completamente seu passado. Existe algo nele que o prende ao mundo de onde ele veio e isso não está deixando a maldição se cumprir. O fato é, se a maldição não se cumprir Alexis vai desaparecer para sempre.

– Serio? – senti um tom de deboche e prazer em Nicardo.

– Perder tempo não poder você! – o chefe disse

– Ser rápida e logo escolher quem amigo seu ser.

– Assim, tão rápido? – pergunta idiota.

– Ele disse que não pode perder tempo. Acho que é assim “tão rápido” sim! – Nicardo estava muito estranho. Nunca tinha o visto ser tão... Insuportável.

Reparei que ainda estava chovendo e notei que a situação começava a ficar idêntica a cena do meu sonho. Eu comecei a me apavorar.

– E se eu errar? – disse alto.

A chuva ficava mais forte ainda, como no meu sonho e quase não conseguia respirar.

– Eu estou com medo! – as falas estavam mudadas, mas a chuva aumentou exatamente como no sonho.

– Você precisar, amigo seu sumir para sempre! – chefe continuava me pressionando.

– Eu preciso? Tem que ser eu? – estava chorando de desespero – Eu não consigo! Eu não posso! Eu não posso!

– Tente! – o chefe falou.

– Tente, tente, tente, tente, tente! – varias vozes surgiram das árvores.

– Eu não consigo. Não consigo! – a chuva não dava trégua e o meu sonho continuava se concretizando.

– Faça um esforço. – os quatro falam ao mesmo tempo – Por mim.

– Você é... Não você... Você... Eu não consigo!

– Você consegue! – Era Thalassa.

– Você consegue! – Tales veio para o meu lado.

– Não poderia evitar para sempre! – Nicardo estava muito triste.

– O Alexi é...

– Não desista! – a voz feminina surgiu dentro da minha cabeça. Agora eu reconhecia a voz. Era a Rainha Alina.

– Você! – apontei para o terceiro – Você é o verdadeiro Alexis! Príncipe e herdeiro do trono da Capital!

Fechei os olhos. Não queria ver o que havia feito. Tinha certeza absoluta de que havia errado e estava muito apavorada para encarar o meu erro. Eu havia posto tudo a perder. Maldita sorte! Ou melhor, maldita *má* sorte!

Senti uma mão segurando meu ombro. Acreditei que fosse Nicardo, mas não pareciam as mãos dele. Eram mais leves e suaves. Eram como umas mãos que conheci algum tempo. Um suspiro forte bateu em meus ouvidos. Alguém se aproximou.

– Você conseguiu Beatriz! – eu conhecia muito bem essa voz – Você me libertou!

CAPÍTULO 15 / BOTANDO O PAPO EM DIA



u ainda não estava acreditando no que vi. Era realmente o Alexis. Era realmente ele quem estava ali, na minha frente. Eu olhava para ele e não conseguia acreditar que era verdade. Eu não havia errado. Alexis estava de novo “entre nós.”

Sentir o Alexis era muito mais emocionante que em meus sonhos. Saber que tudo aquilo era real foi mais do que eu podia aguentar. Era muito. Era realmente muito. Era muito mais do que eu podia suportar.

Meu coração não parava por um único segundo de acelerar. Sentia que havia cortado o freio e agora estava com o coração completamente desgovernado. Tinha medo que ele explodisse de tanta emoção.

Minhas pernas também não ajudaram. Tremiam mais que qualquer outra coisa e eu sabia que não era frio. Já havia esquecido que estava chovendo e que eu estava completamente ensopada, assim como todos os outros. Teria muita sorte se não pegasse um resfriado – e vendo o que aconteceu, começo a acreditar que minha sorte está mudando.

– O que foi? – sua voz parecia ainda mais bela – Não está me reconhecendo mais?

– Estou seu bobo. – não sei como isso saiu – Mas não estou acreditando que acertei. Tinha certeza de que iria acertar.

– Já eu não tinha dúvidas! – ele abriu um largo sorriso.

Alexis estava mexendo comigo de uma forma que eu não conseguia entender. Era mais forte que qualquer coisa que eu já havia sentido. Não era mais apenas uma paixão passageira, era amor de verdade e esse reencontro só havia confirmado isso.

Tive que segurar o impulso de beijar-lo. Não queria fazer essa crueldade com Nicardo. Ainda éramos namorados e eu ainda devia respeito a ele. Se pudesse ao menos terminar com Nicardo sem magoas.

– Você não mudou nada! – Alexis continuava falando – Nem parece que se passaram... Quanto tempo já se passou?

– 1 ano e alguns dias. – Thalassa respondeu.

– Que bom! – Alexis suspirou aliviado – Achei que poderia ter passado mais tempo. Como vocês lidam com o tempo? – Alexis perguntou ao chefe.

– Não saber. – ele deu de ombros – Tempo ser insignificante. Nós ter todo mundo de tempo. Não prender a coisas essas.

Olhei para o braço de Alexis. Uma grande cicatriz contornava o braço esquerdo, pouco abaixo do cotovelo. A triste lembrança do meu último dia em Ofir no ano anterior me veio à cabeça de imediato. Certas coisas eu preferia não ter me lembrado. Era doloroso demais para ser mantido em minhas lembranças.

A chuva começou a diminuir, mas não parou. Por alguns instantes o bosque ficou mais verde e pude sentir algo mágico no ar.

– Magia de bosque querer bosque de volta como era. – o chefe falou quando viu meu rosto – Mas magia ser muito fraca para isso fazer.

– Minha promessa ainda está de pé! – disse me abaixando um pouco – Eu irei, ainda não sei como, fazer com que esse bosque seja exatamente como ele era antes!

– Que promessa é essa Beatriz? – Cosmo perguntou.

– De certa forma o que aconteceu aqui foi culpa minha. – levante-me – Se eu tivesse lutado contra Bianor na primeira vez que cheguei aqui e cumprido meu destino nada disso teria acontecido. Sinto-me responsável pelo que aconteceu em toda Ofir.

– Mas não foi culpa sua! – Alexis estava tranquilo – Você fez o que qualquer outra pessoa faria. Não era um problema seu, era *nosso*.

– Que agora se tornou um problema meu. – tentei não parecer nervosa.

– Problema seu, mas que resolver não vai se aqui ficar. – o chefe olhou para o alto. A chuva começava a ficar mais forte novamente – Do bosque sair rápido. Maldição cair em todos se continuarem a ficar.

– Ele tem razão! – Thalassa ficou séria – Já conseguimos o que queríamos, agora vamos sair daqui.

– Então o que estamos esperando? – Tales falou alto – Não quero virar uma dessas coisas! Sem ofensas. – Tales fitou o chefe.

– Não ofender. – o chefe balançou a cabeça.

– Obrigada! – fiz uma reverencia ao chefe – Foi um jeito meio estranho de ajudar, mas sei que fez o seu melhor.

– Agradecido eu ficar depois que bosque ao que era antes voltar. – o chefe sorriu – Agora vão!

Vários olhos iluminaram nosso caminho para fora do bosque. Não queria admitir, mas eu adorava aquele lugar. Apesar do jeito estranho dessa gente, eles são todos legais. Um dia já foram humanos e imagino que devem sofrer por não lembrar quem eles eram antes – sei exatamente como é.

Ficamos muito ocupados tentando chegar ao submarino para conversar, mas notei que Nicardo fitava Alexis a cada 5 minutos. Isso me preocupava demais. Como ele reagiria quando soubesse, ou melhor, tivesse a confirmação de que tudo o que eu sentia pelo Alexis voltou ainda mais forte do que antes?

Alexis parecia nem notar que eu e Nicardo estávamos namorando. Era como se nem desconfiasse deste fato, o que me fez pensar até onde Alexis se recordava da época em que estava se transformando em um ser do bosque.

Quando entramos no submarino – após o susto que Alexis levou – começamos a relaxar e colocar o papo em dia.

– Você é realmente incrível Cosmo! – Alexis admirava o submarino – Se tivéssemos um desses na primeira vez teríamos poupado muito tempo de viagem. Talvez Ofir não estivesse nesta situação.

– Acredito que Ofir chegaria a este estado mais cedo ou mais tarde. – Thalassa estava séria – Essa é uma profecia imutável. Ele *tem* que acontecer!

– Infelizmente eu sei disto. – Alexis ficou triste.

– Mas nem tudo está perdido! – Cosmo injetou um pouco de esperança na conversa – Estamos aqui! Estamos tentando! Isso não irá durar para sempre. Não é para isso que estamos lutando?

– Boas palavras! – Tales parecia com sono.

– Mas vamos falar de coisas alegres! – resolvi mudar de assunto – Alexis está de volta ao time!

– Vocês não sabem a saudade que eu estava de todos! – Alexis sorriu.

– Nós também estávamos! – Nicardo entrou na conversa com um tom debochado e sínico.

– Nicardo! – Tales falou alto – Você está parecendo o Alexis!

– Deixe-o. – um tom de superioridade muito familiar voltou à voz de Alexis – Eu já conheço a pessoa.

– Mas conte tudo o que aconteceu! – Thalassa cortou o clima estranho.

– Depois que consegui pistas do paradeiro da minha mãe com alguns guardas de Bianor que estavam do nosso lado, comecei a procurar por ela. – Alexis começou a explicar – Eu tentava seguir as pistas, mas algo sempre me levava para outros lugares. Era como se existisse algo que me impedia de chegar perto da minha mãe. Até que uma das pistas me levou para o bosque.

– E por lá ficou! – Tales pensou alto.

– Eu não sei exatamente, mas eu havia conseguido sair do bosque. – Alexis lembrava – Eu sei que parece estranho, mas eu senti que se eu me transformasse em um ser do bosque eu encontraria minha mãe.

– Realmente, parece uma lógica estranha. – Cosmo falou da mesa de controle.

– Eu resolvi voltar e quando dei por mim eu estava me transformando. Tentei memorizar algo imediatamente. Sabia que se tentasse memorizar algo da minha vida eu conseguiria driblar a transformação, então eu pensei na coisa mais importante da minha vida.

– Sua mãe? – Nicardo perguntou.

– Não. Beatriz! – Alexis disse meu nome pausadamente em uma clara demonstração de implicância com Nicardo – Quando eu me esqueci de tudo, apenas a Beatriz me manteve ligado a minha vida anterior e eu sabia que apenas ela poderia me trazer de volta. Por isso eu fiquei desesperado quando senti a

presença dela em meu peito. Eu sabia que ela estava em Ofir e tentei loucamente me comunicar com ela, mas nunca conseguia. Até que um dia consegui e agora aqui estou eu de volta. Por isso a Beatriz é minha salvadora.

– Mas ela está comigo agora! – Nicardo levantou a sobrancelha esquerda.

– Por quanto tempo? – Alexis provocou.

– Vamos parar com a briga? – gritei – Vocês dois parecem crianças, que coisa mais feia! Querem que eu coloque os dois de castigo?

Tanto Alexis quanto Nicardo abaixaram as cabeças. Eles realmente estavam agindo feito crianças. Eu estava nervosíssima. Se em menos de 20 minutos os dois já estavam assim, como seria a nossa jornada daqui a 1 mês?

– Mas o que aconteceu por aqui durante o tempo que fiquei preso no bosque? – Alexis mudou de assunto.

– Coisas muito ruins! – Thalassa parecia não querer contar – Leander e Sotero foram destruídas por Bianor. Bianor começou uma guerra particular contra os dois reinos que acabaram não suportando e sendo destruídos.

– Que coisa horrível! – Alexis estava realmente chocado.

– Leander ainda tentou se reconstruir algumas vezes, mas não foi possível. Bianor sempre dava um jeito de destruir tudo o que eles reconstruíam.

– Isso é realmente muito ruim! – Alexis lamentou.

– Mas isso não é o pior. – Thalassa parecia ter medo de continuar contando.

– Ainda tem mais?! – Alexis gritou.

– Depois de Neide, o reino de Calidora também se juntou a Bianor.

– Malditos! – Alexis ficou nervoso – Aqueles cretinos já estavam traindo Ofir desde antes de Beatriz chegar, não sei se fico *realmente* surpreso com isso. Ainda tem mais?

– Sim! – Thalassa respondeu fechando os olhos.

– Não acredito! – Alexis tapou os ouvidos – Fiquei tanto tempo assim longe?

– As tropas da Capital estão fazendo o que podem para proteger suas fronteiras, mas elas estão enfraquecendo e se nada for feito a Capital será o próximo reino a ser destruído por Bianor.

– Não se pudermos impedir! – tentei soar animador.

– A Beatriz tem razão! – Cosmo da mesa de controle – Nós podemos impedir. Temos muito que fazer, mas sei que conseguiremos!

– Também pensei assim da primeira vez! – Alexis estava triste. Não gostava de ver-lo assim.

Nem um pouco discretamente, Nicardo me puxa para um canto do submarino. Ele estava visivelmente desesperado. Eu sabia exatamente o que

ele queria conversar e não estava nenhum pouco pronta para isso.

Seus olhos tinham uma aflição que eu nunca havia visto antes e seus braços tremiam. Eu estava me sentindo horrível, a pior das pessoas, a mais cruel das garotas por fazer Nicardo sofrer tanto.

– Diga a verdade! – ele falou baixo.

– Que verdade? – tentei escapar.

– Você sabe muito bem do que eu estou falando. – ele tentava não parecer nervoso.

– Como eu vou saber se você ainda não disse. – tentava inútil e ridiculamente fugir da conversa.

– Beatriz, pare! – Nicardo me segurou pelo ombro.

– Pare você. Solte-me! – eu estava ficando nervosa também.

– Eu preciso saber! – Nicardo respirou fundo – Você e eu... Nós dois... Tudo continua igual?

– Como assim? – fiz de desentendida.

– Beatriz! – ele se irritou – Estou falando serio!

– Eu também! – estava muito nervosa.

– Não! – ele voltou a me segurar – Está tentando fugir!

– Eu não estou tentando fugir porque eu não sei o que estamos conversando! – tentei parecer convincente.

– Será que não? – ele me soltou.

– Será que pode ser mais claro? – cometi a estupidez de dizer isso.

– Você e eu ainda estamos juntos? – ele ficou com raiva – Nada mudou? Continuamos sendo namorados? O fato de Alexis ter voltado ao significou nada para você?

– Calma! – engoli a seco.

– Acho que não preciso de resposta.

– Espere! – falei um pouco alto.

– Esperar o que? – Nicardo estava chateado – Você oficializar o fim de nós dois?

– Não! – estava confusa.

– Então o que?

– Nicardo, espere. – respirei fundo – As coisas não são assim. Elas não são assim. Não são assim.

– Que coisas que não são assim, não são assim, não são assim? – ele debochava do meu nervosismo. E o pior de tudo: com razão.

Minha cabeça estava começando a doer e meu coração estava ficando apertado. Uma grande angustia surgia no meu peito e tomava conta de mim de uma forma avassaladora. Estava começando a ter dificuldades para respirar e não sei se conseguiria terminar essa conversa bem de saúde.

Fiz o que *não* devia ter feito.

– Nada mudou! – estava me sentindo pior ainda por ter dito isso.

– Como assim nada mudou? – Nicardo estranho.

– Nós dois. Nada mudou. – estava morrendo de medo de magoar-lo.

Nicardo me abraçou forte e aliviado, apesar de seu rosto continuar desconfiado do que eu disse.

Do ombro de Nicardo, pude ver Alexis. Não sei o que me cortava mais o coração: Enganar tão descaradamente o Nicardo ou ferir os sentimentos de Alexis de forma tão cruel. Eu estava sendo um monstro. A dor que sentia já não era mais apenas sentimental, era uma dor física. Meu peito parecia que estava se fechando dentro de mim e esmagando meu coração e os meus pulmões. Eu estava sendo medrosa e isso me envergonhava demais.

Chegamos à capital já era de noite. O submarino havia sido usado em sua velocidade máxima, por isso chegamos no mesmo dia. Seguimos direto para casa de Neandro e Linfa.

– Vocês dois parecem que não pensam! – Neandro dava uma bronca em mim e no Alexis – Onde já se viu, ficar se enfiando dentro de bosques. Não sei qual dos dois é pior, se é você que conseguiu sair do bosque e teve a capacidade de voltar para quase ser transformado ou se foi você que poderia ser capturada e morta.

– O que vocês fizeram foi muito perigoso! – Linfa estava mais tranquila.

– Eu admito, fui impulsiva e não pensei nas consequências! – se tem algo que aprendi com sermões e que sempre devemos admitir que erramos quando realmente erramos, mesmo que não seja necessário. Pelo menos diminui o sermão.

Depois que as coisas ficaram mais calmas, sai para a varanda. As três luas estavam lá, lindas e brilhantes e eu confusa e perdida. Não sabia o que fazer. Queria muito correr para os braços do Alexis e viver minha felicidade, mas não queria que Nicardo se machucasse com isso.

– O que está pensando? – Cosmo sentou ao meu lado – Sonhando com as luas?

– Na verdade eu estava pensando. – respondi – O que eu irei fazer com Nicardo?

– Esse dilema ainda? – Cosmo achou graça.

– Sim, esse maldito dilema! – não gostei do deboche – Eu não quero magoar ninguém. Amo muito os dois e não queria que ninguém sofresse.

– E o que você vai fazer? – Cosmo ajeitava os óculos – Ficar com os dois?

– Não! – senti-me ofendida – São amores diferentes. Eu amo muito o Nicardo, mas não desejo passar o resto da minha vida com ele. Pelo menos não como homem. Já o Alexis é muito mais que uma paixão passageira. O Alexis é amor de verdade!

– Então eu não vejo motivos para confusão!
Termine com Nicardo e fique com Alexis! – Cosmo fazia tudo parecer tão simples.

– As coisas não funcionam desse jeito! – bufei –
Queria arranjar uma forma de não fazer o Nicardo sofrer. Sinto-me tão mal de ficar enganando o Nicardo.

– Pense bem? – Cosmo ajeitava novamente os óculos – Enganar o Nicardo dando a ele falsas esperanças é muito pior do que você ser franca e dizer que está apaixonada pelo Alexis novamente. Isso não é só covardia. É crueldade!

– Eu sei disso! – botei a mão na cabeça – Mas eu tenho muito medo!

– Medo do que? – Cosmo segurou minha mão – De ser feliz?

– Não...

– Beatriz você está apenas adiando dias de felicidade! – Cosmo me interrompeu – Quanto mais tempo você fingir que nada mudou pior vai ser. A mentira nunca é o caminho. Você só estará afastando a felicidade de você, do Alexis e do Nicardo. Todos irão se machucar muito mais se você continuar assim.

– Mas eu não sei se consigo.

– Você já enfrentou coisas bem piores! – Cosmo sorriu.

– Mas a situação é *bem* diferente! – consegui achar graça.

– Não se preocupe tanto em magoar os outros.
– Cosmo ficou sério – Às vezes devemos ser egoístas.

Não podemos adiar nossa felicidade em prol da felicidade dos outros, sendo que no seu caso a felicidade seria justamente o que você tanto foge.

– Não sei se consigo pensar assim.

– Mas deve! – ele botou a mão em meu ombro

– Nicardo ficaria magoado? Sim, por um tempo, mas e depois? O que você acha que ele vai preferir? Ver você infeliz ao lado dele ou ver-la cheia de alegria ao lado de Alexis?

– Eu...

– Não diga nada! – Cosmo interrompeu novamente – Apenas pense nisso. Espero que consiga tomar a decisão certa e escolher o caminho que lhe trará a felicidade.

CAPÍTULO 16 / TOMANDO CORAGEM E CAVALOS ESPIÕES



bviamente eu não dormi bem naquela noite. Tentava entender o motivo de estar com tanto medo. Realmente era porque eu não queria magoar Nicardo? Era realmente só isso? Ou será que havia algo mais que eu não estava sabendo? Melhor dizendo, não querendo assumir ou talvez eu ainda nem sequer houvesse descoberto. Eu amava o Alexis, não tinha dúvidas. Então por quê?

Pensei bastante no que Cosmo havia conversado comigo. De repente ele havia se tornado meu guru, meu confidente e conselheiro de segurança. Algo bom no meio desta confusão toda. Nossa amizade acabou surgindo de forma natural e ele estava fazendo do possível para me convencer a fazer o que era certo.

Assim que acordamos Neandro chamou Alexis para ir ao castelo. Acabei automaticamente sendo convidada por Alexis para acompanhar-los e Nicardo se auto convidou para *me* acompanhar. Estava claro que Nicardo não confiava em mim sozinha com Alexis. Não preciso dizer que Alexis não gostou nada, mas relevou.

Tomamos o café rapidamente. Não sabia quais seriam os próximos passos do Rei Céleo agora que recuperei a memória e o Alexis. Talvez os planos agora fossem outros. Ou talvez apenas precisássemos

acelerar o que já havíamos combinado – e isso significa resgatar Camila, Levinda e Layla.

Era estranho como sempre havia cavalos por perto quando precisamos deles. Neandro contou que vários cavalos do castelo foram trazidos para lá, caso fosse necessário. Sem dúvida eles eram necessários. Pegamos os cavalos e seguimos direto para o castelo.

As ruas estavam cheias de guardas – mais do que da outra vez em que estive no castelo. Estavam todos vigiando alguma coisa e pareciam bem atentos a seja lá o que for. Pensei em perguntar o que estava acontecendo, mas acabei desistindo. Não era algo que estava interessada naquele momento.

Assim que entramos na sala do rei, uma grande expressão de surpresa e felicidade dominou o rosto do Rei Céleo. Provavelmente a surpresa era o Alexis. Rei Céleo se levantou e foi no mesmo instante abraçar Alexis.

– Mas... Vocês conseguiram! – Rei Céleo estava realmente surpreso – Eu nem sei o que dizer.

– Foi tudo graças a Beatriz! – Alexis sorriu – Eu devo tudo a ela! – Alexis alfinetou Nicardo com um olhar.

– O que tinhas na cabeça seu irresponsável? – Rei Céleo mudou suas expressões – Sabes o risco que correu? Como pode...

– Papai! – Alexis também ficou sério – Eu fiz isso pela mamãe. Eu poderia ter achado...

– Não! – Rei Céleo quem interrompeu – Você foi muito irresponsável!

– Mas era a mamãe! – Alexis tentava se explicar.

– Eu sei o quanto você quer achar a Alina – Rei Céleo se acalmou – mas não é desta forma que você vai conseguir.

– Então é de que forma? – Alexis ficou nervoso – Conte-me?

O silêncio chegou ao ponto do insuportável antes que alguém desse qualquer resposta. Alexis encarava o pai, que não sabia o que dizer.

– Eu não quero que corra riscos. – Rei Céleo respirou fundo.

– Mas do que adianta ficar a salvo? – Alexis tentava não se irritar – O que adianta me manter preso e deixar a mamãe a mercê da sua própria sorte? Eu não sou mais aquele garoto que sentava em seu colo e puxava sua barba, eu já sou um homem!

– Então pare de agir feito criança! – Rei Céleo se sentou – Você não deve agir desta forma impulsiva. Compreendo que é frustrante saber que Alina está em algum lugar, esperando nossa ajuda, mas do que adiantará se algo acontecer a você? Precisamos fazer as coisas com calma. Pensar antes de agir. Não podemos arriscar perder ninguém.

– Eu entendo. – Alexis baixou a cabeça – Mas não concordo. Eu não irei desistir de procurar a mamãe. Eu irei atrás dela com ou sem o seu consentimento! Se me dão licença, eu já acabei.

Alexis saiu da sala e eu tentei ir atrás dele, mas alguém me segurou pelo braço. Nicardo.

– É melhor deixar-lo um pouco só. – Neandro colocou a mão em meu ombro.

– Existe algo que ainda não me contarão? – Rei Céleo perguntou por perguntar.

– Sim! – Neandro deu alguns passos a frente – A Beatriz recuperou a memória!

– Mas isso é maravilhoso! – Rei Céleo sorriu – Como está se sentindo?

– Bem melhor! – respondi.

– Quando me contaram que você havia fugido para resgatar Alexis eu desconfiei, mas ter a confirmação é sempre diferente. É definitivo!

– Não sei se é o melhor momento, mas gostaria de saber como ficaria o nosso plano de resgate agora. – não queria falar sobre isso naquele momento, mas temia não ter outra oportunidade – Eu já sei me defender sozinha e sei que os demais também não iriam ter problemas.

– Ainda acho arriscado. – Rei Céleo fez uma cara de desaprovação – Quanto menos você se expor, melhor. Acho que devemos continuar com o plano original e esperar o melhor momento para resgatar-las.

– Não sei se realmente é melhor seguir o plano.
– tentei não parecer desrespeitosa – Eu sei que posso conseguir entrar e sair do castelo de Calidora sem ser percebida.

– O que existe na geração de hoje que não sabem esperar? – Rei Céleo levantou as mãos até a altura do queixo e olho para cima.

– Tudo bem. Eu espero. – realmente meu *timing* foi terrível. Não era o momento para aquela conversa. – Acho que é tudo. Com licença.

Sai da sala do rei e Nicardo veio atrás de mim. Ele parecia nervoso e desconfiado. Eu deveria estar torturando demais o Nicardo. Ele não é burro e já deve ter percebido que menti pra ele.

Antes mesmo que pudesse dar um passa para fora da sala, Alexis entrou em minha frente. Nicardo o fitou e ele devolveu o olhar como se tivessem trocando bolas de canhão.

– Posso conversar com você? – Alexis segurava minha mão, mas fitava Nicardo – Em *particular*.

– C-c-claro! – estava sem jeito.

Alexis não me tirou do campo de visão de Nicardo, apenas me levou para um pouco mais longe, perto da grande escadaria que fica em cima da porta da sala do rei.

– Você ainda não contou a ele por quê? – Alexis foi direto.

– Eu ainda não tive coragem! - fui sincera.

– Coragem? – ele sorriu debochadamente – Você precisa de coragem para terminar com ele?

– Eu não quero magoar-lo. – fitei o chão.

– Ótima troca, deixa o outro feliz e me crava uma faca no coração. – Alexis não quis olhar para mim

– Quem você acha que te ama mais? Eu ou o Nicardo?

– Alexis... – tentei falar. – Eu reconheço tudo o que ele fez e, honestamente, fico agradecido por ter cuidado tão bem de você, mas ele não te ama igual *eu* te amo!

– Como pode ter tanta certeza? – tentei não parecer grossa.

– Porque amor igual ao meu você nunca irá encontrar. – Alexis segurou meus ombros – Apenas eu posso te amar deste jeito!

– Alexis, por favor... – tirei as mãos dele dos meus ombros.

– Eu devia ter desconfiado! – Alexis socou a parede de leve – Vai ser igual da outra vez. Eu sonhando sozinho. Nosso amor sempre foi mais meu do que seu. Quer dizer, acho que nunca ouve um *nosso* de verdade.

– Mas você nunca fez nada! – estava quase chorando – Você demorou demais para tentar e quando tentou, eu já estava dividida.

– Então você ainda está dividida? – novamente ele não quis olhar em meus olhos.

– Não! – falei um pouco alto demais – Eu sei que te amo e sei que é com você que eu quero passar o resto da minha vida, mas... Alexis, me de um tempo para eu arrumar as coisas do meu jeito?

– Uma semana! – ele ficou serio – É tudo o que eu posso te dar.

– Tudo bem, eu aceito. – baixei a cabeça e fechei os olhos.

– Mas se não fizer nada em até uma semana...

Alexis subiu deixando o restante da “ameaça” o ar. Eu estava perdida. Talvez eu devesse simplesmente falar, da melhor forma possível e esperar que Nicardo não me odeie pelo resto da vida. Ou talvez fosse melhor preparar o terreno antes de dizer, mesmo que ele já desconfie, como disse o Rei Céleo “ter a confirmação é sempre diferente.”

– Nicardo... Eu preciso falar com você! – tentei não olhar em seus olhos.

– O que vocês dois conversaram? – ele estava nervoso – Você não vai quebrar sua promessa vai?

– Nicardo, ao fale assim! – fiquei sem jeito.

– Beatriz, você sabe, ninguém vai te amar como eu te amo. Ninguém! – Nicardo me abraçou e toda a coragem que havia juntado se dissipou naquele abraço.

Coragem é uma coisa muito difícil de se ter quando se trata dos sentimentos de outra pessoa. Ainda mais quando essa outra pessoa é alguém que

você ama. E quando você sabe que não existe outra forma além de machucar aquele que você ama, a coragem vira uma palavra desconhecida em seu dicionário.

Não imaginei que um dia fosse sofrer tanto para tomar uma decisão da qual eu sei que não irei me arrepender. Tudo o que eu queria ouvir do Alexis eu estava ouvindo. Ele estava apaixonado por mim e eu loucamente apaixonada por ele. Nossas vidas seriam maravilhosas e cheias de felicidade, eu não tenho dúvida, mas e o Nicardo? Eu não conseguiria ser plenamente feliz sabendo que o Nicardo não era plenamente feliz por minha culpa. Esse é um peso que nunca conseguiria carregar.

Neandro continuou na sala do pai e não voltou com a gente. Seguimos vagarosamente pelas ruas lotadas de guardas de volta para a casa de Neandro e Linfa.

Os guardas continuavam vigiando alguma coisa e desta vez fiquei um pouco mais interessada. Fitei o céu, mas não vi absolutamente nada. Tentei e tentei e tudo o que via era o céu azul e pássaros voando, livres e felizes. Às vezes eu gostaria de ser um pássaro, acho que eles não tem problemas sentimentais.

Vendo os pássaros voando, uma nova injeção de coragem fluiu em mim. Eu não podia prolongar por muito mais tempo, até porque eu não tinha muito tempo. Sentia-me péssima em enganar o Nicardo de

forma tão descarada e ainda continuar com isso mesmo vendo que ele está percebendo que alguma coisa mudou de verdade entre nós.

– Nicardo, eu quero contar algo para você! – disse baixo – Não queria que fosse aqui, no meio da rua, mas não disser agora talvez não consiga dizer depois.

– Beatriz – o rosto de Nicardo ficou branco – O que você quer falar?

De repente, no céu por detrás de Nicardo, eu vi uma mancha negra se aproximando e tirando minha atenção. Mas aquilo era...

– Um cavalo voador? – falei alto.

– O que? – Nicardo se virou.

– Cavalo espião! – um dos guardas gritou – Todos preparados! Assim que ele se aproximar!

– O que está acontecendo? – perguntei, mas não tive resposta. O cavalo se aproximava.

De longe o cavalo parecia normal – apesar das asas – mas quando desceu ao chão tive uma grande surpresa. Uma grande e péssima surpresa.

O cavalo tinha no mínimo uns 3 metros de altura. Ele andava pela rua lotada e passava por cima das casas, mas nada acontecia. Era como se o cavalo fosse feito de sombra.

Os guardas começaram a atirar flechas no cavalo, mas todas passavam por ele ou se desfaziam

quando tocavam nele. O cavalo relinchava e batia com o casco no chão. Grandes nuvens de fumaça saiam de suas narinas e seus olhos eram de um vermelho vivo que fazia contraste com a cor preta de seu pelo.

Apesar de não haver nada além de um brilho vermelho nos olhos, senti que o cavalo olhava para mim. Era como se estivesse me procurando e eu já sabia exatamente que havia enviado.

Mais guardas apareceram inutilmente e continuaram tentando desesperados derrotar o cavalo, mas nada acontecia. Era uma perda de tempo.

– Nicardo, eu sei o que fazer! – gritei.

– Do que você está falando? – Nicardo ficou assustado.

– Eu acho que sei como derrotar esse cavalo! – voei até a altura da cabeça do bicho.

– O que você pretende fazer? – Nicardo gritou.

– Você verá! – gritei respondendo.

Respirei fundo e me concentrei. Tentei juntar o máximo de ar que consegui e senti uma grande pressão se juntando em minhas mãos. Logo uma grande bola invisível de ar começou a se formar. Só consegui identificar o que era porque vários gravetos e folhas se juntaram a bola e rodopiavam em uma velocidade impressionante. O cavalo negro me fitou furioso. Ele parecia saber o que eu pretendia fazer e não estava

gostando nada disso, mas por algum motivo não podia fugir. Era com se estivesse preso ou paralisado.

A bola de ar continuou crescendo e pequenos raios começaram a nascer dela. Esses raios soltavam pequenas faíscas de fogo, que queimavam as folhas e galhos. Não demorou muito para eu ter uma grande bola de ar e fogo em minhas mãos. Aquela era a hora.

Olhei nos olhos do cavalo. O vermelho vivo parecia estar brilhando mais que deveria e as expressões do cavalo pareciam desesperadas. Juntei as mãos e dei um forte assopro na bola de fogo e ar.

Uma grande rajada de vento e fogo envolveram o cavalo que começou a ser consumido e sumindo junto com o fogo. Seus olhos vermelhos saltaram para fora e rapidamente atirei duas pequenas bolas de fogo para destruir-las. Desci até o chão exausta.

– O que era aquilo? – perguntei ofegante.

– Era um cavalo espião! – um dos guardas respondeu – Bianor vem usado vários para saber o que anda acontecendo por aqui, mas antes ele costumava esconder melhor.

– E esse... – outro guarda começou a falar apavorado – Sem dúvida não era igual aos outros que apareceram. Esse parecia ser feito de sombras.

– Beatriz! – Nicardo se assustou – Você não pode ficar se expondo deste jeito! Se esse espião tivesse levado a informação de que você está aqui?

– Mas eu já recuperei a memória! – estava confusa – Por que estou tão exausta?

– Você recuperou a memória, mas não se tornou invencível! – Nicardo sorriu – A magia que você usou é poderosa demais. Ainda não sei como conseguia executar-la. Seu corpo ainda não está preparado para esse tipo de magia.

– Mas desta vez eu não desmaiei! – sorri.

– Não, você não desmaiou! – Nicardo também sorriu – Mas deixa que eu te leve no colo. Você não pode ficar se cansado demais.

– Nicardo! – falei alto – Estamos ainda muito longe.

– E o quê que tem? – ele sorriu.

– Você vai acabar se cansando!

– Não muito. – ele me pegou no colo – Você precisa descansar muito mais que eu neste momento.

– Nicardo! – acabei desistindo.

– O que você ia dizer mesmo? – Nicardo perguntou.

– Esquece! – respondi.

O que Nicardo estava fazendo era golpe baixo. Joguinhos emocionais justo no momento em que estou mais vulnerável? Ele realmente estava jogando sujo! Mas por que, ainda assim, eu não conseguia falar com ele?

No fim talvez tenha sido bom. Seria horrível terminar com ele ali, no meio da rua. Isso seria cruel demais para o meu jeito de agir. Era melhor esperar que chegássemos à casa da Linfa para dizer a ele tudo o

que estava acontecendo comigo e que tudo havia mudado e nós não poderíamos mais ficar juntos. Aos poucos isso não parecia mais tão difícil de se fazer.

CAPÍTULO 17 / TROCANDO CONSELHOS E UMA DECISÃO DIFÍCIL

Já haviam passado dois dias desde que fiz o acordo com Alexis. Eu deveria estar feliz por ele me dar uma semana ao invés de um dia, como poderia ter acontecido – visto o tempo que ele está me esperando.

Seria cruel demais eu prolongar essa difícil decisão? Seria essa realmente uma difícil decisão? Por que essa confusão em minha mente? Eu gostaria de entender o que se passa comigo nessas horas. A indecisão é tão grande, tão forte que não sei até que ponto vai a minha coragem nesta situação.

Se outra pessoa estivesse me contando esse caso ou mesmo se estivesse assistindo essa situação em um filme ou livro eu diria “Essa garota é uma completa retardada!” e ainda completaria com “Se estivesse no lugar dela eu já teria dado um pé nele!” Mas não é assim tão simples na prática. Melhor dizendo, o que é simples na prática?

Eu sei o que quero e sei o que devo fazer, mas imaginar que alguém terá o coração partido por minha culpa é muito ruim. É realmente muito, muito ruim. Por que as decisões mais importantes são sempre as mais difíceis?

– Você está bem? – Tales perguntou.

Eu estava deitada debaixo da grande árvore da casa de Neandro naquele momento. Era fim de tarde e o céu estava ganhando aquele tom alaranjado de

quando o sol está se pondo. Um vento fresco fazia algumas folhas caírem e o dia emanava paz e tranquilidade. Era um dia perfeito e para Tales fazer esse tipo de pergunta era porque eu devia estar péssima.

– Eu estou! – menti – Por que eu não estaria?

– Sei lá... Você parece meio... *Morta!* – eu realmente devia estar horrenda.

– Acho que é impressão sua! – dei um sorriso e me levantei – Você às vezes tem cada uma.

– Sei... – ele me fitou com um sorriso debochado no canto da boca.

– Está desconfiando de mim? – tentei parecer descontraída.

– Imagina! – ele parecia tentar não parecer debochado.

Fiz língua para ele e voltei para dentro de casa. Ouvi algumas risadas antes de entrar e esperava que ele me deixasse em paz. A última pessoa com quem eu gostaria de conversar sobre esse assunto é o Tales. Ele leva tudo na brincadeira. Ele só é sério quando tem que ser o comandante-capital-general-e-mais-qualquer-outro-título.

A noite não demorou muito a chegar. Do meu quarto eu via as três grandes luas mais uma vez. Existia algo mágico nelas que me acalmava. Estava esfriando, mas eu não estava me apegando a esse fato. A única coisa que pedia era coragem para o eu estava prestes a

fazer e que tudo acabasse da melhor forma possível para mim e para o Nicardo. Principalmente para o Nicardo.

Thalassa continuava dormindo comigo e os meninos continuavam na sala. Linfa e Neandro pareciam não se importar com a casa cheia, pelo contrario, eles pareciam estar mais que satisfeitos. Tales, Cosmo e Nicardo e que pareciam ao estar muito felizes em ter que revezar o sofá, mas no fim todos se entendiam de alguma forma.

– Nossa Beatriz, você está péssima! – Thalassa se assustou quando entrou no quarto.

– Está tão visível assim? – perguntei triste.

– Está quase escrito em sua testa. – ela balançava os cabelos com as mãos.

– Então é pior do que eu pensava. – constatei.

– E sobre você o Nicardo e o Alexis? – ela perguntou.

– Vai me dizer que isso também está escrito na minha testa? – perguntei tapando minha testa com a mão.

– Sim. – ela sorriu.

– Acho que me testa é maior do que eu imaginava. – tentei encarar com humor – Vou começar a usar lenços!

– Você quer falar sobre isso? – ela perguntou.

– Sobre eu usar lenços? – rebati.

– Não sua boba! – ela sorriu – Sobre você, o Nicardo e o Alexis.

– Tem certeza que quer me ouvir? – torci o nariz.

– Se quiser falar...

– Thalassa eu estou totalmente perdida! – sai da janela – Eu sinto como se estivesse cometendo um crime. Eu sei exatamente o que fazer, mas não consigo. É como se algo me prendesse e de repente e eu me visse atada e impotente. Isso é terrível.

– Terrível e estranho! – Thalassa me fitou séria – Você está apaixonada, ou melhor, sempre foi apaixonada pelo Alexis. Eu sei que o Nicardo é um anjo, mas ele também é grande o suficiente para aguentar o término de um namoro. Você não devia estar assim, a menos que...

– A menos que o que? – desconfiei do que ela iria falar.

– A menos que seus sentimentos pelo Nicardo sejam maiores do que o que você julga ser.

– Confesso que fiquei mexida com o Nicardo, mas era por que ele me lembrava o Alexis! – respondi – Sempre que u olhava para ele, era o Alexis que eu estava buscando inconscientemente. Eu *amo* o Alexis.

– Então por que hesita tanto? – Thalassa perguntou novamente séria.

– Eu já disse, eu não sei exatamente! – respirei fundo – É como se algo dentro de mim dissesse que eu irei me arrepender de terminar com ele.

– Então você tem sentimentos maiores pelo Nicardo? – Thalassa perguntou.

– Não! – me entristeci com o que ia dizer – Acho que é algo bem pior e bem mais nefasto do que eu possa aguentar assumir. Acho que eu tenho pena do Nicardo. Talvez seja isso que me faz hesitar tanto.

– Pena? – desta vez ela sorriu. – Beatriz ele não vai tentar se suicidar e nem vai entrar em depressão profunda por causa disso. Aposto como ele se sentirá bem melhor em ver você feliz com o Alexis do que infeliz ao lado dele.

– O Cosmo também me disse isso! – pensei alto.

– Você anda se aconselhando com o Cosmo? – Thalassa perguntou levantado uma sobrancelha.

– Também não sei como isso aconteceu, mas ele tem dado bons conselhos! – respondi.

– Disso eu não tenho dúvida. – ela me fitou de modo estranho – Mas vocês conversaram apenas sobre isso certo?

– Sim! – respondi sem entender – Mas por que a pergunta?... Espera um segundo!

– O que? – Thalassa perguntou assustada.

– Você está gostando dele! – falei alto.

– Silêncio! – ela tapou minha boca – Quer que a casa inteira escute?

Fitei-a provavelmente com os olhos brilhando. Ela ainda estava com a mão na minha boca e olhando para a porta como se esperasse que alguém a abrisse e dissesse algo sobre a minha declaração. Quando viu

que aparentemente ninguém havia ouvido, Thalassa tirou a mão da minha boca.

– Então é isso! – disse baixinho – Você gosta do Cosmo!

– Tudo bem. Não vou negar! – Thalassa respirou fundo – Eu estou apaixonada pelo Cosmo!

– Mas como foi isso? – perguntei.

– Pouco depois de nos conhecermos. – ela sorriu – Eu estava o observando trabalhar em uma de suas invenções e de repente senti que poderia fazer aquilo pelo resto da vida.

– Que lindo! – quase bati palmas. – Eu senti um aperto no coração e uma vontade louca de dizer a ele tudo o que estava sentindo e beijar-lo como se precisasse disso para respirar.

– E por que não fez? – perguntei.

– O Cosmo não me vê dessa forma! – ele suspirou – Para ele eu sou apenas uma amiga. Uma irmã postiça e nada mais. Ele nunca me viu como mulher.

– E você tem tanta certeza assim por que mesmo? – brinquei.

– Ele já teria dito alguma coisa se tivesse alguma intenção. – ele fitou a cama.

– O Cosmo? – desta vez eu que achei graça – Olha, eu o conheço há pouco tempo e não sei tanto dele quanto você deve saber, mas o Cosmo não parece do tipo que fala esse tipo de coisa.

– Como assim? – Thalassa perguntou interessada.

– Ele é um eterno tímido! – respondi – Ele poderia ficar anos tentando juntar coragem para dizer que mesmo assim ele não conseguiria.

– Você acha? – ela perguntou ainda mais interessada.

– É claro! – fui segura na resposta – Eu conheço muitos garotos como o Cosmo. Você precisará tomar essa atitude.

– Mas e se ele não for assim tão... tímido? – ela juntou um pouco mais o rosto dela com o meu – Se ele realmente só me vê como uma amiga?

– Você terá que arriscar! – fui sincera – Mas se quiser se sentir mais segura, repare nas atitudes dele. Um olhar, um ato, um sorriso. Quando uma pessoa está interessada, tudo é feito de forma diferente. Talvez ele pense o mesmo de você ou está dando várias dicas, com certa sutileza, e você nem repara.

– Será? – ela perguntou mais para si mesma.

– Pode apostar! – sorri – Faça o que eu disse, comece a reparar mais nele e depois tome sua decisão. Sua felicidade só depende de você! Nossa está ficando frio aqui dentro!

– Sábias palavras! – Thalassa sorriu – Faço minhas as suas palavras quanto ao *seu* caso.

– Que palavras? – perguntei – “Nossa está ficando frio aqui dentro?”

– Não! – ela sorriu – Sua felicidade só depende de você!

Rimos juntas e eu fui fechar a janela. Não era por acaso que o quarto estava esfriando. Deitei em minha cama e fiquei esperando o sono chegar. Apesar do meu principal “problema” não me deixar em paz, o sono não demorou muito em me pegar e quando menos percebi já era de manhã.

O dia começou chuvoso e isso era um péssimo sinal. Fui tomar café com os outros. Eu havia sido a última a acordar.

– Bom dia! – disse ainda sonolenta.

– Bom dia! – todos responderam quase ao mesmo tempo.

– Sente-se Beatriz! – Linfa estava sorridente – Acabei de assar um pão! Está quentinho!

– Obrigada Linfa, mas eu vou beber apenas um suco! – bocejei.

– Tem certeza? – Linfa colocou o pão na mesa.

– O cheiro está maravilhoso, mas tenho certeza! – sorri – Hoje eu não estou com muita fome.

– Se prefere assim... – Linfa sempre sorridente.

– Então Thalassa, pensou sobre o que conversamos ontem? – perguntei pegando um copo.

– O que vocês duas conversaram? – Tales perguntou debochado.

– Coisas de menina! – respondi com certo tom de grosseria e implicância.

– Já sim! – Thalassa respondeu um pouco constrangida – Vou fazer o que disse. Mas é você? Pensou no que eu te falei?

– Me deixa adivinha. – Tales sorriu – Coisas de menina!

– Exato! – respondemos as duas ao mesmo tempo.

– Ótimo! – Tales bufou – Não estava querendo saber mesmo.

– Sei... – sorri – Mas ainda não. Estou quase. Acho que de hoje não passa.

– De hoje não passa o que? – Nicardo entrou na cozinha.

– Coisas de meninas! – Tales debochou.

Cosmo me olhou intrigado. Bebi o suco e segui para varanda – lugar onde estava ficando acostumada a pensar. Cosmo me seguiu.

– Você estava falando do Nicardo certo? – ele perguntou.

– Sim. – respondi sem expressões.

– Mas o que ainda você precisa pensar? – ele perguntou.

– Honestamente, eu já não sei mais. – suspirei – Não sei se realmente não quero fazer isso ou se eu coloquei na cabeça que não podia. Eu já não compreendo esse minha relutância.

– Mas você disse que de hoje não passa. – Cosmo se sentou ao meu lado – Isso quer dizer que você está quase decidida.

– Eu acho que já estou decidida! – disse fitando o chão – Apesar de não entender o que me faz ficar presa ao Nicardo, acho que vocês estão com a razão. Nicardo vai sofrer muito mais se eu continuar com isso. E ainda corro o risco de perder o Alexis. Ou seja, não adianta nada ficar adiando algo que deveria ter sido feito no mesmo momento. Não há motivos para isso.

– Que bom que está chegando a uma conclusão! – ele sorriu – Era sobre isso que estava conversando com Thalassa?

– Sim! – notei certo interesse que nunca havia percebido – Pensa que só você é meu conselheiro? Eu preciso de uma segunda opinião. Confesso que às vezes até uma terceira.

– E vocês conversaram só sobre isso? – ele perguntou.

– Só! – provoquei – Ela deveria falar sobre alguma outra coisa?

– Não. – ele ficou constrangido – Só perguntei por perguntar.

– Vamos falar sério! – fui direta. Esqueci que com o Cosmo essa era a pior estratégia – Você está gostando da Thalassa?

Neste momento seu rosto ficou vermelho sangue. Seus olhos se esbugalharam e ficaram ainda maiores atrás das lentes do óculos. Ele começou a suar e suas mãos ficaram tremulas.

– E-e-ela reparou e-e-em algo? – ele perguntou
– Digo... E-e-ela achou alguma coisa e-e-estranha e-e-

em mim? Olha, se-se-se ela di-di-di-disse alguma coisa foi um ma-mal...

– Calma! – sorri – Ela não achou nada estranho e nem comentou nada sobre você.

– E-e-e-então por que a pergunta? – ele estava nervosíssimo.

– A sua reação já responde. – continuei sorrindo.

– Eu estou... Eu vou... Eu.... – ele suspirou – Isso é um a-a-absurdo! Ela é só uma a-a-amiga!

– Tem certeza? – perguntei.

– Tenho! – ele tentava não gaguejar.

– Tudo bem, acredito. – menti – Mas não conversamos só sobre isso. Nós também conversamos sobre homens tímidos. Sabia que ela está apaixonada por um carinha.

– Q-q-que carinha? – ele se levantou

– Um carinha. – sorri maliciosamente – Ela disse que está gostando dele. Mas acho que se algum outro *carinha* se declarar para ela... Esquece, você não gosta dela mesmo.

– Espere! – ele mordeu a isca – Agora eu quero saber!

– Por quê? – perguntei.

– Vai me contar ou não? – ele estava realmente nervoso e aflito.

– Bem, eu acho que se alguém se declarar para ela, Thalassa esquece rapidinho esse carinha e fica com aquele que já se declarou. Mas acho que esse carinha,

se ele aparecer, tem que agir depressa. Eu não sei até quando o outro carinha vai ficar indeciso para pedir para namorar com ela.

– Espero que o *carinha* faça alguma coisa! – ele disfarçou.

– Eu também espero! – disse fitando-o sugestivamente.

Nicardo saiu e eu imediatamente e levantei. Cosmo viu o que eu estava prestes a fazer e entrou para casa de Linfa. Ficamos apenas eu e Nicardo. Respirei fundo e quebrei o silêncio súbito que nasceu no momento:

– Eu preciso conversar com você!

Fomos até a grande árvore e nos sentamos. A chuva – que havia dado uma trégua – voltou como se soubesse que estava prestes a acontecer. Respirei profundamente antes de continuar a conversa.

– Eu acho que já sei o que você quer falar comigo. – Nicardo me olhava triste.

– Como? – perguntei.

– “De hoje não passa” – ele deu um sorriso pequeno – Não foi isso que disse quase agora?

– Nicardo, eu não queria...

– Eu sei que você não queria. – ele ficou sério – Eu sei que você evitou e sei até que o Alexis te deu um intimado, alias, isso é típico dele.

– Mas como? – estava espantada.

– Esqueceu que eu posso sentir o que os outros ao meu redor sente? – seus olhos estavam cheios de tristeza.

– E por que não disse nada? – perguntei.

– Essa é uma coisa que apenas você poderia fazer. – ele tentou sorrir – Eu não podia fazer nada.

– Nicardo...

– Vamos tentar acabar isso em paz? – ele sorriu de verdade – Sem palavras, sem magoas.

– Nicardo...

– Beatriz, eu te amo demais. – ele estava quase chorando – Eu te amo tanto que não suportaria viver com você infeliz. Seria um ato de extremo egoísmo da minha parte. No fundo eu já sabia que não poderia te ter para sempre.

– Nicardo...

– Não. – ele colocou o dedo indicador na frente da minha boca – Não precisa dizer nada. Eu não queria ter uma chance com você. Não queria te ter por algum tempo e depois te perder. Eu sabia que se fizesse isso eu não iria suportar a abstinência de te ter quando você se fosse. Mas a minha vontade de ter você por algum tempo, mesmo que pequeno, acabou falando mais rápido e eu esqueci que o que estava tentando fazer era me proteger deste sentimento que estou sentindo agora.

– Nicardo...

– Eu só quero dizer que eu não irei impedir você de nada. Eu não tenho esse direito. Eu...

– Nicardo! – desta vez eu que pedi o silêncio dele – Eu não queria fazer isso por que sabia que o resultado seria esse. Eu não suporto a idéia de te magoar e não suporto a idéia de saber que você está sofrendo por minha causa.

– Mas não é por sua causa! – ele segurou minha mão – Eu sabia o que me esperava. Eu que não fui forte o suficiente para resistir a você. Eu procurei por isso.

– Não Nicardo!

– Sim! – ele fitou o chão – A culpa é minha. Mas eu prometi uma separação sem palavras e acabei dizendo mais do que devia. Desculpe.

– Nicardo...

– Eu só espero que não fique com raiva de mim.

– Ficar com raiva? – eu estava chorando – Nunca ficaria com raiva de você. Apenas de mim.

– Acho que já falamos demais! – Nicardo estendeu a mão direita – Amigos?

– Amigos! – apertei a mão dele.

Abraçamo-nos e, como se realmente soubesse, a chuva parou novamente.

CAPÍTULO 18 / UM SEQUESTRO ADORÁVEL



assamos o restante do dia muito bem. Estava feliz que – apesar de tudo – eu e o Nicardo terminamos bem. Estava tão aliviada e me sentindo tão leve que quase me esqueci do real motivo de estar ali.

Fiquei imaginando o que Camila iria dizer quando soubesse que terminei com Nicardo. Lembrar dela me deixava preocupada. Que tipo de amiga eu era deixando-a para trás? Queria que o Rei Céleo desse logo a permissão para que fôssemos resgatar a Camila e as outras “noivas” do Bianor.

– Sente-se melhor agora? – Cosmo perguntou.

– Bem melhor! – respondi sorrindo enquanto olhava a grande árvore pela porta da sala.

– Foi algo tão terrível como imaginava? – ele estava sério, mas era possível sentir o tom de deboche em sua voz.

– Tudo bem. Admito. Você estava com toda a razão!

– Obrigado por reconhecer. – Cosmo sorriu – E agora? Você vai falar com Alexis ainda hoje?

– Hoje não. – sorri maliciosamente – Vamos deixar esperar mais um pouquinho. Amanhã cedo eu vou falar com ele. Isso é, se eu conseguir realmente esperar até amanhã. E a Thalassa?

– O que tem a Thalassa? – seu olho direito começou a piscar estranhamente.

– Falou alguma coisa sobre o *carinha*? – bati o ombro em suas costas.

– P-p-por que acha q-q-que ela falaria alguma coisa comi-migo? – Cosmo começou a ficar nervoso.

– Você é bem próximo a ela. – fiz de desentendida – Achei que ela poderia ter dito algo.

– Ela n-n-não disse nada comi-migo. – o olho direito de Cosmo voltou a piscar.

– Por que você fica tão nervoso quando falo neste assunto? – provoquei.

– E-e-e-eu? – ele quase gritou – Q-q-quem disse que eu estou n-n-nervoso?

– S-s-sei La-la-la? – o imitei.

– Va-va-vamos falar de-de outra coisa? – ele tentava não parecer nervoso.

– Tudo bem. – sorri – Só não se esqueça que, caso alguém venha se declarar para ela, a Thalassa esquece esse *carinha* no mesmo instante.

– E por que está falando isso para mim? – ele conseguiu perguntar sem gaguejar.

– Por nada. Falei por falar – segurei o riso – Acho que vou dar uma passeada pela montanha. Quer vir?

– Não. Pode ir. – Cosmo já estava começando a fugir de mim. Talvez eu devesse começar a pegar mais leve com ele.

– Como quiser. – fiz um sinal de desdém com a mão.

Fui para as montanhas respirar um pouco de ar fresco. A chuva não havia aparecido novamente, mas a terra estava molhada e tinha aquele cheirinho de chuva que me fazia tão bem. As árvores pingavam pequeninas gotas que se prendiam nas folhas e a montanha emanava um clima úmido, porém aconchegante. Não fui muito longe, apenas o suficiente para continuar sendo vista por quem me procurasse na casa.

Desde que cheguei a Ofir pela primeira vez eu sempre me sinto mais forte quando estou em contato com a natureza. É como se tivéssemos uma ligação. Talvez seja pelo fato de meus poderes estarem concentrados em elementos da natureza, não sei dizer. Percebi isso ainda na primeira vez, em Neide, quando revivi aquele jardim congelado.

Enquanto caminhava pela montanha, tive um encontro inesperado. Um encontro completamente inesperado.

Começou com um vento forte, soprando as folhas e pequeninos grãos de areia e aos poucos foi tomando forma de um lobo com 2 metros de altura e olhos de fogo.

– Você outra vez! – me assustei.

– Menina Beatriz, grande guerreira. – o lobo fez o vento soprar mais forte quando falou – Tu me intrigas com seu destino confuso. Existem vários caminhos e vários destinos reservados para você. Destinos vitoriosos, alegres e cheios de glórias. Mas existem destinos cheios de dor, lágrimas, derrotas e mortes.

Tenha sabedoria nas suas escolhas e tome cuidado com tudo o que faz para não acabar entrando em um caminho de dores e derrotas.

– Do que está falando? – perguntei.

– Já escolheste o caminho mais difícil uma vez e veja no que Ofir se tornou. – a voz dele era dura e severa – Não faça o caminho errado outra vez ou Ofir poderá deixar de existir.

– Espere! – gritei, mas já era tarde. O lobo havia desaparecido junto com o vento.

Voltei para a casa assustada. O que aquele lobo quis dizer com escolhas erradas e vários destinos? Eu estava um pouco atordoada para entender o que isso queria dizer e tinha medo de entender.

– O que foi Beatriz? – Tales perguntou – Está pálida. Parece que viu um fantasma.

– Não exatamente. – passei por ele e fui para meu quarto.

Thalassa estava mexendo em alguns livros e fez uma cara muito estranha quando me viu.

– Aconteceu alguma coisa?

– Não, eu estou bem. – respondi.

– Não é o que parece. – ela me fitou confusa.

– Você acha que eu realmente fiz certo em terminar com Nicardo?

– Essa história de novo? – ela sentou ao meu lado – Achei que você já tinha resolvido essa questão.

– Mas eu já resolvi. – disse séria – E mesmo se não tivesse resolvido, agora está feito. Mas será que eu fiz certo? Você acha que isso pode me prejudicar ou prejudicar Ofir de alguma forma?

– Prejudicar Ofir? – ela franziu a testa – Do que você está falando?

– Esquece! – botei a mão na cabeça – Nem eu não sei mais o que estou dizendo.

– Acho que essa história te deixou muito exausta. Talvez seja melhor descansar. – Thalassa colocou a mão em minha testa como se quisesse ver se eu estava com febre.

No dia seguinte eu tive uma surpresa muitíssimo agradável.

Logo de manhã, bem cedo, Alexis apareceu na casa de Linfa. Parecia que ele havia adivinhado. Eu – obviamente – estava louca para falar que não existia mais nada que nos impedisse de ficar juntos. Queria que fosse a primeira coisa que ele ouvisse, mas não foi bem assim que aconteceu.

Quem atendeu a porta foi Linfa. Diferente da primeira vez em que a vi abrindo a porta de sua casa para Alexis, Linfa estava bem segura e já não tinha mais medo dele ou do que ele pudesse dizer e fazer.

– O que te trouxe aqui assim tão cedo? – Linfa perguntou – Para vir tão depressa deve ser algo importante.

– Sim! – Alexis respondeu sério – É algo muito importante.

Alexis pediu para que nos reuníssemos na sala, que ele tinha um comunicado importante a fazer. Fiquei imaginando o que seria, afinal, o dia havia acabado de começar e o sol ainda estava naquele laranja fraco, terminando de nascer.

Alexis vestia uma roupa bem imponente. Era um terno azul marinho, com grandes ombreiras douradas que fazia lembrar o uniforme de um general, sargento ou qualquer outra autoridade superior do exercito.

– Então? – Tales perguntou – Qual o motivo dessa assembléia?

– Eu vim comunicar a todos que meu pai, Rei Céleo, governante de toda a cidade...

– Poupe-nos das apresentações. – Neandro interrompeu Alexis – Nós já sabemos quem é você e o seu pai. Vá direto ao assunto. Para você nos acordar às 05:40 da manhã, eu realmente espero que seja algo muito importante.

– Posso garantir que sim. – Alexis continuou sério – Indo direto ao assunto, nosso pai autorizou que eu e mais outra pessoa fôssemos resgatar as garotas que foram capturadas e estão sendo obrigadas a serem noivas de Bianor.

– O que? – Neandro gritou – Ele realmente flou isso?

– Ele prometeu não foi? – Alexis estava estranhamente calmo – Papai sempre cumpri as promessas que faz.

– Isso eu sei! – Neandro estava desconfiado – Mas isso não parece uma ordem do papai.

– Como assim não parece uma ordem? – Alexis levantou a sobrancelha.

– Você é mais outra pessoa apenas? – Neandro fitou Alexis desafiadoramente – Poupe-me Alexis!

– Por quê? Ou melhor, do quê? – Alexis parecia estar bem seguro do que estava fazendo. Seja lá o que estivesse fazendo.

– Papai é quase a forma humana da precaução e ele nunca mandaria você em um resgate.

– Mas eu não vou sozinho. – Alexis sorriu – Eu vou com a Beatriz.

– Eu? – gritei automaticamente.

– Sim. – Alexis respondeu – Vamos nós dois.

– Essa história está muito mal contada. – Nicardo quem fitava Alexis agora.

– Ih... Não se mete não o menino-pedra que eu não estou falando com você! – Alexis começava a perder a paciência.

– Calma Alexis! – Thalassa ainda estava sonolenta.

– Mas o Nicardo tem razão! – Neandro se levantou – Essa história está *muito* mal contada.

– Não está acreditando? Então pergunte ao papai. – Alexis sorriu debochado.

Neandro se sentou sem dizer nada. Aparentemente havia desistido de investigar a história. Neandro ficou fitando Alexis intrigado. Não sei se ele havia acreditado ou desistido, mas pela cara de desconfiança de Neandro, estava mais certo que ele havia desistido – temporariamente.

– Mas não será perigoso apenas vocês dois? – Linfa perguntou.

– E por que apenas vocês dois? – Nicardo acrescentou.

– Não será perigoso por que vários soldados irão nos acompanhar. – Alexis respondeu – E foram escolhidos apenas dois para preservar os demais. Todos nós precisaremos estar bem quando formos lutar com Bianor.

– Mas se esse é o motivo, então Beatriz deveria ficar. – Nicardo o fitou com ódio – Ela é a chave mestra, a peça principal de toda a guerra. Se algo acontecer a ela, o que será de Ofir?

– Nada irá acontecer a ela por que eu estarei a protegendo – Alexis respondeu com um pequeno toque de arrogância na voz.

– Como achar melhor, alteza. – Nicardo respondeu debochado.

– Vamos parar vocês dois! – eu disse – Que coisa mais feia!

– Mas o que Nicardo disse faz sentido. – Cosmo estava prestes a se tornar mais um na lista negra de

Alexis – O destino de Ofir depende de Beatriz. Seria mais prudente...

– Seria mais prudente fazer as coisas do modo como foram ditas para fazer! – Alexis começava a perder a paciência – Irei eu e Beatriz para Calidora resgatar as meninas e não aconselho ninguém a se opor.

– Credo Alexis! – Tales falou – Para que tanta agressividade? Você nem sabe se a Beatriz vai querer ir com você.

– É verdade! – Linfa se virou para me olhar – O que você acha disso Beatriz?

Neste momento todos os olhos estava voltados para mim. Estava acostumada a ter esse tipo de atenção quando minha má sorte resolvia dar “oi”, mas já tinha um bom tempo que nós duas não nós encontrávamos. Ela estava me devendo umas visitinhas e tinha medo de que ela resolvesse pagar-las agora.

– Bem... O que eu posso dizer? – olhei para Alexis – Acho que por mim tudo bem. Eu já sei como me defender sozinha outra vez.

– Você tem certeza? – Neandro perguntou.

– Sim! – na verdade eu queria dizer “acho que sim”, mas aprendi que perguntas como “Você tem certeza?” não devem ser respondidas com “acho”.

– Se é assim... – Neandro bufou – Mas ainda estou achando essa história muito estranha! Cadê os soldados que irão acompanhar você dois?

– Iremos nos encontrar no castelo! – Alexis respondeu.

– Ótimo! – Neandro ainda estava desconfiado – Podem ir, mas eu irei descobrir o que está errado nessa história. Pode ter certeza!

Seguimos a cavalo para o castelo. Alexis não disse mais uma palavra e eu fiquei sem jeito de dizer qualquer coisa.

Quase me perdi de Alexis quando ele mudou o caminho. Pouco antes de pegarmos a rua que levava para o castelo, Alexis cortou caminho e foi em direção ao porto.

– O que está fazendo? – perguntei – Nós não vamos para o castelo?

– Não é necessário. – ele respondeu.

– Mas e os guardas? – continuei perguntando.

– Não precisaremos de guardas. – ele sorriu.

– Espere! – raciocinei – Você mentiu?

– Sim! – ele respondeu tranquilamente.

– Você está me sequestrando? – perguntei com um sorriso debochado.

– Se quer entender assim? – ele achou graça.

– Então não vamos resgatar Camila, Levinda e Layla?

– Claro que vamos! – Alexis abriu um longo sorriso – Mas vamos fazer isso sozinhos. Apenas eu e você.

– Mas...

– Beatriz, eu passei muito tempo sem você. – Alexis parou o cavalo. Fiz o mesmo – Perdi muito tempo sozinho, lamentando não ter descoberto o que eu sentia por você antes. Não ter vivido o que deveríamos ter vivido. Eu quero tudo o que tenho direito e quero aproveitar sozinho, sem mais ninguém por perto.

Não sei como estava me rosto, mas Alexis parecia um deus de tão lindo. Ele sorriu largamente para mim e o cavalo voltou a galopar em direção ao porto. Por alguns instantes me esqueci de que ainda estava parada no mesmo lugar e assim que “acordei”, segui atrás de Alexis.

O porto estava cheio, mas acredito que não veriam problemas conosco. Ninguém iria barrar o príncipe de Ofir de sair de barco. Isso se ele tivesse um barco.

Alexis pediu para um soldado cuidar dos cavalos e mandar-los de volta a casa de Neandro. Ele olhou, olhou e olhou para os barcos, como se procurasse por um que não estivesse aí, até que algo lhe pareceu familiar.

– Vamos! – ele me puxou pela mão – É por ali.

– Você vai usar algum barco do Neandro? – perguntei.

– Sim. – ele respondeu – Iremos pegar “emprestado”.

Alexis entrou feito um raio no navio, assustando a tripulação.

– Vocês estão seguindo para onde? – Alexis perguntou.

– Estamos seguindo para lugar nenhum. – um dos marinheiros respondeu – Nós cuidamos do barco e estamos apenas fazendo o nosso trabalho.

– Pois agora vocês podem começar a preparar as coisas, iremos zarpar! – Alexis falou autoritário – Eu sou Alexis Melequíades Arrife Briseu do Corpeu Clístenes de Ofir, príncipe herdeiro do trono de Ofir e agora seu capitão!

CAPÍTULO 19 / UMA NOITE ESPECIAL

*A*inda não estava acreditando no que estava vendo. Alexis estava mesmo louco. Mas eu estava amando tudo aquilo. Talvez uma das coisas que eu mais amei fazer desde que voltei a Ofir.

A tripulação presente no navio ficou um pouco confusa no início, mas ninguém quis contrariar as ordens do príncipe herdeiro de Ofir e correr o risco de perder a cabeça por causa disso – tenho mais lembranças quanto a esse assunto de “perder a cabeça”.

– Você é louco mesmo! – disse para Alexis.

– Sou muito louco! – ele sorriu enquanto observava o mar – Mas isso é ainda pouco se comprarmos ao tamanho da loucura que eu tenho por você. Eu te amo enlouquecidamente.

– Seria feio se eu copiasse sua frase? – perguntei o abraçando – Eu te amo enlouquecidamente também.

– Sabe que eu não queria estar em nenhum outro lugar agora. – ele me abraçou mais forte – Isso que estou vivendo agora é tudo o que eu sempre quis viver. Estar com você faz todo o sofrimento que passei valer à pena. Chegar aonde cheguei com você... Eu te amo.

– Alexis! – virei para olhar seu rosto – Eu para de falar essas coisas. Eu fico sem saber como responder. O que eu estou sentindo agora... Não existem palavras que descrevam o tamanho da minha

felicidade, apesar de haver mais motivos para ficarmos tristes.

– Está falando de Bianor? – ele ficou sério.

– É difícil não pensar que neste momento ele pode estar planejando o próximo passo. – sai do seu abraço – Essa trégua não irá durar para sempre.

– Mas nós iremos fazer o possível e o impossível, se for possível, para deter Bianor. – ele tentou encarar a situação com humor.

– Alexis...

Antes que eu completasse a frase, Alexis fechou minha boca com seus lábios.

Os beijos de Alexis eram completamente diferentes dos beijos de Nicardo. Não eram vagos e distantes. Os beijos de Alexis eram devoradores, sedentos, quentes. Eram beijos devastadores e sufocantes, mas ao mesmo tempo eram extasiantes e me levava aos extremos. Eram beijos impossíveis de resistir.

– Vamos combinar uma coisa? – ele perguntou enquanto retomava o fôlego.

– O que? – disse um pouco ofegante.

– Não vamos falar de Bianor. Pelo menos enquanto estivermos aqui no navio. – ele voltou a me abraçar, porém com menos força – Eu preparei essa “viagem” para curtir um pouco você. Para curtir um pouco nós dois. Se formos conversar, vamos conversar apenas sobre nós.

– Tudo bem! – respondi sorrindo.

A manhã passou bem rápido e logo chegou à tarde. Eu e Alexis quase não vimos a tarde chegar. Estávamos vivendo uma lua de mel antecipada, não tinha como reparar o tempo passando.

– Sabe Beatriz. – Alexis estava atrás de mim, me abraçando – Eu nunca achei que um dia pudesse fazer loucuras por amor. Eu via meu irmão agindo contra as leis de Ofir, se envolvendo com uma plebéia, desafiando o nosso pai e renegando o trono em nome desse sentimento que eu julgava ridículo.

– E hoje você ainda pensa assim? – perguntei.

– Hoje eu o entendo perfeitamente. – Ele sorriu
– Se estivesse em seu lugar eu teria feito o mesmo.

– Você enfrentaria a todos por mim? – me virei sem sair do abraço.

– E você ainda pergunta? – ele abriu um largo sorriso – Eu faria tudo o que Neandro fez e muito mais. Hoje, você é a coisa mais importante na minha vida. Ficar com você e resgatar minha mãe são minhas únicas prioridades.

Eu o beijei na mesma hora e ele retribuiu o beijo. Eu estava no céu. Flutuando entre as nuvens em um céu muito azul.

– Já eu sempre acreditei e entendi o amor. – disse séria – Até...

– Até?... – ele me fitou curioso.

– Nada. – fiquei um pouco triste – É só um assunto bobo. Nada de importante.

– Se é sobre você, então é importante! – ele insistiu.

– Mas é um assunto meio chato para se conversar com o namorado. – tentei fazer-lo desistir.

– Tudo bem. – ele sorriu – Não sendo sobre *aquele namorado*, eu não ligo.

– Tem certeza? – fiz uma última tentativa.

– Beatriz? – ele ficou sério.

– Sim? – sorri.

– Fala logo! – ele voltou a sorrir.

– Eu vou te contar, mas não fique bravo.

– Prometo! – ele levantou a mão direita.

– Sabe que hoje eu acho até graça. – sorri – Não muita. Foi o meu primeiro namorado.

– O que tem o seu primeiro namorado? – ele perguntou.

– Foi há 4 anos, quando eu tinha 16. – relembrei – Eu estava muito apaixonada. Acreditava que ele era o meu príncipe encantado e que viveria com ele para sempre. Ele parecia ser perfeito. Era bonito, educado, bem humorado, mas ninguém pode ser perfeito certo?

– Acho que não. – Alexis respondeu sério.

– Eu estava vivendo uma grande felicidade e achava que nada poderia destruir aquela felicidade. – continuei lembrando – Até que um dia ele veio e conversou comigo. Uma conversa séria. Ele me pediu desculpas e disse que estava comigo apenas para fazer ciúmes na ex-namorada e que ela estava querendo

voltar para ele. Eu achei que não sobreviveria com aquela dor.

– Mas que cretino! – Alexis se irritou – Cretino e burro. Perder uma garota como você.

– Acho que isso foi um elogio! – sorri – Mas eu sobrevivi e continuei seguindo, porém, nunca mais quis dar oportunidade ao amor novamente, até você aparecer.

– Não me leve a mal, mas eu achei ótimo esse babaca ter feito isso com você!

– Alexis! – dei um tapa em seu ombro.

– Claro! – ele sorriu – Raciocine. Se ele não tivesse terminado com você eu não teria chances. Talvez você nem tivesse vindo para Ofir. Eu tenho muito a agradecer.

– Seu bobo! – dei outro tapa em Alexis, mas desta vez seguido por um beijo – Eu amo demais você sabia?

– Eu estou sabendo! – ele sorriu.

– Alexis... – um lampejo de realidade surgiu em mim – E depois?

– Depois do que? – ele ficou sério.

– Depois que tudo isso acabar. Depois que derrotamos Bianor e Ofir voltar a ser o que era antes, o que vai acontecer?

– Como assim?

– Eu não sou apenas uma plebéia, eu sou uma terráquea. De certa forma eu sou uma “alienígena”

neste mundo. – disse séria – Uma hora eu vou ter que voltar para casa.

– Beatriz... Vamos deixar o futuro com o futuro, eu já disse.

– Mas eu tenho tanto medo. – o abracei forte – Eu não sei o que eu faria sem você e essas incertezas me deixam aflitas. Agora que te consegui, não queria que nada nos separasse.

– E nada irá nos separar! – ele também me abraçou forte – Eu posso garantir que nada poderá nos separar. Nada!

– Eu sei, mas ainda tenho medo. – fiquei séria – Na minha vida eu aprendi a ter minha felicidade arrancada de mim. É muito difícil não ter medo quando se está vivendo uma felicidade como a que estou vivendo agora, com tantos riscos ao meu redor.

– Você pena demais no que está para acontecer. Não fique pensando tanto no “e se...”

– Alexis! – encostei a cabeça no ombro dele – Eu te amo.

Mais uma vez o beijo veio automaticamente. Eu não sabia o que esperar daquela viagem. Não sabia o que estava para acontecer e nem imaginava que poderia ser de mim, mas quando Alexis me beijava todas essas incertezas sumiam e ficava apenas uma coisa em minha cabeça: como eu amo esse príncipe metido!

A noite também chegou rápido. As luas vistas do navio eram bem mais brilhantes e bonitas. Ver-las ao lado da pessoa que você ama também ajuda muito. Eu não queria me afastar daquilo jamais. Estava tudo sendo especial demais para se imaginar um fim.

– Você está tão pensativa. – Alexis perguntou – O que aconteceu.

– Desta vez nada. – estava aconchegada nos braços de Alexis – Eu só gosto de olhar as luas. Elas são tão lindas e me trazem tanta paz. Agora elas parecem ainda mais lindas e brilhantes.

– Realmente. – Alexis fitou as luas – Elas parecem estar contemplando a nossa felicidade e abençoando o nosso amor.

– Que dure para sempre e seja tão belo quanto essas luas. – apertei a minha mão com a de Alexis.

– Essas palavras nem eu poderia ter dito melhor! – ele suspirou.

– Acho que já ouvi essa frase antes!

– Você ficou com muito medo? – Alexis perguntou.

– De que? – rebati.

– De Ofir. – ele ficou sério – Às vezes, quando estava preso no bosque, eu te sentia tão aflita e com tanto medo. Parecia que você queria estar em qualquer lugar, menos aqui.

– Eu realmente não tive bons momentos enquanto estava sem memória. – fitei o chão – Eu me sentia perdida e sem identidade. As pessoas falavam

sobre coisas que eu havia feito e eu não conseguia lembrar. Eu tentava puxar da memória, mas as lembranças nunca apareciam. Era algo muito perturbador na verdade.

– Sinto-me horrível por não estar ao seu lado neste momento. – ele beijou minha mão – Eu queria tanto ter estado ao seu lado.

– Acho que eu só não recuperei a memória mais depressa por que você não estava por perto. – brinquei, apesar de acreditar nisso – Eu que me sinto horrível toda vez que olho para essa cicatriz em seu braço.

– Já eu sinto orgulho dela. – ele levantou o braço esquerdo – É a prova de que eu faço qualquer coisa por você. Eu tenho outra nas costas, quer ver?

– Não! – disse alto – Eu não gosto de lembrar que isso aconteceu. Eu não consigo imaginar a dor que você sentiu.

– Não foi tão grande assim. – ele sorriu e depois ficou sério – Tudo bem, doeu pra Caramba, mas já passou. Fora que ter você comigo compensa qualquer dor que eu já tenha passado em minha vida e qualquer dor que eu venha a sentir. Se eu puder continuar vivo para ouvir você dizer que me ama, qualquer coisa será válida.

– Não diga uma coisa dessas! – briguei.

– Bobagem. – ele sorriu.

– Disse tudo: BOBAGEM!

– Vamos entrar? – Alexis se levantou devagar –
Está ficando frio aqui.

– Está mesmo. – me levantei também – Vamos
entrar.

A cabine do capitão era bem luxuosa para o
padrão do resto do navio. Parecia um quarto de hotel.
Havia uma cama enorme revestida com pequenas
pedrinhas douradas e com lençóis de seda branca, um
longo tapete com um desenho de forma irregular – me
fazia lembrar uma baleia engolindo um caminhão, mas
sabia que não era aquilo – e um guarda roupas bem
grande que, assim como a cama, era revestido em
pedras douradas.

– E um quarto bem aconchegante! – disse
assim que entrei.

– Acho que escolhi bem o navio! – Alexis sorriu
– Fico feliz que tenha gostado dele.

– É muito bonito. – sorri – Adorei os
candelabros. A iluminação da luz de velas dá um clima
romântico ao quarto.

– Acho que é exatamente o que estávamos
procurando! – Alexis deitou na cama – Esse colchão é
ótimo. Deita aqui Beatriz!

– Não, não! – fiz um sinal negativo com o dedo
– Pensa que eu não sei qual são as suas intenções?

– E quais são minhas intenções? – ele se
sentou.

– Você quer que eu me deite, para depois me seduzir e fazer-me fazer o que não quero fazer.

– E o que você não quer fazer? – ele me olhou malicioso.

Alexis se levantou e começou a me beijar lentamente. Seus lábios beijavam meu braço e iam subindo até o pescoço. Alexis me abraçou por trás e continuou beijando meu pescoço devagar. Meu coração estava por um fio. Ele pegou meu braço e me fez abraçar-lo também. Seus lábios quentes foram descendo novamente e beijaram meus ombros. Joguei o meu cabelo para o lado contrario ao que Alexis estava beijando e segurei firme em sua mão. Minhas pernas estavam tremendo e eu estava sem ação e só conseguia pensar em querer mais e mais.

Alexis me soltou e me fez virar, olhando em meus olhos. Um olhar sedento e sedutor. Seus lábios agora atacavam meu queixo. Ele dava leves mordidas e subia até minha orelha, dando mais leves mordias e seguindo para minha boca. Suas mãos desciam pelas minhas costas e agarravam minhas pernas. Quando menos percebi, Alexis estava me segurando no colo e beijando novamente meu pescoço.

– Você realmente não quer fazer nada essa noite? – Alexis perguntou e eu respondi com um beijo.

Alexis me levou até a cama e sentou comigo no colo. Ele começou lentamente a me despir e beijar a cada nova parte descoberta do meu corpo. Acabei

fazendo o mesmo e retirando sua camisa. Segurei firme em seus braços e o beijei desesperadamente.

Deitei-me na cama enquanto Alexis se despiu por completo. Meu coração estava mais acelerado que nunca e meu corpo estava em chamas. Eu quase não conseguia respirar direito, mas mesmo assim eu não queria que ele parasse.

Alexis pegou minha perna e começou a me beijar começando pelos pés. Enquanto seus lábios subiam pela minha perna, meu coração tentava fugir pela boca e quando seus beijos alcançaram minha barriga, achei que o sentiria sair de verdade.

Alexis me puxou para perto dele e grudou seu corpo no meu. Pude sentir que seu coração também estava acelerado. Ele envolveu seus braços em minha cintura enquanto nos beijávamos. Eu acariciava suas costas lentamente e segurei bem forte em seus cabelos. Minha boca só não estava seca por que estava ocupada demais beijando e recebendo beijos de Alexis.

As mãos de Alexis passeavam pelo meu corpo, enquanto ele tentava conseguir parar de me beijar. Minhas mãos também exploravam o corpo em forma de Alexis e isso fazia nossos corpos entrarem em combustão.

Alexis voltava a beijar meu corpo, enquanto eu esperava sentada em seu colo por seus lábios em minha pele. Aquele estava sendo um dos momentos mais românticos e bonitos que eu já havia vivido e queria aproveitar bem cada segundo.

Ainda no colo de Alexis, fui deitando devagar na cama, puxando Alexis para se deitar comigo e o beijando como nunca o havia beijado. Seu corpo quente se juntou ao meu corpo em chamas e logo nós já não éramos mais dois corpos queimando, mas um único corpo vivendo um único sentimento e vivendo uma única sensação.

Entre abraços e beijos quentes a noite prosseguiu de forma mágica. Não sei se preciso descrever o que aconteceu depois e nem sei se conseguiria. Foi o momento mais mágico e mais sensual que havia vivido em toda minha vida. Um momento do qual eu não iria me arrepender de ter vivido com Alexis. Melhor, esse momento não poderia ter sido vivido com outra pessoa que não fosse o Alexis. Eu estava em completo êxtase e não queria que a noite acabasse tão cedo. Mas uma hora ela tinha que acabar e meu único consolo é que essa noite havia sido a primeira de muitas outras que viriam. Muitas outras.

CAPÍTULO 20 / UM PLANO ARRISCADO



Depois de uma noite como aquela era impossível não acordar bem. Eu já estava em outro nível de relacionamento com o Alexis e aquela noite só confirmou o que eu já sabia: Alexis é meu príncipe encantado.

Tentar imaginar minha vida sem o Alexis era quase impossível e isso era bem preocupante. Melhor dizendo, era muito preocupante.

Eu sabia que em Ofir eu teria Alexis para sempre, mas e na Terra? Eu teria que voltar para Terra um dia. Como deixar minha mãe para trás. Provavelmente ela deve ter me encontrado desmaiada em minha cama ou talvez pensado que eu desapareci. O que mais ela poderia pensar? Quais são as condições dela agora? Tudo que eu mais quero na vida é ficar ao lado de Alexis, mas não é justo que minha mãe sofra por egoísmo meu.

– Beatriz? – Alexis me acordou dos meus pensamentos – Onde você foi? Seu olhar estava tão distante, parecia que estava a milhas e milhas daqui.

– E eu realmente estava! – fiquei séria – Estou preocupada com minha mãe. Com o que estão pensando que aconteceu comigo. Da última vez acreditaram que eu havia ficado em coma, mas é agora?

– Eu já disse para você não se preocupar. – ele me abraçou – Mas acho que entendo você. A última coisa que você quer é que sua mãe sofra certo?

Não disse nada, apenas assenti com a cabeça.

– Tudo o que eu menos desejo é ver minha mãe sofrendo. Minha mãe e você, claro. Por isso eu entendo sua preocupação, mas do que adianta? Você não vai poder voltar agora. Pensar nisso só irá te fazer mal.

– Acho que sei. – disse de cabeça baixa.

– Vamos fazer o seguinte? – ele sorriu – Vamos pensar apenas em nós dois por enquanto. Depois a gente pensa no resto.

– Uma hora dessas o pessoal já deve estar em Calidora. – disse lembrando que havíamos *fugido* – Do jeito que aquele submarino é rápido, não duvido que tenha dado tempo deles resgatarem as garotas e já estar de volta na Capital.

– Será? – Alexis sorriu.

– Eu realmente acredito nisso. – também sorri
– Se bobear eles já estão de volta a Calidora só para nós dar uma bronca daquelas.

– Você acha mesmo? – Alexis estava quase gargalhando – Seria ótimo não?

– Por quê?

– Assim nos poupava tempo. – ele voltou a me abraçar – Eu queria mesmo era ter um pouco de paz e sossego para aproveitar com você. Nós dois sozinhos. Agora, se eles tiverem feito isso por nós... Não ligo de levar bronca.

Fiquei observando Alexis olhar o mar. Desde que nos reencontramos, eu tenho sentido o Alexis mudado. Ele parece mais seguro e menos arrogante. Talvez o tempo em que passou como um ser do bosque o tenha feito amadurecer um pouco mais. Porém não era apenas isso que havia mudado, existia algo mais.

– Sabe Alexis. – eu disse – Agora eu vejo o quanto eu senti falta de você, mesmo estando desmemoriada. Você sempre esteve em meu coração. Não sei como eu consegui passar todo esse tempo sem você.

– Bom ouvir isso. – ele me presenteou com seu belo sorriso – Assim não me sinto tão solitário. Também senti muito a sua falta. Não sabe como eu estou feliz em ter você ao meu lado agora.

– Acho que sei sim! – me agarrei em seu braço – E a mesma felicidade que eu estou sentindo agora.

– Eu te amo tanto. – Alexis me abraçou e me beijou.

– Quero ficar bem aqui, ao seu lado, por toda vida. – encostei minha cabeça em seu peito.

No dia seguinte já estávamos em Calidora. Já fim de tarde quando chegamos ao porto local. Havia guardas para todo lado e eu fiquei muito preocupada. Melhor dizendo, apavorada. Tínhamos nos deixado levar pelas emoções e com essa história de “deixar para depois”, acabamos esquecendo de planejar como desceríamos do navio sem ser percebidos.

– Fique tranquila! – Alexis parecia ler meus pensamentos.

– Como assim “tranquila”? – sussurrei.

– Eles não vão nos ver. – ele segurou firme minha mão – Pelo menos não agora. Ainda não está na hora.

– Como assim “não está na hora”? – sussurrei assustada.

– Eu te explico depois! – ele beijou minha testa.

Sem soltar minha mão durante um único segundo, descemos do navio.

Meu coração estava prestes a parar de tanta aflição. Aparentemente ninguém estava notando a nossa presença e isso – apesar de bom – me incomodava. Parecia que nem estávamos sendo vistos.

– Por acaso estamos invisíveis? – perguntei quase sem emitir som.

– Não. – Alexis respondeu tranquilo.

– Então por que ninguém parece nos notar? – perguntei cochichando.

– Ficar invisível no meio dessa multidão é complicado. – Alexis sorriu – Além de correr risco de trombar com alguém e ser pego, os guardas de Calidora perceberiam um feitiço tão simples como esse.

– Sim, mas ainda não respondeu minha pergunta. – falei um pouco mais alto.

– De certa forma, eles estão nos vendo. – ele sorriu – Mas não é as nossas imagens que eles estão vendo.

– Não entendi nada! – bufei.

– Preste mais atenção em você mesma. – ele continuou sorrindo.

Olhei para mim e não vi nada demais. Até que comecei a notar algo tremeluzindo em todo meu corpo. Pisquei e olhei novamente. Era uma segunda pele. Uma segunda e peluda pele de leão.

– Nós somos Leons? – perguntei.

– Não. – Alexis fez piada – Mas eles acham que somos.

– Mas que ótimo! – fiquei feliz e tentei bater palmas. Alexis segurou firme minha mão.

– Esqueci de dizer um detalhe. – ele me olhou sério – Não solte a minha mão. Essa magia é bem forte e eu sozinho não dou conta. Desculpe, mas estou sugando um pouco de sua energia para fazer a magia. Você não está sentindo tanta diferença por que eu estou usando a magia em você também.

Depois que ele falou, comecei a notar que estava levemente cansada. Meus olhos pareciam não querer ficar abertos, mas eu ainda me aguentava de pé. Não estava exausta e nem com sono, apenas levemente cansada. Mas era por um motivo muito importante.

– Você pretende entrar assim no castelo? – perguntei.

– Não! – ele respondeu sério – Nem eu e nem você agüentaríamos gastar tanta energia assim. Nós iremos de cara limpa.

– Você quer dizer, sem nenhum disfarce ou feitiço? – perguntei assustada.

– Sim! – ele respondeu sem reação.

– Mas nós seremos presos na mesma hora! – falei um pouco alto.

– Shhh! – Alexis colocou o dedo indicador na frente da boca – Eles podem não estar prestando atenção na nossa conversa, mas se falar alto demais eles podem nos ouvir. Nós iremos de cara limpa. Sem disfarces, sem feitiço. Apenas nós. Eu quero ser pego! E de preferência ser entregue a Bianor.

– Você enlouqueceu? – gritei.

– Tudo bem, eu não irei responder mais nenhuma pergunta sua. – Alexis fez sinal de que tinha trancado a boca.

– Desculpe. – falei mais baixo – Mas isso é loucura.

– Quando chegar o momento, eu te explico! – Alexis me fitou repreensivo.

Eu realmente iria querer uma explicação. Uma boa explicação. O que exatamente ele estava querendo se arriscando tanto assim? Tudo isso por causa das meninas? Acho que não. Mas então o qual outro motivo Alexis estava fazendo todo aquele plano arriscado?

Quando saímos das vistas dos soldados, Alexis soltou minha mão e de imediato eu senti um forte cansaço e um baque muito grande. Foi algo parecido com o que se senti quando estamos carregando algo muito pesado junto com outra pessoa e essa pessoa acaba, por algum motivo, jogando todo o peso para você por alguns instantes.

Alexis também parecia ter sentido o mesmo, mas em proporções bem maiores. Ele estava ofegante e parecia estar suando, mas logo voltou ao normal. Ou pelo menos aparentou ter voltado ao normal.

– Acho que Neandro e Cia não deram as caras por aqui. – Alexis vigiava as ruas.

– Talvez estejam em outro lugar. – disse seguindo-o – Ou talvez realmente não vieram.

– De qualquer forma nós teremos que ir para o castelo. – Alexis continuava vigiando a rua.

– Agora que estamos longe da grande multidão, será que você poderia me explicar o que pretende fazer? – perguntei autoritariamente.

– Não agora. Depois. – ele olhou rapidamente em meu rosto e depois voltou a vigiar.

– Mas talvez fosse mais útil eu saber de tudo agora! – continuei autoritariamente.

– Quer esperar um pouco?! – ele me segurou pelo braço e me puxou para trás de uma grande árvore.

– O que foi? – cochichei.

– Leons. – ele apontou com os olhos.

Dei uma leve espichada com o pescoço e vi três Leons caminhando pela rua. Era engraçado como que em Calidora e Neide seres como aqueles caminhassem livremente. Eu não acharia nem um pouco normal. Apesar de que, em Ofir, nada é realmente normal. Já era para eu ter me acostumado.

Chegamos ao castelo sem ser vistos. Eu continuava sem uma explicação e ainda não tinha achado um sentido nas atitudes de Alexis. Não sei se eu estava exagerando, mas o fato é que eu estava muito aflita. Talvez fosse o fato de eu estar com muito medo de perder novamente o Alexis.

– Pronto, chegamos. – disse tentando me esconder atrás dos grandes portões – O que vamos fazer agora?

– Vamos entrar! – ele disse como se fosse algo super obvio e simples.

– Assim? – olhei-me de cima a baixo.

– Eu disse que entraríamos sem disfarces e sem magia. – ele sorriu.

– Mas isso é loucura! – tentei segurar-lo – Nós seremos presos!

– Mas ainda não entendeu que é essa a intenção? – ele me fitou sorridente.

– Isso é muito maluco. Muito *arriscado*! Não sei se...

– Beatriz, você não confia em mim? – ele fez um olhar de “anjinho”. Quem conseguiria resistir a aquele olhar?

– Confio. – sorri, apesar de estar um pouco aflita – Não muito, mas confio.

– Eu juro que tenho um bom plano. – ele me beijou – Não tenha medo!

– Se você está falando... Vamos lá! – disse me rendendo.

– Mas antes... – Alexis se abaixou, pegou um punhado de areia e colocou dentro de um saco de pano – E com isso que iremos fugir.

Olhei para Alexis sem entender, mas deixei passar.

Alexis pediu para entrarmos como se tivéssemos tentando invadir o local, mas de uma forma bem fácil e com todas as chances de ser pego. A intenção ali era entrar no castelo como prisioneiro e não como invasor.

Voamos por cima dos grandes portões e tentamos entrar pendurados nas correntes que seguravam o portão principal. Poderia ser uma forma de entrar no castelo, mas de jeito nenhum teria como não ser percebido.

Não demorou muito para os guardas nos achessem e começassem a atirar flechas em nossa direção. Fingimos cair. Os guardas correram e nos pegaram no mesmo instante. Estava me sentindo

ridícula sendo presa por uma invasão tão mal elaborada.

Os guardas nos levaram imediatamente para a sala principal, onde deveria ser o salão real, onde o rei ficava para reuniões e para receber visitas relacionadas a assuntos do reino. Nem me espantei quando vi quem estava sentado no trono do rei.

Calidora havia sido o primeiro reino a se juntar a rebelião e um dos primeiros a dar apoio a Bianor. Era muito mais que esperado que Bianor estivesse no controle, mesmo que não tenha sido apresentado oficialmente como novo rei de Calidora.

– Mas o que temos aqui? – Bianor sorria maliciosamente – Príncipe Alexis. A que devo a honra de sua tão ilustre visita?

– Não seja cínico. Por mais que cinismos e hipocrisias sejam exatamente a sua cara, não fica bem quando é tão deslavado. Chega a ser ridículo.

– Obrigado pelo conselhos – Bianor nos fitou e seus olhos mudaram de cor. De verdes, passaram a dourados – mas eu irei recusar. Gosto do meu estilo.

– Acredito. – Alexis estava calmo.

– Quando disseram que era você eu quase não acreditei. E quando disseram a forma como foram capturados... Que ridículo! Tentando entrar pelas correntes do portão.

– Foi um descuido nosso. – Alexis continuava calmo.

– Agora eu que peço para não ser cínico. –
Bianor começou a gritar e seus olhos se tornaram vermelhos – Aham que sou imbecil? Pelo que me tomam? Eu sou o maior mago que existe, não pensem que eu vou cair nessa história. O que vocês querem?

– Você não é o todo poderoso? – Alexis agora falava com deboche – Descubra você mesmo! Leia nossas mentes! Saiba se realmente armamos tudo isso! Ah, esqueci, você não pode. Mesmo tendo todo esse poder, você não pode conseguir um dom.

– Dom? – perguntei mais para mim mesma. – Tem certas magias que apenas uma pessoa, ou um pequeno grupo de pessoas geralmente da mesma família, podem ter. E mesmo que você conseguisse ler nossas mentes, não pode se vangloriar de ser o mais poderoso dos magos. Dâmaris foi quem te deu esse poder e ele pode tirar com a mesma facilidade.

– Mas para isso alguém tem que pedir. – Bianor ficou serio. Seus olhos continuavam vermelhos, porém mais claros passivos. – E os cristais foram destruídos por mim. Eu já tenho o que queria, não precisaria *daquilo*.

Bianor se aproximou de mim e levantou meu rosto segurando-me pelo queixo, mas sem encostar em mim, apenas usando magia. Ele era bem exibido.

– Agora eu estou reconhecendo você garota. – ele sorriu – Você é a Mallory.

– Deixe-a em paz! – Alexis me puxou para perto dele.

– Deixar-la em paz? – os olhos de Bianor ficaram roxos e ganharam um brilho de insanidade – Essa garota está predestinada a me destruir. Eu devia matar-la neste exato momento. Mas eu irei poupar-la. Na verdade eu serei piedoso com vocês. Deixarem que morram juntos. Um do lado do outro. Estou sentindo que vocês estão selados para toda a vida. Muito bem, acho que irei abreviar essa vida.

– Incrível não? – Alexis voltava com seu tom debochado – Tanto poder dentro de si e já há tanto tempo e ainda não aprendeu a usar e administrar-lo por completo. Aposto como desmaia muitas vezes. Ser o mago mais poderoso do mundo pode ser um fardo muito pesado para um corpo tão frágil quanto o seu.

– Cale-se! – Bianor bateu no rosto de Alexis usando magia ele parecia transtornado. Seus olhos mudavam de cor várias vezes – Leve-os daqui! Amanhã eu mando cuidar de vocês. E eu não terei um pinga de piedade. Quero que cortem as cabeças dos dois. Colocarem na parede do meu quarto como troféus de mais uma batalha vencida.

– Batalha que você irá perder mesmo que nos mate. Essa guerra já é perdida para você de qualquer forma. O que você irá fazer com um reino arruinado e destruído?

– E quem disse que eu quero destruir o reino? – Bianor soltou uma gargalhada – Acha que eu sou o que? Um vilãozinho de conto de fadas? Meus planos para Ofir são bem maiores que apenas destruir.

– Eu imaginei. – Alexis ficou sério – Posso te fazer uma pergunta?

– Aproveite enquanto pode! – Bianor falou nervoso.

– Onde está minha mãe? – Alexis perguntou – Sei que ela não morreu.

– Espertinho você não? – Bianor sorriu – Nos vemos amanhã.

– E a minha resposta? – Alexis perguntou antes de Bianor sair.

– Eu disse que poderia perguntar, não prometi uma resposta. – Bianor ficou parado na frente da porta – Mas se fosse você eu tomava cuidado onde você pisa.

Fomos levados mais uma vez para os calabouços. Na verdade eu fui levada novamente para os calabouços. Era um pouco estranho estar ali de novo. A primeira vez que entrei em contato com Alexis foi ali e aqui estava eu novamente e com ele ao meu lado. Não sei nem se podia achar graça disso.

– Será que agora você pode me explicar o que está acontecendo? – perguntei quando as luzes foram apagadas.

– Fique tranquila, o plano esta seguindo como o planejado! – ouvi apenas a voz de Alexis.

– Mas será que é tão difícil me dizer o que está planejando? – perguntei, mas fui ignorada.

Vi o vulto de Alexis pegando alguma coisa. Meus olhos ainda estavam um pouco confusos na

escuridão, mas aos poucos foi se acostumando com manto negro que aquilo se tornava quando apagavam as luzes.

– Muito bem. – fiquei irritada – Deixe-me sem saber dos planos. Mas depois, se eu fizer algo que nos prejudique por não saber exatamente o que estamos fazendo, não reclame. Não reclame, ouviu?

– Ouvi e entendi. – consegui ver a silueta de Alexis na escuridão – Mas nada do que você faça irá atrapalhar os planos. Já estamos na parte final dele.

– Parte final? – perguntei nervosa – Estamos presos!

– Mas vamos fugir! – Alexis pareceu sorrir.

– Como?

– Lembra do punhado de areia? – ele realmente devia estar sorrindo. Isso só podia ser uma piada.

– Você está falando sério? – perguntei.

– Fogo, por favor. – ele abria o saco de pano.

Fiz uma pequena chama de fogo com a mão e consegui ver melhor o rosto de Alexis e o saquinho de pano cheio de areia. Era impossível imaginar que aquilo nos ajudaria a fugir.

– Beatriz, apenas veja!

Alexis tirou um pouco de areia do soco e estendeu a mão, colocando-a na frente da chama de fogo. Alexis soprou levemente os grãos de areia, que atravessaram a chama de fogo. Inicialmente eu não vi nada, até olhar mais atentamente para trás.

– O que é isso? – me espante.

– Uma replica exata minha! – ele sorriu – Claro, é inanimada. Mas até eles repararem nisso já estaremos longe.

Alexis pegou outro punhado de areia e novamente soprou na frente da chama de fogo, mas desta vez foi uma replica minha que apareceu.

– Mas como...

– Depois eu explico! – Alexis me interrompeu.

– Isso já está ficando chato! – disse emburrada.

– Sem dramas, vamos sair logo daqui!

Alexis estiou bem a palma da mão e colocou na frente do portão que começou a gemer e entortar até abrir passagem para que pudéssemos sair. Alexis me mandou sair e depois saiu fazendo as grades do portão voltarem ao normal.

– Você realmente terá muitas coisas para me explicar! – sussurrei.

– Sim, mas...

– Deixa-me adivinhar? – o interrompi – Agora não, depois?

Alexis sorriu e apagou a chama que ainda estava na minha mão. Saímos dos calabouços.

CAPÍTULO 21 / SUGADOS PELO CHÃO

*A*ssim que saímos do calabouço, o primeiro lugar que seguimos foi o quarto de Nínive. Ela era a única que tinha certeza absoluta que poderia nos ajudar.

Por alguns instantes eu quase me perdi no meio de tantos corredores, mas consegui localizar o quarto de Nínive sem muitos estragos.

Abri a porta bruscamente. Nínive estava no quarto sozinha – para minha sorte, o que é uma surpresa. Ela olhou ao redor e fez uma cara não muito agradável.

– Quem entrou? – ela perguntou autoritária – Eu estou sentindo que há duas presenças aqui. Exijo que se mostrem!

– Calma! – fiquei visível.

– Você? – Nínive estava espantada – O que faz aqui?

– Viemos resgatar as noivas. – respondi.

Alexis resolveu ficar visível. A cara surpresa de Nínive ao encontrar-lo foi ainda maior do que a surpresa de me encontrar ali. Ela parecia estar vendo um fantasma ou qualquer outra coisa do tipo.

– Mas o que ele está fazendo aqui? – ela perguntou.

– Ajudando. – respondi.

– Vocês... Vocês são loucos ou o que? – ela falou um pouco alto – Estão querendo ser presos?

– Tecnicamente nós já fomos presos! – Alexis sorriu um pouco debochado.

– Como? – Nínive não entendia nada.

– Esquece! – fiz um sinal de desdém – Precisamos da sua ajuda para levar as noivas daqui.

– Sim, eu imagino. – ela respondeu – Mas ainda acho que vocês se arriscam demais. Bianor pode entrar aqui a qualquer momento e por qualquer lugar.

– Qualquer lugar? – perguntei.

– É uma coisa que ele gosta de fazer. – ela dizia como se estivesse explicando para as amigas uma daquelas manias chatas que o marido faz com frequência – Ele gosta de se materializar nos locais e às vezes aparece de surpresa, enfim... É uma coisa bem chata.

– Mas você vai nos ajudar? – Alexis perguntou um pouco alto demais.

– Sim, eu vou! – ela respondeu fazendo sinal com a mão para que baixasse a voz.

– Traga todas! – disse.

– Eu irei trancar a porta, para evitar que outras pessoas entrem. – Nínive fez um gesto e a chave saiu da porta e foi para a mão dela – Se alguém bater, não respondam. Finjam que o quarto está vazio ou que eu estou dormindo, sei lá... Mas não respondam!

Nínive saiu ouvimos a porta ser traçada. Estávamos “presos” outra vez e Alexis não pareceu gostar muito da situação.

– O que foi? – perguntei sussurrando.

– Tem certeza que podemos confiar nela? – ele também sussurrou.

– Claro! – sorri – Ela é irmã do Nicardo.

– Grande consolo. – Alexis revirou os olhos.

– Alexis... Ela é legal! – falei sem sussurrar.

– Tão legal que está do lado de Bianor! – Alexis continuou sussurrando.

– Mas ela... Sei lá. Talvez ela foi enfeitiçada!? – sugeri.

– E porque ele não fez isso com as outras? – Alexis rebateu.

– Ah... Bem... Ah... Alexis eu confio nela. – fiquei sem argumento – Você acha que eu sou tola? Fácil de se enganar?

– Não. – ele respondeu.

– Então pare de implicância! – dei um tapa em seu ombro.

A desconfiança de Alexis fez com que os minutos parecessem horas intermináveis. Cada segundo de demora de Nínive parecia uma eternidade. Sentia-me como se eu estivesse sendo a enganada e que Nínive estava apenas nos segurando para avisar a Bianor e nos entregar.

Alexis ficou invisível e segui para a janela. Não sei se ele ficou muito tempo na janela, mas quando ele ficou visível outra vez o seu rosto estava sério, porém aliviado.

– O que aconteceu? – perguntei.

– Eu acabei de ver Bianor saindo do castelo.

– E isso é bom né? – estava confusa.

– Isso é mais do que ótimo. – Alexis sorriu – O único problema que eu poderia ter era ele. Mas agora acho que a parte final do meu plano vai ser concluída com perfeição.

De repente minha visão começou a ficar escura. Não estava me sentindo tonta, nem fraca, mas comecei a sentir como se meu corpo tivesse deixado de existir. Tudo ficou escuro e quando voltei a enxergar, já não estava mais no quarto de Nínive.

Era uma sala grande. Uma sala bem grande. Eu estava parada em frente a uma grande porta e parecia que a porta crescia cada vez mais. A porta tinha um fecho de luz a iluminando e o restante da sala estava toda escura. Eu não fazia idéia do que estava acontecendo, mas sabia que aquilo não era real.

A porta se abriu lentamente e um enorme pé surgiu. Não era a porta que havia crescido, eu havia diminuído. Desviei do pé para não ser esmagada. Uma grande capa preta repousava sobre os ombro de seja lá quem tivesse entrado. Não consegui ver a pessoa de frente. Talvez, na altura em que estava, nem adiantasse.

O homem sentou em um trono, que ganhou um fecho de luz igual ao da porta. Andei um pouco para trás na tentativa de conseguir ver quem estava

sentado no trono e tive uma terrível surpresa. Era Bianor.

– Beatriz? – Alexis deu um leve tapa no meu rosto.

– Alexis! – estava assustada – Eu vi.

– Viu o que? – ele perguntou.

– Nada irá adiantar. Nada.

– Do que você está falando garota? – Alexis me segurou pelo ombro.

– Bianor. – respirei fundo – Bianor.

– O que tem Bianor?

– Ele vai... Não, não! – estava assustada demais com a idéia.

– Beatriz, pare com isso! – Alexis gritou – Está me assustando!

– Eu vi Alexis! – disse quase delirando.

– Beatriz – Alexis tentou falar com mais calma – O que você viu?

Neste exato momento a porta se abriu. Quase deu um grito, mas Alexis tapou minha boca. Eu estava com tanto medo e tanto ódio do que eu tinha constatado com o que vi que nada mais parecia estar valendo à pena.

– O que vocês estão fazendo? – Nínive falava baixo – Pude ouvir vocês gritando corredores daqui.

– A Beatriz... – Alexis começou.

– Amiga! – Camila entrou no quarto gritando mais alto do que todos nós – Eu achei que não sairia

dessa. Mas eu sabia que você não iria desistir de mim assim tão fácil.

– Amigas são par isso! – sorri sem muita animação – Mas o que aconteceu da outra vez?

– Eu não sei dizer. – Camila coçou a cabeça – Eu estava bem atrás de vocês. De repente... Eu não estava mais.

– O que? – Alexis perguntou.

– Quem é seu novo amigo gatinho? – Camila perguntou.

– Alexis! – corri para abraçar-lo – Mas ele já é meu.

– E o Nicardo? – Camila perguntou.

– Nós terminamos.

Um clima meio estranho ficou pairando no quarto. Nínive parecia não gostar muito do que estava ouvindo e eu provavelmente estava com aquela cara de quem se arrependeu amargamente de não ter medido as palavras antes de proferi-las.

Alexis também pareceu não gostar muito de como tudo aconteceu. Não sei se foi a forma como Nínive olhou ou se foi a cara de espanto da Camila. Talvez as duas coisas ou talvez nenhuma. Palavras não devem ser ditas sem se pensar nas consequências.

– Mas então... Nós dois terminamos. Estamos bem. – tentei corrigir.

– Será que podemos resolver o problema delas logo? – Alexis falou com um pouco de urgência.

– Ah claro! – aproveite a deixa – Você vai fazer do mesmo jeito que da outra vez?

– Sim! – Nínive respondeu – E o jeito mais seguro. Só eu tenho acesso aquela passagem.

– Que passagem? – Alexis perguntou.

– É uma passagem que eu mesma criei. Para emergências. – Nínive respondeu.

– Você criou uma passagem? Dentro do castelo? – Alexis estava confuso.

– Não no castelo. – Nínive sorriu – É uma passagem mágica.

– Mágica? – Alexis quase gritou – Você está querendo dizer que criou uma dimensão?

– Sim. – ela pareceu não entender a surpresa – Você pode ir para qualquer lugar que desejar por essa passagem.

– Mas você tem certeza de que foi *you* quem criou? – Alexis estava muito desconfiado.

– Por que desconfia tanto? – Nínive realmente parecia não entender.

– Não vem com brincadeira, você não criou isso nunca! – Alexis gritou.

– Alexis!? – também gritei – O que é isso?

– Você realmente acredita nessa história? – Alexis ficou nervoso.

– E por qual motivo não acreditaria? – rebati.

– Nem você que tem metade de todo o poder mágico da minha mãe sabe criar passagem simples, quanto mais passagem tão complexas como essa.

– Mas eu criei sim! – Nínive também ficou nervosa.

– Não me convence! – Alexis continuava irredutível – Você pode até achar que criou, mas você não criou.

– É claro que criei! – Nínive gritou.

– Isso deve ser alguma armadilha. – Alexis cruzou os braços.

– Pare! – eu quem gritei – Já passei por essa passagem antes e posso garantir que ela é segura! Meninas, vocês podem passar.

Neste momento apenas que notei uma garota alta, com um corpo exuberante e longos cabelos loiros e olhos azuis como o mar. Seu rosto tinha um formato bruto, porém atraente. Parecia uma sereia de tão bonita e misteriosa. Era a Layla.

– Desculpe. – disse olhando para ela – Não somos sempre assim. É que o Alexis hoje não está muito bem.

– Nem você! – Alexis interrompeu – Até agora a pouco estava gritando feito louca.

– Ignore. – eu disse – Eu sou a Beatriz. Você deve ser a Layla?

– Sim, sou eu. – ela disse um pouco constrangida – Você me conhece?

– O Nicardo já falou de você para mim. – tentei ser simpática.

– Ele falou? – ela ficou surpresa.

– Falou! – continuei tentando ser simpática.

– Se não estiverem com medo de serem guilhotinados em uma armadilha friamente planejada por mim para matar vocês, eu já posso abrir a passagem. – Nínive falou em um tom sínico.

– Sim, estamos todos! – fitei Alexis.

– Eu não vou. – Alexis continuou de braços cruzados.

– Alexis! – o fitei mais cruelmente.

– Não é por causa da passagem. – ele ficou sério – Eu ainda não terminei o que vim fazer.

– O que ainda falta? – perguntei.

– Um pequeno, porém importantíssimo detalhe. – Alexis respondeu – Mas pode ir com elas.

Cheguei mais perto do Alexis e o fiz se abaixar um pouco. Alexis me olhou confuso e eu fui direto em sua orelha e tirei um brinco.

– O que está fazendo? – Alexis gritou.

– Tome! – entreguei a Levinda – Quando vocês chegarem a uma porta, peçam para saírem no castelo da Capital. Acredito que você e a Layla sabem como é o castelo certo?

As duas assentiram.

– Vocês tem que visualizar o castelo para dar certo. – dei dois passos para trás – Mandaria vocês para casa de Neandro, mas acredito que vocês nunca tenham visto a casa. Quando chegarem ao castelo, mostrem esse brinco e eles saberão que vocês foram mandadas por nós.

– Você não vem? – Levinda perguntou.

– E eu posso deixar esse aqui sozinho? –
brinquei olhando para Alexis.

– Não precisa disso! – ele estava sério.

– Podem ir tranquilas! – ignorei Alexis – Assim
que terminarmos aqui iremos nos encontrar na Capital!

– Tudo bem. – Levinda sorriu.

Nínive abriu a passagem e as três – apesar de
temerosas – entraram na passagem mágica.

– Você poderia muito bem ter ido! – Alexis
reclamou assim que o portal fechou.

– Até agora você não contou o que você
planejou. Eu vejo as coisas acontecerem, acho que
entendo, mas preciso ter a certeza de seus planos. Vai
que esse último passo é algo perigoso demais para se
fazer sozinho?

– Beatriz... – ele sorriu – Eu me cuido muito
bem sozinho.

– Ah sei! – debochei – Cuida tão bem que virou
um ser do bosque. Mas você é muito mal agradecido.
Eu te salvo e você ainda fica com ignorância comigo.

– Desculpe interromper a briga de casal, mas
acho melhor vocês saírem daqui logo. – Nínive foi em
direção a porta – Já fiz o que tinha que fazer. Agora
você dois que se virem. Desculpe Beatriz, você é legal.

– Tudo bem! – sorri – Obrigada por ter cuidado
da Camila.

– Sem problemas. – ela também sorriu – Mas
eu estou falando sério. É melhor saírem.

Eu e Alexis ficamos invisíveis. Eu não o enxergava, mas sentia onde ele estava. Consegui seguir sua presença, mesmo sem ver a imagem. Não sei explicar se isso acontecia com todo mundo que usava magia ou se era apenas uma ligação minha com Alexis, mas eu sentia que ele também sentia a minha presença.

Seguimos por vários corredores e eu estava completamente perdida. Se ao menos soubesse o que Alexis tanto procurava poderia tentar ajudar-lo, mas ele parecia gostar de fazer suspense.

Na verdade eu já havia entendido um pouco o plano dele, mas não tinha certeza se tudo o que eu havia presumido era exatamente o que ele havia pensado. Se tratando do Alexis qualquer coisa é válida.

Continuamos caminhado por vários corredores e quase nos perdemos varias vezes – ou eu quase me perdi varias vezes – até chegarmos novamente ao inicio: A sala do trono.

Alexis parou nas grandes portas da sala do trono e fico ali por alguns segundos. Não sabia ainda o que queria fazer, mas acho que finalmente ele encontrou o que tanto procurava.

Alexis abriu a porta ignorando todos os guardas ali presente. Ele ficou visível e entrou dentro da sala. Fiquei visível e entrei também enquanto os guardas seguiam atrás dele.

– Alexis você está doido? – gritei.

– Parem onde estão! – um dos guardas gritou.

– Beatriz, é aqui! – Alexis parecia ignorar os guardas.

Corri para perto de Alexis, mas um guarda me segurou antes que eu pudesse alcançá-lo.

– Solte-me! – gritei – Alexis o que você quer fazer?

– É aqui mesmo! – Alexis ignorava todo mundo.

– Fiquei ai rapaz! – outro guarda foi em direção a Alexis, que consegui escapar.

Alexis seguiu para o meio da sala, desviando de vários guardas. Ele se abaixou e colocou a mão no chão, bem no centro da sala. Um grande círculo dourado rodeou a sala e foi diminuindo até formar um pequeno círculo em volta da mão de Alexis. O fenômeno se repetiu mais duas vezes.

– O que você está fazendo? – um dos guardas gritou assustado. Ninguém conseguia se mover.

De repente a mão de Alexis começou a atravessar o chão. Quanto mais sua mão era sugada, mas o chão começava a se tornar instável. Varias pequenas ondas começaram a surgir, como quando você taca uma pedra em uma lagoa. Melhor dizendo, o chão estava se transformando em uma lagoa. Estava tudo ficando tão movediço que parecíamos estar em cima de uma grande poça de água. Não demorou muito e começamos a afundar e afundar até todos serem tragados pelo chão. Depois disso não enxerguei mais nada.

CAPÍTULO 22 / O LABIRINTO SUBTERRÂNEO

Não sei se adormeci ou se foi o impacto da queda que fez eu ter essa impressão, mas quando abri os olhos tudo o que eu conseguia enxergar era o lado de baixo de um tapete.

Ao meu lado estava Alexis, aparentemente pensando o mesmo que eu. Do outro lado três guardas tão visivelmente confusos quanto eu.

– O que fez? – um dos guardas perguntou – O que vocês fizeram?

– Não devo explicações para vocês! – Alexis falou sem expressão.

– São nossos prisioneiros! – outro guarda gritou – Devem explicações!

– Já disse que não. – Alexis continuava sem expressão.

– Exijo que diga onde estamos! – o terceiro guarda estava apavorado.

– Se forem inteligentes o bastante, descobriram sozinhos. – Alexis ficou alguns segundos fitando a reação do guardas – Já vi que não são inteligentes o bastante... Beatriz, você já sabe onde estamos.

– Acho que desconfio. – respondi olhando para cima.

No mesmo instante os outros guardas também olharam para cima e ficaram ainda mais assustados.

Ninguém sabia o que estava acontecendo, mas sabia que algo não estava ocorrendo muito bem por ali.

– Aquilo no teto é...

– O chão da sala do trono! – Alexis interrompeu um dos guardas – Pelo visto o teto dessa passagem funciona como um espelho. Nós estamos bem embaixo dele. Eu senti essa passagem mágica e resolvi abri-la. Bianor deu uma pista valiosa sobre o paradeiro de minha mãe.

– Então todo aquele reboião era para encontrar sua mãe? – perguntei.

– E para resgatar as meninas. – Alexis completou – Eu queria ter a certeza de que iria poder caminha livremente pelo castelo, por isso me deixei ser pego. A certeza da nossa prisão fez com que dispersasse a nossa presença quando estávamos invisíveis. Se não houvesse essa certeza, eles sentiriam nossa presença. Talvez não esses guardas, mas Bianor sentiria.

– Deixa eu ver se entendi? – ignorei os guardas – A nossa presença foi camuflada?

– Sim. – Alexis respondeu – A certeza é algo muito forte e pode cegar. Eles estavam tão confiantes de que haviam nos pego, que ignoraram nossa presença inconscientemente.

– Vocês dois! – um dos guardas se irritou – Parem de ficar conversando. São prisioneiros.

– Eu acho que não! – Alexis disse um pouco debochado.

– Tire-nos daqui imediatamente para que possam voltar para suas celas! – o guarda insistia.

– Você realmente acredita que vai me intimidar? – Alexis gargalhou – Eu sou um homem com uma missão. E não irei a lugar algum antes de cumprila. Mas se querem tanto sair...

Alexis estendeu a mão e ficou com ela estendida por alguns segundos. Nada aconteceu. Alexis impulsiona o corpo como se estivesse se preparando para voar, mas nada acontece novamente.

– Que ótimo! – disse já desconfiando.

– A magia não funciona aqui! – Alexis confirmou minhas desconfianças.

– Mas esse lugar deve haver uma saída. – um dos guardas estava ficando desesperado.

– Talvez. – Alexis disse alto – Vamos ter que procurar. Depois de achar minha mãe, claro.

– Mas até lá vocês estão todos presos. – o “guarda intimista” puxou um par de algemas que estavam presas em sua cintura.

– Que saber, tanto faz! – Alexis estendeu as mãos – Podem me algemar. Não vai adiantar de nada mesmo.

Outro soldado também retirou as algemas da cintura e veio em minha direção. Resolvi fazer o que Alexis estava fazendo e deixar que me algemassem, mas não foi preciso.

– Ela não! – Alexis falou alto – Pode precisar muito dela ainda. Talvez ela consiga descobrir um jeito de usar magia e nos tirar daqui.

– Mas por onde iremos seguir? – perguntei olhando em volta – Parece que existem várias passagens.

O salão onde estávamos era redondo, como a sala do trono. As paredes eram de pedras roxas, sujas e úmidas. Estavam repletas de musgos e manchas pretas. Havia algumas gretas que escorriam uma água suja e nojenta e, entre um intervalo e outro, portas.

Eram ao todo cinco portas rodeando o salão. Tínhamos cinco passagens. Cinco possíveis saídas. E nenhuma delas era certeza de segurança e salvação. Teríamos que seguir os instintos e nos guiar pela intuição.

– O que você acha Beatriz? – Alexis perguntou.

Pensei bem. Olhei cada saída com atenção. Tentava ver se alguma parecia com uma saída segura, mas estava difícil. Quanto mais olhava mais tinha certeza de que aquelas saídas podia ser tudo, menos seguras. Acabei escolhendo a segunda a minha direita. Era o local mais limpo de toda a sala – em comparação ao resto, claro – e era a que menos me instigava medo.

– Aquela ali! – apontei.

– E quem garante que devemos confiar em você? – o guarda intimista.

– Alguém tem alguma outra sugestão? – Alexis foi hísido – Ela é a nossa única opção.

Nenhum dos guardas questionou, mas também não pareciam ter se convencido. O guarda medroso tremeu um pouco e sem dúvida faria tudo o que Alexis dissesse, mas os outros dois continuaram firmes apesar de seguirem o meu conselho.

Entramos em um amontoado de murros e corredores. No mesmo instante voltamos para a sala principal.

– Ótima idéia! – o guarda intimista debochou – Agora deixe que eu escolho!

O guarda olhou e olhou e resolveu escolher a segunda porta a esquerda. Entramos e novamente nos deparamos com o mesmo amontoado de muros e corredores. Voltamos e olhamos todas as portas até voltarmos a porta que eu havia escolhido. Todas as passagens davam para o mesmo lugar.

– Estamos presos em um labirinto? – o guarda medroso perguntou.

– E o que parece. – respondi.

– E agora? – o segundo guarda perguntou – O que vamos fazer?

– Acho que não temos outra alternativa além de entrar no labirinto! – Alexis falou.

– Mas que maravilha! – o guarda intimista começava a ficar furioso – Nunca iremos sair daqui!

– Nunca diga nunca meu amigo! – Alexis brincou debochado.

– Mas de qualquer forma nos não temos outro lugar para ir. – tentei ficar calma – Se é para ficarmos presos para sempre aqui, pelo menos vamos ficar sabendo que tentamos. Não temos mais nada a perder se entrarmos no labirinto.

– Nossas vidas! – o guarda medroso disse alto.

– O que? – Alexis perguntou.

– Nossas vidas! – o guarda medroso repetiu – Não sabemos o que nos espera lá dentro.

– Mas se ficarmos aqui iremos morrer também. – eu disse – Quanto tempo acha que sobreviveremos sem água e alimento?

– Sem água nós não iremos ficar! – o guarda medroso fitou as gretas que escorriam água.

– Credo! – gritei – Eu não quero chegar ao extremo de ter que beber essa água nojenta para sobreviver. Voto para entrarmos no labirinto!

– Eu também! – Alexis levantou as mãos algemadas.

– Eu também! – o segundo guarda.

– E independente do voto que vocês derem, já são três contra dois – Alexis se adiantou – Por tanto, vamos seguindo em frente. Ou fiquei ai. Vocês e quem sabem.

Seguimos para o labirinto e os outros dois guardas acabaram seguindo junto com a gente. Eles estavam um pouco relutantes, mas pareceram perceber que aquela realmente era a única saída.

O labirinto era um lugar muito sinistro. Assim como a sala principal, o labirinto era úmido e sujo. Uma fumaça leve, parecia uma névoa, pairava no local e vários barulhos metálicos ecoavam pelos corredores. Um batida se repetia junto com os sons metálicos parecendo varias pessoas marchando. Era como se estivéssemos dentro de um ferro velho.

A cada novo corredor que cruzávamos, novas sensações iam aparecendo. O labirinto aos poucos foi ficando cada vez mais escuro e um clima tenso acabou sendo criado. Começávamos a ouvir o som de um piano desafinada, junto com o eco de algo que parecia estar sempre quicando. Ouvimos também, quase silenciosamente, gemidos como o de um coral agourento. Era como se o vento soprasse os gemidos e os destorcesse. Mas o pior é que, por mais que tentássemos, parecia que estávamos sempre andando para o mesmo lugar.

– Eu desisto! – o guarda medroso – Esse lugar está me dando arrepios!

– Já vi coisas piores! – Alexis debochou, mas tinha razão. Eu e ele já enfrentamos coisas bem piores.

Os corredores começaram a ficar mais estreitos e agora ouvíamos sons de algo sendo esticado. Era como se tivessem pegado algum daqueles elásticos bem duros e estivessem tentando esticar ao máximo, até rasgar ao meio. Tive a terrível sensação de que poderia ser outra coisa que estava sendo esticada.

Olhamos para o teto. Estávamos bem debaixo do quarto dos empregados. Não era sempre que conseguíamos ver onde estávamos, mas quando apareciam era quase um alívio. A única certeza de que não estávamos andando em círculos.

O corredor seguinte tinha batuques de tambor e um cheiro horrível. Ouvíamos grunhidos de animais selvagens e um som de gritos primitivos. A única coisa que nos acompanhava desde que havíamos entrado naquele labirinto era a névoa. De repente o chão começou a tremer.

– Mas o que é agora? – Alexis gritou.

Quando olhamos para trás, um enorme vulcão havia se formado atrás de nós e estava prestes a entrar em erupção.

– Que droga! – Alexis gritou novamente – Por que essas coisas sempre acontecem?

– E o que estamos esperando para sair logo daqui? – perguntei, mas o vulcão já estava explodindo.

Fiquei desesperada neste instante, mas logo em seguida fui invadida por um calor imenso que entrou em meu corpo. Estava me sentindo mais forte e senti a magia voltar ao meu corpo.

– Todos para trás! – gritei enquanto a onda de larva vinha em nossa direção.

– O que você vai fazer? – Alexis gritou.

Senti uma energia se concentrando em minhas mãos. Uma força dominou o local e uma grande barreira começou a crescer e se transformou em um

escudo no exato momento em que a larva iria nos atingir. A larva passou por cima do escudo e continuou seguindo corredor a fora. Aos poucos o vulcão foi voltando para debaixo do chão e os gritos e grunhidos cessaram e quando dei por mim estavam todos me olhando.

– O que foi? – perguntei.

– Como conseguiu executar magia? – Alexis perguntou.

– Não sei. – fui sincera – De repente ela estava lá. Mas agora não consigo sentir mais.

– Você é incrível! – Alexis sorriu – Eu disse que era melhor não algemar-la! Ela sempre faz coisas assim... Surpreendentes.

– Estão todos bem? – perguntei.

– Acho que sim. – Alexis respondeu olhando para os guardas que estavam de boca aberta.

– Vamos morrer a qualquer momento! – o guarda medroso caiu para trás desmaiado.

Continuamos seguindo pelos corredores, desta vez com o peso extra do guarda que desmaiou, mas como não era eu quem estava carregando não fez diferença. As coisas começaram a ficar mais calmas e apenas a neblina parecia anormal.

Andamos até um grande beco sem saída. Estávamos prontos para dar meia volta quando uma porta apareceu. Todos nós nos assustamos. Os guardas

ficaram tão surpresos que deixaram o guarda medroso cair no chão, o fazendo acordar.

– O que aconteceu? – o guarda medroso disse meio zozinho.

– Mas que droga é essa agora? – o guarda intimista.

– Alexis, o que você acha? – perguntei – Entramos?

– Pode ser uma armadilha...

– Mas pode não ser! – o segundo guarda interrompeu Alexis.

– O que está acontecendo? – o guarda medroso estava se recuperando.

– Chegamos a um beco sem saída, uma porta apareceu do nada e agora estamos pensando se entramos ou não. – respondi.

– Não entra não! – o guarda medroso gritou acordando definitivamente – Isso é uma armadilha.

– Eu também não estou sentindo que isso seja seguro. – completei.

– Eu não acredito em suas intuições! – o segundo guarda ficou desesperado – Se você soubesse os lugares seguros teria evitado o vulcão. Eu vou entrar. Eu quero viver!

Alexis deu um passo para trás e fez um gesto indicando que o caminho estava livre para quem quisesse seguir. O segundo guarda não pensou duas vezes e foi em direção a porta. Ele segurou a maçaneta e recuou. Por um instante achei que ele fosse desistir,

mas ele foi em frente. Sem olhar, ele seguiu e só conseguimos ver sua imagem caindo em alta velocidade, seguido por um grito. Seguimos para perto da porta para ver o que havia acontecido. Talvez aquela tivesse sido a cena mais horrenda que já tinha presenciado.

– Minha nossa, que horror! – disse tapando os olhos imediatamente.

– Acho que ninguém vai querer seguir esse caminho. – Alexis tentou não parecer sarcástico.

Prefiro não dizer qual foi a imagem horrenda que presenciamos. Não sei se teria estômago o suficiente para descrever-la. Mas uma coisa eu posso garantir: Não foi uma morte bonita de se ver – se é que existe alguma morte bonita.

Demos meia volta e seguimos por outro corredor. O clima começou a ficar gélido e as minhas mãos começaram a endurecer. Eu não sei explicar, mas apesar de todo o clima estranho que estava se formando, eu sentia que ali poderia ser um caminho seguro.

– Sabe o que mais me intriga nisso tudo? – disse fitando os muros.

– O que? – Alexis perguntou.

– Essas paredes! – passei a mão sobre as pedras das paredes – Elas... Eu tenho certeza de que já vi essas paredes antes.

– Tem certeza? – Alexis perguntou, agora também fitando os muros.

– Tenho, mas não consigo me lembrar exatamente onde.

– Seria de algum sonho? – Alexis sugeriu.

– Talvez...

Encontramos no caminho outro beco, mas desta vez nenhuma porta apareceu de surpresa. Ele já estava lá quando chegamos. Os guardas já estavam dando meia volta quando os fiz parar.

– Esperem! – disse alto.

– Você está pensando em entrar por essa porta? – o guarda intimista – Está ficando louca?

– Não. – respondi – Essa porta é segura!

– Tem certeza? – Alexis me fitou.

– Tenho! – respondi com toda segurança.

– Então vamos entrar! – Alexis seguiu em direção a porta.

– Vocês vão entrar por essa porta? – o guarda intimista gritou – Loucos!

– Eu não passo por ai! – o guarda medroso se manifestou – Mas não passo mesmo!

– Então fiquem os dois, que nós iremos! – Alexis falou em seu tom confiante.

– Que se danem vocês dois! – o guarda intimista gritava feito louco.

Eu fiquei um pouco temerosa antes de abrir a porta. Havia afirmado firmemente que aquele era um caminho seguro, e ainda sentia que era um caminho seguro, mas e se não fosse?

Abri a porta devagar e olhei bem para toda a sala.

O piso era branco e bem liso. Parecia ter sido encerado por umas duzentas vezes pelo menos de tanto que brilhava. Era uma sala grande, mas muito fria. Não parecia ter riscos, mas também não parecia ser um caminho agradável.

– A sala é o nosso único caminho para sairmos daqui! – afirmei com segurança – Se não passarmos por ela ficaremos vagando por aí até não poder mais. Precisamos passar por ela.

Os guardas não pareceram se convencer, então entrei para dar mais segurança a eles. Alexis fez o mesmo e continuamos andando pela sala. Pouco depois eles já estavam atrás de nós.

A sala parecia bem maior depois que entramos. E o frio também aumentou. Depois reparei que o piso era tão liso e brilhoso por que estava congelado. A sala inteira estava congelada. As paredes, o teto, tudo estava coberto por uma grossa camada de água congelada.

– Estou me sentindo mais forte. – comentei – Igual quando aquele vulcão entrou em erupção. Sinto minha força aumentando.

– Acho que sei por que isso aconteceu! – Alexis coçou a cabeça – Foi o contato com o seu elemento. Acho que já cheguei a te falar sobre isso. Todo grande mago domina um elemento. Alguns dominam o fogo, outros a água. Alguns o vento, outro a terra. Os grandes magos, apenas os grandes, conseguem se fortalecer e criar mais que simples truques com os elementos. Você se encontrou com o calor, como o fogo, é por isso o seu poder aumentou e você conseguiu criar o escudo. Agora você está em contato com a água e isso está te fortalecendo. Você tem noção do que isso significa?

– Não. – fui sincera. – A maioria dos grandes magos só domina um elemento, você domina dois elementos! Pelo menos dois que nós conhecemos. Não há dúvidas, você será a pessoa que vai derrotar Bianor.

– O que é aquilo? – o guarda medroso seguiu para um objeto preto no meio da sala.

Ele encostou no objeto e um barulho estranho começou a ecoar pela sala. Todos nós nos entreolhamos e ficamos temerosos. O gelo começou a derreter e logo a sala havia virado uma grande piscina. O guarda medroso parecia estar vendo a própria morte, mas eu sentia que estávamos cada vez mais perto da saída.

De repente o chão se abriu e caímos em uma grande rampa.

Escorregamos desenfreados rampa abaixo com litros de água caindo em nossas cabeças, enquanto o

chão – que agora havia se tornado o nosso teto – se fechava e nos deixava na escuridão total.

Gritamos desesperados enquanto escorregávamos para sabe-se lá o que. Apesar de não sentir que aquilo pudesse ser perigoso, não pude deixar de ficar aflita quanto ao destino final daquela rampa.

Caímos todos em um chão duro e molhado. Tateamos uns aos outros e tentamos nos manter unidos. Aos poucos nossos olhos começavam a se acostumar com a escuridão e conseguimos enxergar pequenas coisas a nossa frente, mas ainda não era o suficiente para nos sentirmos seguros e para evitar que tropeçássemos.

Segurei bem firme a mão de Alexis. Senti as algemas geladas e segurei as correntes. As algemas tinham uma corrente logo, que permitia que Alexis esticasse o braço até a largura de sua cintura. Isso o ajudou na hora de se localizar tateando as coisas.

Continuei andando e acabei batendo a cabeça em algo. Estava demorando – alias, demorando muito – para que minha “sorte” desse um olá. Achei que ela havia me abandonado.

– Você está bem? – Alexis perguntou depois de ouvir o meu “ai”.

– Estou! – respondi colocando a mão na testa – Mas eu bati em alguma coisa.

Alexis entrou em minha frente e pude ver o seu vulto tateando seja lá o que eu tivesse batido.

– Parece uma grade! – Alexis falou – Acho que é um portão. Espere.

Um ranger de portão velho ecoou na escuridão. Parecia um portão bem enferrujado e com muitos anos de vida marcados em suas grades. Não senti que fosse algo ruim.

– Você vai passar pelo portão? – não sei qual guarda perguntou. Acho que foi o medroso.

– Não há riscos. Eu estou sentindo. – falei.

– Por via das duvidas... – um guarda se aproximou de nós. Era o intimista – Jogue pelo portão o meu capacete. Se for um buraco ou uma armadilha acho que saberemos.

– Não sei se é necessário, mas tudo bem. – Alexis falou com um pouco de indiferença.

Alexis jogou o capacete. Ele bateu em algo. Depois bateu novamente. E novamente. E novamente. E mais uma vez antes de bater nos pés de Alexis.

– Estranho. Muito estranho. – Alexis pegou o capacete.

Alexis pareceu analisar o capacete e jogou novamente. E novamente ele bateu em algo e depois de novo e de novo e de novo até voltar aos pés de Alexis.

– O que você acha Beatriz? – Alexis perguntou – Seguimos em frente mesmo?

– Eu não vejo por que não. – disse sorrindo, mas acho que ninguém viu.

– Jogue o capacete mais uma vez, só para eu conferir uma dúvida! – o guarda intimista pediu.

Alexis jogou e o capacete fez exatamente o mesmo que das outras vezes. Bateu em algo e depois continuou batendo até voltar aos pés de Alexis.

– Acredito que seja uma escada! – o intimista falou – Talvez ela tenha razão. Pode ser a nossa saída.

Subimos a escada. A longa escada. A longa e irregular escada.

Era uma escada bem diferente. Ela não levava a uma única direção. Ao mesmo tempo em que estávamos subindo, começávamos a descer e quando achávamos que desceríamos mais, começávamos a subir. Em algumas horas já não sabia mais em que direção estávamos seguindo, até vermos uma pequena linha de luz retangular.

A luz vinha das frestas de uma porta. Ela contornava toda a porta e era a única coisa que conseguíamos enxergar. Senti que algo muito importante nos aguardava atrás daquela porta. Algo que talvez fosse mudar toda a situação atual de Ofir.

A surpresa foi imensa quando abrimos a porta e nos deparamos com o lugar. Talvez não houvesse surpresa nenhuma para os outros, mas para mim foi a grande revelação. Finalmente havia lembrando onde eu tinha visto aquelas paredes roxas.

A sala com teto cinza e tijolos roxos. Era exatamente como no meu sonho. As pessoas de capa preta também estavam ali, com seus rostos tomados pela escuridão e suas orbitais girando para vários lados ao mesmo tempo. Era a sala do meu sonho. A primeira vez que eu vi Alina. Até o espelho estava ali.

– Alexis. – falei – Acho que finalmente achou o que tanto procura.

– O que? – ele perguntou assustado.

– Sua mãe! – respondi – É aqui que Bianor esconde a Rainha Alina!

CAPÍTULO 23 / OS HOMENS SOMBRA



rosto de Alexis continuava perplexo quando acordou da minha declaração. Ele parecia não acreditar no que estava ouvindo. Ou acreditava, mas estava surpreso demais para dizer alguma coisa. Só sei que tudo o que ele conseguiu fazer foi me olhar atônito.

– Parece que não estamos sozinhos! – o guarda medroso apontou para os homens de capa preta.

Eles estavam parados poucos metros a nossa frente. Seus olhos – duas orbitais verdes – haviam parado de rodar para vários lados e se focou apenas em nós. Eles pareciam estar nos analisando. Ruídos estranhos, como o de uma respiração presa, cheia de fanhos e de serra elétrica eram emitidos pelos homens de capa preta.

– O que será que eles querem? – o guarda intimista perguntou.

– Acho que não é boa coisa. – Alexis sussurrou cauteloso.

– Será que pretendem nos atacar? – o guarda medroso perguntou.

– Não vamos fazer nada ainda. – Alexis continuou sussurrando – Vamos esperar e ver o que eles pretendem fazer. Às vezes não é nada do que a gente está pensando.

Os homens de capa preta continuaram nos olhando e começaram a seguir lentamente em nossa

direção. Continuamos parados, esperando ver até onde eles chegavam.

O guarda medroso estava com as pernas bambas e o guarda intimista parecia estar sussurrando algo para ele. Estava tão nervosa com os homens de capa preta que nem tentei ouvir o que um estava falando para o outro. Um grande erro.

– Esperar coisa nenhuma! – o guarda intimista gritou – Morram!

O guarda intimista puxou sua espada e correu em direção aos homens de capa preta. Tentamos impedir, mas não conseguimos. Ele cravou a espada no peito de um dos homens de capa preta, mas nada aconteceu. A espada atravessou completamente o corpo do homem de capa preta e aos poucos foi puxando o guarda intimista para dentro do corpo dele. O guarda gritou desesperadamente. Tentamos puxá-lo, mas ele parecia preso ao corpo do homem de capa preta.

– Olhe Alexis! – gritei horrorizada quando reparei melhor no braço do guarda.

– Mais que droga! – Alexis gritou e continuou puxando com mais força o guarda.

O braço do guarda estava sendo estilhaçado. A pele estava sendo arrancada, como se o homem de capa preta a estivesse sugando e o braço do guarda ia entortando em carne viva. O guarda medroso tentava fugir, mas a porta por onde entramos havia desaparecido.

– Em vez de tentar fugir, venha e ajude o seu companheiro! – Alexis gritou.

O braço direito do guarda intimista já havia sido levado. O homem de capa preta pareceu começar a puxar-lo com mais força, enquanto os outros ficavam completamente paralisados, com as orbitais brilhando.

O guarda estava completamente desesperado e acabou – em uma tentativa inútil de acertar o homem de capa preta – puxando a capa, que veio abaixo.

Debaixo da capa se escondia uma sombra. Era um homem sombra. Ele era uma nuvem em forma de gente. O local onde o guarda havia enfiado a espada estava com um buraco manchado de sangue. Os olhos dele pareciam estar revirados e brilhavam, como os dos outros homens sombra. O susto foi tão grande que acabamos soltando, por alguns instantes, o guarda que foi sugado com tudo para dentro do homem sombra.

– E agora? – o guarda medroso – Nós vamos morrer?

– Deve haver um jeito de derrotar-los, sem precisar encostar neles.

– Alexis? – tentei me manter afastada dos homens sombra – Eu sei onde sua mãe está!

– Sabe mesmo? – ele perguntou vigiando os homens sombra.

– O espelho! – aponte para o espelho que estava no final da sala.

Neste momento um grito de horror ecoou pela sala. Eram os homens sombras. Agora estavam todos sem capa. A imagem era apavorante.

– E agora? – o guarda medroso falou – Acho que eles querem brigar.

– Então vamos brigar! – Alexis falou – Beatriz, vá e resgate minha mãe. Ficaremos aqui distraído esse homens sombra!

– Tudo bem. Tome cuidado! – apertei sua mão.

– Lembre-se, não encoste neles. Vamos tentar desviar seus golpes. – Alexis instruí o guarda medroso, mas não sei se adiantaria muito.

Os homens sombra partiram para cima de Alexis, que esquivou do golpe. O guarda medroso conseguiu fazer o mesmo. Alexis se esquivou de outro homem sombra e saltou para o teto. O homem sombra se grudou na parede e foi atrás de Alexis. O guarda medroso continuava se esquivando atrapalhado no chão. E tinha quase certeza que não eram os dotes de luta dele que o estavam ajudando.

Ceguei no espelho desesperada. Olhei e olhei e a única coisa que via era o meu reflexo. Tinha certeza que a Rainha Alina estava ali, mas como eu iria encontrar-la.

Bati varias vezes no espelho, mas nada aconteceu. Pelo reflexo do espelho pude ver parte da luta. Alexis estava indo muito bem e conseguia se esquivar rapidamente dos homens sombras. Agora o guarda medroso já estava muito cansado e

desesperado demais para continuar aquela luta. Em alguns momentos achei que ele teria o mesmo destino do outro guarda.

Alexis continuava muito bem, se esquivando e atirado coisas que ia encontrando pelo caminho em uma esperança inútil de derrotar os homens sombra. O guarda medroso parecia querer usar sua espada, mas o medo de ser engolido estava visivelmente falando mais alto.

Alexis quase sempre fazer os homens sombra de tolos. Ele estava indo muito bem, mas toda aquela luta estava sendo apenas para ele se cansar e isso me preocupava demais.

Tentei novamente bate no espelho e procurei por algo que pudesse fazer a Rainha Alina parecer. Qualquer coisa. Mas nada apareceu. Nada e nem ninguém.

Por alguns segundos quase tive um ataque do coração quando um dos homens sombra chegou bem perto de Alexis. Por poucos centímetros Alexis não acaba ganhando o mesmo trágico e infeliz final que o guarda intimista teve. Foi um momento horrível e desesperador.

– Rainha Alina, por favor, apareça. – pedi em frente ao espelho. Mas nada aconteceu.

Eu precisava agir rápido. Alexis e o guarda estavam distraído os homens sombra para que eu pudesse resgatar a Rainha Alina, mas eu estava fracassando.

De repente o vidro do espelho começou a se transformar em um portal e assim que encostei, fui sugada para dentro dele.

Eu estava no mesmo local absolutamente branco que havia encontrado a Rainha Alina da primeira vez, antes de enfrentar Bianor no deserto de Orestes. A Rainha Alina estava presa, com as mãos amarradas encima da cabeça. Seus olhos estavam completamente brancos e suas pupilas estavam dilatadas. Seus cabelos estavam soltos e tinham uma aparência horrível, praticamente sem vida.

– Rainha Alina! – corri para encontrar-la.

– Não Beatriz! – Alina gritou.

Antes que eu pudesse parar, levei um grande choque. Uma barreira invisível. Tentei me recuperar do susto e do choque elétrico e voltei a falar com a Rainha Alina.

– Rainha Alina? – minha voz estava falhando – O que está acontecendo?

– Beatriz! – Alina tentava olhar em meus olhos

– Eu sabia que você iria me achar. Eu tinha certeza absoluta disso.

– Mas o que está acontecendo? Como eu posso te tirar daí? – perguntei atropelando as palavras.

– Você é uma garota de coragem! – Alina continuou falando – Uma garota de muita coragem. É uma garota muito esperta também e tem um grande poder em suas mãos.

– Rainha Alina?

– Beatriz, você precisa lembrar-se disso. – Alina tentou erguer a cabeça – Bianor é muito forte. Ele é extremamente forte. Mas não sabe usar toda essa força. Você precisa aprender a usar essa força. Precisa superar-lo para poder vencer-lo.

– Sim, sim. – tentei não parecer arrogante – Mas agora precisamos te tirar daqui!

– Eu estou bem. – Alina tentava me convencer – O seu pedido me salvou da outra vez e se estou aqui hoje é por sua causa. Você me salvou, nobre garota.

– Eu fico agradecida, mas sério, preciso te tirar daí! – tentei apressar-la.

– Beatriz, eu estou bem! – ela sorriu – Eu vou ficar bem. Eu te trouxe até aqui apenas para lhe dizer que você precisa sair o mais rápido possível. Bianor está rumando em direção a Capital, eu estou sentindo isso. Sua grande batalha está prestes a começar.

– Mas eu não posso sair daqui sozinha! – resisti ao impulso de dar alguns passos a frente.

– Vocês não precisam de mim. – ela continuava com um ar alegre no rosto – Minha missão com você já foi cumprida. Eu deveria te trazer para Ofir. E eu trouxe. Agora o restante é com você Beatriz! Você já está mais forte do que esperava, mas ainda não é o suficiente para liberar o seu poder máximo. Você precisa achar a sua inspiração. O seu motivo para lutar.

– Mas eu já achei! – disse alto – Eu quero salvar Ofir. Eu quero ajudar a fazer de Ofir um lugar pacífico novamente.

– Mas será que as suas ambições éticas correspondem aos anseios do seu coração? – ela continuava com um sorriso no rosto.

– Do que está falando? – perguntei confusa.

– Quando sua motivação chegar, você saberá o que eu estou dizendo. – Alina fechou os olhos.

– Rainha Alina? – fiquei desesperada – Rainha Alina?

– Eu ainda estou aqui! – ela respondeu tranquila.

– Achei que tivesse acontecido o pior! – suspirei aliviada.

– Eu não te disse que ficaria bem? – ela continuava de olhos fechados – Meus olhos doem quando tento impedir o labirinto de usar minha magia.

– O labirinto? – perguntei.

– Bianor criou o labirinto para jogar seus prisioneiros. – ela começou a explicar – Existem muitas armadilhas e todas são mortais. O fato de ter conseguido chegar até aqui só prova o quanto você é capaz de derrotar Bianor.

– Mas nem foi assim tão difícil! – não estava usando de falsa modéstia.

– Você sabia por quais caminhos seguir. – Alina estava ficando mais fraca – Acha que todas as pessoas conseguem fazer isso com tanta exatidão? E mesmo

sem saber o seu instinto te trouxe até mim. Isso sem dúvida não é para qualquer pessoa.

– Falando assim parece até que sou uma pessoa extraordinária! – fiquei constrangida.

– E quem disse que não é? – Alina tentou abrir os olhos – Você deve acreditar mais em você mesma Beatriz. Você salvará Ofir.

– Às vezes eu não acredito. – disse séria – Se eu não posso nem te salvar, como irei salvar Ofir?

– Não tenha medo! – Alina sorria – Você conseguirá. Você está predestinada a isso. Você irá salvar Ofir.

– Mas por que eu? – perguntei.

– Não existem motivos para o que é predestinado. As coisas simplesmente são como devem ser. E você foi escolhida para isso. Não é por acaso que você está se tornando mais forte a cada momento. Você nasceu para salvar Ofir.

– Mas Rainha Alina?

– Você precisa voltar! – Alina abriu definitivamente os olhos.

– Sozinha? – perguntei.

– Alexis está em perigo! – ela levantou a cabeça – Está precisando da sua ajuda. A outra pessoa que estava com ele já se foi. Ele está sozinho.

– Não! – fiquei desesperada – Não pode acontecer nada com o Alexis.

– Então volte agora! – Alina ordenava.

– E eu terei que te deixar? – perguntei.

– Eu irei ficar bem! – ela sorriu.

– Por onde eu volto? – perguntei e o reflexo do espelho apareceu.

– Antes de ir eu quero te dizer uma coisa. – Alina voltou a fechar os olhos – As chamas vencem as sombras.

– Acho que entendi o que quis dizer, mas minha magia não funciona. – falei.

– Ninguém pode aprisionar sua magia. – Alina falava baixo – Ela está sempre dentro de você.

Novamente fui sugada para fora do espelho. A situação estava realmente muito feia. Alexis estava muito cansado e os homens sombra estavam o cercando. Ele tentou voar, mas um homem sombra o barrou.

– Ei! – gritei chamando atenção dos homens sombras.

Eles viraram e seguiram em minha direção, esquecendo Alexis. Por alguns instantes eu fiquei desesperada, mas lembrei das palavras da Alina.

– A magia está dentro de mim! – sussurrei.

– Beatriz, ficou louca? – Alexis gritou cansado.

– Não se preocupe, eu sei o que estou fazendo! – falei tentando acender uma chama.

– Você vai se matar! – Alexis tentava chegar até mim, mas estava muito cansado.

– Pode deixar que eu sei o que estou fazendo!

Não tinha certeza se iria funcionar, mas tentei. Fechei os olhos e me concentrei. Respirei fundo e

tentei ficar calma. Sentia a presença dos homens sombra se aproximando. Eles estavam mais rápidos do que da última vez em que os havia visto e isso atrapalhou um pouco minha concentração.

– Beatriz, saia daí! – senti Alexis chegando perto de mim. Senti uma ferida. Sua perna estava machucada. O que será que havia acontecido?

Tentei não dar atenção a isso – o que era impossível – e voltei a me concentrar em liberar minha magia. Estava sentido que algo estava segurando minha magia. Sentia que ela estava desesperada para sair, mas algo a segurava. Continuei lutando e lutando. Os homens sombra já havia me cercado. Por um instante achei que tudo estava perdido, quando uma grande explosão saiu do meu peito.

Abri os olhos e uma grande bola de fogo estava em minha mão. Os homens sombras corriam e gritavam feito loucos. A bola de fogo foi aumentando e aumentado até não aguentar mais. Joguei a bola de fogo na parede. Os homens sombras gritaram e começaram a sumir enquanto o local pegava fogo.

– Beatriz? Como? – Alexis estava perplexo.

– O que aconteceu com sua perna? – perguntei assim que vi o ferimento.

– Um deles encostou a mão em mim. – Alexis tentava não olhar para o ferimento – Parece que um simples toque pode fazer um estrago.

Parte da perna de Alexis estava em carne viva, como se tivesse sido queimada. Não era um ferimento

grande, mas eu sabia que aquela ferida exposta não era nada boa – mesmo pequena.

– Nós precisamos sair daqui! – falei alto – Este lugar está em chamas!

– Você não encontrou minha mãe? – Alexis perguntou aflito.

– Encontrei, mas não consegui trazer-la! – respondi constrangida.

– Como assim? – ele perguntou. – A força que a aprisiona é muito grande, mas ela está... relativamente bem.

– Como assim *relativamente* bem? – Alexis ficou zangando.

– Alexis, ela não quis vir! – fui honesta.

– Como não? – Alexis gritou – O que aconteceu?

– Alexis, eu tentei. – comecei a falar – Mas ela disse que você estava em perigo...

– Me deixasse em perigo! – Alexis se zangou – Você deveria ter ajudado minha mãe.

– Mas eu tentei...

Neste momento parte do teto começou a desabar. O fogo estava se espalhando muito rápido e logo não iríamos conseguir sair dali.

– Alexis, ela quis assim! – tentei convencer-lo – Vamos sair enquanto há tempo.

– Não sem minha mãe! – ele gritou.

Alexis foi em direção ao espelho que estava começando a trincar. Ele bateu desesperadamente contra o espelho, gritando pela mãe. Tentei afastar-lo dali, o fogo estava muito forte naquela parte, mas ele me ignorou.

O teto continuava desabando aos poucos e uma parte dele caiu bem ao nosso lado. Alexis não pensou duas vezes e pegou uma parte do teto e atirou no espelho. No momento nada aconteceu, mas depois uma luz forte saiu do espelho e subiu até o teto.

– O que é isso? – perguntei.

A luz foi se apagando e revelando uma forma humana. Minha surpresa não foi muito grande quando vi quem estava caindo no teto para os braços de Alexis.

– Mãe! – Alexis gritou – Você não disse que ela estava bem?

– Eu disse que ela estava relativamente bem, mas isso não vem ao caso. Precisamos sair daqui agora! – respondi observando as chamas se espalhando.

– Mas em que direção? – Alexis estava mais desesperado ainda – A porta sumiu!

Olhei em todos os lugares. Tudo o que via eram chamas, partes do teto desmoronando e muita fumaça.

Continuei procurando até ter encontrado a saída. A porta que havia desaparecido estava lá novamente. Fiquei temerosa, achando que poderia ser uma armadilha, mas era a melhor opção naquele momento.

– Veja, a porta voltou! – Alexis quase não me ouviu.

– Vamos passar por trás daqueles destroços a esquerda. Ali as chamas estão mais fracas. – Alexis sugeriu.

– Mas ainda é perigoso. – comentei.

– É a nossa saída mais segura!

Caminhamos com a Rainha Alina pendurada em nossos ombros. Ela estava desacordada, mas ainda estava viva. Esquivamos-nos das chamas e conseguimos chegar até a porta com segurança. Mas o que vimos atrás da porta não foi nada agradável.

CAPÍTULO 24 / A FUGA DO LABIRINTO

A sala escura havia desaparecido. Apenas uma grande escada estava no lugar, onde conseguíamos ver boa parte do labirinto.

O local estava em chamas e ruínas. Paredes caíam, junto com chamas. Estávamos cercados em um labirinto pior do que o que entramos. E ainda não era tudo. Vários portais se abriam e fechavam em vários locais do labirinto. O lugar estava completamente desgovernado.

– E agora? – perguntei – O que faremos?

– Acho que não tem outra forma a não ser entrar nesse inferno. – Alexis não parecia gostar da idéia.

– Mas não é perigoso? Não digo nem por nós. – falei olhando para a Rainha Alina.

– Mas é a única saída. – Alexis olhava em volta.

O teto estava completamente coberto por chamas, formando uma capa laranja que cobria todo o labirinto. As saídas mais seguras estavam bloqueadas por paredes que havia caído e em algumas as chamas já começavam a tomar conta. Alexis tinha razão, não existia outra saída além daquela. Teríamos que entrar no meio do labirinto e enfrentar as chamas.

Estava muito preocupada com a Rainha Alina. Nós poderíamos nos virar caso tivéssemos algum problema, mas ela dependia da gente. A responsabilidade de qualquer coisa que acontecesse

com a Rainha Alina seria nossa e eu odiaria carregar essa culpa.

– Já que não temos outra escolha. Vamos! – disse ajeitando a rainha no meu ombro esquerdo.

– Eu só não consigo imaginar para qual destino.
– Alexis disse preocupado – Nós não fazemos a mínima idéia de onde é a saída. Será que iremos conseguir?

– Pensamento positivo! – tentei animar-lo, mas não estava com toda essa confiança.

Começamos a analisar o local antes de entrarmos de vez no labirinto. Tentamos encontrar algum caminho que levasse a algum lugar que não estivesse bloqueado. Apesar de muitas paredes terem desabado, o labirinto ainda tinha muitos corredores.

Descemos as escadas com cuidado. Partes dela começavam a cair assim que passávamos por ela. Varias vezes quase caímos metros abaixo. Não lembrava que aquela escada era tão alta. Lembrava que havia uma parede, acompanhado a escada, coisa que já não existia. Estávamos nos equilibrando para não tropeçarmos, mas era difícil fazer isso quando se tem alguém nos ombros. Alexis tentou varias vezes carregar a rainha sozinho, mas eu nunca iria permitir uma coisa dessas. Estávamos ali juntos para toda e qualquer situação.

O labirinto estava mais complicado agora do que antes. Passar por aqueles corredores e chegar com vida ao destino final – seja lá qual for – era mais uma

questão de sorte do que de habilidades. E era exatamente isso que me apavorava.

Passamos por vários corredores que davam em saídas bloqueadas. Tentamos ficar calmos e raciocinar o melhor lugar para se passar, mas isso se torna uma situação impossível quando se tem um turbilhão de chamas ao seu redor.

O calor também estava atrapalhando um pouco. Mas esse era dos males o menor, estava preocupada mesmo era com os portais. Eles abriam e fechavam nos mais diversos lugares e não tínhamos idéia de onde poderíamos ser levados caso caíssemos em um desses portais.

No meio do caminho a Rainha Alina começou a dar sinais de vida. Seu corpo se mexia levemente e de vez em outra ela dava algumas tossidas, mas continuava inconsciente.

– Acho melhor a gente parar um pouco para descansar. – Alexis falou já parando.

– Mas e esse fogaréu? – perguntei – Precisamos sair logo daqui antes que nos alcance!

– Beatriz! – Alexis falou um pouco alto – Eu não aguento mais. Preciso descansar um pouco.

– Se ao menos tivesse com os meus poderes... – disse pra mim mesma.

– E àquela hora? – Alexis se sentou e colocou a mãe no colo – Você executou uma magia lá na sala. Será que não consegue outra vez?

– Vou tentar!

Concentrei-me e tentei executar uma magia, mas nada aconteceu. Tentei outra vez e novamente nada. Fiz uma última tentativa, desta vez com mais vontade e continuou não adiantando de nada.

– Vamos ficar só mais um pouco. – disse olhando ao redor – Esse labirinto é bem maior do que eu imaginava.

– E esse fogo? – Alexis perguntou – Já reparou que ele só está onde nós não estamos? Fugimos e fugimos do fogo, mas ele sempre só aparece depois que saímos do local.

– Isso é realmente muito estranho. – concordei balançando a cabeça.

– Beatriz olhe! – Alexis quase deu um grito.

A Rainha Alina começava a acordar. Ela mexia um pouco a cabeça, como se quisesse acordar de um pesadelo e lentamente abriu os olhos.

– Mãe? – Alexis estava emocionado.

– Alexis! – Alina disse um pouco fraca – Mas o que está acontecendo? Eu não deveria estar com você.

– Calma mãe! – Alexis impediu que Alina se levantasse – A senhora precisa descansar.

– Eu estou bem! – Alina tentou se levantar de novo – Eu não deveria estar aqui. O que foi que aconteceu?

– Eu fiz o que me pediu! – disse para Alina segurando a sua mão – Fui proteger Alexis e derrotei os

homens com o fogo. Mas o fogo se espalhou por toda a sala e de alguma forma tomou todo o labirinto.

– A sala pegou fogo? – Alina perguntou preocupada – Ela está destruída?

– Acredito que sim. – respondi um pouco acanhada.

– Então está explicado. – Alina se sentou – Aquela sala era o cérebro do labirinto. Toda a energia que era tirada de mim era enviada para sala e redistribuída para o labirinto. Era desta forma que ele sobrevivia. Se a sala está destruída, toda a estrutura do labirinto está comprometida. Ele deve ter perdido o controle e agora todas as armadilhas devem estar desgobernadas.

– E o fogo? – Alexis perguntou.

– É um reflexo do que está acontecendo com a sala principal. Ela, ao invés de enviar energia ao labirinto, está enviando fogo. – Alina respondeu – Só não entendo como eu consegui sair do espelho.

– Nós também não sabemos. – comecei a explicar – Estávamos indo embora quando uma luz surgiu no teto.

– E de repente a senhora estava lá, nos meus braços. – Alexis completou.

– Acho melhor a gente sair daqui antes que o fogo resolva aparecer! – disse cortando o assunto.

– Tem razão! – Alexis concordou – Venha mãe. Eu te ajudo.

– Vamos. Deixe que eu te ajudo também. – ofereci meu ombro.

Continuamos seguindo por corredores infundáveis. Não sabíamos onde poderíamos chegar, mas sabíamos que tínhamos que chegar a algum lugar. De preferência um lugar seguro. E como se já não bastasse, a nossa situação ainda piora quando viramos um dos corredores.

Pareciam que estavam apenas esperando por nós. Três grandes e gosmentos monstros estavam parados, se rastejando pelo chão. Eram três bichos com corpo de cobra, porem com patas dianteiras de um jacaré e cabeça de águia.

– Era só o que faltava. – Alexis grita nervoso.

– E agora? – perguntei.

– Deixem comigo! – a Rainha Alina falou um pouco cansada.

– Não mãe! – Alexis já foi impedindo – Você não pode lutar.

– Nós iremos te proteger rainha! – disse colocando bem devagar a Alina no chão.

– Mas que tipo de bicho é esse? – perguntei.

– Não faço a mínima idéia! – Alexis respondeu.

– Mas como iremos matar-los se não podemos usar poderes? – um surto de realidade me veio no momento.

– Com aquilo!

Alexis apontou para duas espadas cruzadas penduradas em uma das paredes. Fala sério? Isso não é algo que se acontece todo dia. Seja lá o que a sorte estivesse planejando para mim, bem, até agora eu estava agradecida.

Pegamos as espadas e tentamos manter os monstros longe da rainha antes de começar a atacar. Arrastamos as espadas no chão, fazendo algumas fagulhas de fogo aparecerem e depois ameaçamos atacar. Os bichos recuaram e emitiram um som agudo que ecoou por todos os corredores.

– Vamos tentar ficar mais próximo da Rainha Alina. Não é seguro ficar tão longe dela! – sugeri quando reparei que a rainha estava quase sumindo do nosso campo de visão.

– Você tem razão. – Alexis olhou para trás.

Demos alguns passos para trás e atraímos os bichos para mais perto de nós. Um dos monstros tentou atacar, mas acabei defendendo com a espada, cortando levemente sua pata. Outro grito agudo.

Os outros dois monstros começaram a recuar, mas logo voltaram e tentaram atacar. Eu e Alexis esquivamos e tentamos dar o revide, mas eles também se esquivaram.

– Pelo jeito eles são mais inteligentes do que presumi. – Alexis sussurrou – Temos que agir com cuidado.

Assenti e caminhei lentamente em direção a um deles. Alexis fez o mesmo. Os monstros recuavam e

ameaçavam. Ficamos nisso por alguns minutos até que um deles resolveu atacar. Alexis defendeu no mesmo instante arrancando um dos dedos do monstro fora. Tivemos outro grito agudo e o monstro começou a atacar com mais ferocidade. Os outros entraram no embalo.

Eu e Alexis entramos em modo de defesa e a todo minuto olhávamos para a Rainha Alina, conferindo se estava tudo bem. Os monstros continuaram atacando e nós defendendo, até que Alexis aproveitou uma deixa e atacou. Ele arrancou a cabeça de um dos monstros, que caiu no chão tremendo até o corpo inteiro ficar em pedaços. Também aproveitei a distração dos monstros e ataquei o outro, também na cabeça. O monstro seguiu os passos do companheiro e tremeu até ficar em pedaços.

– Agora somos dois contra um! – Alexis falou sorrindo.

– Alexis, olhe! – gritei.

No chão, os pedaços dos monstros começaram a se juntar e formaram 1 novo monstro. Sua forma era irregular e as partes haviam se juntado no lugar errado, fazendo as patas ficarem junto à cabeça – que estava virada ao contrario – e as partes da cauda estavam deformadas e montadas de forma estranha.

– Corrigindo, dois contra dois. Luta justa! – Alexis falou mais sério desta vez.

Continuamos lutando. O monstro que se remontou estava mais forte que o outro, por isso

acabamos prestando mais atenção nele. O outro monstro seguiu a estratégia do início recuando e ameaçando atacar, enquanto o monstro remendado tentava atacar. Ele teve dificuldades em atacar por causa da nova localização dos seus braços, mas em compensação estava mais resistente aos nossos ataques.

– O que nos iremos fazer? – perguntei.

– Não sei, mas não podemos deixar que eles cheguem perto da minha mãe! – Alexis falava firme.

– Se ao menos conseguíssemos executar algum poder. – lamentei.

– O pior é que não sabemos a forma correta de matar-los. – Alexis se esquivava dos golpes do remendado.

– O jeito é continuar lutando! – falei.

– Lutando até nos cansarmos? – Alexis parecia não gostar da idéia.

– Mas é a única opção que temos! – tentava encontrar outra solução.

– Tem que haver outra forma. – Alexis também parecia estar pensando em outra solução – Nós precisamos sair daqui.

– E rápido! – acrescentei.

– E o fogo que não aparece quando a gente precisa? – Alexis estava muito irritado.

Continuamos lutando contra os monstros. Tentamos evitar destroçar-los. Queríamos também

tempo para pensar em uma saída, mas estava difícil demais.

Os monstros começaram a atacar de verdade e nós não tivemos outra escolha a não ser revidar.

Eu fiquei com o monstro remendado. Por mais que Alexis demonstrasse querer lutar contra ele, eu não podia deixar-lo fazer isso. Ele já tinha lutado com os homens sombra e deveria estar mais cansado que eu. Seria muito injusto ele ficar com a mais forte, sendo que ele não estava em condições de vencer-lo. Não que eu estivesse com chances maiores, mas pelo menos eu demoraria mais em cansar. E quem sabe até lá não descobriríamos um jeito de escapar daquela emboscada?

Ataquei sem dó o monstro, mas a espada fazia apenas pequenos cortes onde acertava. O monstro aproveitava minha aproximação e me pegava pelo braço, atirando-me contra a parede. Tentei amortecer o impacto com os pés e aproveitei para pegar impulso e pulei para cima de sua cabeça, acertando-lhe com a espada.

Alexis e o outro monstro estavam novamente nas ameaças, exceto por uma e outra vez que um deles atacava. A luta parecia bem mais pesada do meu lado. Alexis tentou perfurar o monstro na barriga, mas ele esquivou. O monstro conseguiu fazer um leve corte na perna de Alexis, o que me fez chamar atenção para luta.

Ver Alexis sangrar me deixou louca. Pulei das costas do retalhado e fui com tudo para cima do monstro que estava com Alexis. O impacto foi tão grande que acabei derrubando o monstro no chão. Sem pensar acabei cortando a cabeça do monstro e esquecendo o que tanto estava tentando evitar.

Assim como os outros dois monstros, ele tremeu e se desfez em vários pedaços. Poucos segundos depois ele também se juntou ao monstro retalhado, fazendo-o ainda mais estranho e horrendo.

Agora com 2 metros de altura, 2 cabeças, 4 braços e 2 caudas igualmente deformadas o monstro parecia uma criatura invencível. O seu grito agudo era muito mais alto e irritante que os dos outros monstros e parecia muito mais resistente.

– O que iremos fazer agora? – perguntei.

– Acha que devemos correr? – Alexis retrucou.

– Não vejo uma alternativa melhor. – respondi.

Alexis pegou a Rainha Alina e colocou em suas costas. Ele parecia muito cansado, mas motivado. Querer salvar a mãe parecia estar dando uma força sobre-humana a ele.

O monstro pareceu perceber o que estávamos tentando fazer e deu um pulo, fazendo o chão tremer e as paredes caírem, bloqueando a passagem. Se duas cabeças pensam melhor que uma, três devem trazer idéias brilhantes – pelo menos para o nível de inteligência deles.

– E agora o que faremos? – perguntei quase atropelando as palavras.

– Agora eu realmente não sei! – Alexis parecia realmente desesperado.

– Eu sei! – Alina disse quase que sem som algum.

– Não mãe! – Alexis se antecipou – Não irei deixar à senhora lutar!

– E quem aqui está falando em luta? – mesmo fraca, senti um tom de deboche em sua voz.

– Então o que está pensando? – perguntei.

No mesmo instante notei que um portal estava se abrindo. Ainda não conseguia enxergar para onde ele levaria, mas já imagina qual era a idéia da Rainha Alina.

O portal se abriu um pouco mais e consegui ver o local. Era o local onde a Rainha Alina estava aprisionada.

– Quando eu disse já. – Alina falou baixo.

– Já entendi! – continuei fixando no portal enquanto o monstro se aproximava.

– Do que vocês estão falando? – Alexis ainda não tinha percebido a idéia.

– Já! – desta vez a Rainha Alina gritou bem alto.

Não esperei duas vezes e dei um salto bem alto me jogando para cima do monstro. O monstro desequilibrou, mas não caiu. Teria que ser rápida. Continuei forçando o meu peso para que o monstro virasse e caísse no portal antes que ele fechasse. O

monstro relutou, mas consegui fazer-lo perder o equilíbrio. Rapidamente dei um salto para trás e o monstro caiu no portal que se fechou no exato momento em que ele caiu.

– Beatriz? – Alexis estava de boca aberta.

– Eu sabia que conseguiria! – a rainha deu um leve sorriso.

– Mas a idéia foi sua majestade! – fiz uma reverencia.

– Não há necessidade dessas formalidades comigo. – Alina estava fraca, mas ficou de pé – Já esqueceu que eu sou sua sogra?

– É verdade! – disse sorrindo.

– Fico feliz em ver que estão se dando bem, mas nós precisamos sair daqui! – Alexis cortou o “momento descontração” – E precisamos sair rápido, antes que o fogo nos alcance. Não sei nem como ele ainda não nos alcançou.

– E nem irá nos alcançar! – Alina disse baixo – Esse incêndio não é fruto de uma magia de Beatriz?

– Sim! – respondi – Acho que o feitiço se virou contra o feiticeiro, como diz o ditado.

– Um feitiço nunca se volta contra o feiticeiro. – Alina sorriu – Seja lá quem inventou essa frase, ela está completamente errada. Nenhum feitiço que você executar irá se voltar contra você. A menos que você deseje isso.

– Mas nós continuamos presos aqui. – Alexis olhou em volta – Não temos saída.

– Eu também não faço a mínima idéia de como sairemos daqui. – disse olhando para Rainha Alina.

– Eu acho que a saída virá em breve. – Alina estava calma – Não precisa se desesperar. Só temo pela Capital.

– O que tem a Capital? – Alexis ficou nervoso.

– Bianor está seguindo para invadir a Capital. – respondi.

– Eu senti isso enquanto estava presa. – Alina completou – Senti que o exercito de Bianor também se fortaleceu. Se não agirmos rápido a Capital pode ser destruída.

– E por que não me contaram antes? – Alexis se irritou – A Capital em perigo e nós aqui presos!

– Alexis, não houve tempo. Você viu. – comecei a explicar a situação – Saímos da sala principal direto para esse labirinto e depois ainda tivemos que enfrentar os monstros. Mas nós iremos conseguir chegar a tempo.

– Como? – Alexis gritou – Até a gente sair desse labirinto. Se a gente sair, vai demorar muito de barco.

– Mas quem disse que iremos de barco? – Alina sorriu.

– O que está falando? – Alexis e eu perguntamos ao mesmo tempo.

– O nosso transporte acabou de chegar!

CAPÍTULO 25 / PRELÚDIO DE UMA GUERRA



portal saiu exatamente na sala do trono da Capital. Rainha Alina parecia bem mais cansada e fraca agora. Não duvidaria nada se ela tivesse influenciado de alguma forma aqueles portais para que se abrisse um para a Capital a nossa frente – isso se ela mesma não tiver aberto sozinha.

Rei Céleo ficou um misto de espanto, alegria e preocupação. Ele parecia não saber o que demonstrar primeiro e olhava fixamente para a Rainha Alina.

– O que está acontecendo aqui? – Céleo perguntou esfregando os olhos.

– Papai, eu consegui. Nós conseguimos! – Alexis disse olhando para mim – Achamos a mamãe!

– Mas como? – Céleo se aproximou – Vocês são loucos?

– Talvez, mas se não fosse essa loucura nunca teríamos encontrado a mamãe! – Alexis estava com Alina no colo.

– Mas é ela mesma! – Céleo passava a mão no rosto de Alina – Ela está tão pálida. Desacordada. O que aconteceu?

– Bianor estava mantendo a rainha presa e usando suas energias mágicas para alimentar um labirinto subterrâneo em Calidora. – respondi – A rainha já havia me mostrado aquele lugar antes, mas foi Alexis quem o encontrou.

– Fizemos um belo trabalho de equipe! – Alexis sorriu e segurou minha mão.

– Mas a rainha está muito mal! – voltei às atenções a Alina – Ela precisa urgentemente de cuidados médicos.

– Eu estou vendo! – Céleo a pegou no colo – Vamos! Irei levar-la para o quarto.

Rei Céleo chamou alguns guardas e pediu para chamarem o médico do castelo imediatamente e que também chamasse o conselho da Capital. A principio estranhei o rei ter convocado o conselho da Capital, só depois imaginei que era para anunciar que a rainha havia sido encontrada. Mas logo em seguida lembrei-me de outro motivo tão urgente quanto esse para comunicar ao conselho.

– Rei Céleo? – chamei quando ele colocou Alina na cama – Preciso contar algo. Não sei se já ficou sabendo, mas a Rainha Alina previu uma invasão de Bianor e seu exercito para breve. Eles já devem estar a caminho e não demorarão muito para chegarem.

– Invasão? – Céleo se assustou – Eu não fiquei sabendo de nada. Uma invasão... Não estamos devidamente preparados para uma invasão.

– Foi o que eu imaginei, por isso resolvi avisar o quanto antes. – disse séria.

– Fez bem. Muito obrigado. – Céleo colocou a mão em meu ombro – Preciso comunicar isso

imediatamente ao conselho. Precisamos tomar providencias o mais rápido possível.

– Eu queria dizer que estou aqui para o que precisar! – disse confiante.

– E iremos precisar. – Céleo disse apreensivo – Você é nossa última esperança. A nova esperança.

– Eu farei de tudo para não decepcionar-los! – falei já sentindo o peso da responsabilidade.

Sempre soube que um dia iria ter que salvar Ofir, mas nunca havia sentido esse peso antes. É como se todo o peso do mundo estivesse em minhas costas e eu não pudesse aguentar. E o pior é que o peso de um mundo realmente estava nas minhas costas, não era apenas uma forma de dizer.

– Alexis, eu irei para a casa de Neandro. – disse baixo – Devem estar todos querendo saber notícias de nós.

– E eles estão aqui? – Alexis perguntou.

– Em Calidora pelo menos eles não foram. – lembrei.

– Espere um pouco, só até os médicos chegarem, alias estão demorando demais. Eu irei com você até a casa de Neandro.

– Tudo bem. – sorri – Eu também quero saber notícias da rainha.

– Majestade? – um dos guardas entrou no quarto – Os médicos chegaram!

– Mande-os entrar! – Céleo disse apressado.

Os médicos examinaram a Rainha Alina de uma forma diferente. Eles usavam magia. E eram vários médicos examinando ao mesmo tempo. Enquanto um examinava a cabeça, outro examinava a barriga, outro os braços e mais um examinando as pernas.

O Rei Céleo estava apreensivo e parecia não gostar nada da demora em que os médicos estavam examinando a Rainha Alina.

– Ela vai ficar bem! – disse tentando acalmar Céleo.

– Eu espero que sim. – ele olhou inquieto para Alina.

Os médicos terminaram de examinar a Rainha Alina e pediram para conversar com o Rei Céleo em particular. Eles ficaram algum tempo conversando, mas o Rei Céleo parecia mais aliviado. Não devia ter acontecido nada demais com a Rainha Alina.

– E então? – Alexis perguntou quando Céleo se aproximou.

– Ela passou muito tempo sendo explorada por Bianor e isso a enfraqueceu demais. – Céleo parecia bem mais aliviado – Ela vai ficar bem, só precisa de cuidados. Só me preocupo com essa guerra que parece não ter mais como fugir. Eu não sei se conseguiremos nos manter firme. Estamos enfraquecidos e o exército de Bianor é grande demais para competirmos.

– Calma Rei Céleo, nós estamos aqui! – disse em um tom animador.

– Como disse, você é nossa esperança nesta inevitável guerra. – ele sorriu.

Sai do quarto e Alexis veio atrás. Ele me abraçou como se soubesse de minhas novas inseguranças – e talvez realmente soubesse. Consegui não cair em lágrimas e ficar contente pela Rainha Alina. Não sei se seria uma boa hora para ficar me lamentando de um destino incerto.

– Vamos para a casa de Neandro? – perguntei sorrindo.

Alexis não disse nada, apenas assentiu sorrindo. Mesmo ainda não sendo comunicados sobre a possível invasão de Bianor, os guardas da Capital estavam todos bem alertas, não pareciam tão despreparados como o Rei Céleo dizia. Mas eu também não tinha visto ainda o tamanho e nem a competência do exército de Bianor que contava com homens de dois reinos. Provavelmente apenas os melhores de cada reino foram chamados para essa batalha, mas ainda tinha alguma esperança de que o nosso exército ser o suficiente para lutar contra Bianor.

Chegamos à casa de Neandro ainda à tarde. Assim como eu havia imaginado, estavam todos lá. Todos mesmo. A casa de Neandro havia se tornado quase que um tipo de pensão, abrigando todos que estavam ligados a minha missão.

Além de Linfa, Neandro, Tales, Thalassa e Nicardo estavam na casa Camila, Levinda e Layla.

Apenas Cosmo não estava presente. Não sabia como eles estavam abrigando tanta gente em uma casa tão pequena, mas pareciam estar todos muito confortáveis.

– Olha quem apareceu! – Neandro falou quando nos viu na porta – Os fujões!

– Beatriz! Alexis! – Thalassa correu para nos abraçar – Achei que tivesse acontecido o pior.

– Calma Thalassa. – sorri – Estamos todos bem. Pelo menos por enquanto.

Contamos a eles toda a nossa viagem ao castelo, o plano de Alexis, o labirinto, o resgate da Rainha Alina e sobre a invasão de Bianor. A notícia da invasão não pareceu ser surpresa para eles como foi para o Rei Céleo.

– Eu sonhei com isso. – Nicardo falou – Eu vi Bianor e seu exército chegando a Capital e destruindo tudo. Fazendo com a Capital o mesmo que fizeram com Sotero, Leander e Menelau.

– Menelau também foi destruída? – perguntei assustada.

– Não como aconteceu com Sotero e Leander, mas ela foi atacada. – Nicardo estava sério.

– Destruíram toda a cidade do castelo, assim como o castelo também. – Tales continuou – Bianor conseguiu, a força, o comando de Menelau e só por isso não destruiu o reino inteiro.

– Mas isso é terrível! – lastimei.

– Isso é mais que terrível! – Nicardo me olhava triste – Isso é o início do fim. As tropas de Bianor acabaram ganhando mais um reforço.

Era estranho olhar para Nicardo agora. Principalmente depois de tudo o que havia acontecido comigo na minha viagem com Alexis. Não conseguia olhar em seus olhos. Sentia como se estivesse em dívida com o Nicardo. E talvez esse sentimento continuasse dentro de mim enquanto eu não tivesse certeza de que ele está feliz de verdade.

– Acho que a visão da rainha e a confirmação que estávamos esperando. – Tales falou em um tom estratégico – Já podemos começar a por em prática o nosso plano.

– Que plano? – Alexis perguntou.

– Não acredito que será possível impedir a entrada de Bianor no reino, mas podemos diminuir a carga para facilitar a vida do exército da Capital. – Tales se aproximou um pouco mais de nós.

– E o que pretende fazer? – perguntei.

– Cosmo foi até Leander buscar os meus homens e iremos reforçar a tropa. Eles são homens fortes e a batalha que todos eles enfrentaram só os tornou ainda mais fortes. Ficaremos a postos no porto, eles terão que passar por ali. Provavelmente invadirão já atacando, ainda mais depois de nos ver esperando por eles. A intenção é impedir que eles prossigam, mas acredito que muitos conseguirão passar pela nossa

barreira e chegar ao castelo. Invadirão a Capital, mas o número será menor e mais fácil de lutar.

– Uma idéia um pouco maluca e arriscada, mas quem sou eu para julgar planos malucos e arriscados? – Alexis pareceu gostar da idéia.

– Mas você disse bem – eu não estava gostando da idéia – É muito arriscado!

– Mas é nossa única opção no momento. – Neandro falou.

– Você também está de acordo com esse plano? – perguntei.

– Beatriz, é o que podemos fazer. – Linfa sorriu tentando me convencer, mas ela também não parecia gostar do plano.

– E as pessoas de Tales? – perguntei – Toda batalha dessa dimensão sempre acabam em mortes.

– Mas se o exército de Bianor chegar ao castelo vai haver muito mais mortes! – Neandro defendeu a idéia.

– Meus homens sabem dos riscos de uma batalha e estão todos prontos para o pior. – Tales parecia um pouco preocupado – Mas eles farão o impossível para não morrer, isso eu posso garantir!

– O fato é que não temos muitas escolhas. – Nicardo também defendeu a idéia – Se o exército de Bianor atacar inteiro o castelo nós não teremos chance nenhuma. Mesmo tendo você no grupo.

– O exército dele é tão forte assim? – perguntei assustada.

– São os melhores dos melhores! – Tales falou assustado – Beatriz, eu vi o que o exército dele é capaz de fazer quando eles não eram nem a metade do que é hoje. Por isso não temos esperanças de parar-los nesse plano e é por isso que precisamos eliminar o máximo de pessoas possível para atacar o castelo.

– Mas se lutarmos antes você acha que seus homens, os que sobraem, terá forças para ajudar em outra batalha? – tentei ser realista.

– Eles lutaram até o fim, isso posso garantir! – Tales disse confiante, mas parecia preocupado com alguma coisa.

– Isso é loucura demais! – disse pra mim mesma.

– Beatriz, se meter em um labirinto que poderia te levar a morte não é algo muito prudente. – Nicardo falou tentando não parecer ressentido.

– A situação era diferente. – tentei me justificar – Era uma situação de urgência!

– E essa não é uma situação de urgência? – Neandro perguntou.

– Não sei se gosto da idéia de por outras pessoas em risco. – disse – Eu deveria enfrentar essa guerra sozinha. Não é assim que a profecia diz?

– Isso sim é loucura! – Alexis falou alto – Você acha mesmo que conseguiria vencer um exército inteiro?

– Mas não é essa a profecia? – também falei alto.

– Não. – Neandro normalizou nossos tons de voz – A profecia diz que você salvará Ofir, mas isso pode ser de várias formas. Não quer dizer que você, sozinha, vai derrotar um exército e ainda o mago mais poderoso do mundo.

Respirei fundo e fechei os olhos. Talvez eu estivesse assustada demais. Talvez começar a sentir o peso do mundo tenha fervido meus nervos, mas eles tinha razão. Eu não conseguiria acabar com uma guerra sozinha. Eu não sou tão extraordinariamente forte para isso. Eu precisaria de toda a ajuda possível.

– Tudo bem, vocês estão certos! – baixei a cabeça – Eu estou muito assustada com tudo isso. Sempre soube que esse momento chegaria, mas agora que ele está prestes a chegar eu não sei como agir.

– Nós entendemos! – Thalassa falou colocando a mão em meu ombro – Acho que está sendo parecido para todos nós. Ninguém nunca havia passado por algo parecido antes. Ofir sempre foi um mundo pacífico, houveram pouquíssimas guerras.

– Nós precisamos nós preparar enquanto é tempo! – disse tentando parecer muito segura.

– E haverá tempo? – Alexis perguntou.

– Precisamos usar o tempo que tivermos! – Neandro estava aparentemente tranquilo – Enquanto os homens de Tales não chegam, seria uma boa idéia nos prepararmos. O que iremos enfrentar será completamente novo e devemos estar prontos para tudo.

– Quando os meus homens chegarem, ficaremos de plantão esperando o exercito de Bianor chegar. – Tales falou seguro.

– Nosso plano é arriscado, mas pode dar certo sim! – Nicardo estava mais animado.

– O plano vai dar certo! – Thalassa sorriu.

– E se o plano não der certo? – voltei a ser realista.

– Não vamos ficar pensando nisso. – Alexis me abraçou.

– Mas ele pode não dar certo. – estava preocupada – O que iremos fazer?

– Não temos um plano B em mente. – Tales ficou preocupado para todos nós – Acho que esse plano não pode falhar de jeito nenhum ou será o fim de Ofir.

– Mas ele vai funcionar! – Alexis se levantou – Nós iremos lutar juntos!

– Para proteger Ofir! – Tales completou.

– Iremos unir nossas forças e nos tornam uma única arma! – Thalassa sorriu.

– Esse vitória será nossa! – Neandro também se levantou.

– Juntos somos imbatíveis! – Linfa segurou a mão de Neandro.

– E não existe mal neste mundo que não poderemos derrotar! – Nicardo pareceu mais confiante.

Levantei-me bem mais confiante e esperançosa. Era engraçado como algumas palavras

positivas podem mudar tanto o animo de uma pessoa. Se fossem ditas mais vezes talvez as coisas não parecessem tão ruins.

– Todos juntos nesta batalha! – sorri – E que seja a última!

– Por Ofir! – juntamos nossas mãos e gritamos todos juntos.

.....

À noite eu tive um sonho muito estranho. Um pesadelo para ser mais exata. E não tinha dúvida de que aquilo era um pressagio do que eu iria viver.

Eu estava novamente no deserto Orestes, mas desta vez era noite e um vento muito forte soprava areia para todos os lados. Raios e trovões pipocavam a cada minuto e chovia pouco para o clima que havia sido formado.

Eu estava muito fraca e via varias pessoas caídas ao meu redor. Alexis, Thalassa, Linfa, algumas pessoas que não conhecia ou não conseguia identificar, estavam todos muito mal e pareciam tentar dizer algo para mim. Eles estendiam as mãos, mas eu não conseguia entender o que eles estavam dizendo. Bianor estava atrás de mim. Ele não parecia bem, mas estava melhor que os outros e eu estava completamente confusa.

De repente a imagem mudou. Eu estava em um local isolado e com uma paisagem bonita. A minha

frente estava um tumulto. Não conseguia ler o que estava escrito na pedra do tumulto, mas eu estava muito triste por ter perdido aquela pessoa.

Novamente a imagem mudou. Estava na frente do castelo, vendo uma grande batalha acontecer. Eu queria fazer alguma coisa, mas não conseguia. Eu estava presa.

A imagem mudou novamente, agora para uma grande montanha. Rainha Alina estava na frente de um precipício e atrás dela estava um grande portal. Eu olhei novamente e não era mais a rainha e sim eu que estava prestes a entrar no portal, mas existia algo que me fazia hesitar.

A imagem mudou pela última vez. Agora eu estava no mesmo deserto em que sempre encontrava o grande lobo. Como já esperava, ele apareceu e deixou comigo palavras que ecoaram em minha cabeça por muito tempo:

– O que você escolherá deixar para trás no final disso tudo?

AGRADECIMENTOS

Sempre e sempre a Deus e a minha família.
Dois grandes pilares em minha vida.

Aos melhores amigos que uma pessoa pode ter
– e que estarão sempre aqui – Yasmin e Pryh.

Gostaria de deixar meus agradecimentos
também ao Diego Imperiano, que segurou minha barra
em alguns momentos cansativos da minha vida
enquanto escrevi esse projeto.

Queria aproveitar também para agradecer
novamente a Vicky, do blog Minha Vida Vampira
(<http://mylifevampira.blogspot.com/>) , que ajudou a
divulgar o meu trabalho e ainda abriu espaço para uma
singela, porém importante, entrevista.

E por fim a todos os meus fãs, desde os que me
acompanham em meus primeiros passos até os mais
recentes. Todos vocês são muito importantes para mim
e se eu continuo seguindo esse caminho e por vocês!

Espero todos em “Hart”!

Não perca o incrível desfecho da história de Beatriz Misse

Hart

MAIS INFORMAÇÕES SOBRE O LIVRO E O AUTOR EM:

WWW.FELIPEREINO.WEBLY.COM

